Desenvolvimento Humano II

Desenvolvimento Humano II

Cláudia Capelini Picirilli

© 2018 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente
Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação e de Educação Básica
Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Danielly Nunes Andrade Noé
Grasiele Aparecida Lourenço
Isabel Cristina Chagas Barbin
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica
Ana Paula Basqueira
Carla Patricia Fregni

Editorial
Camila Cardoso Rotella (Diretora)
Lidiane Cristina Vivaldini Olo (Gerente)
Elmir Carvalho da Silva (Coordenador)
Letícia Bento Pieroni (Coordenadora)
Renata Jéssica Galdino (Coordenadora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Picirilli, Cláudia Capelini
P593d Desenvolvimento humano II / Cláudia Capelini Picirilli. –
Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.
256 p.

ISBN 978-85-522-1106-8

1. Adolescência. 2. Vida adulta. 3. Envelhecimento. I.
Picirilli, Cláudia Capelini. II. Título.

CDD 612.6

Thamiris Mantovani CRB-8/9491

2018
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 — Londrina — PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: http://www.kroton.com.br/

Sumário

Unidade 1 | Puberdade, adolescência e desenvolvimento 7
Seção 1.1 - Teorias da adolescência 9
Seção 1.2 - Compreensões teóricas sobre a adolescência 26
Seção 1.3 - Etapas e dilemas da adolescência 46

Unidade 2 | Adolescência e contemporaneidade 71
Seção 2.1 - Temas relevantes em adolescência 73
Seção 2.2 - Adolescência, mundo interior e mundo exterior 93
Seção 2.3 - Intervenção e projetos com adolescentes 111

Unidade 3 | Vida adulta 137
Seção 3.1 - Vida adulta e suas características 139
Seção 3.2 - Papéis sociais e representações 157
Seção 3.3 - A vida adulta e seus dilemas 174

Unidade 4 | Envelhecimento 199
Seção 4.1 - Características do envelhecer 201
Seção 4.2 - Marcadores psicossociais do envelhecimento 217
Seção 4.3 - Atuação com o idoso 235

Palavras do autor

Seja bem-vindo à disciplina Desenvolvimento Humano II!

Nesta disciplina, você aprenderá sobre as fases que compõem a nossa vida, a partir da puberdade até o processo de envelhecimento.

A fim de contribuir para o seu desenvolvimento, a disciplina está dividida em quatro unidades de ensino, a saber: 1) Puberdade, adolescência e desenvolvimento; 2) Adolescência e contemporaneidade; 3) Vida adulta; 4) Envelhecimento.

A primeira unidade de ensino contempla conteúdos como: adolescência e puberdade, teorias psicodinâmicas da adolescência e as compreensões dos autores Aberastury, Knobel, Mead e Erik Erikson sobre o adolescer. O objetivo desta unidade é promover conhecimento acerca da construção psicossocial da adolescência, das etapas do desenvolvimento nessa fase e das características da puberdade. Como resultado de aprendizagem, você desenvolverá um relatório a respeito das transformações físicas, psicológicas e sociais típicas do período da adolescência.

Na segunda unidade de ensino, seguiremos com o conceito de adolescência, porém, envolvendo temas polêmicos e complexos como gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, relações amorosas, cultura, padrões estéticos, relação com a mídia e redes sociais, profissão e projetos de vida. Nessa unidade, além das situações-problema, que envolvem a relação teoria-prática, você vivenciará um conjunto de outras práticas, objetivando promover conhecimentos a respeito dos aspectos da construção psicossocial da adolescência e das características da transição para a juventude na contemporaneidade. Ao final, você deverá apresentar, como resultado de sua aprendizagem, um seminário que aborde o título dessa unidade.

Na terceira unidade de ensino, entraremos na vida adulta, conhecendo seus aspectos físicos, cognitivos e biológicos e compreendendo seus dilemas, por meio das diversas abordagens psicológicas. Além disso, você aprenderá, também, sobre os papeis sociais dessa fase, conhecerá algumas patologias que envolvem a 'meia-idade', compreenderá a questão da educação na vida adulta

e os temas relacionados ao trabalho. O objetivo é proporcionar a você o conhecimento relacionado às etapas desse período de desenvolvimento e suas principais características. Essa unidade também contará com outras atividades práticas além das situações-problema apresentadas e demandará de você, como resultado de aprendizagem, o mapeamento dos principais dilemas enfrentados pelos adultos atualmente.

Por fim, a última unidade de ensino abordará o tema do envelhecimento, apresentando conteúdos relacionados a: características do processo de envelhecer, representação social do idoso, sexualidade, saúde e lazer, aposentadoria, institucionalização e violências, compreensão do sujeito idoso na sociedade e terminalidade da vida. O objetivo dessa unidade é promover conhecimentos sobre os aspectos físicos, biológicos, cognitivos e psicossociais da velhice. Assim como nas unidades anteriores, você também vivenciará atividades práticas e, ao final, deverá apresentar um relatório de pesquisa que contemple o tema 'vida adulta e velhice'.

Como você pode observar, esta disciplina foi construída para que você tenha a possibilidade de se aproximar cada vez mais do fazer da psicologia, promovendo a relação teoria-prática.

Contudo, não se esqueça: o autoestudo é de suma importância para o seu processo de aprendizagem. Mergulhe profundamente, desenvolva as atividades com afinco, leia as referências bibliográficas indicadas ao longo do livro didático, esteja disponível internamente para desconstruir pré-conceitos e ideias de senso comum, afinal, um bom profissional se consolida a partir do envolvimento ético com seu campo de estudos.

Então, vamos começar?

Bom trabalho!

Puberdade, adolescência e desenvolvimento

Convite ao estudo

Bem-vindo à Unidade!

Você está preparado para começar a estudar os processos de desenvolvimento humano, desde a adolescência até a fase de envelhecimento?

Nesta unidade, você entrará em contato com diversos conceitos teóricos que envolvem o tema da adolescência.

Tenho certeza de que essa fase não é novidade, mas você saberia conceituá-la? Como se explicam, cientificamente, os fenômenos que a envolvem? Quais os desafios enfrentados por adolescentes e seus familiares nos dias atuais? A tecnologia favorece ou desfavorece o processo de adolescer?

Essas e outras questões serão problematizadas nesta unidade, que conta com os seguintes conteúdos: as teorias da adolescência, envolvendo conceituações sobre as alterações físicas, psicológicas e sociais; definições e teorias relacionadas à perspectiva psicodinâmica, contemplando autores como Anna Freud, Otto Rank e o próprio Freud. Além desses, outros como Aberastury, Knobel, Mead e Erik Erikson também contribuirão para a sua aprendizagem sobre o conceito de adolescência.

Mas e as teorias fenomenológicas existenciais, comportamentais, cognitivo-comportamentais e psicossociais? Como elas compreendem o processo do adolescer?

Você também entrará em contato com esses conteúdos. A intenção é ampliar ainda mais sua compreensão relacionada

aos fenômenos humanos e prepará-lo para apresentar um excelente resultado de aprendizagem.

O contexto de aprendizagem que apresentaremos a seguir convida você a uma imersão simbólica no mundo do trabalho do psicólogo. Cada situação-problema desta unidade vai surgir desse cenário. Portanto, aprofunde-se nele e sinta-se como se estivesse realmente vivenciando-o.

Luciana, 12 anos, é a primogênita do casal Marcos e Andréia, e irmã de Otávio, com 8 anos de idade. Marcos e Andréia estão muito preocupados com a filha, por conta de uma mudança significativa em seu comportamento. Os pais descrevem-na como tendo sido uma menina tranquila, tímida e obediente, porém, há aproximadamente três meses, o comportamento disciplinado deu lugar aos questionamentos recorrentes e irritadiços dirigidos aos pais, principalmente quando eles lhe pedem para fazer algo, como o dever da escola ou arrumar-se para irem à igreja. Preocupados, resolveram procurar ajuda em um serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes. Esse serviço conta com uma equipe interdisciplinar, composta por profissionais de psicologia, enfermagem, medicina, terapia ocupacional e serviço social.

Você está preparado para aprender como contribuir para o cuidado de Luciana e sua família? Saiba que, ao final desta unidade de ensino, você terá conhecido os aspectos da construção psicossocial da adolescência, as etapas do desenvolvimento nessa fase e as características da puberdade.

Então, vamos começar os estudos?

Bom trabalho!

Seção 1.1

Teorias da adolescência

Diálogo aberto

Imagine a seguinte situação-problema: você é o psicólogo que atua no serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes, apresentado no contexto de aprendizagem. Os pais de Luciana entraram em contato com o serviço e agendaram a primeira consulta, mas não levaram a filha. Você os recebe e eles iniciam a conversa relatando suas preocupações com a mudança de comportamento da adolescente e com o fato de não saberem conduzir essa nova situação. Segundo eles, Luciana era uma menina obediente, que não questionava o que era proposto, nunca lhes respondia de forma agressiva e tinha dificuldades em se colocar, pois demonstrava timidez mesmo em relação aos familiares mais próximos. Porém, há três meses, seu comportamento mudou de forma significativa. Ela não tem realizado os deveres da escola com a mesma frequência e sempre questiona sobre a importância dessa atividade de modo irritado, chegando a ir para seu quarto sem concluir a conversa com os pais. Outro ponto importante é que a jovem permanece conectada ao celular por horas, conversando com seus amigos por meio das redes sociais, e não se comunica mais com o irmão ou os pais. Quando você questiona a existência de algum evento recente na família ou na vida da adolescente, a mãe lhe conta que há dois meses ela teve seu primeiro fluxo menstrual, a menarca. A partir dessa queixa inicial e considerando a importância de conhecer Luciana, você sugere que o próximo atendimento seja somente com a adolescente. Porém, para apaziguar um pouco a angústia dos pais, neste primeiro atendimento, você considera importante oferecer algumas orientações. Assim, com base nos conteúdos aprendidos nesta seção, elabore um breve relatório contemplando as transformações físicas, psicológicas e sociais presentes na adolescência e que permitam aos pais compreender as mudanças vivenciadas por Luciana.

Não pode faltar

Seja bem-vindo à Seção 1.1 da disciplina Desenvolvimento Humano II!

Vamos começar com algumas questões muito comuns quando tratamos de adolescência e puberdade: ambas compõem o mesmo fenômeno? Puberdade e a adolescência são fases inerentes à condição humana? O estilo de vida de cada sujeito influencia no desenvolvimento dessas fases?

Para responder essas e outras dúvidas que possam emergir, iniciaremos este estudo explicando o que é puberdade – um caminho que nos ajudará a responder a primeira questão apresentada!

A palavra **puberdade** é originária do latim, *pubescere*, cujo significado está relacionado a "tornar-se peludo" (SESI; FNUAP, 1997, p. 11). Trata-se, portanto, de significativa transformação biológica, que envolve:

> **aceleração e depois desaceleração do crescimento esquelético; alteração da composição corporal como resultado do crescimento esquelético e muscular, ao lado de mudanças na quantidade e distribuição de gordura; desenvolvimento dos sistemas circulatório e respiratório levando, principalmente no sexo masculino, a aumento de força e resistência; desenvolvimento das gônadas, órgãos de reprodução e caracteres sexuais secundários; combinação de fatores, não plenamente compreendidos, que modula a atividade dos elementos neuroendócrinos os quais iniciam e coordenam todas estas mudanças. (MARSHALL; TANNER apud COLLI, 1988, p. 44)**

Segundo Barbosa, Franceschini e Priore (2006, p. 375) "a puberdade é definida como um processo fisiológico de maturação hormonal e crescimento somático que torna o organismo apto a se reproduzir". As mudanças dessa fase são divididas em duas categorias: caracteres (ou características) sexuais primários e secundários. Os caracteres sexuais primários estão relacionados aos órgãos sexuais (pênis, testículos, vagina e ovário), enquanto os caracteres sexuais secundários se relacionam às mamas, pelos pubianos, pelos das axilas e rápido crescimento (conhecido como "estirão").

Segundo Carvalho et al. (2007, p. 97) "a reativação do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal (HHG) consiste no principal evento neuroendócrino associado ao desencadeamento da puberdade, porém os mecanismos que levam a essa reativação permanecem desconhecidos".

Além desse mecanismo fisiológico, outros fatores influenciam o início da puberdade: a genética, as questões ambientais, nutricionais e étnicas (MACEDO et al., 2014).

Mas, qual a idade para iniciar a puberdade?

Determinar o início da puberdade é um desafio, pois, como vimos, tal evento, por ser complexo, envolve inúmeros fatores. Segundo Colli (1988), esse início varia de pessoa para pessoa. No caso das pessoas do gênero feminino, é mais comum que o início se dê entre 9 e 13 anos de idade. Por sua vez, nas pessoas de gênero masculino este início pode ocorrer entre 10 e 14 anos de idade.

E como saber se o sujeito está entrando na puberdade? Quais os primeiros sinais?

Ainda segundo Colli (1988), nos indivíduos do gênero masculino, a primeira expressão é o crescimento dos testículos, seguido do aparecimento dos pelos pubianos (pubarca) e do crescimento do pênis. Aproximadamente dois anos após o aparecimento dos pelos pubianos é que começam a surgir os pelos nas axilas, faces e demais partes do corpo. Por sua vez, nas pessoas do gênero feminino, a primeira expressão envolve as mamas, ou, melhor dizendo, botão ou broto mamário (telarca). Em seguida, inicia-se o crescimento dos pelos pubianos. O primeiro fluxo menstrual (menarca) ocorre por volta dos 12 anos de idade, mas segue de forma irregular nos primeiros dois anos, e é iniciado após o "estirão", ou seja, a aceleração do crescimento esquelético.

Um ponto considerável, destacado por Macedo et al. (2014) e Colli (1988), para o início do período puberal é o fator ambiental. No entanto, há casos em que essas modificações corporais acontecem cedo demais e são chamadas de puberdade precoce.

Exemplificando

Um exemplo sobre a influência do ambiente no início da puberdade é a desnutrição. Imagine uma criança cujos pais possuem estatura

média de 1,75 m. Possivelmente, essa criança apresenta potencial genético para alcançar, no mínimo, esse tamanho. Porém se ela vivenciou processos longos de desnutrição durante a infância, a falta dos nutrientes necessários ao crescimento impactará diretamente em seu desenvolvimento esquelético.

Embora o início da puberdade seja relativo, variando de pessoa para pessoa, há casos em que os caracteres sexuais secundários aparecem precocemente, como no caso de menarca antes dos nove anos de idade. Basicamente, embora seja um tema controverso – justamente porque há uma ampla variação das idades para seu início – são consideradas puberdade precoce os caracteres sexuais secundários que surgem antes dos 8 anos em meninas, e antes dos 9 anos em meninos (MACEDO et al., 2014).

Para os autores, Macedo et al. (2014), as pesquisas sugerem influência de fatores genéticos em um tipo específico de puberdade precoce: a Puberdade Precoce Central (PPC). Embora esse assunto seja ponto de inquietações no meio científico é fundamental compreender que o aparecimento de caracteres sexuais secundários antes dos oito anos de idade deve ser investigado. Nesse caso, o encaminhamento ao profissional médico é necessário para descartar, ou confirmar, questões de saúde importantes, inclusive tumores. A obesidade também tem sido um fator investigado como responsável por esse fenômeno. É importante destacar que a puberdade precoce pode promover impacto no crescimento esquelético, além de consequências psicológicas significativas.

Em contraposição, há outro fenômeno que merece atenção: a puberdade tardia, que se caracteriza pela ausência de menstruação (amenorreia primária) aos 14 anos juntamente com a ausência de caracteres sexuais secundários, ou, ainda, ausência de menstruação aos 16 anos de idade, porém, com a presença de caracteres sexuais secundários (BARREIRA, 2010).

Apesar de ser comum na puberdade tardia, a amenorreia primária não é o sinal mais importante e, sim, o atraso no aparecimento das características sexuais secundárias. Nesse caso, novamente, se faz necessário o encaminhamento para o profissional médico.

Agora, quando ocorre de forma saudável, a puberdade anuncia a despedida da fase infantil rumo à vida adulta. No entanto, como você deve ter percebido, puberdade não é adolescência, embora as duas comumente caminhem juntas e representem uma significativa fase de transição.

A adolescência pode ocorrer, ou não, ao lado do desabrochar da puberdade. Ela (a adolescência) está intimamente relacionada ao contexto sociocultural no qual estamos inseridos, além de se configurar como um fenômeno construído historicamente.

Se adolescência não é puberdade, o que seria, então?

> **A questão adolescente diz respeito aos impasses do sujeito que, no anseio de se desprender de suas referências familiares, confronta-se com os enigmas da sexualidade e com as incongruências da organização social da qual participa. O personagem adolescente, comumente associado a uma faixa etária específica (os ens, como a mídia tem nomeado), pode ou não se defrontar com tais questões, conforme o permitam sua estrutura psíquica e os recursos que lhe são oferecidos pelo contexto em que se insere. (MATHEUS, 2008, p. 623)**

Segundo Monetti e Carvalho (1978, p. 11), a adolescência se organiza, também, enquanto momento de transição entre a infância e a vida adulta. O termo deriva do latim *adolescere*, que significa "crescer", mas, prosseguem os autores, "os limites (desta fase) são imprecisos", justamente porque envolvem aspectos sociais, psíquicos e, inclusive, econômicos.

Como apontado anteriormente, a adolescência – diferente da puberdade – não é uma fase inerente à condição humana, ou seja, não é um período biologicamente determinado. Ao longo dos séculos sua compreensão sofreu inúmeras interferências socioculturais. O modelo visto hoje no Brasil, por exemplo, está associado a uma cultura ocidental capitalista.

Reflita

Os adolescentes de uma tribo indígena vivenciam as mesmas questões adolescentes de quem vive nos centros urbanos?

Para facilitar sua compreensão, imagine uma tribo indígena. Por conta do contexto sócio-histórico-cultural é possível afirmar que os dilemas, as preocupações, os comportamentos e as manifestações coletivas desses adolescentes se distingam dos adolescentes inseridos em centros urbanos, pois, além de pertencerem a um outro modelo de organização social, as comunidades indígenas mantêm seus rituais de passagem nas fases de transição, como é a adolescência. Esse marco simboliza o processo de amadurecimento do jovem, além de lhe atribuir novas funções dentro da tribo.

Pesquise mais

Para conhecer um desses rituais, assista a reportagem abaixo.

FALA BRASIL. **Índios do Amazonas lutam para manter ritual de picadas de formigas tucandeiras**. Disponível em: <https://goo.gl/ArynKw>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Os rituais de passagem são extensamente pesquisados nas ciências humanas e sociais, pois marcam o curso de uma condição para outra, geralmente vinculada à aceitação de novos papéis sociais. O que se observa, em nosso sistema, é uma desvalorização, ou subversão, desses eventos. Por exemplo, na Espanha:

> **Manzanera, Torralba e Martin (2002) investigaram o impacto do consumo de drogas sobre a vida do adolescente e seu desenvolvimento psicossocial. Eles perceberam o crescimento da valorização [...] do consumo de substâncias como álcool e cocaína [...] como um ritual de passagem da adolescência à juventude. (SOUZA e MCCARTHY, 2010, p. 125)**

Outro ponto abordado por Souza e Maccarthy (2010) é que, há algumas décadas, o ritual que marcava a passagem para a vida adulta, em nosso sistema, estava vinculado à maternidade/paternidade e à saída dos filhos da casa dos genitores. Hoje em dia, estes não podem ser considerados rituais de passagem, uma vez que muitos jovens se casam e permanecem na casa dos pais, ou não se casam, ou se

casam e escolhem não ter filhos, o que denota que os marcadores que constituem a fase da adolescência estão intimamente ligados ao processo sócio-histórico-cultural.

Rufino (apud MATHEUS, 2002, p. 84) afirma que essa passagem (entre a infância e vida adulta) demanda menos conflitos nas sociedades tradicionais e com viés comunitário, em relação a uma sociedade como a que vivemos. Essa diferença, segundo ele, está relacionada a três fatores:

> **[...] em primeiro lugar, as exigências sociais para ir se tornando adulto não eram tão distantes do cotidiano já exposto à criança ao longo da vida. Em segundo lugar, havia uma relativa estabilidade e familiaridades nas referências organizadoras do corpo social, o que favorecia uma maior proximidade entre os indivíduos [...]. Finalmente, e mais importante, havia rituais de passagem que, devido ao valor que lhe era atribuído, ofereciam referenciais compartilhados pela coletividade, que operavam como organizadores do processo.**

Pesquise mais

A pesquisa, citada anteriormente, sobre os rituais de passagem para a vida adulta, realizada por Souza e McCarthy (2010), poderá ser encontrada na seguinte referência:

SOUZA, Luciana Karine de; MCCARTHY, Sherri Nevada. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 124-135, dez. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/rmV4uN>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Ademais, se considerarmos os estudos de Ariès (1981) compreenderemos que, até o século XVII, as crianças eram retratadas como "miniadultos", pois não havia, segundo ele, uma particularidade infantil, uma consideração diferenciada para essa etapa da vida, muito menos, entre essa e a vida adulta. Oliveira (2010, p. 47) afirma que "não havia descontinuidade nem ruptura durante o desenvolvimento das crianças, pois elas podiam conviver com os adultos em suas atividades, fossem ligadas ao trabalho ou à vida sexual".

Ainda segundo essa autora, apesar de sempre ter existido uma atribuição de valor ao início da capacidade reprodutiva humana, independentemente da comunidade (primitiva ou não), foi a partir do século XVIII, com a industrialização e a soberania burguesa, que a adolescência passou a ser considerada um período específico no desenvolvimento humano.

Contudo, é o século XX que se configura como "século dos adolescentes", termo cunhado por Oliveira (2010, p. 47), período no qual os estudos a respeito da juventude passaram a receber destaque. Dentre eles, encontram-se as pesquisas do americano G. Stanley Hall. Segundo Berni e Roso (2014, p. 130-131):

> **Stanley Hall também foi identificado como o primeiro psicólogo a descrever a adolescência como um estágio especial do desenvolvimento humano, marcado por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade, o que antes era ignorado.**

Sua obra, *Adolescence*, publicada em dois volumes no ano de 1904, e ainda não traduzida para a língua portuguesa, marca a adolescência como campo científico e acadêmico (ARNETT, 2006 apud BERNI; ROSO, 2014).

Cerqueira-Santos, Melo Neto e Koller (2014), citando Sprinthall e Collins (2003), afirmam que Stanley Hall tomou a fase da adolescência como um novo nascimento, vivido com intensos conflitos e tensões, propondo que, nesse estágio, o sujeito retornava às etapas anteriores, experimentando novamente a infância, agora, de forma mais complexa. Os autores relembram ainda que Stanley Hall foi fortemente influenciado pelas teorias darwinistas sendo, para ele, a adolescência era um período fundamental pertencente ao processo evolutivo humano.

Pesquise mais

Neste artigo, a autora apresenta um pouco mais sobre as ideias de Stanley Hall e faz uma introdução aos autores que serão estudados nas Seções 1.2 e 1.3.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. A adolescência como ideal social. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2, 2005, São Paulo. **Proceedings online**. Disponível em: <https://goo.gl/FBSi9s>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Mas, afinal, essas características citadas pelos autores (crise, fase de turbulência) estão necessariamente presentes na adolescência? Na Seção 2 abordaremos esses conflitos intrapsíquicos mais profundamente, mas, por ora, cabe assinalar que o sujeito-adolescente busca, por meio de seus questionamentos e inquietações, consolidar sua própria identidade. Esse período, conhecido como um momento de afastamento familiar, promove sentimentos dúbios de liberdade e solidão. Muitas das características dessa fase encontram explicação nos estudos neurológicos. O cérebro do adolescente, ainda em processo de maturação e desenvolvimento, não pode responder semelhantemente ao de um adulto.

Pesquise mais

Nesta reportagem são abordados estudos neurológicos importantes sobre o comportamento dos adolescentes.

TARANTINO, Mônica; OLIVEIRA, Monique; GOMES, Luciani. As revelações sobre o cérebro adolescente. Medicina e Bem-Estar. **Revista IstoÉ**, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/LQk3Lu>. Acesso em: 30 mar. 2018.

No que se refere às vivências psicodinâmicas, a adolescência pode ser compreendida como um "movimento de ruptura e reconstrução do sujeito para si mesmo e para as suas relações", se configurando enquanto um "processo de reestruturação psíquica que refaz a representação de si e da realidade, do mundo das relações e dos ideais" (OLIVEIRA, 2010, p. 41).

Apesar de ser um período de possibilidades libertadoras, em relação à infância, a adolescência é também um tempo de luto, de elaboração da perda do corpo infantil e da vivência emocional e física deste novo corpo em potencial. Além disso, as regras externas e a

pressão social demandam desses sujeitos, atitudes paradoxais que, ora os colocam no lugar de crianças, ora os colocam no lugar de adultos. Porém, segundo Jersild (1961, p. 7):

> **[...] a tarefa do adolescente não está apenas em tratar com o ambiente exterior e com os outros indivíduos, mas também em procurar descobrir-se a si mesmo, descobrir as suas capacidades e os seus limites, em achar o papel que lhe cabe no mundo em que vive.**

Esse período, permeado por conflitos e descobertas, busca recolocar o jovem em lugares sociais inéditos. Para tanto, algumas instituições continuam sendo fundamentais na orientação e no cuidado desses sujeitos: a família e a escola. Oliveira (2010) lembra a construção histórica que Philippe Ariès (1981) fez em relação à família, demonstrando as importantes transformações vividas ao longo dos séculos, quer seja em torno da forma como a família se organizava, quer seja em relação ao significado que lhe atribuímos. Assim, novamente, podemos afirmar que as transformações sentidas pelas instituições (família e escola, por exemplo) sofrem interferência do meio, dos processos de desenvolvimento sociais e culturais, não estando a adolescência aquém dessa construção.

> **As modificações a que vêm se submetendo a escola e a família, principalmente nos últimos cinquenta anos, não diminuem a importância de tais instituições na tarefa de educar. Elas são a referência educativa fundamental, o substrato principal, no processo de constituição e desenvolvimento do sujeito. (OLIVEIRA, 2010, p. 54)**

Reflita

Em tempos de revelações das intolerâncias (religiosas, étnicas, partidárias, sexuais) como as famílias têm educado seus adolescentes?

Essas transformações, tão fortemente conectadas aos processos sociais e culturais, também influenciam a maneira como a família vivencia o período da adolescência. Se, para o adolescente, esse ciclo significa a ruptura com o mundo infantil, em busca de seu lugar no espaço adulto, para os familiares, em especial pais e cuidadores, trata-se também de um momento de revisão de si, provocador de conflitos internos, afinal:

> **Os pais, além de reavaliar, analisar sua própria adolescência e os pais de sua adolescência, enfrentam novos estágios de seu ciclo vital: eles se aproximam da meia-idade e com isso surge a reavaliação do casamento, da carreira profissional e aparecem novas preocupações: a fuga da juventude, a aproximação da velhice e, por que não, a ideia da morte. (COATES, 2003, p. 609)**

Portanto, compreender o processo que compõe o ciclo da adolescência é praticar o exercício de leitura do contexto no qual os sujeitos e suas famílias estão imersos. É construir a história de cada grupo familiar, de cada cultura, de cada etnia e de cada situação econômica que chega até nós. Não se pode banalizar ou naturalizar o período de questionamentos e oposições, muito menos ignorar o sofrimento psíquico que envolve as descobertas e os abandonos que comportam essa etapa da vida, para todos os envolvidos.

Por se configurar como um processo histórico-social-cultural de múltiplos sentidos, autores como Cerqueira-Santos, Melo Neto e Koller (2014), preferem adotar o termo "adolescências", no plural, indicando que a vivência e as possibilidades de atravessamento dessa fase são, além de subjetivas, infinitas.

Assimile

Enquanto a puberdade é compreendida como um momento de importante transformação biológica, a adolescência se configura enquanto construção social, vinculada à cultura de determinada sociedade.

Vocabulário

Gônadas: são glândulas sexuais (ovários e testículos).

Hipófise: glândula localizada na base do cérebro, responsável por controlar a produção de hormônios.

Hipotálamo: região do encéfalo relacionado com funções viscerais.

Sem medo de errar

Vamos relembrar a situação-problema desta seção?

Imagine que você atue como psicólogo em um serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes e recebeu, para orientação, o casal Marcos e Andreia, pais de Luciana, 12 anos, que tem apresentado mudança de comportamento após a menarca, há alguns meses. Luciana passou de um comportamento obediente e tímido para um comportamento questionador, com significativa irritabilidade.

Seu trabalho, nessa situação-problema, é ofertar orientação aos pais, objetivando acolhê-los. Para tanto, foi solicitada a elaboração de um breve relatório contemplando as transformações físicas, psicológicas e sociais presentes na adolescência e que permitam aos pais compreender as mudanças vivenciadas pela filha.

Para realizar esse relatório é muito importante a leitura, também, das referências apontadas no item *Pesquise mais*, para ampliar o seu conhecimento.

Você poderá iniciar sua escrita contextualizando as características da puberdade, apontando que o corpo de Luciana está em transformação, que há inúmeros eventos neuroendócrinos acontecendo, preparando o corpo infantil para o processo de reprodução e que, além disso, há uma mudança significativa na imagem corporal que desencadeia um processo emocional de luto.

Considerando que o início da puberdade é, também, influenciado pela genética você poderá perguntar aos pais de Luciana como foi para eles a vivência dessa fase de suas vidas. Poderá ser bastante importante relembrar como se sentiam porque, como vimos, trata-se de uma fase de significativa angústia para eles, não somente

por conta das mudanças de comportamento da filha, mas porque instala-se um momento de questionamentos relacionados às suas escolhas profissionais, ao casamento, aos seus projetos. Falar sobre esse período poderá favorecer a identificação com Luciana e possibilitar a compreensão desses fenômenos, ou a abertura para um diálogo familiar.

Hoje em dia, com tantas tecnologias disponíveis, é esperado que a adolescência esteja virtualmente conectada. No entanto, apesar de ser esperado, é necessário que os adultos estejam ao lado das descobertas que os adolescentes fazem. Não se trata de recomendar vigilância, até porque o adolescente necessita de espaço, mas de estar ao lado para orientar, pois, como você aprendeu no conteúdo publicado pela Revista IstoÉ, disponibilizado no *Pesquise mais*, há uma forte atuação dos neurônios espelhos responsáveis, em parte, pela imitação do comportamento entre os adolescentes. Além disso, há uma necessidade de ser aceito pelo grupo e um profundo medo de ser rejeitado. Essa reportagem também destaca que o cérebro, neste ciclo, sofre um processo de amadurecimento que começa nas partes mais primitivas para, então, chegar ao córtex frontal responsável, entre outras funções, pela tomada de decisões – o que pode levar aos inúmeros questionamentos.

Mais adiante, existe um movimento interno de construção de uma identidade sólida. Os pares, como é o caso do grupo, favorecem essas descobertas, sendo tão importante que os pais conheçam os amigos dos filhos, que cumpram a função de orientar e educar, que mostrem as consequências das atitudes e favoreçam o processo de reflexão do adolescente.

A reportagem ainda nos mostra que muitos profissionais e estudiosos estão adotando a prática de elaborar projetos com os adolescentes, promovendo a expressão da criatividade e contribuindo para o planejamento de ações e estratégias para lidar com o imprevisto.

Atitudes como essas, assim como o incentivo à prática esportiva, possibilitam a aproximação do adolescente à sua família, favorece o diálogo e alimenta o sentimento de acolhimento.

Porém cabe registrar também, como observado no artigo escrito por Souza e McCarthy (2010), que o isolamento do adolescente pode se configurar como um movimento necessário ao fortalecimento

do ego para o enfrentamento das próximas etapas da vida. Mas, com a ausência de rituais de passagem, em nossa sociedade, o que se observa são adolescentes desesperançados em relação ao futuro. É importante que os pais incentivem e motivem Luciana na construção de seus projetos de vida.

Avançando na prática

A contribuição da psicologia no cuidado do adolescente hospitalizado

Descrição da situação-problema

Imagine que você é psicólogo hospitalar e que foi chamado, pela equipe de médicos e enfermagem, para atender um adolescente de 15 anos, de nome Igor. Esse adolescente tem se recusado a fazer o tratamento e tem agido de forma pouco educada com a equipe. Após o atendimento você percebeu que Igor, além de estar vivenciando o sofrimento causado por seu adoecimento, apresenta questões específicas de sua fase da vida: sente falta dos amigos, não gosta de ficar impossibilitado de se deslocar, tem incertezas quanto ao futuro. Você, então, compreende a importância de orientar a equipe, que não está sabendo lidar com o adolescente. Com base no conteúdo aprendido nesta seção, liste pontos que você considera importantes para serem trabalhados com os profissionais.

Resolução da situação-problema

Você poderia realizar uma rápida explanação sobre a puberdade, porém, considerando que se trata de profissionais da saúde, é possível que as mudanças biológicas vivenciadas por Igor não sejam desconhecidas. Nesse caso, será mais eficaz apontar questões de caráter psicossocial, tais como:

1. A adolescência é uma fase de busca de identidade e, portanto, o grupo é importante para o adolescente.
2. Privado do contato com os amigos, é possível que se intensifique o medo de rejeição e solidão.

3. Estando adoecido, Igor precisa lidar com o fato de não ser possível praticar sua liberdade e autonomia.
4. Somado ao processo de adoecimento, a adolescência de hoje, especialmente em países como o Brasil, privada de rituais de passagem, tende a não nutrir sentimentos de esperança em relação ao futuro, além disso, como observados na reportagem disposta no *Pesquise mais*, os adolescentes apresentam funcionamento cerebral no qual a recompensa é um fator importante na tomada de decisão. Nesse caso, todo procedimento realizado com o adolescente deve ser explicado, apontando sua função no tratamento (o que Igor vai ganhar se seguir as prescrições médicas).
5. Compreender o contexto familiar também é um caminho importante no cuidado do adolescente.
6. Sendo um período de encontro de si, estando adoecido, Igor não tem a possibilidade de vivenciar seu processo de individualização – um ponto importante, como observado no artigo de Souza e McCarthy (2010), para a construção de sua identidade.
7. Estar em um leito hospitalar não possibilita a escolha pelo isolamento, importante para o fortalecimento do ego, como observado no artigo apontado acima.

Esses são pontos que, ao serem apresentados para a equipe, vão possibilitar uma nova maneira de lidar com o adolescente, ampliando a compreensão do sofrimento que, não bastasse a fase de vida, soma-se às incertezas do processo de adoecimento.

Faça valer a pena

1. As mudanças corporais iniciadas, em média, aos 9 anos de idade nos meninos e aos 8 anos de idade nas meninas, envolvem características sexuais primárias e secundárias. Na primeira, há o desenvolvimento dos órgãos sexuais reprodutores. Na segunda, surgem os pelos pubianos, pelos axilares e, nas meninas, o broto mamário.

Essa fase do desenvolvimento humano é conhecida como:

a) Adolescência.
b) Puberdade.
c) Menarca.
d) Pubarca.
e) Telarca.

2. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) nas afirmativas a seguir:
( ) A adolescência é um processo biológico inerente à condição humana.
( ) A puberdade se configura como uma fase de transição com modificações biológicas importantes, especialmente no que se refere à reprodução sexual.
( ) A adolescência é um processo construído historicamente e está intrinsicamente vinculado à cultura na qual o sujeito está inserido.
( ) A puberdade, quando ocorre de forma saudável, apresenta sinais como amenorreia primária.

Assinale a alternativa que represente corretamente, de cima para baixo, a ordem das afirmativas:

a) V, V, V, V.
b) V, F, V, F.
c) V, V, F, F.
d) F, F, F, V.
e) F, V, V, F.

3. Observe a fala abaixo, retirada do seriado brasileiro Confissões de Adolescente:
Personagem Carol (13 anos): "claro que eu me lembrava da Joana antes dela ir viajar. Ela não era chata daquele jeito não. Mas quando ela me viu do lado da Ju, ela foi logo perguntando porque a gente se vestia igualzinha. Imagina! Só porque estavam as duas de boné, camiseta e bermuda, quer dizer que a gente se veste igual? Eu, hein! Todo mundo anda assim, né?"

Fonte: CONFISSÕES de Adolescente. Episódio: Maria vai com as outras, temporada 1. Direção: Daniel Filho. São Paulo: TV Cultura, 1994.

A partir dos conteúdos aprendidos na Seção 1, assinale a alternativa que representa corretamente o momento vivenciado pela personagem:

a) A fala da personagem representa a dificuldade do adolescente em identificar-se com seu corpo, utilizando as roupas para esconder seu processo de transformação.

b) A fala da personagem representa que, na puberdade, é comum que as pessoas sigam os padrões estabelecidos socialmente, para serem aceitas por seus pares.
c) A fala da personagem representa que os adolescentes se identificam com seus pares e com o seu grupo de pertencimento, inclusive, por conta da atividade dos neurônios-espelhos.
d) A fala da personagem representa que puberdade e adolescência são fenômenos que surgem simultaneamente, logo, as roupas largas escondem a transformação corporal, ao passo que a identificação com o grupo produz a fala 'todo mundo anda assim'.
e) A fala da personagem representa a puberdade sendo influenciada por fatores externos.

Seção 1.2

Compreensões teóricas sobre a adolescência

Diálogo aberto

Seja bem-vindo à segunda seção desta unidade de ensino.

Após aprender a diferença entre puberdade e adolescência, começaremos a compreender como as abordagens psicológicas estudam o processo de adolescer. Neste primeiro momento, teremos contato com as teorias psicodinâmicas (Freud, Otto Rank, Aberastury e Knobel) e também abordaremos os estudos de Margareth Mead, uma psicóloga que focou seus trabalhos na antropologia e incorporou a importância do ambiente social no desenvolvimento humano.

Promovendo a aproximação teoria-prática, o cenário hipotético apresentado na situação-problema desta seção abordará as questões subjetivas de Luciana, uma adolescente que você conheceu no contexto de aprendizagem. Retomando brevemente, os pais dessa adolescente estão preocupados com a mudança súbita de humor e de comportamento da filha. No primeiro atendimento, relacionado à Seção 1, eles compareceram sozinhos e, então, você articulou que, nesta segunda sessão, o atendimento seria realizado somente com Luciana. Neste dia, a adolescente apresentou, inicialmente, atitudes que revelavam descontentamento por estar ali. Em sua compreensão, havia obrigatoriedade imposta por seus pais. Com isso, verbalizava com dificuldade, enfatizando respostas monossilábicas, como 'sim' e 'não', e gestuais, movimentando a cabeça afirmativa ou negativamente. Quando questionada a respeito desse comportamento, Luciana insistiu em afirmar que você deveria falar com os pais dela, já que foram eles que agendaram o atendimento. Com cautela e cuidado, você explica para ela que está ali para ajudá-la, que o seu interesse é ofertar um espaço de acolhimento para as questões que ela tem vivenciado. Então, aos poucos, Luciana começa a contar que não sabe o que está acontecendo, que se sente confusa e solitária, que tem permanecido mais irritada e menos tolerante com sua família e que

prefere ficar conversando com os amigos para passar o tempo, já que os pais não a deixam sair sozinha. Para complementar seu atendimento, você solicita que ela faça um desenho, do modo que desejar. Luciana desenha uma figura feminina sozinha, no meio de uma floresta. Sem tecer interpretações, neste momento, você compreende que a adolescente, como relatado, tem se sentido sozinha e que há muito conteúdo a ser explorado. Dessa forma, com base no aprendizado desta seção e com as informações trazidas pela adolescente, elabore um roteiro de atendimento, a ser utilizado na próxima sessão de Luciana e que contemple os elementos da adolescência vividos por ela.

Os conteúdos teóricos apresentados nesta seção contribuirão para a elaboração desse roteiro. É importante destacar que a forma como os autores construíram suas abordagens diz respeito a uma organização didática, não devendo se configurar como rótulos definitivos. Alguns conceitos são complexos e demandam bastante comprometimento com os estudos. Portanto, esteja focado, registre suas dúvidas, leia os textos sugeridos no *Pesquise mais* e exercite sua reflexão.

Bons estudos!

Não pode faltar

Seja bem-vindo à Seção 1.2!

Depois de avançarmos nas diferenças conceituais entre puberdade e adolescência na Seção 1.1, dedicaremos as últimas seções desta unidade de ensino à compreensão desses fenômenos, em especial a adolescência, a partir das abordagens psicológicas. Nesta seção, focaremos as teorias psicodinâmicas.

Para começarmos esse estudo, vamos recorrer ao pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856 – 1939), um médico austríaco que defendeu suas ideias à luz da teoria da sexualidade, aprofundando, também, o estudo sobre o **inconsciente**. Mas o que Freud disse sobre a adolescência ou a puberdade?

Segundo Matheus (2007 apud VIEIRA e VORCARO, 2014, p. 145):

> [...] ao longo de sua vasta obra, Freud não apresentou uma teorização sistemática acerca da adolescência, porém trouxe contribuições importantes sobre as consequências psíquicas oriundas da puberdade que, por sinal, foram se modificando de forma significativa no decorrer de suas formulações. Nesse sentido, raras são as referências ao termo "adolescência" em sua obra, o que pode demonstrar o próprio desuso do termo na época.

As contribuições de Freud centram-se, especialmente, nos desarranjos psíquicos promovidos pela puberdade, tais como apontam seus estudos sobre a histeria e sobre a neurose obsessiva.

Segundo Melo e Cruz (2012), assim como a teoria de Stanley Hall (apresentada brevemente a você na Seção 1), Freud considerou a adolescência como um período filogenético, evolucionista, ou seja, determinado geneticamente.

No que tange à puberdade, Freud a configura enquanto um momento singular no qual a sexualidade humana aflora (VIEIRA e VORCARO, 2014).

Perceba que o verbo utilizado é *aflorar*, ou seja, a sexualidade, na visão freudiana, não é algo que nasce com a puberdade, mas que desabrocha nesse período.

Então, quando nasce a sexualidade, segundo a psicanálise freudiana?

Em seu texto denominado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud afirma que, já na infância, podemos observar uma escolha objetal, que se caracteriza fortemente na puberdade. Para ele, essa escolha significa que o "conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos" (FREUD, 1905/2006, p. 188).

Pesquise mais

O conceito de 'objeto' na obra freudiana é denso e plural. Você encontrará um estudo profundo dessa temática no artigo a seguir:

COELHO JR., Nelson Ernesto. A noção de objeto na psicanálise freudiana. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 37-49, dez. 2001. Disponível em <https://goo.gl/kAWJPJ>. Acesso em: 26 abr. 2018.

Dessa forma, prossegue ele, a escolha de objeto ocorre em dois momentos: o primeiro, entre os dois e cinco anos de idade; e o segundo, na puberdade – momento no qual conclui-se o desenvolvimento sexual.

Exemplificando

Uma escolha de objeto entre dois e cinco anos, por exemplo, é quando o menino "escolhe" sua mãe como um objeto de amor dando início ao Complexo de Édipo, que será abordado posteriormente. O verbo "escolher" está entre aspas porque, para Freud, não há uma escolha racional e consciente. Essa escolha é sempre inconsciente, a partir dos conteúdos que **recalcamos**. Posteriormente, explicaremos melhor os conceitos destacados.

Para esclarecer, Freud acreditava que a origem das pulsões sexuais está, primeiramente, na satisfação dos processos orgânicos.

Exemplificando

Alimentar-se ou defecar, por exemplo, são processos orgânicos que satisfazem as pulsões sexuais infantis.

Para compreender melhor esse processo é importante registrar que Freud dividiu o desenvolvimento humano em fases, denominadas por ele como psicossexuais: fase oral, fase sádico-anal, fase fálica, período de latência e puberdade. O tema central dessas fases, ou estágios, é a sexualidade. Cada etapa é constituída de uma (ou mais) zona erógena, ou seja, zona de prazer. Além de serem zonas anátomo-fisiológicas, como mostraremos a seguir, elas se constituem enquanto "pontos de eleição das trocas com o meio e, ao mesmo tempo" solicitam atenção e cuidado por parte de quem cuida. Logo, demandam "excitações por parte da mãe", ou de quem realiza a função de maternagem (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 533).

As fases iniciais, denominadas por ele como 'pré-genitais', se configuram como "organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante" (FREUD,

1905/2006, p. 186). A primeira delas, a fase oral (ou canibalesca), vincula a atividade sexual ao processo de nutrição do bebê e ocorre entre o nascimento e, aproximadamente, um ano e meio de idade.

Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 184), nessa fase:

> **[...] o prazer sexual está predominantemente ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanha a alimentação. A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação de objeto.**

Os autores seguem exemplificando que a relação de amor com a mãe é assinalada pelo significado que a criança atribuiu ao comer. A criança **introjeta** (registra inconscientemente) as sensações relacionadas a esse evento (prazerosas ou não). A grosso modo podemos dizer que esse registro fica arquivado no inconsciente e influenciará suas escolhas de amor futuras.

Já na segunda fase, nomeada como sádico-anal, iniciamos a vivência da divisão dos opostos, mas ainda não entre masculino e feminino, e, sim, entre ativo e passivo. A definição clara entre masculino e feminino ocorrerá, somente, na puberdade (FREUD, 1905/2006). Essa fase pode ser situada entre dois e quatro anos de idade, aproximadamente e, nela, o prazer se concentra na saída do tubo digestivo (ânus), no ato de defecar (expulsar ou reter) e ao valor simbólico das fezes, segundo Laplanche e Pontalis (2001).

Para Abraham (apud LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 186) "o acesso de um estágio a outro constitui um progresso decisivo em direção ao amor de objeto", ou seja, a cada fase, novos elementos inconscientes são introjetados, formando um modelo de objeto de amor.

Assimile

É extremamente difícil definir, na teoria freudiana, o conceito de objeto, porque ele apresenta múltiplos sentidos. Neste momento, adotaremos a compreensão de que o objeto pode ser definido como algo que está fora de nós, mas, ao mesmo tempo, não é concreto. São representações psíquicas que, como o próprio Freud afirmou, não estão destinadas a se concretizar.

Posteriormente à fase sádico-anal, a criança inicia a fase fálica (entre três e cinco anos de idade). Nessa fase há uma atenção para as questões da sexualidade, que se concentra na descoberta da diferença entre os órgãos genitais. Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 178-179), diferentemente da puberdade, "a criança, de sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino". Para Freud, as meninas não sabem da existência de sua vagina e acreditam que o seu órgão sexual irá crescer, o que ele denominou como "inveja do pênis", que provoca na menina uma "sensação de ser lesada, em relação ao menino". Prosseguem os autores afirmando que a inveja do pênis desencadeia:

> **[...] do ponto de vista da relação com os pais, um ressentimento para com a mãe, que não deu o pênis e a escolha do pai como objeto de amor, na medida em que ele pode dar o pênis ou o seu equivalente simbólico, o filho. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 178-179)**

Nessa fase, encontram-se também dois fenômenos fundamentais para a psicanálise: o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração. Comecemos pelo último: a inveja do pênis, descrita por Freud, vivenciada pelas meninas compõe o complexo de castração, assim como o medo de perder o falo (função simbólica do pênis), no caso dos meninos. Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 73), esse complexo "proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança".

Segundo os autores, o Complexo de Castração mantém estreita ligação com o Complexo de Édipo. Vamos entender: o Complexo de Édipo é um "conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais" (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 77).

Esse desejo é inconsciente e abre um triângulo amoroso. Freud desenvolveu suas primeiras teorias sobre esse complexo a partir da relação do menino com sua mãe e sustentou que o mesmo aconteceria com a menina em relação ao pai. Mas com o tempo, ele entendeu que há uma fase pré-edipiana no qual uma relação profunda de amor se estabelece entre mãe e filho (menino ou

menina). Portanto, no caso das meninas, inicialmente há um apego em relação à mãe, que muda quando ela entra na fase do Édipo, transferindo o objeto de amor para o pai. Ainda, para Freud, o Complexo de Édipo se divide em positivo e negativo. O complexo positivo se daria quando a criança deseja o genitor do sexo oposto e rivaliza com o genitor do mesmo sexo. O negativo, por sua vez, ocorre de forma inversa e a criança ama o progenitor do mesmo sexo e tem ciúmes e rivaliza com o progenitor do sexo oposto. Apesar de haver essa cisão, os dois fenômenos estão presentes no Complexo de Édipo, porém, o que se deve considerar é a intensidade que eles ocorrem (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

O ápice do Complexo de Édipo acontece na fase fálica, porém, com o passar do tempo esse complexo começa a declinar, dando início ao período de latência. Mas ele não se encerra aqui, pois será revivido na puberdade, como veremos adiante.

É importante registrar que:

> **(...) as sucessivas "fases" que compõem tal organização pré-genital oral, anal e fálica vão se sucedendo, não como estágios que se concluem totalmente e são substituídos por outros, mas como emaranhado de excitações que deixam resquícios, marcando profundamente a constituição do psiquismo na vida adulta. (VIEIRA e VORCARO, 2014, p. 148)**

Após a fase fálica, então, a criança inicia um período de latência (entre 6 anos de idade até a puberdade), no qual dirige as pulsões sexuais para outros objetos, como o aprendizado (escolar), conforme nos lembram Vieira e Vorcaro (2014), pausando a evolução de sua sexualidade (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001). Para Freud, durante o período de latência, a criança "aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele" (FREUD, 1905/2006, p. 210).

O que o autor quer dizer é que o encontro com o seio materno, na tenra idade, se configurará como um modelo de relação amorosa. O registro desta experiência, no inconsciente, movimentará o sujeito em busca de seu objeto externo de amor.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 263), no período de latência aparecem nas crianças "sentimentos como pudor ou a repugnância", bem como as "aspirações morais e estéticas", além de intensificar o processo de recalque – "que tem como efeito uma amnésia que cobre os primeiros anos".

Ao dar início ao período da puberdade, o indivíduo, como vimos, revive o Complexo de Édipo, mas, segundo Corso (1995), de forma invertida. Em qual sentido? Quando criança, o Complexo de Édipo possibilitou a **identificação** com o genitor (ou genitora), mas, agora, o sujeito deslocará esse amor a um objeto externo. Esclarecendo: a identificação é um processo de fora para dentro, ou seja, a criança introjeta seus sentimentos em relação aos genitores, enquanto que, quando púbere, ao deslocar o amor para um objeto externo, ela desenvolve um processo de dentro para fora, por meio do modelo de objeto de amor introjetado, indo em busca de alguém que se assemelha ao objeto que ela construiu ao longo dos anos dentro de si, por meio do registro inconsciente de suas sensações e emoções, especialmente nas relações com os pais.

> **É no desenrolar deste complexo que se definem as escolhas de objeto sexual e o posicionamento em relação ao seu próprio sexo a partir dos modelos que estão disponíveis para identificação. Os meninos tomam o pai como modelo e as meninas percebem na mãe seu modelo; cada um deles se enamorando do progenitor do sexo oposto. Com a consciência da proibição do incesto e da incapacidade sexual infantil, a criança irá abandonar esse amor impossível (DOMINGUES; DOMINGUES e BARACAT, 2009, p. 2-3).**

Mas você poderá se perguntar: e quando o objeto de amor não é o sexo oposto? Como no caso das relações homoafetivas? Esse ponto será melhor explorado na Unidade 2, quando abordarmos o tema 'adolescência e relações amorosas'.

Retomando, a sexualidade faz com que o édipo, que estava adormecido, acorde possibilitando que o sujeito, agora com maturação biológica suficiente, coloque em ato seu desejo edípico (ALBERTI, 1999), buscando fora de si as representações que construiu em sua relação com os genitores, ou seus substitutos.

Sobre essa questão, Corso (1995, p. 30) coloca que:

> **A adolescência de ambos os sexos informa que através de um tortuoso processo de separação entre pais e filhos se faz o parto de um sujeito sexuado e desejante. Só que, para isso, ele precisou descobrir, paradoxalmente, o quanto depende de que alguém o deseje. Assim, no processo de se tornar independente da família, cada um se descobre escravo para sempre do amor que o constituiu.**

Portanto, para a psicanálise freudiana, a sexualidade não se inicia na puberdade, mas se constitui enquanto processo evolutivo, vivenciado de diversas formas, desde o nascimento.

Antes de estudarmos as contribuições de Anna Freud (1895 – 1982), filha e seguidora de Sigmund Freud, sobre a temática da adolescência, apresentaremos um quadro sobre a organização dos estágios psicossexuais:

Quadro 1.1 | Organização dos estágios psicossexuais para S. Freud

Fase/ período	Idade	Principais aspectos
Oral	Nascimento até 1 ano ½	A zona erógena é a boca (cavidade bucal e lábios), ligada ao ato de alimentar-se.
Sádico-anal	2 anos a 4 anos	A zona erógena é o ânus, ligada ao ato de defecar (expulsar e reter as fezes). Ocorre a divisão dos opostos entre ativo e passivo.
Fálica	3 anos a 5 anos	Descoberta dos órgãos sexuais, sendo o falo algo a ser alcançado pelas meninas, e mantido pelos meninos. Momento de apogeu do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração.
Latência	Dos 6 anos até a puberdade	Pausa na evolução da sexualidade. Surgem sentimentos de pudor e repugnância, além de pretensões morais e estéticas.
Puberdade	Entre 9 anos e 13 anos	Revivência do Complexo de Édipo, porém, agora para objetos externos. Finalização do desenvolvimento sexual.

Fonte: elaborado pela autora.

Começando nossos estudos sobre a visão de Anna Freud a respeito do período da adolescência, cabe assinalar que a autora concentra a sexualidade humana em dois pontos importantes. O primeiro deles é o "período sexual dos primeiros anos de infância" – momento em que são registrados os principais caminhos no desenvolvimento e na organização sexual, e são determinadas as questões relacionadas à "normalidade e anormalidade do indivíduo" e sua "capacidade ou incapacidade de amor". O segundo é o climatério, "quando se registra um declínio nas funções físicas sexuais, os impulsos genitais têm suas últimas manifestações e os impulsos pré-genitais se restabelecem" (FREUD, 2006a, p. 100). A questão do climatério será melhor abordada na Unidade 3.

Anna Freud fez um profundo estudo sobre o **ego** e seus **mecanismos de defesa**. Para ela, quando comparamos o ego da infância com o da puberdade percebemos diferenças tanto em relação ao conteúdo, ao conhecimento e às capacidades que o compõem – ou seja, a maneira como o ego consegue se relacionar com o mundo externo – como também nos mecanismos de defesa utilizados para se proteger das ameaças externas e internas, quando o ego entra em conflito com as pulsões do **id** (FREUD, 2006a). Para a autora, na adolescência, a atitude do ego diante do id é essencialmente determinada pela estrutura psíquica desenvolvida na infância e na fase de latência.

O conflito que se estabelece entre eles, nesse momento, pode encontrar duas saídas: 1) o id, fortalecido, supera o ego, não deixando nenhum sinal de "caráter prévio do indivíduo", fazendo com que a entrada na vida adulta seja tumultuada, cedendo às pulsões, sem controle; 2) o ego vence a disputa com o id, emergindo e consolidando este caráter individual desenvolvido no período de latência, possibilitando o controle dos impulsos (FREUD, 2006a, p. 106).

Desse modo, segundo Anna Freud (2006), o findar da adolescência e a entrada na vida adulta dependerão da força que os impulsos do id lançam sobre o ego (associadas aos processos fisiológicos); do quanto o ego tolera, ou não, esas pulsão sobre ele (associado ao caráter constituído no período de latência); e da efetividade e natureza dos mecanismos de defesa do ego (que variam de pessoa para pessoa).

Pesquise mais

Você encontrará uma síntese importante da teoria freudiana, sobre o processo de adolescer, no seguinte artigo:

DOMINGUES, Mariana Rosa Cavalli; DOMINGUES, Taciano Luiz Coimbra; BARACAT, Juliana. Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano 7, n. 12, maio 2009. Disponível em: <https://goo.gl/nTnDJ6>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Para contribuir com seu aprendizado, encontra-se a seguir um quadro com os principais conceitos destacados no texto (em negrito), tanto em relação à teoria de Sigmund Freud, como de sua filha.

Quadro 1.2 | Principais conceitos propostos por S. Freud e A. Freud

Conceitos	Definição
Ego	Instância do aparelho psíquico, representante da realidade.
Id	Instância do aparelho psíquico, reservatório de energia psíquica com conteúdos inconscientes.
Identificação	Processo psicológico no qual o sujeito se constitui. A criança assimila um aspecto do outro (genitor, por exemplo) e se transforma, total ou parcialmente, segundo esse modelo.
Inconsciente	Um sistema contrário à consciência, constituídos por conteúdos recalcados.
Introjetar/ introjeção	Ligada à identificação. "O sujeito faz passar [...] de 'fora' para 'dentro', objetos e qualidades inerentes a esses objetos" (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 248).
Mecanismo de defesa	Tipos de operações psíquicas realizadas pelo ego, ou superego, para lidar com conteúdos insuportáveis para a mente ou o corpo biológico.
Recalcar/ recalque	Movimento de afastar da consciência, ou manter no inconsciente, pensamentos, imagens, recordações (etc) ligadas a uma pulsão, ou a um desejo.

Superego	Compõe as instâncias psíquicas, ao lado do ego e do id. Ele é entendido como herdeiro do Complexo de Édipo, porque introjeta as interdições parentais (o incesto não pode ocorrer). Ele é um "juiz" (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 497).

Fonte: adaptado de Laplanche e Pontalis (2001).

Caminhando um pouco na contramão da família Freud encontramos Otto Rank (1884 – 1939). Inicialmente, Rank era um discípulo amado de Sigmund Freud, mas à medida em que avança sobre seus estudos a respeito do trauma de nascimento, o rompimento se torna inevitável.

Apesar de nunca ter abandonado o status de analista freudiano, Rank subverte a teoria de seu mentor, centrada no complexo de édipo, afirmando que a matriz da angústia psíquica é a separação biológica entre o bebê e sua mãe (ROUDINESCO e PLON, 1944).

Mas outro ponto que separa a teoria de Rank das descobertas freudianas é que ele compreendia a natureza humana como "produtiva e criadora e não como reprimida e neurótica" (MACÊDO, 1999, p. 35).

Segundo Macêdo (1999, p. 35), o principal conceito teórico de Rank é a 'vontade', que se configura como "um fator positivo, uma força que ativamente forma o eu e modifica o ambiente". Esclarecendo, Rank descreve 'vontade' como sendo "uma organização positiva e uma integração que guiam o eu, e que utiliza de forma criativa os instintos e, ao mesmo tempo, os inibe e os controla", sendo assim, no período de latência, "a vontade individual encontra a social".

Segundo Macêdo (1999), para Rank, é necessário que o adolescente vivencie etapas evolutivas para, então, desenvolver sua vontade.

Mais adiante na linha do tempo, encontramos Margareth Mead, uma antropóloga norte-americana que viveu entre 1901 e 1978. Inicialmente, Mead se graduou em Psicologia, mas desenvolveu um forte interesse pela Antropologia, concentrando seus estudos na relação do homem com o meio em que vive.

> Ao contrário do que possa parecer, essa mudança de um para o outro campo do saber não implicou no abandono da sua formação anterior (...) Margaret dedicou-se ao estudo da relação entre cultura e personalidade numa perspectiva transcultural. Tornou-se, assim, uma das principais fundadoras da antropologia psicológica, inaugurando na antropologia o estudo comparativo de práticas de educação e do cuidado com crianças, sempre de uma forma inovadora. (SARDENBERG, 1999, p. 4)

Em 1925, Mead realizou um estudo nas ilhas de Samoa, no Pacífico Sul, estudando o cotidiano das meninas adolescentes e comparando-os à juventude americana. Com esse feito, publicou sua obra em 1928 denominada *Coming of Age in Samoa* (traduzido para *Adolescencia, sexo y cultura em Samoa*). Nesta publicação, Mead defendeu que as questões vivenciadas pelos jovens americanos estavam relacionadas às questões de ordem sociocultural, e não biológicas do processo de adolescer (SARDENBERG, 1999).

> Os estudos empreendidos por Margareth Mead (1950) se tornaram um sério desafio às postulações anteriores acerca do desenvolvimento humano defendidas por Hall e Freud, pondo em questionamento, principalmente a universalização dos padrões de comportamento e desenvolvimento humanos. A antropóloga refuta a ideia de adolescência como período de conflito e tensões e contradiz a teoria proposta por Hall (Teoria da Recapitulação), que defende que o desenvolvimento ocorre em saltos. (MELO e CRUZ, 2012, p. 8)

Mead defendeu que, por ser um sujeito social, o jovem enfrenta os desafios que lhe surgem no mundo, justamente porque ocupam um lugar na sociedade e porque se sentem como sujeitos neste mundo (FERNANDEZ, 2015).

Como aponta Velloso (2000, p. 1), para Margareth Mead:

[...] a adolescência é um fenômeno que não era visto fora da civilização ocidental, onde a transição da infância ao jovem adulto se dava de forma gradual e facilitada por práticas societárias encontradas nas sociedades tradicionais.

Percebemos que Mead desenvolveu seus estudos conectada à compreensão de adolescência enquanto processo criado pelas sociedades ocidentais, como você aprendeu na Seção 1.1.

Assimile

A psicanálise freudiana centra-se no sujeito. Diferentemente da compreensão de Margareth Mead, para Freud, o contexto em que a pessoa está inserida pouco (ou nada) influencia as etapas evolutivas humanas. Dessa forma, vamos destacar alguns pontos importantes estudados até aqui: para Freud, a questão principal é que a sexualidade não se inaugura na puberdade, ela é vivida, de diferentes formas, desde o nascimento; Anna Freud enfatiza os mecanismos de defesa do ego, para a resolução, saudável ou não, do conflito entre ego e id; Otto Rank centralizou seus estudos sobre a adolescência no conceito de 'vontade', como algo positivo e integrador, capaz de guiar o eu e promover um uso criativo dos instintos; e Mead lança luz sobre a importância do meio sociocultural no desenvolvimento da adolescência, questionando os padrões universais defendidos pelas teorias de Freud e Stanley Hall.

Seguindo em direção à conclusão desta seção, vamos lhe apresentar Aberastury e Knobel, dois psicanalistas argentinos de grande importância para o estudo da adolescência.

Arminda Aberastury (1910 – 1972) foi pioneira do movimento psicanalítico na Argentina. Em 1981 publicou, com Maurício Knobel, o livro *Adolescência normal*, no qual apresentam o conceito de Síndrome Normal da Adolescência.

Knobel era um médico que se mudou para o Brasil, em 1976, tornando-se professor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele faleceu em 2008, aos 85 anos.

Vamos entender o ponto de vista desses autores?

Para Aberastury (1981), a adolescência se configura como um momento decisivo no processo de desprendimento, que teve início no nascimento.

Knobel (1981), a partir das ideias de sua colega, afirma que o adolescente vivencia três lutos:

> a) o **luto pelo corpo infantil** perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o **luto pelo papel e identidade infantis**, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o **luto pelos pais da infância**, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo. (KNOBEL, 1981, p. 10, grifo nosso).

Por conta das mudanças internas e externas, Knobel (1981, p. 10) afirma que essa fase é "a mais apta a sofrer os impactos de uma realidade frustrante" e, ainda, citando Anna Freud, o autor afirma ser extremamente difícil determinar o limite entre normal e patológico na fase da adolescência, apontando que a anormalidade estaria vinculada, até mesmo, à presença de uma estabilidade, de um equilíbrio, nessa fase da vida.

Segundo o autor, o adolescente vivencia instabilidades e desiquilíbrios extremos, configurando-se no que ele denominou de 'síndrome normal da adolescência', ou seja, "uma entidade semipatológica [...] que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária [...] para o adolescente, que neste processo vai estabelecer sua identidade, sendo este um objetivo fundamental deste momento da vida" (KNOBEL, 1981, p. 9).

Mas o que vem a ser essa síndrome?

O autor elenca uma série de características, que ele denominou como sendo sintomatológicas, para construir sua ideia de Síndrome Normal da Adolescência (KNOBEL, 1981, p. 29-60):

1) "**a busca de si mesmo e da identidade**", como vimos também em diversos autores, desde a Seção 1.1;
2) a "**tendência grupal**", ou seja, a necessidade de pertencimento e identificação com seus pares, transferindo ao grupo parte da dependência que era, então, atribuída à família, configurando-se como importante processo de transição para a construção de sua identidade adulta;
3) "**necessidade de intelectualizar e fantasiar**", para dar conta das perdas promovidas por esta etapa da vida e, desta forma, o adolescente se refugia em seus pensamentos, em um processo intenso de intelectualização e fantasia, como defesa do que está deixando para trás, buscando controlar os impulsos promovidos pelo id;
4) "**crises religiosas**, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso";
5) "**deslocalização temporal**, onde o pensamento adquire características de pensamento primário", ou seja, o adolescente apresenta dificuldades em discriminar suas urgências (está deslocalizado em relação ao tempo de suas necessidades), como por exemplo: a prova de amanhã pode esperar, mas a roupa da festa, que acontecerá daqui três meses, é urgente;
6) "**evolução sexual manifesta**" no qual, a medida em que aceita sua genitalidade, o adolescente inicia a busca pelo parceiro sexual de forma tímida, mas intensa;
7) "**atitude social reivindicatória**", que podem ser a consolidação de seus pensamentos, ou seja, "as intelectualizações, fantasias inconsciente, necessidades do ego flutuante que se reforça no ego grupal, fazem com que se transformem em pensamento ativo, em verdadeira ação social, política, cultural" (p. 55);
8) "**contradições sucessivas** em todas as manifestações da conduta", ou seja, certa instabilidade que faz parte do que o autor denominou uma 'normal anormalidade', e acrescenta que, quando o adolescente é extremamente rígido em sua conduta, isto é um sinal de um adoecimento mental, porque uma adolescência saudável pressupõe o trânsito por diferentes comportamentos e ações;
9) "**separação progressiva dos pais**";
10) "**constantes flutuações de humor e estado de ânimo**", relacionadas à forma como o adolescente vivencia e elabora seus lutos infantis.

Reflita

Se é esperado que o adolescente de nossa sociedade esteja conectado às mídias sociais, ou que seja sempre questionador e transgressor, deveríamos supor que aqueles que não se encaixam nesse modelo, apresentam questões psicológicas, ou psicopatológicas, a serem tratadas?

O autor esclarece que esse esquema sintomático não tem a intenção de enquadrar a fase da adolescência em uma categoria psicopatologia, mas de cooperar com o entendimento desta "normal anormalidade", possibilitando que os adultos auxiliem o processo evolutivo do sujeito adolescente (KNOBEL, 1981, p. 60).

E, falando em adultos, como ficam os pais diante de todo esse cenário?

A incompreensão dos pais, neste momento de desprendimento dos filhos, pode levar a uma liberdade extrema que acaba por gerar no adolescente um sentimento de abandono (ABERASTURY, 1981).

Para a autora, os pais também vivenciam o luto pela perda do corpo infantil de seus filhos, de suas identidades infantis e da relação de dependência que a infância promovia. Quanto aos filhos adolescentes, eles se rebelam e enfrentam os adultos, construindo uma relação ambivalente:

> **O desprezo que o adolescente mostra frente ao adulto é, em parte, uma defesa para eludir a depressão que lhe impõe o desprendimento de suas partes infantis, mas é também um juízo de valor que deve ser respeitado. Além disso, a desidealização das figuras parentais o afunda no mais profundo desamparo (...). Entretanto, esta dor é pouco percebida pelo pais, que costumam fechar-se numa atitude de ressentimento e reforço da autoridade, atitude que torna ainda mais difícil este processo. (ABERASTURY, 1981, p. 16)**

Assim, alerta ela, o diálogo do adulto com o jovem não pode se iniciar apenas nessa etapa da vida. Ele deve ocorrer desde sempre. A aproximação de pais e filhos deve ser algo construído

desde a infância, pois, quando a adolescência desabrochar, o melhor caminho, indicado pelos autores, é a escuta acolhedora dos processos vivenciados pelos adolescentes.

Pesquise mais

O conceito de adolescência também pode ser abordado a partir de outras perspectivas, contribuindo para nossa análise crítica. Leia o artigo indicado para explorar mais o assunto.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, jun. 2005. Disponível em: <https://goo.gl/7xR3uB>. Acesso em: 14 abr. 2018.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você foi convidado a elaborar um roteiro de atendimento, para utilizar na próxima sessão de Luciana, uma adolescente que chegou até você por meio dos pais.

Nesse roteiro, você poderá elaborar questões que ajudem a adolescente a perceber as mudanças físicas e emocionais vivenciadas por ela, tornando esse processo um movimento mais consciente. Um exemplo é perguntar: você percebe mudanças no seu corpo nos últimos anos? O que mudou? E na sua personalidade, como você era e como você está agora?

Você poderá, também, investigar com ela os mecanismos de defesa que o ego tem utilizado para dar conta da invasão sentida pelos impulsos, perguntando, por exemplo: o que você sente vontade de fazer ou falar e que parece ser incontrolável? O que você faz quando essa vontade vem? É difícil controlar essa vontade? Como você se sente quando a controla, ou quando você perde o controle?

Outro ponto é identificar quais os aspectos do comportamento de Luciana que estão dentro do quadro desenhado por Knobel e Aberastury, denominado 'síndrome normal da adolescência': como é a relação com o seu grupo? Como tem sido a relação com seus pais? Quais são as questões mais urgentes que você

gostaria de resolver e quais podem ser deixadas para depois? Como você gostaria que seus pais agissem em relação ao que você está vivendo? Como você se sente diante da religião praticada por sua família? Como você se sente diante dos valores morais ensinados por seus pais? Como é o seu humor quando está em casa, com os amigos e em outros contextos?

Perguntas como essas ajudarão Luciana a entender que está vivendo um momento que é parte do desenvolvimento e da construção de uma identidade adulta, porém, deve ser pontuado de forma cuidadosa e acolhedora, para que ela não sinta que seu sofrimento é algo naturalizado e sem importância.

Faça valer a pena

1. _____ é um(a) autor(a) que considerou a sexualidade como um processo evolutivo, determinado geneticamente, a partir do desenvolvimento psicossexual, que teve início na fase oral em processos orgânicos como a nutrição promovida ao bebê.

O(a) autor(a) que preenche corretamente a lacuna é:

a) Sigmund Freud.
b) Otto Rank.
c) Margareth Mead.
d) Maurício Knobel.
e) Arminda Aberastury.

2. A puberdade é um momento de significativa transformação biológica, que culmina no desenvolvimento das características sexuais. Nesse momento, o corpo humano torna-se apto a reproduzir. A adolescência, por sua vez, é um fenômeno que remete a muitas explicações teóricas, não sendo possível determinar uma teoria mais verdadeira do que outra. O que nos norteia é a abordagem teórica com a qual nos identificamos, enquanto psicólogos.

Nesse sentido, como Freud compreende a puberdade/adolescência?

a) Como um período construído a partir do contexto sociocultural no qual estamos inseridos.
b) Como um momento em que o sujeito social enfrenta os desafios que o mundo externo o impõe.

c) Como um período no qual se configura a vontade como um fator positivo e integrador.
d) Como um momento no qual se conclui o desenvolvimento sexual que teve início na infância.
e) Como uma entidade semipatológica perturbada e perturbadora para o mundo adulto.

3. Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) para as afirmativas a seguir:

( ) Para Sigmund Freud, a sexualidade inicia-se no desabrochar da puberdade.
( ) Para Sigmund Freud a origem das pulsões sexuais encontra-se, primeiramente, nos processos orgânicos.
( ) Anna Freud concentra a vida sexual, especialmente, em dois momentos: primeiros anos da infância e no climatério.
( ) A Síndrome Normal da Adolescência é uma entidade nosológica criada por Knobel para descrever as patologias que envolvem o processo de adolescer.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) V, F, V, V.
b) V, F, F, V.
c) F, F, F, F.
d) F, F, V, V.
e) F, V, V, F.

Seção 1.3

Etapas e dilemas da adolescência

Diálogo aberto

Seja bem-vindo à última seção desta unidade de ensino. Como você aprendeu nas seções anteriores, a adolescência é uma fase complexa e que demanda muito estudo. Percebemos, nos dias atuais em nossa sociedade, que alguns adolescentes vivenciam este momento com inúmeras dúvidas, estruturando seu pensamento de modo mais concreto e reflexivo. Muitas questões são levantadas objetivando construir e fortalecer sua identidade. Mas, será que todas as abordagens psicológicas compreendem este fenômeno da mesma maneira? Nesta seção, você aprenderá como a teoria de Erik Erikson, a Teoria Comportamental, a Teoria Cognitivo-comportamental, a Teoria Fenomenológica-existencial e a Gestalt-terapia compreendem o ciclo da adolescência. Soma-se, aos conteúdos teóricos, a situação hipotética que será experimentada por você na Situação-Problema. Vamos conhecê-la?

Lembra-se de que, nas situações-problema anteriores, o exercício reflexivo colocava-o em uma cena na qual você atuaria como psicólogo em um serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes? Pois bem, nesta seção, você receberá Luciana e seus pais para refletirem sobre os caminhos a serem adotados, a partir da queixa de que a adolescente apresentou mudança súbita de humor e de comportamento. Neste atendimento, os pais se queixam que nada mudou e que a filha se mantém cada vez mais distante, irritada e desobediente. Em contrapartida, Luciana se defende dizendo aos pais que eles não entendem e que estão preocupados somente com o fato de ser uma influência negativa para o irmão Otávio, de 8 anos. Diante desta dinâmica familiar, em que, de um lado, encontra-se uma menina iniciando sua adolescência e, de outro, encontram-se os pais que não compreendem as mudanças desencadeadas nesta fase da vida, você sugere que Luciana inicie processo psicoterapêutico, para ter um espaço de fala e de acolhimento de suas questões e sugere a participação dos

pais em grupo de orientação, desenvolvido no serviço por outros profissionais. Porém, antes de finalizar o atendimento de hoje, você acredita ser importante aproveitar a presença de todos para oferecer novas orientações e esclarecimentos. O que você diria aos pais e à adolescente? Com base nos conteúdos aprendidos nesta seção e, também, com os elementos construídos ao longo das situações-problema anteriores, elabore o relatório final a ser apresentado aos pais e à Luciana. Este relatório deve contemplar as transformações físicas, psicológicas e sociais típicas do período da adolescência, porém, de modo mais elaborado e profundo do que o relatório produzido na situação-problema da Seção 1.1 pois, agora, você conta com um conjunto de elementos, aprendidos ao longo desta unidade de ensino, para subsidiar seu trabalho.

Para que você alcance o objetivo desta situação-problema, é fundamental atentar-se aos conteúdos abordados no Diálogo Aberto, bem como às leituras do Pesquise Mais. Lembre-se de que esta é a última seção da unidade que discute a adolescência considerando as abordagens psicológicas, portanto, dedique-se ao estudo buscando construir uma base conceitual consistente que subsidiará sua prática profissional.

Bons estudos!

Não pode faltar

Nesta seção, finalizaremos o olhar das abordagens psicológicas sobre o período da adolescência.

Para começar esta seção, vamos aprender sobre as descobertas de Erik Erikson.

Erikson (1902-1994) iniciou como estudante de artes plásticas, mas conheceu Anna Freud e passou a estudar a psicanálise. Na época, em 1927, Anna Freud havia iniciado uma escola de orientação psicanalítica para crianças e Erikson, também envolvido com o ensino infantil, passou a reconhecer a importância das brincadeiras na compreensão do ego e de seu desenvolvimento. À medida em que se apropriava da abordagem, e focalizava seus trabalhos nesta direção, Erikson construiu sua teoria do desenvolvimento e "na linha dos neo-freudianos, veio a conferir

ao pensamento uma vertente mais social [...] libertando-se um pouco mais das condicionantes intrapsíquicas de base biológica" (VERISSIMO, 2002, p. 11).

Assim como Margareth Mead, que você conheceu na Seção 1.2, Erikson também se interessou em estudar o desenvolvimento e a vida de tribos indígenas norte-americanas. Estes estudos fizeram-no questionar-se sobre o processo que envolve a construção da identidade. Tais indagações culminaram na criação da teoria do desenvolvimento psicossocial, dividida em oito fases, ou estágios, que se configuram como etapas de vida em relação com o meio e que produzem crises a serem superadas.

Cada fase apresenta uma crise psicossocial caracterizada pela presença de sentimentos opostos. Vamos conhecê-las:

Fase 1: estágio sensorial (até por volta de 18 meses): a crise psicossocial é o conflito entre o **sentimento de confiança versus desconfiança**. Se a mãe (ou a figura que exerce a maternagem) ofertar um ambiente de respostas às necessidades do bebê, este crescerá de modo a confiar no ambiente, desenvolvendo sentimentos de segurança. Ao contrário, se o bebê não recebe o acolhimento de que necessita, ele desenvolve sentimentos de desconfiança em relação ao meio. Porém, nada é definitivo. Assim, é possível mudar estas tendências dependendo de como se atravessam as fases posteriores (VERISSIMO, 2002).

Fase 2: desenvolvimento muscular (dos 18 meses aos 3 anos, aproximadamente). A primeira infância é marcada pelo conflito **autonomia versus vergonha e dúvida**. A autonomia depende de um ambiente que estimule e encoraje as habilidades da criança, porém, se promovem superproteção ou crítica a todo tempo, o sentimento a ser desenvolvido será a incerteza e, portanto, a dúvida e a vergonha (VERISSIMO, 2002).

Fase 3: controle motor (dos 3 aos 5 anos). A segunda infância apresenta uma crise psicossocial que se configura pelo conflito entre **iniciativa versus culpa**. À medida que cresce, a criança vivencia e experimenta a potência de sua força e a gravidade de se colocar em situações de perigo, afinal, cada vez mais ela vai explorando o meio e aprendendo com ele. É um momento, também, em que começa a assumir alguns papéis, pelas brincadeiras de faz de conta. (VERISSIMO, 2002).

Fase 4: latência (dos 5 aos 13 anos). A fase escolar promove o conflito **diligência versus inferioridade**. Nesta fase, é muito importante que os pais valorizem os trabalhos desenvolvidos pelos filhos e que comecem a introduzir os conceitos de responsabilidade, através das atividades escolares, por exemplo (VERISSIMO, 2002).

Fase 5: moratória psicossocial (dos 13 aos 21 anos). Chegamos, pois, no período da puberdade e da adolescência. A crise psicossocial desta fase resultará no conflito **identidade versus confusão de papéis, identidade difusa**. Esta fase coloca o jovem para fora do mundo infantil, a partir da maturidade biológica e da capacidade intelectual de abstração e o impulsiona a lidar com inúmeros papéis sociais. Neste movimento, levanta questões sobre si (quem sou eu?), sobre os outros em relação a si (como as pessoas me veem?), e sobre o seu valor social, na tentativa de encontrar algum sentido existencial. Este conflito de papeis pode ainda ser agravado pela posição dos pais que, preocupados em demasia, não revelam partes importantes da realidade (geralmente as consideradas impróprias, por eles) e, este posicionamento, promove, no adolescente, um estado de retraimento, porque contribui para que ele elabore um modelo mental de mundo distorcido e que prejudica sua interação com o meio (VERISSIMO, 2002).

Fase 6: maioridade jovem (dos 21 aos 40 anos, aproximadamente). A crise do adulto jovem se configura entre **intimidade e solidariedade versus isolamento**. Na Unidade 3 retomaremos este ponto.

Fase 7: meia-idade (40 anos até, aproximadamente, 60 anos). A crise psicossocial desta fase adulta concentra-se em **generatividade, produtividade versus estagnação**, imersão em si. Abordaremos com mais ênfase esta fase, também, na Unidade 3.

Fase 8: maturidade (após 60 anos). Fase nomeada como idade da reforma, apresenta conflito entre **integridade versus desesperança**. Na última unidade de ensino desta disciplina retomaremos este conteúdo.

Pesquise mais

O artigo referenciado aborda a questão da identidade no campo da adolescência, a partir dos conceitos de Erikson.

CEARA, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores:

perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n.3, p.277-293, Set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Avançando em nossos estudos conceituais, vamos compreender como a Teoria Comportamental (mais especificamente a ciência denominada Análise do Comportamento) analisa o comportamento humano. A Análise do Comportamento apresenta, como base filosófica, o Behaviorismo Radical, que tem como principal teórico Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Este autor construiu uma extensa obra voltada ao comportamento humano, às questões escolares, à cultura, entre outros temas. Segundo Sampaio (2005, p. 378), as características de seu pensamento estão centralizadas "nas técnicas experimentais e matemáticas para o estudo do comportamento".

Para Sabbag e Bolsoni-Silva (2010, p. 234) "a filosofia behaviorista radical considera o comportamento humano como um conjunto de interações entre o organismo e seu ambiente, determinadas por fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais". Descrito de outra maneira, para Sampaio (2005, p. 382):

> **O objeto a que Skinner atribui a sua ciência do comportamento pode ser entendido como o resultado da inter-relação de processos seletivos operando em três níveis: filogenético (relativo à espécie), ontogenético (relativo ao indivíduo) e cultural (relativo à sociedade) um objeto que, dessa forma, só pode ser devidamente compreendido na sua singularidade e levando-se em consideração suas diversas relações e níveis de determinação.**

Para Skinner é necessário conhecer as variáveis responsáveis por determinados comportamentos e atuar sobre elas, mas, estudar o comportamento não se resume ao encontro das questões relacionadas à causa e efeito, pois, envolve o ato de investigar e descrever as relações funcionais. Vamos explicar melhor: ao estudar

os comportamentos decorrentes das interações determinadas pelas variáveis existentes na história dos indivíduos, é preciso atentar-se para três instâncias: as operações e condições antecedentes (ocasiões), presentes quando a resposta é emitida, a resposta propriamente dita e as consequências produzidas por essas respostas. É a relação entre essas instâncias que é denominada comportamento, segundo Sabbag e Bolsoni-Silva (2010).

Os estímulos antecedentes e as consequências são variáveis externas que viabilizam a análise funcional do comportamento e, desta maneira, podemos afirmar que o estímulo é anterior à resposta e essa resposta promoverá consequências que podem, ou não, se repetir (SKINNER, 1998 apud SABBAG; BOLSONI-SILVA, 2010). Para os autores, quando há eventos (nomeados por esta ciência como contingências) reforçadores, há maior chance de que determinado comportamento se repita futuramente, porém, quando essas contingências são punitivas, a possibilidade é que haja diminuição deste comportamento.

Exemplificando

Imagine uma adolescente de 14 anos que está interessada em um menino de sua sala. Ela deseja contar aos pais, mas não sabe como, então, começa contando que uma amiga sua está paquerando um menino da escola. Ao ouvir essa história a mãe fica furiosa e repreende a adolescente dizendo que ela é muito nova para se envolver nestes assuntos. Além disso, deixa-a de castigo por um mês, retirando seu celular. Trata-se, aqui, de uma contingência punitiva que, possivelmente, fará a adolescente não comentar, tão cedo, sobre seu interesse pelo menino de sua sala.

Pesquise mais

Este vídeo esclarece de forma simples os conceitos de reforço e punição.

LEITURA BEHAVIORISTA. Reforço e punição – Parte 1 (2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2fNIi2d7sXw>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Importante destacar que o ambiente social influencia este contexto de respostas. O que ocorre no trabalho, na comunidade, nas questões socioeconômicas, por exemplo, também intervém sobre o comportamento. Assim, para Guimarães (2003, p. 62),

> **a causa do comportamento não está dentro do indivíduo, em alguma instância causadora ou mediadora do comportamento, mas sim no ambiente, mesmo que seja o ambiente interno (o próprio organismo), uma vez que o organismo é considerado parte do ambiente. O comportamento, nesta abordagem, é a relação do organismo com o ambiente, levando em consideração a estrutura genética e a história de vida do referido organismo. Nela, migra-se de um determinismo unidirecional e mecanicista (inconsciente comportamento ou processos mentais comportamento) para uma contingência de controle, na qual a estrutura genética, a história de vida e os estímulos ambientais presentes, numa gama de relações entre si, condicionam o comportamento do organismo.**

Ademais, na relação de pais com os filhos há o que Glenn (1986 apud SABBAG; BOLSONI-SILVA, 2010, p. 235-236) nomeou como contingências entrelaçadas, ou seja, "os comportamentos dos filhos são contingentes aos dos pais e vice-versa", sendo necessário avaliar os estímulos que antecederam o comportamento dos filhos e a consequência da ação dos pais e, também, os estímulos que antecederam o comportamento dos pais e a ação provocada nos filhos. É uma via de mão dupla, na qual o comportamento de um funciona como estímulo para o comportamento do outro.

Ainda para os autores, quando analisamos estas relações parentais e filiais a partir desta perspectiva, encontramos um grande desafio porque nem sempre é possível detectar, na fala dos sujeitos envolvidos, as ações (contingências) que afetaram determinado comportamento. Muitas vezes eles não sabem identificar o que pode ter ocasionado tal reação. Além disso, como vimos, há questões relacionadas também ao ambiente social e, outro ainda, relacionado à cultura. Esta cultura "determina os padrões de comportamento de uma comunidade. Alguns destes padrões são reforçados e outros não" (SKINNER, 1998 apud SABBAG; BOLSONI-SILVA, 2010, p. 237).

A transmissão destes comportamentos ocorre através das gerações e operam como modelo aprendido. Tais comportamentos, por estarem associados à cultura, geralmente encontram-se enraizados e são difíceis de mudar. Um exemplo foi quando, no Brasil, publicaram a Lei nº 13.010/14, conhecida como "lei da palmada". Esta legislação estabelece que crianças e adolescentes sejam educados sem castigos físicos ou outras formas de crueldade também previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2014). Na época em que foi publicado, este texto promoveu grandes debates e embates, principalmente entre pais e educadores que defendem o uso de castigo físico como instrumento de educação. Mas, este comportamento (bater para educar) não foi instituído culturalmente nesta geração. Ele é transgeracional e, por estar encravado nas bases da história de nosso país, é algo muito difícil de mudar – apesar, é claro, de não ser impossível, visto que a cultura é dinâmica.

Segundo Sabbag e Bolsoni-Silva (2010, p. 240), estudos realizados por Dishion e McMahon (1998) apontam que

> **para os pais administrarem os comportamentos dos adolescentes é necessário que modelem positivamente o comportamento do jovem a partir de incentivos, elogios, feedbacks, auxílio, negociações e também aplicação de limites. Em outras palavras, os pais devem estar atentos às consequências aplicadas aos comportamentos do filho adolescente, o que é denominado modelagem do comportamento.**

Esta comunicação positiva é um potente instrumento para prevenir problemas, além disso, há três estratégias para que os pais conheçam seus filhos e dialoguem de forma não opressora:

1. "Revelação do filho", momento em que o adolescente conversa com os pais de forma espontânea, e, portanto, deve ser estimulado, de forma não punitiva, a se expressar.
2. "Solicitação parental", ocorre quando os pais questionam o dia a dia de seus filhos e, neste caso, é preciso cuidado com o excesso de perguntas ou com o momento inadequado para abordá-lo, pois "poderão produzir consequências punitivas para a comunicação".

3. "Controle parental", ocorre quando os pais determinam regras e apontam as consequências do comportamento inadequado dos filhos (STATTIN; KERR, 2000 apud SABBAG; BOLSONI-SILVA, 2010, p. 241).

Segundo Abreu e Guilhardi (2004 apud TOLEDO; COSER, 2015), as mudanças repentinas (como mudar de escola, separação dos pais, etc.) ou o aumento da exigência externa para obter reforços positivos também prejudicam o repertório alternativo de respostas, interferindo na variação comportamental.

Contudo, a Análise do Comportamento nos ensina que trabalhar com as habilidades de comunicação possibilita a expressão das emoções, dos sentimentos e potencializa o diálogo saudável no ambiente familiar, podendo, inclusive, funcionar como mecanismo de prevenção aos comportamentos de risco (abuso de substâncias psicoativas, exposição às infecções sexualmente transmissíveis, gestação precoce – como veremos na Seção 2.1).

Isto posto, enquanto os analistas comportamentais objetivam compreender o comportamento humano e a implicação do meio nas respostas produzidas, a Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) introduz a importância dos processos cognitivos na produção do comportamento, sem desconsiderar a relação com o ambiente.

Sousa e Padovani (2015, p. 463) afirmam que:

> **Terapeutas cognitivo-comportamentais realizam intervenções para reduzir sofrimento a partir da compreensão da subjetividade humana, entendida como uma interação recíproca entre crenças, emoções, comportamentos, fisiologia e ambiente. O reconhecimento e questionamento de seu próprio conjunto de crenças têm papel central no manejo de seu sofrimento.**

Segundo Petersen e Wainer (2011) há diversos tipos de terapias de base cognitivo-comportamental que se assemelham por considerar os processos cognitivos como responsáveis pelo direcionamento do comportamento humano. Assim, o processo de sofrimento (que pode, inclusive, se manifestar na forma de psicopatologia, como a depressão, por exemplo) não está relacionado às contingências

ambientais ou mecanismos inconscientes. Para Wainer (2002 apud PETERSEN; WAINER, 2011), os sintomas manifestos são resultados de processos ou de estruturas cognitivos disfuncionais.

Segundo os autores, atualmente há uma tendência da TCC em agregar os diferentes modelos teóricos que a compõe. Dois modelos atuais são: a Terapia Racional Emotiva Comportamental (TREC), de Ellis, e a Terapia Cognitiva (TC), de Aaron Beck. Vamos entendê-las?

A Teoria Racional Emotiva Comportamental (TREC) foi desenvolvida por Albert Ellis (1913- 2007), em 1956, e parte do princípio de que o pensamento determina o sentimento. Ele desenvolveu um modelo chamado ABC que explica que os desajustes emocionais são resultado da inter-relação entre situações ativadoras (As), que podem ser acontecimentos internos (como uma emoção ou fantasia) e externos (como uma sensação física ou uma imagem); crenças (*Believes*-Bs), que podem ser pensamentos e valores pessoais, por exemplo; e consequências (Cs), sejam elas emocionais ou comportamentais, que se referem às reações diante da situação ativadora e que produzem uma conduta, uma emoção ou um pensamento novo. Neste último distinguem-se consequências apropriadas e consequências disfuncionais. Estas consequências são problematizadas através de 'D' (disputa racional), que ocorre quando o terapeuta auxilia o paciente na compreensão de um pensamento que não condiz com a realidade. Diferentes 'Ds' possibilitam o surgimento de novas 'Es' (*efetive belief*), ou seja, a integração de um pensamento novo ou uma crença nova e saudável. Na sequência, surge o 'F' (*feeling*) que se refere a um novo sentimento após a mudança de crenças (PETERSEN; WAINER, 2011).

O principal objetivo da TREC é proporcionar ao indivíduo a construção de uma nova filosofia de vida, preferencial – como Ellis denomina. E, por isso, a ênfase do tratamento é dada sobre o processo de aprendizagem de novas estratégias que possibilitem nortear a conduta, intencionando um comportamento funcional, que possibilite certa estabilidade emocional. Esta abordagem avalia e aborda as crenças irracionais, e o que delas deriva, buscando modificá-las e transformá-las, ao passo que também procura fortalecer as crenças racionais existentes (BERNARD, 2004 apud AIRALDI, 2017).

Por sua vez, o modelo de Terapia Cognitiva (TC) foi desenvolvido por Aaron Beck (1921-). Segundo Assumpção et al. (2017, p. 29), esta abordagem tem como fundamento a "racionalidade teórica de que os pensamentos, os sentimentos e os comportamentos se encontram intimamente relacionados", ou seja, a forma como a pessoa age e sente está relacionada ao modo como ela compreende e organiza a realidade através dos processos cognitivos.

Segundo Petersen e Wainer (2011) esta abordagem é considerada estruturada e diretiva, com metas claramente definidas, com foco no presente, sendo, portanto, utilizada em diversos tratamentos psicopatológicos. O objetivo central desta abordagem é transformar o pensamento, possibilitando que este seja funcional e duradouro, pois, o processo de adoecimento surge como consequência de recorrentes pensamentos disfuncionais que influenciam o humor e o comportamento da pessoa, distorcendo a maneira como ela percebe a realidade.

No modelo de Beck (1976) e de Beck e colaboradores (1979), tais crenças são divididas em básicas (ou centrais) e periféricas (ou intermediárias), as quais resultam de pressupostos que desenvolvemos a respeito de nós mesmos e a respeito do mundo e do futuro, compondo em seu estágio final a estrutura cognitiva de valores que favorecem a formação do que chamamos de experiência pessoal. Essas organizações de significado são necessárias para que se possa interpretar o mundo de uma maneira correta, pois auxiliam na previsão das atitudes e no sentido que damos às experiências de vida, garantindo um bom funcionamento cognitivo. Entretanto, algumas premissas advindas desses mesmos construtos podem, em função de alguma circunstância específica, se tornar muito repetitivas e, assim, se manter pouco atualizadas – o que as induz a uma condição contraproducente para o indivíduo. Ao operarem de forma antiga em um estado restritivo de atribuição de significados, passam a atuar como uma camisa de força conceitual, gerando avaliações rígidas e extremistas e criando um sentido distorcido das situações. Nesse caso, se tornam extremamente resistentes à mudança, sendo por esse motivo classificadas como "disfuncionais" (ABREU, 2003 apud PETERSEN; WAINER, 2011, p. 19).

A TCC utiliza técnicas cognitivas e comportamentais para realizar sua intervenção, buscando contribuir para o aprendizado de novos comportamentos. Além disto, seus objetivos focam: "alívio ou remissão de sintoma; melhora na qualidade de vida; e desenvolvimento de estratégias mais adaptativas de enfrentamento (coping) para lidar com as adversidades (SALKOVSKIS, 1999 apud ASSUMPÇÃO et al., 2017, p. 29).

Neste sentido, esta abordagem buscará compreender como o adolescente vivencia esta fase da vida a partir de seus processos de pensamento e de seu conjunto de crenças. Quais pensamentos estão gerando comportamentos disfuncionais? De que forma pode-se atuar para mudar o conteúdo dos pensamentos que levam o adolescente às situações de sofrimento e conflito com o meio? Como o ambiente pode contribuir para uma mudança significativa nos processos cognitivos do adolescente? São perguntas que interessam à TCC.

Ainda no caso de crianças e adolescentes, segundo Lobo, Flach e Andretta (2011), esta abordagem enfatiza, também, o tratamento participativo entre o paciente e sua família, sendo papel do psicólogo estimular os pais na aplicação de práticas educativas que estejam adequadas às necessidades dos filhos.

Assimile

Enquanto a TCC considera que as crenças disfuncionais produzem os comportamentos (também disfuncionais), a Análise Comportamental considera que os comportamentos e os pensamentos são produzidos pela interação do organismo com o meio.

Na contramão das teorias apreendidas até agora, encontram-se as teorias fenomenológica existencial e a Gestalt-terapia.

Jobim e Souza (1996 apud BARRETO, 2014, p. 23) afirmam que a Psicologia do Desenvolvimento classifica e segmenta as fases de crescimento. Além disto, segundo eles, estas teorias determinam os comportamentos que são esperados, ou considerados adequados, produzindo conceitos universais e assinalando o lugar social do sujeito a partir dos estágios de desenvolvimento, ou idade cronológica.

Com isto, reforça Barreto (2014), a questão não é desconsiderar as diferenças entre crianças, adolescentes ou adultos, mas sim compreender as particularidades de cada fase, cuidando para que não sejam desqualificados por não terem chegado à maturidade desejada.

Importante esclarecer que a psicoterapia existencial surgiu da insatisfação das descobertas freudianas. Apesar de reconhecerem o aspecto revolucionário da psicanálise, o existencialismo surge como uma outra forma de compreender o ser humano (LESSA; DE SÁ, 2006).

> **A Psicoterapia Existencial funda-se no "cuidado", enquanto "ser-no-mundo-com-o-outro", e não em interpretações apriorísticas ou explicações causais sobre a realidade vivencial do paciente [...]. O psicoterapeuta remete o indivíduo a si, estimulando-o a reconhecer sua impessoalidade e a questionar-se no sentido de encontrar suas próprias respostas para as questões que a vida lhe apresenta. O objetivo da psicoterapia não é enquadrar o paciente em padrões morais ou em modelos teóricos, mas buscar compreender as possibilidades singulares de existir de cada um, tal como ele as experimenta em suas relações com as pessoas e coisas que lhe vêm ao encontro no mundo (p. 394).**

Pesquise mais

Para compreender melhor a teoria fenomenológico-existencial acesse o artigo:

LESSA, Adir Machado; DE SÁ, Roberto Novaes. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 393-397, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Uma das teorias inspiradas nos conceitos fenomenológico-existenciais é a Gestalt-terapia. Esta teoria compreende que ser adolescente é vivenciar este ciclo da vida – que não se restringe às mudanças fisiológicas – em um corpo, mas, também em uma sociedade, na cultura, em determinada família, e para cada um,

portanto, estes aspectos são sempre singulares, são experiências individuais (BARONCELLI, 2012).

Segundo Perls, Hefferline e Goodeman (1951/1997, p. 42-43 apud BARONCELLI, 2012, p. 191):

> **Em toda e qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos de partir da interação organismo-ambiente [...]. Denominemos esse interagir entre organismo e ambiente em qualquer função o 'campo organismo/ambiente' e lembremo-nos de que qualquer que seja a maneira pela qual teorizamos sobre impulsos, instintos, etc., estamos nos referindo sempre a este campo interacional e não a um animal isolado.**

Segundo Baroncelli (2012), a questão 'tempo' precisa ser considerada em teorias como a Gestalt-terapia, ou seja, qual é a época em que se vive? E como essa época, esse tempo, influencia as relações do adolescente com o ambiente?

Esse ambiente promove conflitos e, desta forma, a pessoa (denominada por esta teoria como 'existente') busca criativamente saídas para um equilíbrio, a partir do que tem à sua disposição. Esse "ajustamento criativo significa a auto-regulação, *abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, referindo-se à formação de novas configurações pessoais (ou gestalten) a partir da entrada de novos elementos através da experiência de contato*" (BARONCELLI, 2012, p. 194, grifo do autor).

Prossegue o autor, afirmando que essas saídas poderão proporcionar ao adolescente ajustamentos com respostas espontâneas ou, ao contrário, indicar uma forma inflexível e que pouco responde às mudanças vividas.

> **Assim, se o trânsito entre a vivência do "campo infantil" para o "campo adolescente" pode, por um lado, constituir uma experiência de crise, por outro, a busca pelo projeto de si mesmo pode assemelhar-se mais a uma progressiva exploração de papéis e potenciais escolhas (que pode inclusive ter começado paulatinamente desde a infância) do que uma repentina busca sofrida e angustiada por si mesmo.**

Neste caso, a Gestalt-terapia contraria as teorias, especialmente as de base psicanalítica, como vimos na Seção 1.2, que "desconfiam" de uma certa estabilidade no comportamento do adolescente, pois, ao considerar que cada pessoa é única, a vivência de forma mais apaziguada pode representar um ajustamento criativo deste adolescente em seu ambiente.

> **De qualquer modo, o comportamento do adolescente revela o que vive na escola, na família, na sociedade e na cultura. Em vários níveis, insistimos, ele não é adolescente sozinho. Na perspectiva de campo adotada pela Gestalt-terapia, cada existente co-existe numa realidade compartilhada em que todos estão implicados (Parlett, 2005). Entretanto, se é verdade que o adolescente não vivencia seus possíveis conflitos de modo interno, mas num campo, por outro lado, a família, a escola ou a sociedade também não são as causadoras por excelência de problemas na adolescência (BARONCELLI, 2012, p. 195).**

Exemplificando

Você já ouviu a velha expressão 'quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha'? Essa expressão revela que há situações em que não é possível identificar causa e efeito.

Por fim, pode-se afirmar que, para a Gestalt-terapia, a pessoa (independentemente de sua idade cronológica) é resultado do ambiente em que vive, na mesma medida em que também produz a sua própria condição e produz impacto e efeitos neste meio, estabelecendo uma relação dialética.

Reflita

Quais das teorias estudadas nesta unidade de ensino fazem mais sentido para você? E se ela não fizer sentido para os seus colegas, haveria uma abordagem mais adequada para compreender e tratar dos fenômenos humanos, especialmente os da adolescência?

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você deverá elaborar um relatório que será entregue aos pais e à Luciana, contemplando os conteúdos aprendidos em toda a primeira Unidade de Ensino. Relembrando, este relatório deve incluir as transformações físicas, psicológicas e sociais típicas do período da adolescência, porém, de modo mais elaborado e profundo do que o relatório produzido na situação-problema da Seção 1.1.

Para auxiliar a sua escrita, vamos retomar alguns pontos importantes.

Antes do aparecimento da menarca, Luciana era descrita pelos pais como uma menina tranquila, tímida e obediente. Após este evento, seu comportamento mudou, dando lugar a questionamentos irritadiços, principalmente quando os pais a convocavam para realizar alguma atividade.

Assim como na situação-problema da Seção 1.1, você poderá descrever as mudanças fisiológicas ocorridas no período da puberdade que estão, ou não, associadas ao desencadeamento da adolescência. Dessa forma é importante recordar que:

1. Há a transformação do corpo biológico, que agora está pronto para reproduzir.
2. Há a influência dos neurônios-espelhos, principalmente no que se refere à relação com o grupo.
3. Há o medo de rejeição dos pares, ou seja, dos colegas com quem Luciana está tentando se identificar para construir sua identidade.

Além das mudanças corporais, parece-nos que Luciana vivencia também a fase da adolescência, sendo importante esclarecer como a Psicologia compreende este momento de transformação e transição.

Relembrando, Freud, pai da psicanálise, considerou a adolescência um período filogenético, evolucionista. Para ele o desenvolvimento divide-se em fases psicossexuais, que são determinadas a acontecer, enfatizando pouco (ou nada) o ambiente neste processo.

Anna Freud, focou seus estudos nos mecanismos de defesa do ego, apontando que a atitude deste, diante do id, é determinada pela estrutura psíquica desenvolvida na infância e na fase de latência. Diferentemente, Otto Rank centralizou suas descobertas

sobre a angústia na separação biológica do bebê com sua mãe – e não no complexo de Édipo, como a família Freud. Para esse autor, na adolescência, há uma transformação na atitude do sujeito no que se refere à dependência, se opondo a ela, apesar de ser a independência algo difícil de ser praticado, principalmente no que se refere às questões de ordem emocional.

Outros dois psicanalistas importantes foram Arminda Aberastury e Maurício Knobel, que desenvolveram o conceito de 'síndrome da adolescência normal', apontando que os questionamentos, a importância do grupo, o distanciamento dos pais – fenômenos vivenciados por Luciana – são esperados nesta fase da vida, justamente, porque a partir deles o sujeito buscará a construção de sua identidade.

Caminhando rumo à compreensão do ambiente na formação do sujeito e de sua identidade, você estudou autores como Margareth Mead, uma antropóloga que afirma que o jovem, por ser um sujeito social, enfrenta os desafios que lhe surgem no mundo justamente porque ocupam um lugar na sociedade e porque se sentem como sujeitos neste mundo (FERNANDEZ, 2015). Além disso, Mead desenvolveu seus estudos conectada à compreensão de adolescência enquanto processo criado pelas sociedades ocidentais.

Assim como essa autora, Erikson, ao estudar as tribos indígenas, questionou-se sobre o processo que envolve a construção da identidade, organizando as etapas da vida em fases que representam conflitos de sentimentos que podem ser superados, ou não. No caso da adolescência, o conflito que se estabelece é de identidade x confusão de papéis e, assim como acontece com Luciana, o adolescente é posto para fora do mundo infantil – por conta das transformações corporais e da mudança de estrutura de seu pensamento, que lhe impõe questões de ordem existencial, tal como 'quem eu sou', para a construção de seus papéis sociais.

O enfoque dado à construção dos pensamentos dos adolescentes também é encontrado na Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC). Enquanto a Análise do Comportamento analisa as contingências de reforçamento, das quais o comportamento é função, a TCC inclui os processos cognitivos como produtores de comportamentos disfuncionais. Ambas destacam a necessidade de realização de um trabalho de orientação de pais, no sentido de fomentar interações

que promovam uma densidade maior de reforçadores positivos na vida do adolescente (aumentando relatos de sentimento de bem-estar pelo adolescente), a redução de contingências aversivas e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento de situações adversas inevitáveis.

Por fim, você aprendeu, com as teorias Fenomenológica-existencial e Gestalt-terapia, que Luciana está experienciando essa fase a partir de seus conteúdos subjetivos. Para essas abordagens, tal vivência não está pré-determinada como um padrão de comportamento (ou padrões de defesa do ego). Nestas vertentes teóricas, o que mais interessa é compreender como Luciana e seus pais vivenciam este momento, como o meio influencia suas atitudes, mas também como suas atitudes influenciam o meio, sem estabelecer, portanto, uma lógica estruturada no fenômeno de causa e efeito.

Faça valer a pena

1. Na perspectiva de campo adotada pela _____, cada pessoa coexiste numa realidade compartilhada, na qual todos estão implicados. Desta forma, vivenciando seus conflitos, não de modo interno, mas no campo, a família ou a escola, por exemplo, não são as causadoras essenciais dos problemas dos adolescentes, segundo Baroncelli (2012).

A teoria que se encaixa corretamente na lacuna é:

a) Teoria do desenvolvimento, de Erikson.
b) Teoria Comportamental.
c) Teoria Behaviorista.
d) Teoria Cognitivo-Comportamental.
e) Gestalt-terapia.

2. Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmativas abaixo:
( ) Na Gestalt-terapia, o indivíduo busca, criativamente, saídas para um conflito com a entrada de novos elementos, a partir das experiências de contato.
( ) Erikson divide seus estudos sobre o desenvolvimento humano em oito fases, ou estágios, psicossexuais.
( ) Para a Fenomenológica-existencial e a Gestalt-terapia, a psicanálise e as teorias comportamentais classificam e segmentam as fases do

desenvolvimento e determinam os comportamentos esperados.
( ) A abordagem Fenomenológica-existencial busca compreender as possibilidades de existir de cada um, como o indivíduo vivencia subjetivamente suas relações com as pessoas e as coisas.

A ordem correta, apresentada de cima para baixo, é:

a) V, V, V, V.
b) V, F, V, V.
c) V, V, F, F.
d) F, V, V, V.
e) F, F, F, V.

3. Leia os trechos abaixo:
"Na escola, Sofia tinha dificuldade de se concentrar no que o professor falava. De uma hora para outra, começou a achar que ele só falava de coisas que não eram importantes. Por que ele não falava sobre o que é um ser humano, ou então sobre o que é o mundo ou de onde ele tinha surgido? Ela sentia uma coisa que nunca tinha sentido antes: na escola, e também por toda a parte, as pessoas só se preocupavam com trivialidades. Mas havia questões maiores, mais graves, cujas respostas eram mais importantes do que as matérias normais da escola".
"Eram tantas as coisas sobre as quais ela jamais tinha pensado! Ela não era uma criança, mas também não era completamente adulta. Sofia entendeu que já tinha começado a se arrastar lá para dentro da espessa pelagem do coelho que havia sido tirado da cartola preta do universo".
(GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 22-31)

No texto-base observamos uma adolescente questionando-se sobre o mundo, sobre si e sobre as pessoas que a circundam. Com base neste trecho e nos conteúdos aprendidos, é correto afirmar que:

a) A fase conhecida como moratória psicossocial, de Erik Erikson, aponta que o conflito identidade versus confusão de papéis coloca o jovem em um contexto no qual o ego busca estabelecer sentido de coerência no self, como podemos observar no exemplo do texto base quando o autor aponta que, para Sofia, havia questões maiores a serem tratadas.
b) A fase conhecida como moratória psicossocial, de Erik Erikson, aponta o conflito psicossocial entre solidariedade e isolamento, promovendo a construção de papéis sociais através da busca do ego pela coerência do

self, como podemos observar no exemplo do texto-base quando o autor aponta que, para Sofia, havia questões nas quais ela nunca havia pensado.
c) Como apontado por Skinner, as variáveis responsáveis pelo comportamento estão relacionadas apenas aos estados interiores, e identificar tais estados é fundamental para a análise funcional. Neste caso, Sofia, por conta de seus pensamentos inquietos, buscava respostas no ambiente escolar.
d) A teoria que melhor propõe uma intervenção, no caso de Sofia, é a Gestalt-terapia que trabalhará considerando a formação do pensamento e o impacto na relação disfuncional entre organismo (sujeito) e ambiente. Esta teoria é importante porque as inquietações de Sofia impedem que a mesma se concentre nas aulas.
e) O texto-base aponta para relação de Sofia com o mundo e com os outros. A partir das teorias psicodinâmicas e de Erikson podemos afirmar que esta relação não se configura enquanto causa-efeito, ou seja, suas inquietações não são provocadas pelo meio e, ao mesmo tempo, não interferem no ambiente em que está inserida, sendo, portanto, um fenômeno singular.

Referências

ABERASTURY, Arminda. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.

AIRALDI, Maria Celeste. Terapia Racional-Emotivo-Comportamental com Adolescentes. In: NEUFELD, Carmem Beatriz (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2017.

ALBERTI, Sonia. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

ANTUNES, Arnaldo. **Não vou me adaptar**. 1985. Titãs, WEA, 1985 (LP). Disponível em: <https://goo.gl/rvumdu>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973/1981.

ASSUMPÇÃO, Alessandra Almeida et al. A perspectiva do adolescente na Teoria Cognitiva de Beck. In: NEUFELD, Carmem Beatriz (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. A adolescência como ideal social. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. **Proceedings online**. Disponível em: <https://goo.gl/UJDy7U>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BARBOSA, Kiriaque Barra Ferreira; FRANCESCHINI, Sylvia do Carmo Castro; PRIORE, Silvia Eloiza. Influência dos estágios de maturação sexual no estado nutricional, antropometria e composição corporal de adolescentes. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.**, Recife, v. 6, n. 4, p. 375-382, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/8quYbr>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BARONCELLI, Lauane. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARREIRA, Márcia. Puberdade Tardia. Amenorreia Primária. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 19, n. 3, p. 198-199, set. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/rqn6XJ>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BARRETO, Aline Leite. **Uma compreensão fenomenológico-existencial dos modos de ser criança**. 2014. 93 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/16128/1/Aline%20Leite%20Barreto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Rev. Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 126-136,

2014. Disponível em: <https://goo.gl/rzvJkw>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.010 de 26 de junho de 2014**. Altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>. Acesso em: 10 mai 2018.

CARVALHO, Márcia Neves de et al. Puberdade precoce: a experiência de um ambulatório de Ginecologia Infanto-Puberal. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 96-102, fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032007000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 29 mar. 2018.

CEARA, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.277-293, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2018.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; MELO NETO, Othon Cardoso; KOLLER, Silvia H. Adolescentes e adolescência. In: HABIGZANG, L. F.; DINIZ, E.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Trabalhando com adolescentes**: teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014. 336 p.

COATES, Veronica. Repercussões da adolescência no âmbito familiar. In: COATES, Veronica; BEZNOS, Geni Worcman; FRANÇOSO, Lucimar Aparecida. **Medicina do adolescente**. Consultoria editorial Jacques Crespin, Maria José Carvalho Sant'Anna. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Sarvier, 2003.

COELHO JR., Nelson Ernesto. A noção de objeto na psicanálise freudiana. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 37-49, dez. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/VoSMH7>. Acesso em: 26 abr. 2018.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, jun. 2005. Disponível em: <https://goo.gl/ezxpfs>. Acesso em: 14 abr. 2018.

COLLI, Anita S. Crescimento e desenvolvimento físico. In: COMISSÃO DE SAÚDE DO ADOLESCENTE. **Adolescência e saúde**. Secretaria de Saúde de São Paulo. São Paulo: Paris Editorial, 1988.

CORSO, Diana Myriam Lichtenstein. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 23, p. 18-30, 2002. Porto Alegre: APPOA, 1995. Disponível em: <https://goo.gl/AiGgpt>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DOMINGUES, Mariana Rosa Cavalli; DOMINGUES, Taciano Luiz Coimbra; BARACAT, Juliana. Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano 7, n. 12, mai. 2009. Disponível em: <https://goo.gl/QfoZYt>. Acesso em: 12 abr. 2018.

FALA BRASIL. **Índios do Amazonas lutam para manter ritual de picadas de formigas**

tucandeiras. (2016). Disponível em: <https://goo.gl/Q27grF>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FERNANDEZ, Ivoni de Souza. Juventude: uma categoria sócio-histórica. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ATENDIMENTO ESCOLAR HOSPITALAR, 9., 2015, Paraná. **Anais...** Paraná: PUCPR, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/wGs1sQ>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FERNANDEZ, Ivoni de Souza. Juventude: uma categoria sócio-histórica. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **IX Encontro Nacional sobre atendimento escolar hospitalar**. PUCPR: 26 a 29 de outubro de 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17672_8290.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução de Francisco Settíneri. Porto Alegre: Artmed, 2006a.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade. In: _____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. Vol. VII.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 22-31.

GUIMARAES, Rodrigo Pinto. Deixando o preconceito de lado e entendendo o Behaviorismo Radical. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 60-67, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2018.

JERSILD, Arthur T. O lugar da adolescência no quadro da vida. In: _____. **Psicologia da adolescência**. Tradução José Severo de Camargo Pereira; João Alves dos Santos. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

KNOBEL, Mauricio. Introdução. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITURA BEHAVIORISTA. **Reforço e punição – Parte 1**. (2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2fNIi2d7sXw>. Acesso em: 10 mai. 2018.

LESSA, Adir Machado; DE SA, Roberto Novaes. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 393-397, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LOBO, Beatriz de Oliveira Meneguelo; FLACH, Katherine; ANDRETTA, Ilana. Treinamento de Pais na Terapia Cognitivo-Comportamental para Crianças com Transtornos Externalizantes. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora , v. 5, n. 2, p. 126-134, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472011000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MACEDO, Delanie B. et al. Avanços na etiologia, no diagnóstico e no tratamento da puberdade precoce central. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, São Paulo, v. 58, n. 2, p.

108-117, mar. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/chJzhR>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MACÊDO, Edna Lúcia do Nascimento. **Projeto de vida do adolescente institucionalizado** – O caso: a fazenda do menor. 1999. 216p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 1999. Disponível em: <https://goo.gl/jWmYfr>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Adolescência e Juventude. In: _____. **Ideais na adolescência**: falta (d)e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume; Fapesp: 2002. 200 p.

_____. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 616-625, dez. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/ixM26Z>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Adolescência e estigma no cotidiano escolar: reflexões à luz de Goffman e Bourdieu. ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul: ANPED SUL, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/5jjNCo>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MONETTI, Vicente; CARVALHO, Plínio Rossi de. **Adolescência**: aspectos médico-sanitários e psicossociais. São Paulo: Instituto de Saúde, 1978. 128 p.

OLIVEIRA, Maria Lúcia. Adolescência. In: _____. **A rebeldia e as tramas da desobediência**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 144 p.

PETERSEN, Circe Salcides; WAINER, Ricardo. Princípios básicos da terapia cognitivo-comportamental de crianças e adolescentes. In: PETERSEN, Circe Salcides; WAINER, Ricardo (Cols). **Terapias Cognitivo-Comportamentais para crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SABBAG, Gabriela Mello; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Parte III - Habilidades sociais e relações educativas: a interação entre pais e filhos adolescentes sob a ótica da análise aplicada do comportamento. In: VALLE, Tania Gracy Martins; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi (Orgs.). **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 233-255. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ybbg4/pdf/valle-9788579831225-13.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

SAMPAIO, Angelo Augusto Silva. Skinner: sobre ciência e comportamento humano. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 370-383, set. 2005 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

SARDENBERG, Cecília M. B. Um Diálogo Possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda; SARDENBERG, Cecília; Márcia (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 1999.

SESI. Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP). **Treinamento de habilidades para o trabalho com adolescentes**. Projeto Empresa e Família: qualidade de vida. [S.l.], Gráfica Positiva, 1997.

SOUSA, Conceição Reis de; PADOVANI, Ricardo da Costa. Supervisão em Terapias Cognitivo-Comportamentais: Trilhando outros Caminhos Além do Serviço-Escola. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n.3, p. 461-470, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000300461&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUZA, Luciana Karine de; MCCARTHY, Sherri Nevada. Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 124-135, dez. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/xLoABh>. Acesso em: 30 mar. 2018.

TARANTINO, Mônica; OLIVEIRA, Monique; GOMES, Luciani. As revelações sobre o cérebro adolescente. Medicina e Bem-Estar. **Revista IstoÉ**, 21 jan. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/LQk3Lu>. Acesso em: 30 mar. 2018.

TOLEDO, Priscila Monteiro Hernandes; COSER, Danila Secolim. Treinamento para pais de adolescentes: Aprendendo conceitos comportamentais e práticas parentais para atuar na fase da adolescência. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.**, v. XVII, n. 3, p. 38-54, 2015. Disponível em: < http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/814>. Acesso em: 11 jun. 2018.

VELLOSO, Rosana. O que há de psicanalítico em um acompanhamento vocacional. **Cogito**, Salvador, v. 2, p. 69-74, 2000. Disponível em: <https://goo.gl/awXj5B>. Acesso em: 15 abr. 2018.

VERISSIMO, Ramiro. **Desenvolvimento psicossocial - Erik Erikson**. Porto: Faculdade de Medicina de Porto, 2002. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

VIEIRA, Alessandra Aguiar; VORCARO, Ângela Maria Resende. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 144-154, ago. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/v8qfBh>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Adolescência e contemporaneidade

Convite ao estudo

Seja bem-vindo à segunda Unidade de Ensino da disciplina Desenvolvimento Humano II.

Nas seções que compõem esta etapa de seus estudos, abordaremos o conceito da adolescência na contemporaneidade.

Independentemente de como compreendemos este momento de vida, a partir de nossa abordagem psicológica de escolha, podemos afirmar que há alguns eventos comumente presenciados nos dias de hoje. É sobre eles que vamos tratar nesta Unidade de Ensino.

Na Seção 2.1, incluiremos temas como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), atos infracionais, gestação na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis. Na Seção 2.2, abordaremos assuntos relacionados aos padrões estéticos e à influência da mídia e redes sociais. Na Seção 2.3, focaremos no desenvolvimento da adolescência para a juventude, através de atividades práticas que possibilitarão seu aprendizado sobre projetos de vida e orientação profissional.

Além dos conteúdos teóricos desenvolvidos, as situações-problema contribuirão para o seu processo de aprendizagem, aproximando você da prática da Psicologia. Para isso, elas abrangerão situações delicadas no manejo profissional: o que você, enquanto psicólogo, faria se um adolescente cometesse um ato infracional? A gestação na adolescência demanda quais cuidados? Como ficam os projetos de vida quando a vida é atravessada por fenômenos como esses? Questões como essas serão problematizadas a partir do contexto de aprendizagem.

Você se lembra de Luciana e sua família, apresentados na Unidade 1? Os pais dela procuraram por você, que atua como psicólogo em um serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes, devido à significativa mudança de humor da filha após sua menarca. Agora vamos cuidar dos dilemas de Luciana e de sua amiga, Janaína. Uma vez que a adolescente tem se beneficiado dos atendimentos psicoterápicos, ela resolveu pedir sua ajuda, pois uma de suas amigas está vivenciando uma situação bastante delicada: além de estar gestante, Janaína se envolveu com o tráfico de substâncias ilícitas e foi abordada pela polícia, em situação de flagrante. As situações-problema vivenciadas por você aqui vão auxiliar na construção do seminário com o tema Adolescência e Contemporaneidade. Ao final desta unidade, você também terá conhecido os aspectos da construção psicossocial da adolescência e as características da transição para a juventude na contemporaneidade.

Portanto, mantenha-se focado, porque a Unidade de Ensino 2 possibilitará a ampliação de seus conhecimentos. Não deixe de ler os textos sugeridos no Pesquise mais de cada seção e permita-se refletir ao entrar em contato com os conteúdos.

Bons estudos e bom trabalho!

Seção 2.1

Temas relevantes em adolescência

Diálogo aberto

Olá! Preparado para iniciar esta nova unidade?

Você lembra que, na Unidade 1, foi proposta uma situação-problema na qual você era o psicólogo de um serviço público voltado para o atendimento integral de crianças e adolescentes? Pois bem, você está atendendo Luciana há 6 meses. Após estabelecer um vínculo de confiança com você, a adolescente resolve lhe pedir ajuda, pois uma amiga encontra-se em grande dificuldade. Seu nome é Janaína, tem 15 anos e, apesar de ser mais velha que Luciana, as duas se conheceram na escola, após uma atividade coletiva. O problema é que Janaína foi abordada pela polícia enquanto vendia substâncias ilícitas. Segundo Luciana, a amiga foi recrutada pelo tráfico de entorpecentes há mais de um ano e viu nessa atividade, embora ilícita, uma forma de contribuir com a renda familiar. Seu pai está desempregado e sua mãe recebe um salário mínimo. Além disso, possui três irmãos mais novos. Por ter sido seu primeiro ato infracional, o Juiz da Vara da Infância e Juventude determinou que a adolescente cumprisse sua medida socioeducativa em liberdade, através da Liberdade Assistida. Porém, o caso é ainda mais grave, pois Janaína está grávida e o pai de seu bebê foi preso recentemente. Você explica para Luciana que apresentará o caso de Janaína à equipe multidisciplinar do serviço público, para avaliarem conjuntamente como poderão contribuir no cuidado da adolescente nesta situação de vulnerabilidade. Sendo assim, a partir dos conteúdos aprendidos nesta seção, elabore um pequeno texto de apresentação do caso clínico de Janaína para sua equipe. Alguns elementos são importantes nesta apresentação: identificação da adolescente (idade e constituição familiar) e o momento atual, construindo uma relação entre a teoria aprendida e o caso clínico apresentado.

Você poderá usar esta atividade na criação do seminário, ao final desta unidade, utilizando-a como exemplo clínico para embasar os

conteúdos que serão abordados por você. Apenas lembre-se: quando utilizamos uma história como exemplo, para facilitar a compreensão teórica, devemos manter a identidade da pessoa em sigilo, portanto, neste caso, quando você for apresentar o seminário, poderá criar um outro nome ou colocar as iniciais do nome de Luciana.

Os temas desta unidade são delicados e complexos, demandam, em muitos momentos, que deixemos nosso olhar enviesado e exercitemos a amplitude de nossas reflexões. Muitas vezes, os conteúdos abordarão situações polêmicas, mas enquanto estudante de Psicologia, não perca de vista a dimensão sócio-histórica-cultural que compõe os seres humanos.

Para contribuir com o seu processo de aprendizagem, leia os textos do Pesquise mais e busque responder, para si mesmo, as questões apresentadas no box Reflita.

Bons estudos!

Não pode faltar

Seja bem-vindo à Seção 2.1!

Na unidade anterior, você aprendeu a conceituar a diferença entre puberdade e adolescência e também pôde perceber os diversos olhares que compõem as abordagens psicológicas sobre esses conceitos. Mas, do ponto de vista da legislação brasileira, como a adolescência é abordada?

A Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 criou o Estatuto da Criança e do Adolescente, conhecido como ECA, que descreve o período da adolescência entre 12 anos até 18 anos incompletos, ou seja, ao completar 18 anos, legalmente, o jovem se insere no mundo dos adultos.

O ECA é um instrumento extremamente importante, porque inclui crianças e adolescentes na condição de sujeitos de direitos. Antes dele, a legislação vigente era o Código de Menores, que tratava crianças e adolescentes como "objetos" de intervenção dos adultos e do Estado.

Por esta razão, não devemos utilizar o termo "menor", pois, além de estar associado ao Código de Menores, é pejorativo e se refere a uma condição de diminuição das potencialidades humanas nestas fases da vida.

Como nos referimos a eles, então? Como crianças, adolescentes ou pessoas, sujeitos ou indivíduos com menos de 18 anos.

Pesquise mais

A reportagem a seguir introduz o tema do Código de Menores versus ECA. ZAPATER, Maíra. As duas infâncias do Código de Menores de 1979. In: **Carta Capital**. 16 fev. 2018. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2018/02/16/as-duas-infancias-do-codigo-de-menores-de-1979/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Um dos artigos do ECA que melhor representa o que estamos tratando é:

> **A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990, art. 3º)**

E quem são os responsáveis por lhes assegurar esses direitos? Segundo o art. 4º desta legislação, primeiramente, a família, em seguida a sociedade e, posteriormente, o poder público – o que significa que todos nós temos o dever de proteger crianças e adolescentes da "negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão" (BRASIL, 1990, art. 5º).

Assim, crianças e adolescentes têm direito "à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária" (BRASIL, 1990, art. 4º), devendo ser levado em conta, conforme assinala o art. 6º do ECA, sua "condição peculiar de desenvolvimento".

O que a Lei denomina como peculiar? Essa é uma discussão bastante ampla, que não conseguiríamos abarcar aqui, mas cabe assinalar que uma compreensão possível para o termo é de que

crianças e adolescentes não podem ser julgados como adultos quando violam uma lei, por exemplo.

Vamos nos ater a este ponto. Imagine que um adolescente cometa uma transgressão legal muito importante, como ferir alguém gravemente. Qual conduta deve ser adotada? O primeiro ponto a ser destacado é que, quando falamos de crianças ou adolescentes que violaram a lei, não podemos denominar crime, pois crime refere-se à capacidade civil plena, ou seja, com todas as condições cognitivas para tomar decisões. O nome que se dá, então, é ato infracional. Assim, "considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal" (BRASIL, 1990, art. 103).

O fato de ser considerado ato infracional significa que pessoas com menos de 18 anos não são responsabilizadas? Não significa. Vamos entender melhor: quando se tratar de criança em ato infracional, ou seja, aqueles que não completaram 12 anos de idade, o ECA determina políticas de atendimento de proteção, como inclusão em programas sociais e comunitários, obrigatoriedade da família em inserir e manter a criança em ambiente escolar, encaminhamento de pais ou responsáveis para tratamento adequado e, inclusive, se confirmado violência familiar grave, a inserção da criança em instituição de acolhimento (BRASIL, 1990). Ou seja, a criança não poderá responder pelo ato infracional como o adolescente responde.

E como o adolescente é responsabilizado pelo seu ato? Quando um adolescente se encontra em conflito com a lei, algumas responsabilizações são previstas (BRASIL, 1990, art. 112 – 124):

I. **advertência**: aviso (repreensão) verbal que deverá ser assinada pelos responsáveis;
II. **obrigação de reparar o dano**: quando se tratar de dano ao patrimônio, o Juiz de Direito poderá determinar que o adolescente restitua o que foi danificado e, se não houver condição financeira para isso, poderá aplicar outra medida;
III. **prestação de serviços à comunidade**: o adolescente realiza tarefas junto a entidades sociais, hospitais, escolas, conforme determinação do Juiz de Direito, levando em consideração suas aptidões e o cumprimento de carga horária máxima de 8 horas por semana.

IV. **liberdade assistida**: o adolescente é acompanhado por um orientador de medida, um profissional que atua em instituição pública (ou entidades privadas sem fins lucrativos que mantêm parcerias com os municípios) e, em alguns casos, por equipe multidisciplinar, dos quais o psicólogo poderá fazer parte. Neste trabalho são desenvolvidas atividades que promovam socialmente o adolescente e sua família, além de supervisionar a frequência escolar e orientar quanto às questões profissionais. Essa medida tem o prazo mínimo de 6 meses e pode ser prorrogada, revogada ou substituída por outra, a partir do parecer do orientador de medida, do Ministério Público e do defensor do adolescente (advogado).

V. **inserção em regime de semiliberdade**: é composta por medida em meio aberto e medida de privação de liberdade, ou seja, o adolescente poderá permanecer em atividades externas (trabalho, escola, cursos, etc.) durante o dia e voltar, no início da noite, para a privação de liberdade, que é cumprida na Fundação CASA. Não há prazo determinado, portanto, aplica-se as mesmas disposições da internação.

VI. **internação em estabelecimento educacional**: é uma medida socioeducativa de privação de liberdade, ou seja, apesar de o adolescente poder realizar atividades externas, ele somente poderá sair da unidade educacional acompanhado por profissionais deste estabelecimento. Hoje as medidas são cumpridas na Fundação CASA, antiga FEBEM. Além disso, elas não comportam prazo determinado, devendo ser reavaliadas a cada seis meses por meio de relatório emitido pela equipe multidisciplinar. Porém, o tempo máximo não poderá ultrapassar três anos de privação de liberdade, sendo que a liberação acontecerá compulsoriamente se o jovem completar 21 anos. Esta medida somente pode ser aplicada quando o ato infracional for considerado de grave ameaça ou violência à pessoa, quando houver reiteração de outras infrações graves, por descumprimento de outras medidas por parte do adolescente, em situação de flagrante ou por determinação judicial. Porém, se houver outra medida adequada, esta deverá ser aplicada pelo Juiz. Desta forma, a permanência na Fundação CASA deve ser um recurso utilizado em última hipótese, sendo necessário haver

audiência judicial para determinar a sentença. Neste caso, até o dia da audiência, o adolescente poderá ficar privado de liberdade apenas por, no máximo, 45 dias. Após a audiência, ele poderá cumprir até três anos de medida, devendo a equipe avaliar seu comportamento a cada 6 meses, como já foi descrito.

Importante esclarecer: se após 18 anos é considerado adulto, por que o jovem poderá ficar até 21 anos privado de liberdade na Fundação CASA? Isto acontece em duas situações:

1. Quando o adolescente cometeu o ato infracional e foi privado de liberdade pouco tempo antes de completar dezoito anos.
2. Quando cometeu o ato infracional com menos de 18 anos, mas seu processo foi analisado pelo Juiz de Direito após a maioridade penal – considera-se a idade no momento do ato, não no momento do julgamento.

Pesquise mais

Indicamos um artigo que aborda as representações sociais dos adolescentes em privação de liberdade e sintetiza os conteúdos abordados sobre a adolescência e a legislação vigente no Brasil.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima et al. Prática de privação de liberdade em adolescentes: um enfoque psicossociológico. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 101-109, mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Caminhando rumo a uma compreensão que extrapola o campo legal, encontramos Donald Woods Winnicott (1896 – 1971), psicanalista pós-freudiano. Esse autor estudou profundamente as relações mãe-bebê e o impacto desse primeiro encontro na vida intrapsíquica do sujeito, considerando a importância do ambiente na construção do *self*. Incluiu, também, em seus estudos, as transgressões juvenis, que em sua época denominava delinquência (termo em desuso nos dias atuais). Suas contribuições são extremamente relevantes

para superarmos a lógica punitiva e considerarmos o contexto sociocultural na produção de atos infracionais.

Winnicott (1983 apud PICIRILLI, 2015) aponta para a importância de um ambiente denominado por ele como suficientemente bom para o desenvolvimento psiquicamente saudável da criança. Esse ambiente começa pela maternagem (que pode ser exercida pela mãe ou seu representante) e, para ser suficiente (e não perfeito), é preciso estar conectado às necessidades do bebê e proporcionar uma provisão ambiental adequada.

Exemplificando

Uma provisão ambiental adequada é quando o adulto supre as necessidades do bebê: quando está com fome, é alimentado, quando está com frio, é agasalhado, por exemplo.

Dizendo de outra forma é como se o bebê esperasse que o ambiente se encarregasse de seu cuidado. Assim, quando ocorre falha de forma recorrente, há um rompimento na continuidade de ser. O que isto quer dizer? Que, para Winnicott (1983), todos nós temos uma capacidade inata para o desenvolvimento saudável, porém, precisamos que o ambiente externo esteja atento às nossas necessidades quando ainda não temos condições de assumi-las, como é o caso do bebê. As falhas ambientais deste período podem deixar marcas, como o comportamento relacionado ao ato infracional.

Winnicott (2005) afirma que, para as crianças que foram privadas de um ambiente suficientemente bom, uma possibilidade de estabilidade seria sua permanência em um reformatório ou, em último caso, na cela de uma prisão. Para ele, "a tendência antissocial caracteriza-se por um elemento que compele o ambiente a tornar-se importante. O paciente, devido a impulsos inconscientes, obriga alguém a encarregar-se de cuidar dele" (WINNICOTT, 2000, p. 409).

Assim, a transgressão (como um ato infracional) indica a existência do sentimento de esperança, uma vez que o comportamento antissocial se configura, muitas vezes, como um pedido de socorro, como um pedido de controle dos impulsos destrutivos (PICIRILLI, 2015).

Reflita

Seriam as paredes da Fundação CASA a busca de um ambiente suficientemente bom que falhou na infância?

A teoria Winnicottiana é muito importante para entendermos o lugar da família nos cuidados de seus filhos. Além disso, diferentemente do que muitos imaginam, a responsabilidade pelo cuidado não é da mãe, mas de todo o ambiente. Para ser uma mãe suficientemente boa, ela precisa viver também em um ambiente suficientemente bom, que possibilite que ela cuide de seu bebê e esteja atenta às necessidades. Desta forma, todos (incluindo a sociedade e o Estado) somos responsáveis por cuidar de quem materna.

Reflita

Considerando que, em alguma medida, tanto através da psicanálise Winnicottiana, como pelo ECA, a sociedade é responsável pelo cuidado de crianças e adolescentes, seria adequado propor a redução da maioridade penal?

O tema da redução da maioridade penal é fervoroso e encontra defensores ferrenhos, mas observe que, nas discussões de quem defende a diminuição da maioridade penal para dezesseis anos, a responsabilidade é centrada unicamente no sujeito. Obviamente não estamos banalizando a violência ou defendendo que o adolescente não seja responsabilizado. Ele é responsabilizado, como vimos no ECA, mas a questão que se apresenta é: e nós, enquanto sociedade e Estado, o que fizemos por esses jovens? Será que a responsabilização do ato deve ser isolada, individualizada, sem considerar os aspectos socioculturais (e históricos) no qual esse jovem também foi constituído? Essas são algumas problematizações que a Psicologia vem formulando.

O Conselho Federal de Psicologia se coloca contrário à redução:

> **[...] a Psicologia brasileira destaca aspectos que constituem o desenvolvimento humano, como o contexto relacional, social e histórico de cada sujeito, a compreensão de que sua conduta não pode se dar sob ótica individualista e a perspectiva educativa como norteadora do desenvolvimento humano saudável, em oposição às perspectivas punitiva e repressiva. Outros aspectos estruturais, como a responsabilidade do Estado brasileiro no fracasso da garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes, devem ser considerados como entrave ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. (CFP, 2017, [s.p])**

Pensando um pouco mais sobre as complexidades da adolescência: como ficariam as gestações vivenciadas neste período? Aqui passamos para outro tema delicado de nossos estudos. Segundo Yazlle (2006), em alguns países, a gestação nesse período da vida tem sido considerada um problema de saúde pública, tanto porque há maior incidência de complicações obstétricas desta população, quanto por conta das questões psicossociais-econômicas envolvidas. Quando tratamos da gestação na adolescência, um dos pontos a ser cuidado envolve a escolaridade. Grande parte das meninas, especialmente as que vivem em situação de vulnerabilidade, abandona os estudos e, posteriormente, tem mais dificuldade para retornar e construir caminhos para sua profissionalização.

Conforme Patta (2000 apud YAZLLE, 2006, p. 443), alguns fatores podem ser associados à gestação na adolescência:

> **baixa autoestima, dificuldade escolar, abuso de álcool e drogas, comunicação familiar escassa, conflitos familiares, pai ausente e ou rejeitador, violência física, psicológica e sexual, rejeição familiar pela atividade sexual e gravidez fora do casamento. Tem sido ainda referidos: separação dos pais, amigas grávidas na adolescência, problemas de saúde e mães que engravidaram na adolescência. (PATTA, 2000 apud YAZLLE, 2006, p. 443)**

Segundo as Nações Unidas no Brasil/ONUBR (2018), mundialmente, a cada 1000 meninas entre 15 e 19 anos, 49 ficam grávidas. Porém, na América Latina e no Caribe essa taxa sobe para 65,5 a cada 1000. O Brasil apresenta média ainda maior, sendo 68,4 casos de gestação a cada 1000 meninas entre 15 e 19 anos. Além das consequências já assinaladas, os índices de mortalidade materna são muito maiores nesta faixa etária. Esse risco é duplicado quando falamos de adolescentes com menos de 15 anos de idade (Nações Unidas no Brasil/ONUBR, 2018).

Estes dados apontam para a demanda de um trabalho preventivo e para a sustentação de políticas públicas que favoreçam o cuidado e a construção de projetos de vida para essa faixa etária. Mas, a gestação na adolescência nos apresenta outra informação extremamente relevante: a ausência do preservativo nas relações sexuais entre jovens.

Este ponto é importante não somente nas questões já tratadas até aqui, mas em outro que tem representado enorme preocupação: as infecções sexualmente transmissíveis (IST), antigamente nomeadas como DST (doenças sexualmente transmissíveis).

A nomenclatura foi alterada pois nem todas as infecções apresentam sinais e sintomas de doenças. Por exemplo, o HIV é uma infecção que pode desenvolver inúmeras doenças, mas ele, em si, não é uma doença.

Pesquise mais

Sobre o aumento das ISTs em jovens, leia a matéria:

FERNANDES, L.; MORGADO, M.; CORDEIRO, M. Mudança no comportamento sexual de jovens causa aumento de infecções sexualmente transmissíveis. **Agência Universitária de Notícias**, USP, 2018. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/02/07/mudanca-no-comportamento-sexual-de-jovens-causa-aumento-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

HIV significa vírus da imunodeficiência humana. Ele destrói as células de defesa do corpo, abrindo a possibilidade para o

aparecimento de doenças oportunistas, como câncer. Quando o sujeito que apresenta HIV positivo começa a desenvolver as doenças por conta da sua baixa imunidade é que, então, se instala o quadro da AIDS. A AIDS é a sigla para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (pode ser chamada também de SIDA), ou seja, "a definição de AIDS corresponde ao conjunto de sintomas e sinais que sugerem a presença de doença oportunista comprometedora da vida, consequente à infecção pelo HIV" (PETRI, 1988, p. 184).

Entretanto, o HIV é uma das infecções possíveis de serem transmitidas sexualmente. Outras são: sífilis, gonorreia, cancro-mole, Linfogranuloma venéreo (LGV), herpes simples genital, citomegalovirose, condiloma acuminado, candidíase e trecomoníase, piolhos e sarna (PETRI, 1988).

Assimile

Quadro 2.1 | Informativo sobre as demais ISTs

Sífilis	Causada por bactéria. Se não tratada, ela ficará encubada por anos até que provoque danos neurológicos graves. Tratamento à base de antibiótico, especialmente penicilina.
Gonorreia	Processo inflamatório que, se não tratado, traz danos à uretra e, nas mulheres, pode atingir o colo uterino. Em caso de complicação, os homens podem perder a fertilidade.
Cancro-mole	Causado por bactéria. Surgem úlceras dolorosas nos genitais masculino ou feminino. Um meio simples de prevenção é a higiene antes e depois da relação sexual.
Linfogranuloma venéreo	Começa com uma pequena lesão que se cura espontaneamente em poucos dias. Após duas a quatro semanas surgem gânglios aumentados, geralmente na virilha. Estes gânglios fundem-se entre si e formam uma placa com fístulas por onde flui o pus. Em casos graves demanda intervenção cirúrgica.
Herpes simples genital	Causada por vírus que pode ser ativado por estímulos diversos como febre e estresse. Tratamento difícil, com poucas possibilidades de êxito.

Citomegalovirose	Causada por vírus da mesma família do herpes. Produz uma doença chamada síndrome da mononucleose infecciosa, cujos sintomas são febre, aumento dos gânglios, do fígado e do baço, pneumonia, encefalite, meningite, miocardite, hepatite e uma erupção na pele que parece rubéola. Não há tratamento eficaz.
Condiloma acuminado	Causada por vírus responsável pelas verrugas genitais (cavalo de crista). Pode prosseguir para dentro do reto. Em casos graves necessita de intervenção cirúrgica.
Candidíase e trecomoníase	Causadas por fungo. Produz corrimento nas mulheres, especialmente na puberdade, mas nem sempre está associada à relação sexual. Em caso de persistência do quadro, o parceiro também deve ser tratado.
Piolhos e sarna	O piolho que causa coceira genital é popularmente conhecido como chato. A sarna humana, ou escabiose, apresenta como sintoma mais evidente a coceira, tipicamente noturna, ou após acordar ou tomar banhos quentes.

Fonte: PETRI, Valeria. Doenças de transmissão sexual. In: **Secretaria do Estado da Saúde. Adolescência e Saúde**. Comissão de Saúde do Adolescente. 3. ed. São Paulo: Paris editorial, 1988.

A única forma de prevenir tais infecções é o uso do preservativo (masculino ou feminino), inclusive quando realizados sexo oral e anal. Mas, muitos adolescentes ainda resistem a esse método, quer seja por desconhecimento, por vergonha, por medo de ser abandonado pelo parceiro ou por fantasia de que nada vai lhe acontecer. Por isso, os índices de infecção na adolescência têm aumentado, e a conscientização é o primeiro passo para mudarmos esta realidade.

Segundo Jeolás:

> **[...] os dados estatísticos atuais apontam a faixa etária da adolescência e a do início do jovem adulto como aquela na qual crescem os números de mortes violentas (acidentes e homicídios), de uso de drogas, de gravidez não planejada e de aids. Neste último caso, de acordo com dados da**

> UNAIDS/OMS, 50% dos novos casos de infecção pelo HIIV/ Aids se dão nas faixas etárias próximas à adolescência [...]. No Brasil, perto de 70% dos casos de aids ocorrem na adolescência ou no início da vida adulta. (Jeolás, 2006, p. 143-144)

Percebemos, por esta pesquisa, que há mais de dez anos a questão da sexualidade adolescente é um ponto preocupante. Sabemos que hoje em dia muito se veicula nas mídias sobre esse assunto e que temos mais acesso à informação, mas isso não garante a conscientização para o cuidado. Além disto, a mesma ferramenta (internet) que nos permite ter acesso às informações também proporciona novas possibilidades de encontros. Os aplicativos desenvolvidos para que pessoas busquem relações, ocasionais ou duradouras, estão igualmente ao alcance dos adolescentes. O tão famoso "ficar" tem encontrado suas mais variadas versões no mundo virtual.

Segundo Chaves (1993 apud MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005, p. 4), o "ficar" é definido como "um tipo de relação que independe de qualquer outra, ou seja, não está vinculado a um conhecimento prévio da outra pessoa". Esses encontros podem surgir a partir de um desejo de uma das partes, de ambas ou por influência do grupo.

Lembrando dos ensinamentos freudianos podemos afirmar que o "ficar" se configura como a busca do objeto de amor. Sobre esses encontros, colocamos uma questão na Seção 1.2, cuja pergunta era: e quando o objeto de amor não é o sexo oposto, como no caso das relações homoafetivas? Se tomarmos como referência as teorias freudianas, podemos afirmar que a homossexualidade se desenvolve pelo Complexo de Édipo negativo, ou seja, a criança ama o progenitor do mesmo sexo e tem ciúmes e rivaliza com o progenitor do sexo oposto, conforme explicam Laplanche e Pontalis (2001). Essa é uma das possibilidades para se compreender os encontros homoafetivos, mas muito mais importante do que traçarmos razões teóricas é adotarmos uma postura de respeito às diversidades, sejam elas quais forem.

A psicanálise, principalmente a clássica, tem como eixo a teoria da sexualidade, então, é inerente a ela que teóricos busquem entender

como a homossexualidade ou a heterossexualidade se manifestam. Mas nem ela, nem qualquer outra abordagem podem se configurar como um marcador da verdade, como a única possibilidade de explicação ou compreensão sobre qualquer fenômeno.

Principalmente na adolescência, momento em que o jovem está conhecendo seu corpo, construindo sua identidade e encontrando novos papeis sociais, é comum que as relações homoafetivas ou bissexuais aconteçam. É um momento de vivência intensa da sexualidade e não deve ser tomada como patológica ou como moralmente reprovável.

Ao mesmo tempo, é importante frisar que, embora as experiências homoafetivas e bissexuais sejam consideradas parte da descoberta da sexualidade do adolescente, se, ao alcançar a fase adulta, o encontro permanecer com o par do mesmo sexo, isso também não se configura como patológico. Trataremos melhor deste assunto quando entrarmos na Unidade 3, mas neste momento é importante registrar que a compreensão do profissional de Psicologia não pode estar centrada na moral vigente e construída socialmente, mas, sim, na construção humana que cada sujeito realiza ao vivenciar suas etapas de vida.

Assimile

O papel do psicólogo não é atribuir valor moral ao comportamento humano, e sim realizar uma leitura histórica, social, política e cultural dos fenômenos, garantindo sempre que o sujeito seja tratado com dignidade e respeitando os direitos humanos.

Para não corrermos o risco de sermos reducionistas em relação aos fenômenos das experimentações humanas, o ponto principal quando abordamos a questão da sexualidade na adolescência, ou de seus relacionamentos amorosos, é a orientação. Orientar não no sentido de normatizar ou determinar condutas, mas no sentido de acolher, escutar, entender as singularidades, conduzir de forma respeitosa o encontro com o adolescente.

Outro ponto que demanda escuta ampliada é o uso de substâncias psicoativas (SPA), lícitas ou ilícitas. Muitas vezes associada ao tráfico de entorpecentes, o uso de substâncias provoca falas sociais discriminatórias.

No caso da adolescência, esse tema é ainda mais complexo porque, como já tratamos anteriormente, é o momento de experimentações, de descoberta e de identificação com os pares. Este é outro ponto que tem de ser abordado pelos profissionais de saúde, pelas escolas e pela família. É preciso orientar os adolescentes sobre os riscos para a saúde física e emocional do uso abusivo de SPA, mas também é preciso entender qual é o lugar ocupado pelas substâncias (lícitas ou ilícitas) na vida do adolescente, entender como ocorreu esse encontro e quais motivos o levaram à experimentação.

A questão é que o consumo de SPAs é um assunto correlacionado a diversos fatores. É difícil instigar algum jovem quanto à interrupção do uso com os argumentos atualmente vigentes, quer sejam eles relacionados à moral do consumo ou à saúde pública. Segundo Kehl (2008, p. 190-191), "é difícil convencer um adolescente de que o uso de drogas vai prejudicar sua vida quando a única porta que a sociedade oferece para sua entrada na vida adulta é a porta do consumo – não de objetos, mas de imagens", geralmente associadas aos prazeres da vida e às transgressões. Na saúde pública, então, o argumento é ainda mais ineficaz, porque, como afirma a autora, "o vício pode inutilizar muita gente para os estudos e para o mercado de trabalho, mas, o mercado de trabalho não aproveita nem metade das forças à sua disposição" (KEHL, 2008, p.190-191). Então, para muitos adolescentes, qual o caminho possível?

Em estudo realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas públicas e privadas, em 2010, observamos que a idade média para início do consumo de SPAs encontra-se disposta da seguinte forma: álcool, inalantes, ansiolíticos e tabaco com início aos 13 anos; anfetaminas, maconha, cocaína e crack com início por volta dos 14 anos de idade.

Como concorrer com o prazer e o status que a droga proporciona? Possivelmente, o caminho mais eficaz ainda seja o franco diálogo entre os familiares, o cuidado da escola no que se refere às orientações e políticas públicas eficientes que deem conta de quem busca cuidado. Porém, essas ações somente poderão encontrar algum eco no pensamento adolescente se abandonar o tom moralista, discurso pelo qual ele não se interessa e do qual se afasta cada vez mais.

Contudo, podemos sintetizar os estudos desta seção retomando um ponto já destacado na Unidade 1: não se pode banalizar ou naturalizar as descobertas, as vivências e os sofrimentos que a adolescência produz. É preciso que adultos (família, sociedade e Estado) orientem, ofereçam suporte, informem e cuidem para que a juventude possa transitar rumo ao seu futuro, com possibilidades de vida saudáveis em múltiplos aspectos. Você, como futuro psicólogo, também é parte desta construção.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, Luciana sugeriu que você atendesse uma amiga, Janaína, gestante de 15 anos e que também responde por ato infracional. Você combinou com Luciana que levaria o caso clínico da amiga para a equipe multidisciplinar avaliar as possibilidades de cuidado da jovem. Foi solicitado que você elaborasse um pequeno texto de apresentação desse caso para sua equipe.

Como apontado no Diálogo Aberto, alguns elementos são importantes para elaborar esta apresentação. Abaixo, você encontrará um esboço e poderá utilizá-lo em seu seminário, ao final desta unidade, como exemplo para embasar os conteúdos que serão abordados por você. Apenas lembre-se de colocar somente as iniciais ou trocar o nome da adolescente, pois, apesar de ser uma situação hipotética, é importante treinar a questão do sigilo e da confidencialidade.

Identificação da adolescente: J. X. X.

Idade: 15 anos

Constituição familiar: pai desempregado, mãe trabalha fora de casa e três irmãos mais novos.

Momento atual: J., gestante, vivencia situação familiar de vulnerabilidade. O pai do bebê, maior de 18 anos, encontra-se privado de liberdade. A adolescente foi recrutada pelo tráfico e aceitou trabalhar de forma ilícita para poder contribuir financeiramente em casa, evento que culminou em flagrante realizado pela polícia. Apesar disso, o Juiz da Vara da Infância determinou uma medida socioeducativa em meio aberto, ao invés da privação de Liberdade na Fundação CASA. Isto é possível porque o Estatuto da Criança e

do Adolescente prevê que a internação em unidade educacional, como a Fundação CASA, seja a última alternativa, ao se aplicar medidas em respostas aos atos infracionais cometidos por adolescentes. Desta forma, J. está cumprindo Liberdade Assistida, com um orientador de medida que a direciona quanto às questões escolares e profissionais, além de analisar a situação de sua família, buscando para promovê-la socialmente.

Outro ponto importante para que esta equipe reflita no manejo e no cuidado da adolescente em questão se refere à gestação. É importante ajudar J. nas consultas de pré-natal, pois segundo as Nações Unidas do Brasil/ONUBR (2018), os índices de mortalidade materna em adolescentes são muito maiores se comparados à mulher em idade adulta. Além disso, é preciso compreender os fatores associados a este evento, analisar as questões emocionais da adolescente e oferecer suporte inclusive na investigação de possíveis ISTs.

Desta forma, diante da complexidade deste caso clínico, é preciso problematizar ações de cuidado que considerem o momento atual de J. e que estejam condizentes com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Faça valer a pena

1. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi criado a partir da Lei 8.069/1990 e se configura enquanto instrumento legal que considerou, pela primeira vez na história do país, crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, devendo a família, a sociedade e o poder público assegurar-lhes o respeito à vida, à liberdade, à dignidade, entre outros direitos inerentes à pessoa humana.

Sobre o ECA, é correto afirmar que:

a) A criança, ao nascer, necessita de provisão ambiental suficientemente boa, para que possa crescer de forma saudável, tanto no âmbito físico como no psíquico.
b) O menor é sempre objeto de cuidado e de intervenção do Estado e dos adultos, devendo, portanto, ser protegido de todas as formas de discriminação, violência e crueldade.
c) Ao completar 16 anos, os adolescentes são responsáveis pelos crimes que cometem, devendo ser responsabilizados a partir do Código Penal.

d) Uma das responsabilizações previstas para adolescentes em ato infracional é a Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade.
e) Uma das punições previstas à criança que comete ato infracional é a reparação do dano, quando há condição financeira para isso.

2. Sobre as possíveis responsabilizações atribuídas ao adolescente em conflito com a lei, correlacione a coluna da esquerda com sua definição à direita, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente:

1. Advertência.	( ) Adolescente permanece em atividade externa durante o dia, retornando à Fundação CASA no período noturno.
2. Prestação de serviço à comunidade.	( ) Medida não poderá exceder 3 anos, devendo a equipe multidisciplinar avaliar o comportamento do adolescente a cada 6 meses.
3. Liberdade assistida.	( ) Adolescente realiza tarefas junto à sociedade (escolas e hospitais, por exemplo), não podendo exceder a carga horária de 8 horas por semana.
4. Regime de semiliberdade.	( ) Repreensão verbal assinada pelos responsáveis.
5. Internação em estabelecimento educacional.	( ) Adolescente acompanhado por orientador de medida que deverá, entre outras tarefas, supervisionar a frequência escolar e orientar quanto às questões de profissionalização.

A ordem correta, de cima para baixo, é:

a) 1, 2, 3, 4, 5.
b) 2, 3, 5, 1, 4.
c) 2, 4, 3, 1, 5.
d) 4, 5, 1, 2, 3.
e) 4, 5, 2, 1, 3.

3. Analise as assertivas abaixo:

I. O Código de Menores, legislação vigente antes da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), compreendia que pessoas menores de 18 anos de idade configuravam-se sujeitos de direitos e, portanto, deveriam ser protegidos através de programas de atendimento. Uma conduta que deveria ser readotada e que

vigorava na época anterior à promulgação do ECA é o discurso recorrente dos adultos sobre os prejuízos do uso de drogas, por meio de palestras em centros educacionais. Este discurso promovia efeitos de conscientização nos jovens e evitava o abuso de substâncias psicoativas (SPA), lícitas ou ilícitas.

II. Quando estamos diante de um casal composto por pares do mesmo sexo biológico, é preciso analisar o momento de vida destes sujeitos, antes de determinar se haverá necessidade de intervenção do profissional de Psicologia, pois quando se tratar de casais homoafetivos em período de adolescência, as experimentações sexuais são consideradas parte do momento de descobertas e identificação desta fase. Porém, quando estamos diante de casais homoafetivos maiores de 18 anos, é preciso realizar investigação substancial dos conteúdos psíquicos, uma vez que tal comportamento poderá configurar uma patologia e, portanto, deverá receber a melhor intervenção possível e ética do profissional de Psicologia.

A partir dos estudos realizados nesta seção, podemos afirmar que:

a) A assertiva I está correta, pois segundo Kehl (2008), o discurso de que a droga prejudica a vida do sujeito é um instrumento eficaz na prevenção ao consumo abusivo de substâncias psicoativas; enquanto que a assertiva II está incorreta, pois as configurações amorosas de cunho homoafetivo não podem ser patologizadas, independentemente da idade dos sujeitos envolvidos.
b) A assertiva I está incorreta, pois o discurso protetivo de que a droga traz prejuízos para a vida dos sujeitos, bem como a possibilidade de inserção de jovens em programas de proteção, surgiram após a promulgação do ECA, e não antes; enquanto que a assertiva II está correta, pois, na adolescência o Complexo de Édipo é revivido e, portanto, para que tenha uma resolução saudável, é esperado que seu efeito negativo, instalado na fase fálica, segundo a teoria freudiana, seja resolvido neste momento.
c) A assertiva I está incorreta, pois o Código de Menores, vigente antes da promulgação do ECA, não compreendia a importância do cuidado, como programas de atendimento de proteção, pois tratava crianças e adolescentes como objetos de intervenção; enquanto que a assertiva II está correta, pois, na adolescência o Complexo de Castração é revivido e, portanto, para ter uma resolução saudável, é esperado que seu efeito negativo, instalado na fase fálica, segundo a teoria freudiana, seja resolvido neste momento.
d) As assertivas I e II estão corretas, pois ambas se referem às diversidades da fase da adolescência, os conflitos a ela relacionados e, principalmente, sua relação direta com os processos sócio-históricos e culturais.

e) As assertivas I e II estão incorretas, pois, primeiramente, o Código de Menores, vigente antes da promulgação do ECA, tratava crianças e adolescentes como objetos de intervenção e não como sujeitos de direitos. Além disto, segundo Kehl (2008), o discurso de que a droga é prejudicial à vida não convence os adolescentes; e, por fim, independentemente da faixa etária, não se pode patologizar as relações homoafetivas.

Seção 2.2

Adolescência, mundo interior e mundo exterior

Diálogo aberto

Seja bem-vindo à Seção 2.2.

Nesta etapa abordaremos temas contemporâneos, como padrões estéticos, consumo cultural, mídia e redes sociais. Qual é o impacto destes elementos no desenvolvimento da juventude brasileira? Você já imaginou o quanto somos estimulados a comprar, a adquirir um produto que nem sabemos se precisamos? Já percebeu que há sempre alguma propaganda perto de nós? Será que essa publicidade maciça tem influenciado o desenvolvimento da adolescência atual? E a Geração Z? Já ouviu falar dela? Como será que a Psicologia pode atuar, considerando as particularidades desta geração?

A situação-problema desta seção o levará a refletir sobre essas questões. Você se lembra de Janaína, amiga de Luciana, mencionada na seção 2.1? Pois bem, após a apresentação do caso dessa adolescente, a equipe multidisciplinar que atua com você concordou que seria importante ofertar espaço de acolhimento a ela. Porém, a aproximação não tem sido fácil. Janaína se recusa a frequentar outros atendimentos que não sejam os relacionados ao pré-natal, mas você acredita ser importante o cuidado dessa adolescente também em relação à sua saúde mental. Portanto, sabendo que ela, assim como Luciana, gosta muito de tecnologia, você imaginou que poderia se aproximar utilizando este recurso. Com base nos conteúdos aprendidos nesta seção, elabore um projeto de intervenção que possa aproximá-lo de Janaína. Para realizar essa atividade, sugerimos que você contemple as seguintes questões: qual recurso (instrumento, tecnologia, material) utilizará? Qual o objetivo do uso do recurso escolhido (como ele poderá aproximar vocês)? Qual estratégia vai usar? Ou seja, como será essa aproximação: você tentará encontros sem hora marcada, espontâneos ou serão encontros com hora marcada? Será em conjunto com alguma atividade que ela esteja realizando? Contará com a participação de outro profissional? Se sim, quem seria?

É fundamental que a Psicologia esteja conectada às mudanças culturais e sociais e, sem dúvida, a inserção tecnológica é um dos pontos mais desafiadores de nossos tempos. Como propor ações virtuais que não transgridam a ética profissional? É importante estar sempre atento ao Código de Ética do Profissional de Psicologia e também às Resoluções constantemente publicadas.

Mas, para este momento, os conteúdos apresentados nesta seção auxiliarão você no desenvolvimento dessa atividade. Portanto, dedique-se aos estudos, interaja com o conteúdo, amplie seus conhecimentos a partir do Pesquise Mais e use sua criatividade para se conectar ao aprendizado proposto por esta disciplina.

Bons estudos!

Não pode faltar

Seja bem-vindo à seção 2.2!

Você já pensou sobre o quanto a mídia interfere em nossas escolhas? Pensou sobre quantas vezes as propagandas publicitárias nos capturam a ponto de acreditarmos ser imprescindível possuir determinado objeto? Alguns de nós, inclusive, estamos sempre atentos às últimas tendências da moda, vestindo marcas que determinam um lugar no seio de uma sociedade que privilegia imagens e aparências.

Se muitos adultos cedem aos desejos das bem elaboradas propagandas, imaginemos os adolescentes! Obviamente, como você já aprendeu, não se trata de generalizações. Cada sujeito responderá a partir de suas realidades, internas e externas, às demandas de consumo, mas, de forma geral, podemos afirmar que o adolescente em nossa sociedade é um sujeito em busca de aceitação de seu grupo, logo, há uma forte tendência de esse público consumir determinados objetos (e, portanto, imagens) para conquistar seu espaço de pertencimento, que também proporciona sentimentos de segurança.

Para termos uma ideia do quanto as indústrias podem lucrar com os adolescentes, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância/UNICEF (2011), 11% da população brasileira se configura por pessoas entre 12 e 17 anos, ou seja, são mais de 21 milhões

de meninos e meninas vivendo nas mais diversas condições socioeconômicas e culturais, que se tornam alvo potencial do mercado de consumo e, apesar de haver ofertas para todos os estilos e rendas, o adolescente em situação de vulnerabilidade social e econômica é, inquestionavelmente, mais prejudicado nessa sociedade consumista. Diuturnamente, esses meninos e meninas recebem estímulos para comprar, transformando o objeto a ser adquirido em um ideal de referência e pertencimento.

Para Bauman (2008), a sociedade de consumo na qual vivemos tem como base a promessa de satisfação dos desejos de forma que nenhuma outra sociedade anterior alcançou, mas, essa promessa só permanece sedutora se o desejo continuar não realizado. Assim, a busca pela falsa satisfação gera um círculo vicioso que nos leva ao consumo insaciável, movimentando toda uma indústria que alimenta nossa sociedade de consumo.

Além disso, vivemos em uma "Era do descartável": os produtos são planejados para uma curta duração, seja por sua própria constituição material ou pela rápida obsolescência causada por lançamentos constantes de novas versões. Esse movimento é um dos sintomas da "síndrome consumista" que, entre outras características, "encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e sua satisfação, assim como a satisfação e o depósito de lixo. A *'síndrome consumista' envolve velocidade, excesso e desperdício*" (BAUMAN, 2008, p. 111, grifo do autor).

A questão central não é o consumo em si (o ato de adquirir um bem), mas a função simbólica existente na aquisição de determinado produto. Em cada objeto, há uma representação social, muitas vezes velada, que se constrói a partir da cultura, do contexto no qual o sujeito está inserido e também a partir da imagem vendida pela marca em suas dispendiosas campanhas publicitárias.

De acordo com Belk (1988) o 'ter e ser são distintos, mas inseparáveis' (p. 146), pois o consumidor, de forma consciente ou não, considera suas posses como parte dele mesmo e desta forma, o ato de possuir e consumir tem elevada significância na construção da identidade individual. Por meio de interpretações dos simbolismos incutidos em propagandas, campanhas publicitárias e demais agentes

> de construção de modelos sociais, o ser busca manifestar sua identidade, circunstâncias sociais e estilo de vida. (CARVALHO; QUEIROZ; BERGAMO, 2017, p. 71)

Exemplificando

Imagine dois modelos de tênis semelhantes, porém, um pertence a uma marca famosa e elitizada e o outro pertence a uma empresa sem expressividade no mercado de consumo e com custo popular. Na lógica (equivocada) de uma sociedade, o consumo do que é mais caro é visto como uma prática de quem tem alto poder. Em contrapartida, o consumo do que é mais popular e mais barato é visto como uma prática de quem têm limites financeiros. Assim, em uma cultura consumista, somos integrados a determinado status social conforme nosso poder econômico. Mesmo que não seja nossa intenção, a escolha da marca de um, por exemplo, acaba por nos categorizar em determinado perfil de consumidor para o mercado e, simbolicamente, essa classificação também passa a indicar nosso lugar de pertencimento nesse tipo de sociedade (de consumo).

Algumas pessoas não se importam tanto com essas questões, mas é preciso considerar que, diante de infinitas mensagens transmitidas através das mídias (televisivas, digitais, etc.), é difícil escapar deste engodo por muito tempo.

Para Bauman,

> é comum se pensar (embora seja possível mostrar que de maneira incorreta) que aquilo que os homens e mulheres lançados ao modo de vida consumista desejam e almejam é, em primeiro lugar, a apropriação, a posse e a acumulação de objetos, valorizados pelo conforto que proporcionam e/ou respeito que outorgam a seus donos. (BAUMAN, 2008, p. 42)

O autor, citando Colin Campbell (2004), afirma que um marco importante foi o deslocamento do consumo para o consumismo, ou seja, antes algo que era importante, agora torna-se essencial.

Explicando melhor: o consumo é parte de nossa sociedade e está associado às necessidades de sobrevivência, considerando o contexto em que vivemos (água, alimento, vestimenta). Porém, este consumo já não sustenta o sistema competitivo que regula o mercado. É preciso comprar cada vez mais e, para isso, as empresas não vendem somente os produtos, mas a imagem associada a eles, como já tratamos, buscando convencer a sociedade de que é preciso ter para pertencer. É desta forma que passamos do consumo ao consumismo. Em outras palavras, podemos afirmar que o consumismo está associado ao desejo (de pertencimento, de ascensão social, de poder). Portanto, para estimular este consumo frenético, as indústrias contam com o apoio das mídias que incitam a massa, indiscriminadamente, atingindo todas as idades, gêneros e classes sociais. O importante é convencer a sociedade de que ela precisa comprar, transformando-a em uma sociedade de consumo (BAUMAN, 2008).

Exemplificando

Um exemplo claro de que a sociedade consome imagem (e não somente o produto) aconteceu o dia 14 de maio de 2018. O vocalista da banda Iron Maiden, Bruce Dickinson, foi a São Paulo para dar uma palestra sobre empreendimento. Até aqui, nenhuma novidade, pois, muitas pessoas fazem este tipo de palestra sobre como se dar bem no mercado competitivo. A questão foi o valor do ingresso cobrado para assistir à apresentação (não musical) do cantor (que é também empresário, piloto de avião, mestre cervejeiro e esgrimista): até R$ 1900,00. O que as pessoas compraram? A palestra do cantor multitarefas ou a imagem de sucesso que ele representa? Será que estas mesmas pessoas pagariam este valor para ouvir as dicas de sucesso de um empresário bem-sucedido, mas desconhecido e não midiático?

Fonte: CRUZ, Felipe Branco. Em SP, público paga até R$ 1900 para ouvir lições de empreendedorismo de Bruce Dickinson. Música. São

Paulo: UOL, 14 maio 2018. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/14/em-sp-publico-paga-ate-r1900-para-ouvir-licoes-de-empreendedorismo-de-bruce-dickinson.htm>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Pois bem, se o mercado ataca a todos indiscriminadamente, como reagem os adolescentes diante desta realidade? Considerando o período da adolescência como um movimento marcado pela procura de uma identidade, pela autoafirmação, pelas novas descobertas, isso pode significar um "prato cheio" para os apelos publicitários de consumo (ou, como abordamos anteriormente, um contexto propício para o consumismo – aquele que é desenfreado e irracional). Neste contexto, os adolescentes, enquanto grupo, são conceituados:

> **pela Confederação Nacional da Indústria [CNI] (2014) como consumidores que se sentem mais atraídos pelo design agregado aos bens e pelo ambiente de compra do que pelo preço baixo. Assim, os adolescentes são altamente influenciados por produtos e serviços que reflitam seu estilo de vida, sua compulsividade, baixa resistência ao risco e seu grande exercício de consumo, comprando, por vezes, bens desnecessários. (RIBEIRO, 2005 apud CARVALHO; QUEIROZ; BERGAMO, 2017, p. 69)**

Sendo assim, cabe-nos perguntar: qual a nossa responsabilidade, enquanto sociedade, neste ciclo vicioso de consumo? Alertar os jovens, instruí-los e levá-los a uma consciência crítica em relação a seus impulsos de compra e à sedução consumista transmitida pelas mídias. Porém, é uma missão delicada, uma vez que nós também pertencemos a esta sociedade de consumo, mas importante para revermos esta relação mercadológica e irracional.

Um produto que reflete o estilo de vida dos adolescentes e que, portanto, tece uma relação profunda com o consumo é a música. A música, ou o estilo musical, funciona como mecanismo de encontro dos iguais, dos pares. Vamos pensar em um exemplo prático: algum tempo atrás, a tribo juvenil dos emos fazia muito sucesso entre aqueles que se identificavam com um comportamento mais introspectivo, por vezes, melancólico. Para eles, pertencer ao grupo era vestir-se como emo: franja para o lado, de preferência lisa, roupas escuras e lápis de cor preta em volta dos olhos. Mais recentemente, um grupo bastante oposto surgiu: os *happy rockers*. Diferentemente dos emos, os jovens

que pertencem a esse grupo procuram transmitir sentimentos de alegria, utilizando peças de roupas e acessórios coloridos e, por vezes, extravagantes (CERETTA; OLIVEIRA-CRUZ, 2012).

Como afirma Bauman (2008 apud CERETTA; OLIVEIRA-CRUZ, 2012, p. 73), "[...] para que a identidade seja mantida, ela não pode estar despida dos seus constituintes moderadores, os objetos de consumo, ou 'kits identitários fornecidos pelo mercado".

Figura 2.1 | Foto de um adolescente emo

Fonte: <https://pixabay.com/pt/menino-homem-emo-goth-punk-grunge-414534/>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Figura 2.2 | Estilo *Happy Rockers* (banda Restart)

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banda_Restart_e_Amigo.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Uma característica importante relacionada ao consumo musical juvenil é o uso da internet como meio de divulgação e propaganda, especialmente o YouTube, mas também há ferramentas como o Instagram, o Facebook, etc. O YouTube é um espaço muito

valorizado e tornar-se um youtuber, ou seja, um apresentador com seu próprio canal no site, virou o ápice do desejo de muitos adolescentes. Quem atua com propaganda e marketing já entendeu isso. Por esta razão, esse canal é um veículo de aproximação entre as marcas e os jovens consumidores e, quanto mais acessos o canal recebe (e, preferencialmente, quanto mais curtidas ele ganha), mais patrocinadores ele terá. E estes patrocinadores fazem o quê? Vendem suas marcas, impondo uma idealização do que seriam os adolescentes no mundo de hoje.

Grande parte dos jovens mantém-se muito tempo conectada à internet e a utiliza para consumir músicas ou produtos, para se entreter com jogos online e mídias sociais (como WhatsApp e Facebook), para iniciar amizades e paqueras, para se autoafirmar, autopromover e também para aprender. Tais comportamentos estão presentes porque estes adolescentes pertencem à Geração Z, constituída por pessoas nascidas após meados da década de 1990.

A internet e as redes sociais criaram vários fenômenos simultâneos. Entre eles está a existência de uma geração, chamada Geração Z, que consome informação de forma compartimentada, como se cada compartimento fosse uma peça de quebra-cabeça. Ninguém mais quer montar todo o quebra-cabeça. As pessoas querem separar apenas as peças que as interessam para lhes dar o conhecimento desejado. Assim, a coesão entre as peças não é dada por elementos textuais, mas pela curiosidade individual, pelo interesse específico de cada pessoa. (FABER, 2011, p. 1)

Em pesquisa realizada ficou evidente este dado sobre a conexão virtual dos adolescentes. Os pesquisadores entrevistaram 2002 pessoas, entre 12 e 17 anos, em 150 municípios das cinco regiões brasileiras e consideraram, para traçar o perfil destes usuários, dados como local de moradia (área urbana ou rural), renda, gênero, raça/cor e escolaridade. O resultado apontou que 70% dos adolescentes estão incluídos efetivamente no mundo digital (UNICEF, 2013). São aproximadamente 15 milhões de meninos e meninas com acesso integral (ou quase integral) a todo o conteúdo disponível na rede mundial de computadores e precisamos olhar

para isso. Ninguém nega que esta revolução digital trouxe enormes benefícios a todos nós, mas o uso demasiado tem provocado fenômenos importantes e, por vezes, perigosos. Hoje em dia, há clínicas de tratamento especializadas em dependência causada por equipamentos tecnológicos. Exagero? Realidade? Ainda é difícil mensurar com precisão.

> **Especialmente no caso de crianças e adolescentes, vale ressaltar que toda a parafernália tecnológica atual, muitas vezes, é utilizada como fuga ou válvula de escape. Frequentemente, o envolvimento excessivo nada mais é do que a sinalização de dificuldades preexistentes. Está se tornando também mais frequente uma nova síndrome denominada de tecnoestresse. Ela se caracteriza pelo desejo incontrolável de verificar constantemente o correio eletrônico ou os programas de mensagens instantâneas como o MSN; de estar sempre atento ao toque do celular ou de brincar no computador ou dedilhar no celular em todos os momentos livres e, muitas vezes, ao mesmo tempo, nas multitarefas, induzindo aos quadros de ansiedade generalizada. (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011, p. 47)**

Prosseguem as autoras afirmando que, quanto ao corpo, podemos notar: a síndrome do olho seco (fadiga e ressecamento ocular), lesões por esforços repetitivos, transtorno do sono com alterações significativas de humor, perda auditiva provocada por ruído, obesidade, dores nas articulações causadas pela postura corporal errada, uso de substâncias psicoativas lícitas (como medicamentos) ou ilícitas que são vendidas indiscriminadamente pela rede e, inclusive, quadros convulsivos por estímulo luminoso do monitor de determinados programas.

Além disso, a dificuldade de fiscalização nesse ambiente virtual expõe crianças e adolescentes às situações de risco, quer seja através de abusadores sexuais e pornografia, quer seja através de *cyberbullyings* (o *bullying* realizado pela internet), que podem provocar intenso sofrimento psíquico, incluindo quadros psicopatológicos como a depressão. Ademais, o uso abusivo das tecnologias virtuais traça uma linha tênue entre o privado e o público, entre o real e o não-real, entre a conexão e a solidão.

Assimile

O *bullying* se configura como atos de violência (física ou psicológica) recorrentes e intencionais que ocorrem entre os pares, a partir de uma relação de dominação: enquanto um (ou um grupo) domina, o outro é dominado (BRASIL, 2015).

Recentemente, sentimos esse risco sendo manifestado pelo Baleia Azul, considerado um jogo, mas nem de longe cumpria tal função. A onda, iniciada em 2017 na Rússia, levou inúmeros adolescentes ao suicídio por todo o mundo. Este evento também provocou muitos debates entre pais, filhos, educadores e a mídia. Começamos a desconstruir o tabu relacionado ao suicídio. Será? O fato é que, abandonados em uma rede de conexões concebida, muitas vezes, como terra de ninguém, os adolescentes estão expostos e vulneráveis às ameaças que a internet pode provocar. Apesar de isso também existir no mundo real, sua detecção é menos complexa, pois envolve um limite físico, concreto. Já na rede mundial de computadores, este parâmetro físico torna-se virtual, quase imperceptível aos olhos menos atentos, ampliando a vulnerabilidade e reduzindo nosso controle sobre essas ameaças. Além disso, muitas vezes, o acesso a esses conteúdos se dá na própria casa do adolescente, dando uma falsa sensação aos pais de que os filhos estão protegidos – o que não é verdade.

Saiba mais

O Baleia Azul consiste em um desafio com 50 etapas, sendo a última delas o suicídio. Os desafios vão desde assistir filmes de terror todos os dias, às 4h da manhã, à automutilação. Toda etapa concluída deve ser enviada ao moderador do desafio – uma pessoa desconhecida e acessada virtualmente.

O Baleia Azul também trouxe à tona outro tabu contemporâneo: o *cutting*, nome em inglês para a automutilação. Esse fenômeno, muitas vezes banalizado, pode representar um profundo sofrimento psíquico, que não consegue ser revelado de outra forma. Faltam

dados epidemiológicos suficientes para confirmar o aumento desse comportamento no Brasil, mas estudos realizados nos Estados Unidos e no Reino Unido dão conta do aumento de casos relacionados a essa prática, na última década (RENNÓ, 2014).

Pesquise mais

Apesar de não ser um texto recente, se levarmos em conta a velocidade da era digital, este artigo apresenta problematizações importantes para a Psicologia:

LIMA, Nádia Laguárdia et al. Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 2-18, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Paradoxalmente, a rede que nos conecta a tudo e a todos tem provocado solidão e desamparo. O que deixamos de ver, enquanto sociedade? São tantas as informações recebidas que não conseguimos processar a gravidade de alguns acontecimentos. Afinal, "como calculou Ignácio Ramonet, nos últimos 30 anos se produziu mais informações no mundo do que nos 5 mil anos anteriores" (BAUMAN, 2008, p. 54).

Reflita

Qual o papel da Psicologia neste cenário que se desenha?

Todos os pontos discutidos até aqui estão relacionados ao consumo, embora nem todos se vinculem à obtenção de bens e produtos concretos. Em alguma medida, toda inserção no contexto virtual, ou identificação com a mídia, demanda a aquisição simbólica de uma imagem, de um lugar social e de pertencimento. Esse consumo é francamente observado nos padrões estéticos vendidos como modelo de perfeição: às mulheres, a magreza curvilínea, "típica da mulher brasileira"; aos homens, o corpo atlético e musculoso, símbolo de virilidade.

Repare nos comerciais de cerveja, em comerciais de carro, em algumas manifestações artísticas e musicais: o que é cultuado? Foi a partir da década de 1960 que o corpo ideal passou a ser objeto de consumo. Atualmente, é nítida a discriminação em relação aos indivíduos considerados pouco atraentes, e o adolescente sofre diretamente o impacto desta exclusão, sendo muito comum em seus diálogos a insatisfação com o corpo (DEL CIAMPO; DEL CIAMPO, 2010). Ainda segundo os autores, a busca pela imagem corporal vendida midiaticamente pode acarretar riscos à saúde dos adolescentes que acabam lançando mão de estratégias não saudáveis, em busca de um ideal a ser consumido (o próprio corpo): uso de anabolizantes, atividades físicas em exagero, restrição alimentar (podendo levar à anorexia) e consumo do alimento seguido do sentimento de culpa, possibilitando o desenvolvimento da bulimia.

Pesquise mais

Para compreender os aspectos clínicos desses dois transtornos alimentares (anorexia e bulimia), sugerimos a leitura do artigo:

FERNANDES, Marcia Antunes. Anorexia nervosa e bulimia na adolescência: diagnóstico e tratamento. **Adolescência & Saúde**. 2007; 4(3): 41-44. Disponível em: <http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=99>. Acesso em: 29 jun. 2018.

O papel dos pais e cuidadores é imprescindível para que o adolescente se proteja desta pressão externa, desta venda de ideais utópicos a serem consumidos, e consiga constituir-se de forma saudável.

A autoridade organizadora dos pais e cuidadores tem papel primordial, pois contribui, a partir de vínculos estáveis e saudáveis, para um processo harmônico de construção de uma nova imagem corporal. Nessa medida, a perspectiva contemporânea do efêmero e do imediato, a idealização do corpo perfeito e a busca por corpos-imagem poderão localizar-se na dimensão do sonho adolescente, da

> construção fantasiosa que aos poucos se transforma, com as bordas de uma realidade adulta estável, em um universo sustentável na estabilidade corpórea a partir de uma imagem corporal embasada nas vivências construídas ao longo da vida. (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 77)

A internet e a mídia são facas de dois gumes. Se manuseadas de forma incorreta poderão representar grande perigo, mas se as utilizarmos a partir de suas potências construtivas, também poderão promover ações muito saudáveis a todos nós, especialmente aos adolescentes da Geração Z. Um exemplo desses benefícios vem de estudos realizados pelo UNICEF:

> [...] por todo o País, adolescentes vêm utilizando a comunicação, como estratégia e como instrumento, para transformar a realidade em suas escolas, comunidades e cidades. Hoje, existem pelo País inúmeras iniciativas desenvolvidas por organizações não governamentais, com apoio ou não do Poder Público, que aliam a energia, o potencial e a criatividade dos adolescentes às infindáveis possibilidades geradas pelas novas mídias, fazendo um trabalho que une comunicação, educação e mobilização social, sob a denominação de educomunicação. (UNICEF, 2011, p. 122)

Em alguns municípios e também no nível federal, a educomunicação tornou-se política pública, como o Programa Mais Educação – vinculado à política de ensino integral do Ministério da Educação. Inclusive, pessoas envolvidas com esse tema (considerando, também os adolescentes) têm pleiteado a construção de um currículo escolar mais ajustável a essa realidade, contemplando disciplinas como língua portuguesa e matemática, defendendo que esse ajuste é capaz de contribuir para a reformulação do modelo tradicional (e ultrapassado) ainda vigente em nosso ensino, procurando conectar-se às demandas deste novo século (UNICEF, 2011).

Reflita

A questão que envolve essa inovação é: os educadores que não pertencem à Geração Z estão preparados para lidar com as novas tecnologias e superar o modelo ultrapassado de ensino?

Um exemplo do potencial dessa ferramenta para os adolescentes inseridos no mundo digital é a ONG Viração, criada em São Paulo, em 2003, que "nasceu como um projeto social de comunicação, educação e mobilização social entre adolescentes, jovens e educadores em temas como direitos humanos e cultura" (UNICEF, 2011, p. 122). Um dos projetos desta ONG é a circulação de uma revista, cujo impacto atingiu 3,5 milhões de pessoas. Ela é dirigida, editada e diagramada por adolescentes e conta com a parceria de mais de trinta instituições responsáveis pelos conselhos jovens (Virajovens). As pautas são discutidas presencialmente e pela internet. Esses adolescentes recebem treinamento e acompanhamento de educadores e profissionais de comunicação. Em alguns conselhos, há a participação efetiva de jovens com deficiências ou adolescentes em Medida Socioeducativa. Com este engajamento, "o resultado é um processo em que os adolescentes escrevem para eles mesmos. Enquanto fotografam e fazem vídeos, promovem iniciativas de sensibilização social em suas comunidades e escolas" (UNICEF, 2011, p. 123).

Percebemos, com essa iniciativa, que a mídia e as ferramentas da internet, ao mesmo tempo em que apresentam riscos, podem ser utilizadas estrategicamente como dispositivos de aproximação, empoderamento e protagonismo, de construção de identidades fortalecidas, conscientes política e socialmente, capazes de transformar a realidade local e lutar por um futuro com menos disparidades e injustiças.

Porém, cabe lembrar que, enquanto 70% dos adolescentes estão inseridos no mundo digital, conforme pesquisa descrita anteriormente, 30% deles estão excluídos. Segundo o UNICEF:

> **Os adolescentes que já utilizaram o computador, mas não têm acesso à internet podem ser agrupados segundo as seguintes características: vivem majoritariamente na zona**

> rural (17%), moram nas regiões norte (11%) e nordeste (11%) e pertencem a famílias de baixo poder aquisitivo, com renda de até 1 salário mínimo (18%) e pertencentes à classe D/E (25%). (UNICEF, 2013, p. 12)

Esses dados apenas reiteram as desigualdades existentes em nosso país e acentuam as diferentes adolescências brasileiras. A era digital é um caminho sem volta e cada vez mais se configura como uma rota indispensável na construção e manutenção de nossa sociedade atual. Por essa razão, é inegável a importância da criação de estratégias de inclusão desses adolescentes nos aparatos tecnológicos, possibilitando que esse espaço não-geográfico, mas contornado de limites e cuidados, constitua-se em um mundo sem barreiras para o desenvolvimento saudável da criatividade juvenil. E que novos estudos no campo da Psicologia deem conta dos benefícios promovidos pelas novas tecnologias e também que, cada vez mais, os adultos (sejam eles pais, cuidadores, professores, profissionais da saúde, legisladores, etc.) estejam conscientes de seu papel protetor e educador dessa Geração Z e de todas as consoantes que virão futuramente.

Reflita

Como você, futuro psicólogo, poderá contribuir positivamente com esta realidade?

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você, hipoteticamente, como psicólogo que atua em equipe multidisciplinar, teve o desafio de desenvolver junto à Janaína uma estratégia de cuidado que contemplasse o uso de tecnologias – das quais tanto ela, quanto a amiga Luciana, fazem uso. Janaína é uma adolescente de 15 anos, gestante, que apresenta dificuldades para se vincular aos outros cuidados que não seja o pré-natal. Dessa forma, com base nos conteúdos aprendidos nesta seção, você deverá elaborar um projeto de intervenção para se aproximar desta adolescente. Este projeto

deve descrever: qual recurso (instrumento, tecnologia, material) você utilizará; o objetivo do uso deste recurso (como ele poderá aproximar vocês); qual estratégia você utilizará, ou seja, como será esta aproximação (você tentará encontros espontâneos? Com hora marcada? Em conjunto com alguma atividade que ela esteja realizando? Contará com a participação de outro profissional?).

Uma proposta possível é aproveitar o vínculo que Janaína tem com o cuidado de pré-natal. Você poderá envolver os profissionais da medicina e enfermagem neste trabalho, uma vez que estão mais próximos da adolescente. Abaixo segue uma sugestão de projeto:

Recurso: fotografia e ferramentas da internet, como Instagram e Blog.

Estratégia: convidar Janaína para registrar o desenvolvimento de sua gestação e, ao mesmo tempo, expressar sentimentos relacionados ao seu momento de vida, tanto gestacional como o próprio processo de adolescer.

Os encontros poderão ser quinzenais, condicionados à consulta de pré-natal (ou mensal, se for o caso). Após cada consulta, Janaína é convidada a escrever sua experiência nesse Blog e registrar sua modificação corporal através da fotografia, que será disponibilizada no Instagram. Lembre-se que, por se tratar de pessoa com menos de dezoito anos, é importante que os responsáveis registrem em documento a concordância com a atividade proposta (podendo ser uma declaração simples). Você poderá obter mais informações sobre o processo de cuidado de crianças e adolescentes no art. 8º, do Código de Ética do Profissional de Psicologia, disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Os profissionais que já possuem vínculo com a adolescente poderão auxiliar você nesta aproximação. Na medida em que Janaína verbaliza seus sentimentos, você, enquanto psicólogo, poderá trabalhar estes conteúdos de forma delicada, objetivando o acolhimento nesse momento singular e a construção de estratégias para superar os desafios inerentes à sua condição.

Profissionais envolvidos: psicólogo, médico e enfermeiro.

Faça valer a pena

1. Leia o trecho abaixo:

> **Um manual de moda muito influente, muito lido e respeitado, editado para a temporada outono-inverno por um jornal prestigioso, ofereceu 'meia dúzia de visuais-chave para os próximos meses, que vão colocar você à frente da tendência de estilo'. Essa promessa foi adequada e calculada com habilidade para chamar a atenção. Com muita habilidade, na verdade, pois com uma frase curta e ágil conseguiu abordar todas, ou quase todas, as preocupações e os estímulos alimentados pela sociedade de consumidores e nascidos com a vida de consumo.**

Fonte: BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação de pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 107.

Esta sociedade de consumidores produz a síndrome consumista que, segundo Bauman (2008), se refere:

a) Ao comportamento humano que demanda a aquisição de um bem ou produto necessário, mas sem urgência de ser adquirido.
b) Ao comportamento de consumo que envolve velocidade na aquisição e uso racional do produto.
c) A um sintoma psicopatológico de consumo, que pode interferir significativamente na vida financeira das pessoas.
d) Ao movimento que encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo, promovendo uma satisfação passageira.
e) Ao movimento iniciado na década de 1960 e que objetivou o culto ao corpo, como produto a ser consumido.

2. Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmativas abaixo:

( ) A Geração Z é composta por jovens que nasceram sob o império das tecnologias virtuais.
( ) Em uma sociedade consumista, o consumo é desenfreado e irracional.
( ) Uma das formas de consumo simbólico é o próprio corpo, cultuado como padrão estético.
( ) A educomunicação está relacionada à comunicação e educação a partir das novas mídias.

Assinale a sequência correta, de cima para baixo:

a) V, V, V, V.
b) V, V, F, V.
c) V, F, V, V.
d) F, F, V, V.
e) F, F, F, F.

3. Leia o trecho abaixo, retirado da poesia de Mario Quintana:

"Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!"
(O adolescente)

(QUINTANA, Mário. O adolescente. In: QUINTANA, Mário. **Prosa e Verso**. São Paulo: Globo, 1997).

Considerando a poesia de Mario Quintana e os conteúdos apreendidos nesta seção, podemos afirmar:

(I) Os apelos de consumo, disseminados pela mídia, consideram que os jovens vestem-se com seus desejos.

PORQUE

(II) A adolescência anda nua, pois os jovens, em geral, não têm autonomia financeira.

Analisando as afirmações acima, conclui-se que:

a) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
b) As duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.
c) A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
d) A primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
e) As duas afirmações são falsas.

Seção 2.3

Intervenção e projetos com adolescentes

Diálogo aberto

Ingressar no mercado de trabalho, escolher uma carreira profissional, arquitetar projetos de vida quando ainda é momento de construir identidades e papéis sociais são desafios presentes na adolescência contemporânea. Nesta última seção da Unidade 2, abordaremos a complexidade e a delicadeza da Orientação Profissional (OP) transitando pelas legislações brasileiras (que garantem o emprego, o trabalho e a renda como direitos sociais), pela análise do modelo econômico neoliberal e apresentando uma das metodologias possíveis para a realização desta prática.

Será que todos temos acesso às mesmas oportunidades? A conquista de um trabalho ou de uma carreira é, necessariamente, um mérito individual? Como podemos desenvolver uma OP?

O conteúdo didático desta seção foi construído para possibilitar que você, futuro profissional da Psicologia, reflita não somente sobre como contribuir com a inserção de jovens no mercado de trabalho, mas também sobre os aspectos mais amplos que envolvem o campo do trabalho. Antes de iniciarmos este estudo, vamos conhecer a situação-problema desta seção.

Você, enquanto psicólogo de um serviço público, tem acompanhado as adolescentes Luciana e Janaína, com manejos diferenciados a partir da demanda de cada uma. Porém, o que você tem observado é que um dos pontos em comum entre elas, além de serem amigas, é o fato de que ambas têm pensado sobre o futuro. Luciana verbaliza sua vontade de ser médica veterinária, apesar de seus pais insistirem para que ela, ao concluir o Ensino Fundamental, faça um curso técnico voltado para a área de tecnologia; Janaína, por sua vez, não sabe qual o caminho profissional seguir, pois está gestante de 7 meses e ainda não decidiu se abandonará os estudos. Diante destas duas realidades e compreendendo que a inserção no mercado de trabalho envolve aspectos muito mais amplos do que apenas a conquista de um emprego, você resolveu

desenvolver uma atividade coletiva para abordar o tema dos dilemas relativos à adolescência. Portanto, dentre os conteúdos estudados nesta unidade, escolha um para elaborar o seminário, cujo título é Adolescência e Contemporaneidade.

Perceba que todas as seções (tanto da Unidade 1, como da 2) convergem para um ponto em comum: a importância de ampliarmos nosso olhar ao analisarmos os aspectos da vida humana, afinal, somos seres plurais, influenciados por muitos sistemas (família, sociedade, economia, processos internos, etc.).

Então, vamos estudar agora sobre os dilemas adolescentes envolvendo escolha profissional, projeto de vida e as pressões psicológicas presentes no processo de escolha.

Bons estudos!

Não pode faltar

Seja bem-vindo à última seção desta unidade de ensino!

Antes de começarmos, vamos fazer um exercício? Resgate em sua memória como você decidiu ser psicólogo. Quais caminhos você percorreu e ainda percorre para alcançar esta meta profissional? Quais pessoas estiveram ao seu lado e apoiaram sua decisão? E, principalmente, quais fatores influenciaram a sua escolha?

São questões como estas que atravessam adolescentes e jovens adultos, quando o assunto é decidir qual carreira seguir. Esta decisão é bastante influenciada pelo meio em que vivemos, inclusive pelos modelos familiares. Desta forma, quando o psicólogo realiza uma intervenção, no sentido de orientar a construção de projetos de vida, é imprescindível considerar o contexto socioeconômico-cultural em que as pessoas estão inseridas.

Mas como contribuir para que as pessoas construam seus projetos de vida ou encontrem um caminho profissional que ofereça sentido a elas? Um dos instrumentos da Psicologia é a Orientação Profissional (OP). A OP geralmente envolve inúmeras técnicas: entrevistas individuais; aplicação de bateria de testes que avaliam aptidões, personalidade, habilidades técnicas; busca de informações sobre carreiras; e, no caso dos adolescentes, pode incluir o atendimento familiar. Ela também engloba profissionais

da Psicologia, da Educação e de outras áreas que buscam fomentar ações para o desenvolvimento profissional dos indivíduos (Associação Brasileira de Orientação Profissional/ABOP, 2016).

Apesar de haver múltiplas possibilidades de definição acerca do termo Orientação Profissional (ou vocacional, como também é conhecida), seu objetivo é promover autonomia nos processos decisórios em relação à vida profissional. Portanto, é importante esclarecer que o orientador não decide o caminho a ser seguido pelo orientando, mas atua como facilitador na construção destas possibilidades (LISBOA, 2017).

> Ao longo da sua história a psicologia *latu sensu* e a psicologia vocacional em particular, na vertente da orientação e do aconselhamento da carreira, têm procurado responder aos desafios da justiça social (Guichard & Huteau, 2001). A primeira expressão dessa resposta está associada às origens da psicologia vocacional, na segunda metade do século XIX (Savickas & Baker, 2005). No começo do século XX, o mundo estava em mudança e a teoria e a prática da orientação vocacional começam a surgir em vários países. Neste novo domínio do conhecimento, podem destacar-se pioneiros como Parsons, nos Estados Unidos da América, Munsterberg, na Alemanha, Christiaens, na Bélgica, Claparède, na Suíça, Binet e Piéron, em França, Faria de Vasconcelos, em Portugal, Mira y López e José Germain, em Espanha, sem esquecer a projeção que estes três últimos tiveram na América Latina (Ferreira Marques, 1993); e no Brasil, a partir dos anos 70, é consensual considerar a influência que os trabalhos e a presença de Rodolfo Bohoslavsky tiveram nessa área (Duarte, 2000). O principal objectivo era procurar dar resposta a um conjunto de necessidades individuais e sociais. Uma das formas de eficiência social e de desenvolvimento de ideias progressistas tinha como base a maneira como as pessoas escolhiam a sua vida de trabalho. (CARDOSO; DUARTE; SOUSA, 2016, p. 258)

Um dos fatores fortemente associado à trajetória profissional é a condição financeira das famílias. Desejar uma profissão e ter acesso a ela ainda não é a realidade para muitos brasileiros, apesar

do significativo aumento no ingresso ao Ensino Superior, por exemplo, ou ao Ensino Técnico, ou, ainda, às linhas de crédito para jovens empreendedores.

Segundo Andrade (2016 apud VALLE, 2018), muitos jovens de baixa renda ainda desconhecem as vias de ingresso à universidade. Em pesquisa realizada pelo autor, com 193 estudantes, apenas 3 sabiam do que se tratava o vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), responsável por selecionar alunos para a Universidade de São Paulo (USP). Esse mesmo desconhecimento também foi observado pelo professor de administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quando "durante a visita (realizada em uma escola de seu município), uma aluna disse que somente conseguiria pisar na universidade pública se fosse na equipe da limpeza" (VALLE, 2018, [s.p.]).

A realidade social tratada aqui também foi problematizada por Bock (2010) ao afirmar que a Orientação Profissional acabou se consolidando enquanto ferramenta acessível às classes econômicas mais privilegiadas, diferentemente da população em situação econômica menos favorecida, que vivencia condições escolares precárias e desinvestidas de um trabalho que potencialize a construção de projetos de vida. Além disso, prossegue o autor, decidir sobre os rumos profissionais não é necessariamente um processo autônomo, pois a própria realidade social faz com que alguns sujeitos sejam incluídos nessa "escolha", enquanto outros não. Esse movimento "inclusão versus exclusão" pode ser claramente observado em países que se firmam sobre modelos econômicos neoliberais, como é o caso do Brasil.

> **Para pensar a Orientação Profissional nos tempos de hoje, não se pode deixar de falar nas mudanças que vêm ocorrendo na esfera da produção. Se quisermos uma teoria e uma prática que não desconheça a história e não naturalize os fenômenos sociais e psicológicos, deveremos considerar, em termos econômicos, a globalização e, em termos ideológicos, o neoliberalismo. (BOCK, 2010, p. 27)**

Assimile

O Neoliberalismo é um modelo econômico que privilegia a iniciativa privada, devendo o Estado garantir a infraestrutura básica para a manutenção dos processos produtivos, intervindo somente em momentos de crise (PENA, [s.d.]).

Por conta da competição provocada por este modelo de economia, os sujeitos são estimulados desde pequenos a ter escolhas profissionais que garantam o seu sucesso, especialmente em famílias que buscam manter ou conquistar posições sociais importantes. Além disso, esse modelo se alimenta das classes sociais menos favorecidas, produzindo uma lógica de privilégio para poucos. Não à toa falamos tanto de desigualdade em nosso país. As pessoas trabalham para sustentarem a si e a seus familiares, mas, ao mesmo tempo, o labor proporciona o aumento do lucro dos empresários. Assim, uma grande fatia da nossa população é quem sustenta uma pequena porção bilionária. Mas podemos pensar: se não trabalharmos, não sustentamos nossas famílias. Sim, essa é a lógica do sistema: precisamos do trabalho e muitas vezes não refletimos sobre a lógica latente nessa relação (empregador-empregado), alimentamos a riqueza de uma parcela muito pequena, esforçamo-nos para garantir o mínimo de nossa sobrevivência, voltamos a precisar do trabalho e, assim, esse ciclo se repete.

Além do mais, esse modelo econômico nos faz acreditar, enquanto sociedade, que o sucesso depende somente de nosso esforço pessoal individual. É a conhecida meritocracia e é nesse paradigma meritocrático que a juventude inicia sua jornada profissional.

> **É muito comum no Brasil, principalmente depois da ascensão de parte da população com os programas de transferência de renda do governo, algumas pessoas recorrerem ao conceito de "meritocracia". Essa ideia é, normalmente, utilizada para criticar as medidas sociais usando a justificativa de que todos têm as mesmas oportunidades e que o mérito verdadeiro – o sucesso profissional, por exemplo – depende única e exclusivamente do esforço individual. (REVISTA FÓRUM, 2015, [s.p.])**

Pesquise mais

A reportagem a seguir apresenta um quadrinho desenhado pelo ilustrador australiano Toby Morris que, didaticamente, esclarece os perigos de acreditarmos no modelo meritocrático.

REVISTA FÓRUM. Quadrinho desconstrói o conceito de "meritocracia". 1 jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/quadrinho-desconstroi-o-conceito-de-meritocracia/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Parte dos jovens com acesso precário à educação ou a outras formas de cultura e aprendizagem ingressam no mercado informal para contribuir com o sustento familiar e, com o tempo, o caminho para a formalidade torna-se mais distante, porque a condição de concorrer igualmente com outras pessoas (especialmente as que tiveram oportunidades de ampliar seus conhecimentos e estudos) é despotencializada. Fora isso, há a questão da cultura familiar que pode ou não contribuir para a construção de um processo de trabalho desejante e satisfatório. Porém, ao mesmo tempo, essa cultura familiar também está inserida na lógica neoliberal de funcionamento do sistema capitalista.

Reflita

Qual o papel da Psicologia em meio ao modelo neoliberal?

Mas por que estamos falando tanto em neoliberalismo? Porque compreender o impacto do sistema político-econômico nas construções sociais é fundamental para orientar o adolescente e o jovem adulto que busca construir seu projeto profissional. Esta compreensão também é importante para fomentarmos políticas públicas e outras iniciativas que ofereçam a possibilidade de acesso às escolhas de carreira, sejam elas no meio acadêmico ou não. Analisar esse contexto é possibilitar saídas reais para os projetos de vida e é também subverter a lógica do sistema que deposita nas pessoas as responsabilidades por seu sucesso ou insucesso.

Pesquise mais

O artigo a seguir relata a experiência de um projeto de Orientação Profissional focado no fortalecimento das políticas públicas, especialmente aquelas que objetivam a inclusão no mercado de trabalho.

LISBOA, Camila Pereira. Uma experiência de orientação profissional no contexto de políticas públicas. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 105-114, jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v18n1/10.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Portanto, não se esqueça: ao realizar a atividade prática desta seção, faça uma leitura ampliada do contexto social no qual os sujeitos entrevistados estão inseridos. Esta leitura ampliada é a pedra fundamental de nossa profissão, tanto para não atuarmos de modo reducionista, como para deslocarmos do sujeito a responsabilização que, na verdade, está associada às formas de (des)organização desta sociedade desigual.

Em relação às políticas sobre trabalho e renda, no Brasil há legislações e programas específicos para a inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho. Dentre as legislações encontram-se a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e o Estatuto da Juventude e entre os programas encontramos o Jovem Aprendiz, criado a partir da Lei 10.097/00 (BRASIL, 2000).

De acordo com o Estatuto da Juventude, criado com a promulgação da Lei 12.852/2013, é direito do jovem o acesso ao trabalho e à renda, "exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social" (BRASIL, 2013, art. 14). Esta legislação apresenta o recorte etário entre 15 e 29 anos de idade, sendo que, para os jovens até 18 anos, o Estatuto da Juventude será utilizado somente quando não conflitar com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2013). Dessa maneira, segundo a Constituição Federal – texto legal que alicerça o ECA –, é proibido qualquer trabalho aos menores de 16 anos, exceto em condição de aprendizagem e estando o adolescente com 14 anos ou mais (BRASIL, 1988, art. 7º, inciso XXXIII). Aos menores de 18 anos de idade, aprendizes ou

não, a Constituição Federal proíbe o trabalho noturno, perigoso, insalubre e penoso, bem como, atividades realizadas em locais que prejudiquem sua formação ou seu desenvolvimento (físico, psíquico, moral e social).

A condição de aprendiz é determinada pela formação teórico-profissional e deve obedecer aos seguintes princípios: "I. garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular; II. atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente; III. horário especial para o exercício das atividades" (BRASIL, 1990, art. 63).

> **Regulamentada pelo Decreto no 5.598, de 1º de dezembro de 2005, e com as diretrizes curriculares estabelecidas na Portaria MTE no 615, de 13 de dezembro de 2007, a aprendizagem proporciona a qualificação social e profissional adequada às demandas e diversidades dos adolescentes, em sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, dos jovens, do mundo de trabalho e da sociedade quanto às dimensões ética, cognitiva, social e cultural do aprendiz. (MANUAL DE APRENDIZAGEM, 2009, p. 9)**

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) é a legislação que regulamenta a aprendizagem dos adolescentes. O programa Jovem Aprendiz contempla pessoas entre 14 e 24 anos de idade, cujo contrato de trabalho não deve exceder dois anos, sendo desenvolvido por empresas qualificadas para este fim. Cabe destacar também que o jovem deve estar matriculado em educação de ensino ou ter concluído o ensino médio e estar vinculado a instituições qualificadas para ministrar cursos de aprendizagem. Todas as empresas com mais de 7 funcionários são obrigadas a contratar aprendizes, respeitando o percentual disposto no art. 429 da CLT. Esta normativa se estende para empresas públicas (MANUAL DE APRENDIZAGEM, 2009).

Exemplificando

Alguns exemplos de instituições formadoras são os Serviços Nacionais de Aprendizagem: SENAI (indústria), SENAC (comércio), SENAR (rural), SENAT (transporte), escolas técnicas e entidades sem fins lucrativos

com registro no Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (CMDCA).

Em pesquisa realizada com adolescentes sobre suas percepções a respeito do primeiro emprego, podemos observar discursos que apontam tanto para os desafios impostos pela inserção no mercado de trabalho, como para a potencialidade existente neste processo. Abaixo destacamos duas falas dos jovens pesquisados, retiradas de um artigo publicado:

> **A única coisa assim de dificuldade é, eu não boto limites em mim. Eu tenho mania de estudo, muito, e isso acaba me prejudicando; sabes, às vezes eu vou dormir duas horas da manhã, três da manhã e ter que acordar às cinco e meia no outro dia, pra sair seis e quarenta de casa. Aí eu tenho que controlar isso, mas é o cansaço. Chega uma hora que você: 'Ai meu Deus o que que eu tô fazendo? Por que que eu estou fazendo?' Mas o resto... (SOUSA; FROZZI; BARDAGI, 2013, p. 923)**
>
> **A minha responsabilidade aumentou muito mais... E eu aprendi muita coisa lá dentro, tanto como falar, como se comportar. Todas as coisas eu aprendi lá. Então, eu aprendi a me controlar mais, a controlar os meus sentimentos. (SOUSA; FROZZI; BARDAGI, 2013, p. 924)**

Para Novello (1990 apud LARA et al., 2005), escolher um trabalho é também escolher a maneira como o adolescente participará do mundo. Além disso, não é incomum que as pressões internas e externas promovam no jovem uma precipitação em sua tomada de decisão, podendo gerar arrependimento e desencadeando sintomas de intensa ansiedade e frustração. Por esta razão, é muito importante que estejamos atentos e preparados para contribuir com a construção de projetos de vida dessas pessoas.

Como a Psicologia pode contribuir com este momento? Segundo Whitaker (1997 apud LARA et al., 2005), a Psicologia pode apontar interesses, características de personalidade, valores,

aptidões que contribuirão para a escolha do sujeito – sem desconsiderar, claro, que este jovem está submetido às influências da família, dos amigos, do sistema político-econômico e também da moda. Ainda para as autoras, esta decisão desperta sentimentos de medo, incerteza, angústia e confusão, especialmente quando os jovens atribuem a si toda a responsabilidade pelo objetivo a ser conquistado. Além disso, não podemos nos esquecer que a sociedade promove ainda mais angústia quando reforça a ideia de que a escolha profissional é para a vida toda. Será que é mesmo?

> **Quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família. (ALMEIDA; PINHO, 2008, p. 174)**

Reflita

A adolescência é o momento mais apropriado para que os jovens decidam sobre seu futuro profissional?

Almeida e Pinho (2008) afirmam que, desde o nascimento, as pessoas vivenciam a projeção dos desejos dos pais (ou cuidadores) sobre elas e, desta forma, muitas vezes, apesar de ter sido realizada a orientação profissional, alguns jovens optam por uma carreira que agrade seu núcleo familiar. Neste sentido, é imprescindível trabalhar com esses jovens a influência dos aspectos familiares sobre suas decisões, possibilitando que eles se conscientizem de suas escolhas.

Construir uma identidade pessoal ao mesmo tempo que se convoca para o desenvolvimento de uma identidade profissional é tarefa delicada no processo de adolescer, principalmente porque implica em optar por algo em detrimento de outro. Por vezes, o adolescente, ou jovem adulto, não se sente preparado para tal tarefa e, na ânsia de realizar tudo o que deseja, frustra-se. Esta frustração

pode ser importante no sentido de apontar dados de realidade a este jovem e favorecer seu processo de amadurecimento. Mas, ao mesmo tempo, exige atenção em relação à evolução de sofrimento psíquico, como um quadro de ansiedade severa ou depressão, por exemplo. Por esta razão, este momento pode ser vivenciado como uma situação de difícil resolução.

Nesse sentido, Santos (2005 apud ALMEIDA; PINTO, 2008, p. 178) coloca que "a família é apontada pela literatura como um dos principais aspectos que podem tanto ajudar quanto dificultar o jovem no momento da decisão profissional". Devido à grande importância que ocupam no processo de decisão da escolha de seus filhos, os pais devem ser incluídos no cuidado, quer seja para receber orientação no sentido de que o adolescente é um sujeito de subjetividades e desejos, ou para desmistificar conteúdos que podem potencializar o prejuízo desse momento, como escolher uma profissão somente baseada em seu retorno financeiro. Obviamente, a questão da remuneração é importante, mas deve ser analisada com cuidado, uma vez que, ao desenvolver uma atividade que lhe proporcione prazer, o jovem (e até mesmo os adultos mais velhos) poderá encontrar sentido no trabalho ao mesmo tempo que a identidade profissional construída oferta sentido à sua própria vida.

Desta forma, considerando as especificidades do momento da adolescência e do jovem adulto que busca conquistar seu lugar social e considerando a legislação vigente, como poderíamos desenvolver um projeto de vida para esta população?

Pesquise mais

Neste vídeo, adolescentes e idealizadores do Projeto *Tô no Rumo* problematizam a questão das escolhas profissionais.

TÔ NO RUMO. Um mundo além da escola – jovens e escolha profissional. 27 set. 2017. 5min18s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=148&v=o9c-ZEoXpyI>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Um ponto importante para começarmos este trabalho é nos conscientizarmos de que as escolhas estão associadas a um dado momento de nossa vida, ou seja, elas não são eternas. Com isso, os planos podem ser elaborados a curto, médio e longo prazo como uma projeção suscetível às mudanças, uma vez que nos constituímos nos dinamismos de nossas relações com o externo e com nossos recursos internos.

> **O projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. [...] O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significados à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. (VELHO, 1994, p. 101 apud MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011, [s.p.])**

É possível que, nos dias atuais, enfrentemos outros desafios na construção dos projetos de vida, como a efemeridade do tempo proporcionada também pela velocidade das informações e do avanço tecnológico. Como vimos na seção anterior, a geração atual de jovens e adolescentes nasceu inserida neste contexto pós-moderno e na rapidez com que as informações são transmitidas (e esquecidas). Este é um dado importante ao projetarmos, ao lado do jovem, suas metas profissionais e pessoais.

> **Para Erikson (1968/1976), o estabelecimento do projeto de vida é a base para a resolução bem sucedida da crise de identidade do adolescente. Esse autor também sugere que encontrar um projeto de vida é uma das tarefas mais importantes da adolescência, pois possibilita o comprometimento do jovem com papéis adultos. (GOBBO, 2016, p. 36)**

Uma técnica que pode favorecer a projeção profissional é a narrativa da própria história. Podemos utilizar dos meios tecnológicos para realizar esta atividade. Muitos profissionais,

como Moran (2018), indicam esta técnica como um momento importante de reconstrução do passado, conectada com o tempo atual e com as perspectivas futuras.

Saiba mais

Para acessar mais ações relacionadas à juventude e suas escolhas de carreira profissional e de vida, visite o site da Ação Educativa (uma Organização Não Governamental que atua baseada nos direitos humanos, por meio da educação, da cultura e do contexto juvenil), através do link <http://acaoeducativa.org.br/>. Acesso em: 2 jul. 2018. Esta entidade desenvolve o projeto *Tô no Rumo* que trata da relação do jovem com sua escolha profissional, disponível no link <http://www.tonorumo.org.br/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Sugerir que o jovem construa a narrativa de sua história é possibilitar reflexões importantes sobre os sistemas que o compõem (familiar, cultural, social e econômico). Porém, você poderá se perguntar: agora que entendemos a importância da família, da conjuntura social e política e das nuances que envolvem a construção de um projeto de vida, na prática, como o psicólogo desenvolve uma OP? Vamos apontar alguns caminhos, mas o conteúdo tratado não esgota as inúmeras possibilidades metodológicas envolvidas nesta atividade.

Para esclarecer, a OP pode ser desenvolvida tanto individualmente como em grupo. Esta escolha depende do interesse dos sujeitos, da demanda e da orientação teórica do psicólogo, do contexto de trabalho no qual ele está inserido e do objetivo da atividade.

Segundo Soares et al. (2007 apud LAGO, 2015), quando a OP é realizada com adolescentes, geralmente utiliza-se a estratégia de grupos por oferecer ao indivíduo a perspectiva de identificar-se com o coletivo, desenvolvendo seu sentimento de pertença, além de favorecer a troca de experiências, de dúvidas, de angústias, dos medos e das descobertas.

Uma das possibilidades práticas é a seguinte: inicialmente, o psicólogo realiza entrevistas individuais, que podem contemplar o levantamento da história pregressa (anamnese) e do momento atual. Inclui habilidades e aptidões que o sujeito reconhece ter e os pontos que ele considera necessários para serem trabalhados.

Além disso, sempre que possível, é importante conhecer a dinâmica familiar (a profissão dos pais, a situação econômica da família, os desejos e pressões deste contexto). Pode-se também identificar quais caminhos ele percorreu para desenvolver sua carreira profissional, tais como cursos realizados, e como ele se sentiu ao realizar estas atividades. O psicólogo pode lançar mão de material exclusivo da profissão, como os testes psicológicos que avaliam personalidade, aptidão e interesse. Também poderá realizar com o interessado pesquisas relacionadas ao campo profissional, incluindo entrevistas com profissionais da área, na tentativa de capturar o dia a dia de trabalho da carreira pretendida. Em alguns casos, como vimos, a orientação familiar é necessária. Atender aos pais, ouvir seus anseios em relação ao futuro profissional dos filhos e trabalhar as perspectivas reais pode contribuir para que as ansiedades e angústias desse momento sejam minimizadas.

Esse modelo é mais tradicional e, conforme a abordagem psicológica, apresenta algumas variações. Outro modelo, proposto por Bock (2001), extrapola e segue para uma vertente sócio-histórica que "combate a concepção do ser humano natural e abstrato", ou seja, compreende que somos multideterminados, "apontando caminhos para entender o indivíduo na sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética" (BOCK, 2001, p. 43-44).

Desse modo, o autor desenvolveu em sua pesquisa de mestrado um programa no qual a OP é realizada em três módulos, totalizando 15 sessões, todas em grupo. Esta técnica era desenvolvida de forma multidisciplinar por ele e por seus colaboradores desde 1981 e foi aprimorando-se com o tempo. O grupo, segundo Bock (2001), foi o modelo de trabalho escolhido por acreditar que esse formato possibilita a troca entre os sujeitos, no qual um aprende com o outro e privilegia a diversidade. Segundo o autor, os módulos são organizados da seguinte forma:

O módulo I, denominado O significado da escolha profissional, está dividido em quatro sessões:

- 1ª sessão: apresentação do programa e a apresentação do grupo.
- 2ª sessão: discussão de temas como vestibular, mercado de trabalho e meios de comunicação.
- 3ª sessão: trabalha-se a relação de gênero e a escolha

profissional, além da relação desempenho escolar e escolha. Esta sessão inclui dados estatísticos que apontam que os homens escolhem mais as áreas de exatas, enquanto as mulheres optam geralmente pelas áreas biológicas ou humanas. A partir desse dado, apresenta-se uma questão para o grupo: "como se pode entender que homens e mulheres escolham de forma tão diferente?" (BOCK, 2001, p. 57). Esta pergunta dispara discussões relacionadas ao contexto social e o quanto o meio influencia nossas decisões. Discute-se também as diferenças salariais entre homens e mulheres e sua relação com a cultura.

- 4ª sessão: realiza-se uma síntese de todos os encontros desse primeiro módulo e busca-se promover o fortalecimento da relação grupal.

O módulo II, denominado O trabalho, divide-se em duas sessões, sendo:

- 5ª sessão: discute-se, através de dinâmicas de grupo, o conceito de trabalho.
- 6ª sessão: complementa a anterior, aprofundando ainda mais o conceito de trabalho e incluindo temas como força de trabalho, mercadoria, vocação e desemprego, desenvolvendo uma análise crítica sobre esses conteúdos.

Por fim, o **terceiro módulo, denominado *Autoconhecimento e informação profissional***, contempla nove sessões, sendo elas:

- 7ª sessão: são trabalhadas as primeiras informações sobre as profissões, porém, de forma bastante ampliada em relação às abordagens tradicionais, através das *fichas das profissões*. Neste caso, divide-se o grupo em trios. Cada subgrupo recebe informações gerais sobre as profissões (como o Guia do Estudante da Editora Abril) e tem o objetivo de organizar as 106 fichas recebidas (uma para cada profissão) em oito grupos, de acordo com suas características (e não simplesmente através da divisão básica entre humanas, biológicas e exatas).
- 8ª sessão: finalização da atividade anterior, entrega do gabarito da atividade para que os subgrupos analisem acertos e erros, além de ser o momento em que as dúvidas são

esclarecidas. Depois, cada pessoa deve selecionar os grupos de profissões que mais lhe atraem e, em seguida, selecionar as profissões que mais lhe agradam.

- 9ª sessão: desenvolve-se uma dinâmica para que todos os sujeitos do grupo possam se conhecer melhor e, ao final, são problematizadas questões como a influência dos grupos sociais (família, comunidade, escola, etc.) no desenvolvimento individual. Também é solicitado que os sujeitos respondam individualmente duas perguntas: uma sobre a expectativa da família sobre ele e suas escolhas profissionais, e a outra sobre o que ele próprio espera de si.
- 10ª sessão: são trabalhadas informações profissionais a partir da realidade de cada sujeito, através de atividades de escrita e compartilhamento com o grupo. Nesta sessão, as pessoas também são orientadas a pesquisar sobre as profissões escolhidas na oitava sessão.
- 11ª sessão: trabalha-se, através de dinâmicas, o autoconhecimento.
- 12ª sessão: novamente, trabalha-se o tema das profissões por meio de dinâmica de grupo.
- 13ª sessão: aprofunda-se o trabalho de autoconhecimento, também através de dinâmicas e atividades lúdicas.
- 14ª sessão: realiza-se uma síntese denominada pelo autor como síntese afetiva (BOCK, 2001, p. 74). Nesse momento, aplica-se dinâmica que solicita que o sujeito se imagine dando uma festa quando ele estiver se formando. Todos os convidados desta festa são pessoas que têm alguma profissão. Pelos cartões das profissões, ele deve selecionar quais seriam os convidados desta festa. Depois, precisa compartilhar porquê escolheu tais pessoas.
- 15ª sessão: são realizadas sínteses dos encontros em três passos, sendo que, no primeiro, a pessoa deve escrever sobre como ela percebe o que está em torno de suas escolhas (situação política, econômica e social); na segunda síntese, deve-se registrar de que modo o indivíduo se percebe; e na terceira ela sintetiza a sua aproximação com as profissões. Por fim, elabora-se uma redação conclusiva sobre como ela se vê diante de sua escolha profissional.

Ainda, segundo Bock (2001), após esses encontros poderão ser realizadas orientações individuais, caso necessário.

Como descrito anteriormente, este modelo faz parte de uma ampla gama de metodologias que envolvem a OP. À medida que você se interessa pelo tema, poderá descobrir outras possibilidades de desenvolvimento deste trabalho. A principal questão é que, ao realizar esse processo, você se oriente pelo sujeito. Em qual sentido? Considerando, além de seus interesses e habilidades, o contexto social no qual está inserido, ampliando sua visão de mundo. Além disso, é imprescindível pautar suas ações em instrumentos reconhecidos pela ciência psicológica, especialmente no que se refere à aplicação de testes. Sempre que você utilizar esse material em sua prática, quer seja na OP ou em outra atividade, certifique-se de o instrumento esteja válido, uma vez que são constantemente revisados e podem ser suspensos. Para saber quais desses instrumentos estão autorizados, acesse o site do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia: <http://satepsi.cfp.org.br/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Saiba mais

Nesse artigo você encontrará o relato de uma experiência de OP realizada com filhos de trabalhadores de uma empresa alimentícia.

BECKER, Ana Paula Sesti; BOBATO, Sueli Terezinha; SCHULZ, Mariajosé Louise Caro. Meu lugar no mundo: relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, dez. 2012. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2018.

A promoção de tomada de consciência poderá oferecer um norte para essa delicada e complexa tecedura do caminho profissional. Um dos papéis da Psicologia, enquanto ciência e profissão, é estar ao lado neste momento revelador de potencialidades, respeitando o sujeito enquanto portador de sua verdade e de sua trajetória de vida.

Sem medo de errar

A situação-problema desta seção está associada à construção de um seminário, com o tema Adolescência e contemporaneidade.

É importante que, ao construir esta apresentação, você realize uma leitura ampliada sobre o tema que vai abordar. Enfatizamos este ponto, pois ele é fundamental para o fazer da Psicologia enquanto ciência e enquanto profissão: analisar além do que a realidade nos apresenta, além do sintoma, da queixa, da psicopatologia, da transgressão, procurando desconstruir estereótipos e ideias pré-concebidas de senso comum. O psicólogo deve tecer uma leitura que envolva não somente aspectos intrapsíquicos, mas que contemplem a realidade socioeconômica e cultural na qual as pessoas estão inseridas. Promover a superação de uma análise reducionista é um traço importante desta profissão.

Por esta razão, tentando treinar sua habilidade crítica e reflexiva, ao escolher um tema para o seu seminário, procure estudar quantas fontes de informação (confiáveis e científicas) forem possíveis, mesmo que elas se contraponham, pois dificilmente haverá um consenso neste fazer tão diversificado. As construções teóricas com visões de mundo diferentes são importantes para fomentarmos esta compreensão ampliada de que estamos tratando.

Para ajudá-lo na seleção de um tema, vamos relembrar os conteúdos abordados nesta unidade:

Adolescência e ato infracional, gestação na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis, relações amorosas, uso e abuso de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas, adolescência e o mundo digital, padrões estéticos na adolescência, mídia e consumo cultural, orientação profissional e mercado de trabalho, projetos de vida e dilemas relacionados à construção de uma carreira. É possível que, dependendo do tema escolhido, ele se correlacione com outros porque, em alguma medida, todos estão imbricados. Explore a sua criatividade e bom trabalho!

Faça valer a pena

1. A orientação profissional deve compreender o contexto no qual o jovem está inserido. Ela é um instrumento importante para aqueles que vivenciam pressões de diversas ordens, quando o assunto é a carreira a seguir.

O programa de Orientação Profissional elaborado por Bock (2001) e colaboradores é desenvolvido em 3 módulos. Como é caracterizada a segunda sessão do módulo 1?
(Concurso Marinha do Brasil, 2017, adaptado)

a) Abordagem da relação gênero e escolha e a relação do desempenho escolar com a escolha.
b) Dedicação total à apresentação de como o programa é desenvolvido e ao mútuo conhecimento dos membros do grupo.
c) Colocação de três temas em pauta: o mercado de trabalho, os meios de comunicação e o vestibular.
d) Início do processo de informação profissional, através de dinâmica que inclui o jogo de fichas das profissões.
e) Atividade de autoconhecimento por meio de estratégia grupal e problematizada a influência do grupo social.

2. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmativas abaixo:

( ) No que se refere ao trabalho e à renda, o adolescente está respaldado pelo Estatuto da Juventude, podendo exercer qualquer atividade laborativa desde que seus direitos trabalhistas sejam respeitados.
( ) A condição de aprendiz é determinada pela formação teórico-profissional e deve garantir acesso e frequência ao ensino regular, atividade compatível como desenvolvimento do jovem e horário especial de trabalho.
( ) Quando o adolescente escolhe uma profissão, estão em jogo somente suas aptidões e interesses e, por esta razão, torna-se fundamental a orientação do profissional de Psicologia, que trabalhará a partir de suas potencialidades.
( ) O projeto de vida é uma antecipação da trajetória do indivíduo e articula-se com a memória, ofertando significado à vida e às atitudes e, assim sendo, este projeto oferta também sentido à própria identidade dos sujeitos.

A sequência correta, de cima para baixo, é:
a) V, F, V, F.
b) V, V, V, V.

c) F, F, V, V.
d) F, V, F, V.
e) F, F, F, F.

3.

> O ingresso de jovens com escolaridade tão precária no mercado de trabalho é preocupante. Como destaca um relatório divulgado em janeiro de 2016 pelo Banco Mundial, a evasão precoce é o caminho mais comum na América Latina para ingresso nas estatísticas dos homens jovens que nem estudam nem trabalham. Sem as habilidades necessárias para conquistar uma vaga no mercado formal, o mais comum é que esses jovens se ocupem no setor informal, sem direitos trabalhistas e com mais instabilidade. Uma vez que perdem o emprego, dificilmente voltam a estudar. No relatório, o Banco Mundial diz que escolas precisam monitorar a situação de jovens em risco de evasão e sugere uma abordagem socioemocional, com ações de tutoria e acompanhamento individualizado.

Fonte: INSTITUTO UNIBANCO. **Quem são os jovens fora da escola**. Gestão. Aprendizagem em foco. n. 5. fev. 2016. Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/5/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Considerando a sugestão do Banco Mundial, suponha que um psicólogo escolar, objetivando prevenir a evasão escolar, realize orientação profissional dos adolescentes entre 16 e 17 anos de idade. A partir desta situação hipotética analise as asserções abaixo:

I. É fundamental que o orientador considere a realidade socioeconômica no qual o jovem está inserido.

PORQUE

II. O modelo de sociedade vigente influencia diretamente as escolhas profissionais.

A respeito destas asserções, assinale a resposta correta:
a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Associação Brasileira de Orientação Profissional [ABOP]. **Oferta de Serviço de Orientação Profissional na Educação Básica**. ABOP: 2016, [s.l.]. Disponível em: <http://abopbrasil.org.br/documentos>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECKER, Ana Paula Sesti; BOBATO, Sueli Terezinha; SCHULZ, Mariajosé Louise Caro. Meu lugar no mundo: relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 253-264, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional**: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253384>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **Orientação Profissional para classes pobres**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. **Estatuto da juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015**.

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CARDOSO, Paulo; DUARTE, Maria Eduarda; SOUSA, Augusto. Desenvolvimento vocacional e aconselhamento de carreira: contributos para a justiça social. **Rev. bras. orientac. prof.**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 257-266, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v17n2/13.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CARVALHO, Andrya Verena Silva Rosa de; QUEIROZ, Larissa Soares de; BERGAMO, Fábio Vinicius de Macedo. Consumo adolescente: construindo a identidade de jovens brasileiras. **Revista Brasileira de Marketing**; v. 16, n. 1 (2017): Janeiro – Março. Disponível em: <http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/view/3215/pdf_303>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. São Paulo: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo; Brasília: SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.

CERETTA, Shani Carvalho; OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de. Alegria em cores: identidade e consumo entre adolescentes happy rockers. **Contemporânea**. Ed. 20. v. 10, n. 2. Santa Maria, 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_20/contemporanea_n20_05_CERETTA.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). (2005). Resolução CFP n° 010/2005. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **Não à redução da maioridade penal**. Notícias. Brasília: CFP, 27 set. 2017. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-e-contrario-reducao-da-maioridade-penal/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima et al. Prática de privação de liberdade em adolescentes: um enfoque psicossociológico. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 1, p. 101-109, mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DEL CIAMPO, Luiz Antonio; DEL CIAMPO, Ieda Regina Lopes. Adolescência e imagem corporal. **AdolescÊncia & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 55-59, out/dez 2010. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=246>. Acesso em: 2 jul. 2018.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana B. Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**. 2011; 10 (Supl. 2): 42-52. Disponível em: <http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105#citar>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FABER, Jorge. A geração Z e a evolução das revistas científicas. **Dental Press J. Orthod.**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 7, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v16n4/a01v16n4.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FERNANDES, Larissa. Mudança no comportamento sexual de jovens causa aumento

de infecções sexualmente transmissíveis. **Agência Universitária de Notícias**, USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/02/07/mudanca-no-comportamento-sexual-de-jovens-causa-aumento-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

FERNANDES, Marcia Antunes. Anorexia nervosa e bulimia na adolescência: diagnóstico e tratamento. **Adolescência & Saúde**. 2007; 4(3): 41-44. Disponível em: <http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=99>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA [UNICEF]. **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília, DF: UNICEF, 2011. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

_____. **O uso da internet por adolescentes**. Brasília, DF: UNICEF, 2013. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

GOBBO, Jessica Particelli. **Construção da escala de projetos de vida para adolescentes (EPVA)**. Campinas: PUC-Campinas, 2016. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/907/2/JESSICA%20PARTICELLI%20GOBBO.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

JEOLÁS, Leila Sollberger. Juventude, sexualidade e Aids: aspectos simbólicos da percepção do risco e da vulnerabilidade. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (org.). **Adolescência em questão: estudos sobre sexualidade**. Araraquara: FCL/UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

KEHL, Maria Rita. **Esse mundo é uma droga**. In: _____. A fratria órfã: conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho d' Água, 2008.

LAGO, Aliene et al. Quanto vale uma profissão? A técnica "mercado de profissões" como estratégia de reflexão na conquista por uma carreira universitária. In: LASSANCE, Maria Célia Pacheco; LEVENFUS, Rosane Schotgues; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Orientação de carreira**: investigação e prática. Porto Alegre: Associação Brasileira de Orientação Profissional, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B-zcegOM3ihMRVVTa0plYkk5YVB3Z1VmblYydU05SlhaS2dN/view>. Acesso em: 2 jul. 2018.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA, L. D. et. al. O adolescente e a escolha profissional: compreendendo o processo de decisão. **Arq. Ciênc. Saúde**, Unipar, Umuarama, 9(1), jan./abr. p. 57-61, 2005.

LIMA, Nádia Laguárdia et al. Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 2-18, dez. 2012.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v64n3/v64n3a02.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

LISBOA, Camila Pereira. Uma experiência de orientação profissional no contexto de políticas públicas. **Rev. bras. orientac. prof**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 105-114, jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v18n1/10.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Capa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/723/587>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MANUAL da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o aprendiz. 4. ed. Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/arquivos/File/aprendizagem_pub_manual_aprendiz_2009.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MATOS, Mariana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. In: Interação em Psicologia, Curitiba, out. 2005. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3283/2627>. Acesso em: 28 jun. 2018.

MORAN, José Manuel. **Aprendendo a desenvolver e orientar projetos de vida**. [S.l], [s.d]. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/projetos_vida.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (ONUBR). Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha. **ONUBR**, 28 fev. 2018, [S.l]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

PENA, Rodolfo F. Alves. "O que é Neoliberalismo?". **Brasil Escola**. [S.l], [s.d]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm>. Acesso em: 2 jul. 2018.

PETRI, Valeria. Doenças de transmissão sexual. In: **Secretaria do Estado da Saúde. Adolescência e Saúde**. Comissão de Saúde do Adolescente. 3. ed. São Paulo: Paris editorial, 1988.

PICIRILLI, Cláudia Capelini. Fundação CASA: a delicadeza da espera terapêutica. In: SALLES, Glaucia (org.) **Clínica de psicologia para recém-formados**: a experiência inicial sob os cuidados de abordagens maduras. Campinas, SP: Ed. do Autor, 2015.

RENNÓ, Joel. **O drama da automutilação ou cutting**. Adolescência. São Paulo: Estadão, 2014. Disponível em: <http://emais.estadao.com.br/blogs/joel-renno/o-drama-da-automutilacao/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

REVISTA FÓRUM. Quadrinho desconstrói o conceito de "meritocracia". **Revista Forum**. [S.l.], 1 jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/quadrinho-desconstroi-o-conceito-de-meritocracia/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SOUSA, Heloiza de; FROZZI, Denise; BARDAGI, Marucia Patta. Percepção de

adolescentes aprendizes sobre a experiência do primeiro emprego. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 4, p. 918-933, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n4/v33n4a11.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

VALLE, Leonardo. **Pouco conhecimento sobre acesso à universidade é empecilho para jovens de baixa renda**. Educação. Instituto Net, Claro, Embratel. [S.l.], 5 abr. 2018. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/pouco-conhecimento-sobre-acesso-a-universidade-e-empecilho-para-jovens-de-baixa-renda/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: O WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. A tendência anti-social. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: **Privação e Delinquência**. Tradução de Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. Gravidez na adolescência. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 8, p. 443-445, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032006000800001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2018.

ZAPATER, Maíra. As duas infâncias do Código de Menores de 1979. In: **Carta Capital**. 16 fev. 2018, [S.l.]. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2018/02/16/as-duas-infancias-do-codigo-de-menores-de-1979/>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Vida adulta

Convite ao estudo

Seja bem-vindo à Unidade 3!

Vivenciada a etapa da adolescência, com suas nuances e desafios, começamos a nos enveredar pela vida adulta. Será que as abordagens diferenciam muito suas visões de mundo sobre esta etapa da vida? Será que há um consenso sobre ser adulto no mundo contemporâneo? Haveria uma abordagem psicológica que responda melhor estas questões?

Veremos que muitas destas perguntas, na verdade, desdobram-se em outras tantas e que, mais do que elementos teóricos à nossa disposição, cada vez mais a Psicologia nos demanda desenvolver um raciocínio crítico e reflexivo.

Nesta unidade, você deverá conseguir mapear os principais dilemas enfrentados pelos adultos atualmente. Para isso, as construções teóricas estão dispostas da seguinte forma: na Seção 3.1, serão abordadas as características da etapa da vida adulta, dentre a ampla gama de contribuições conceituais, a visão das teorias psicodinâmicas, existencialista, comportamental e cognitivo-comportamental. Alguns autores que serão estudados nesta seção você já conhece, como Erikson, Winnicott, Skinner, Beck, mas estudaremos outros, Jung e Sartre. Na Seção 3.2, estudaremos os papeis e as representações sociais da vida adulta, tais como: paternidade, maternidade, responsabilidade e empregabilidade. Também, veremos um filósofo contemporâneo muito importante e crítico: Michel Foucault. Por sua vez, a Seção 3.3 contemplará os dilemas da vida adulta, incluindo o seu processo de envelhecimento, além das patologias relacionadas à meia-

idade, ao estresse e à depressão, o fenômeno da exclusão social e a questão da educação e do processo de aprendizado nesta fase da vida. Além disso, apresenta-se um desafio: como a Psicologia trabalha com o processo de envelhecimento da população brasileira?

Você terá a possibilidade de aplicar os conteúdos aprendidos nas seções para solucionar as situações-problema propostas. Para isso, vamos conhecer o contexto de aprendizagem que as envolvem. Você se lembra de Luciana e Janaína, as adolescentes das unidades anteriores? Pois bem, o tempo passou e agora as duas são adultas, Luciana tem 26 anos e Janaína 29. Naquela época, Luciana permaneceu em acompanhamento por um ano e recebeu alta. Janaina, no entanto, apesar de ter frequentado algumas oficinas terapêuticas e de orientação, não tinha adesão ao tratamento psicoterápico. Alegava ser sozinha no cuidado do filho, uma vez que o pai da criança estaria em reclusão no sistema prisional. Você atuava como psicólogo de um serviço público especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes. Agora, deverá se imaginar atuando em um programa de Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Sistema Único de Saúde (SUS), naquele mesmo município e no território de moradia das jovens que você conheceu. Você está pronto para descobrir como poderá contribuir no cuidado de Luciana e Janaína?

Bom trabalho!

Seção 3.1

Vida adulta e suas características

Diálogo aberto

Seguindo na linha do desenvolvimento humano, após a experiência da adolescência, chegou a hora de entender o que muda quando entramos na vida adulta. Lembrando que esta fase contempla desde os jovens acima de 18 anos (segundo as leis brasileiras) até a velhice. Então, por mais que estejamos abordando a vida adulta de forma ampla, é preciso atentar-se não apenas para as mudanças etárias, que acompanham as pessoas ao longo de seu processo de envelhecimento. Preparado para descobrir como você poderá contribuir com este cuidado? A situação-problema desta seção vai ajudá-lo nesta construção. Para introduzi-lo neste contexto, cabe ressaltar que você já está bem familiarizado com as personagens desta experiência hipotética: Luciana e Janaína. No entanto, muda-se o cenário de sua atuação profissional: você saiu de um serviço especializado no atendimento integral de crianças e adolescentes para atuar como psicólogo no programa de Estratégia de Saúde da Família (ESF) do SUS. Luciana lhe procurou mais de dez anos após ter recebido alta do atendimento psicoterápico, quando ela soube que você atuava na ESF próxima de sua residência, não pensou duas vezes em procurá-lo. Agora, com 26 anos, ela vive os dilemas da fase adulta e está concluindo o Ensino Superior. Luciana cursa o último ano de Medicina Veterinária, como era seu objetivo na adolescência, mas está muito angustiada por não saber como será sua vida profissional após a faculdade. Realizou estágio em alguns serviços, mas, até o momento, não há nada concreto. Além disso, reside com os pais, apesar de desejar ter o seu próprio espaço. Está namorando há um ano, mas, como seu namorado também é estudante, ambos não têm condições financeiras de assumirem a responsabilidade de morar sozinhos. O que você diria para Luciana neste primeiro atendimento, a respeito de seu momento atual? Para responder essa questão, elabore um pequeno texto destacando os dilemas relatados por ela e os correlacione aos conteúdos

aprendidos nesta seção. Perceba que esta situação-problema está relacionada à realidade de muitos estudantes universitários. Será que você, aluno, também tem pensado sobre isso? Um movimento importante do psicólogo é prestar atenção aos sentimentos e pensamentos que são mobilizados no atendimento das pessoas. É possível que, em alguns casos, nossos conteúdos internos se conectem ao conteúdo do outro. O que fazer quando você se identifica com o dilema, ou com a história do sujeito que atende? Inicia-se uma tarefa árdua e necessária de separar o que é seu e o que é do outro. Um dos caminhos necessários para este exercício é aperfeiçoar-se cada vez mais, na teoria e na técnica. Além disso, a nossa própria análise pessoal também é muito importante. Podemos ajudá-lo no que compete à aquisição de conhecimento, logo, no aperfeiçoamento da teoria. Então, dedique-se ao estudo do *Não pode faltar* e busque ampliar cada vez mais seus conhecimentos científicos. Bons estudos!

Não pode faltar

Seguindo no estudo sobre o desenvolvimento humano, entraremos em um campo ainda pouco explorado pela ciência psicológica: a fase adulta. Existem muitos materiais publicados sobre o manejo clínico para este momento de vida, mas há poucos elementos teóricos sistematizados para entender as nuances desta etapa. Nas palavras de Oliveira (2004, p. 217):

> **A psicologia não tem sido capaz de formular, de modo satisfatório, uma psicologia do adulto. Na verdade, as teorias psicológicas são menos articuladas e complexas quanto mais avançamos no processo de desenvolvimento da pessoa: sabemos muito sobre bebês, bastante sobre crianças, menos sobre jovens e quase nada sobre adultos.**

Portanto, na delicada tarefa de tecer uma estruturação a este respeito, vamos iniciar recortando sua terminologia: adulto é aquele "1. que atingiu o máximo de seu crescimento e de suas funções biológicas; 2. que chegou à maioridade" (MELHORAMENTOS

DICIONÁRIO, 2006, p. 13). Esta palavra deriva do latim *adultus* e significa crescido (ORIGEM DA PALAVRA, 2018).

Reflita

Será que realmente é isto: atingi o máximo de minhas funções biológicas e cheguei à maioridade, logo, sou um adulto?

Como você verá nesta seção, algumas teorias dedicaram um estudo mais específico sobre esse momento da vida. Em outras palavras, a vida adulta está incorporada aos pressupostos teóricos amplos empreendidos por elas.

Começando por aqueles que a exploraram enquanto uma fase específica do desenvolvimento humano, resgataremos as ideias do psicanalista Erik Erikson. Na Seção 1.3 vimos, brevemente, que o autor organizou seus estudos em relação a esta etapa da vida em três tempos distintos: Maioridade Jovem (21 a 40 anos), Meia-Idade (40 anos até, aproximadamente, 60 anos) e Maturidade (após 60 anos), esta última será melhor estudada na Unidade 4, quando trataremos do tema "envelhecimento".

A **Maioridade Jovem** contempla a crise **intimidade versus isolamento**. Segundo Agudo (2008, p. 10):

> Especificamente quanto à Idade Adulta Jovem, Erikson (1976) diz que o indivíduo anseia e dispõe-se a fundir a sua identidade com a de outros, estando preparado para a intimidade. Tem a capacidade de confiar a filiações e ser fiel a elas, mesmo que isso implique sacrifícios e compromissos significativos. É agora que se pode desenvolver a verdadeira genitalidade, a mutualidade com um parceiro amado, com quem se pode e quer partilhar uma confiança mútua e os ciclos de trabalho, procriação e recreação. O reverso da intimidade é o distanciamento, a tendência a isolar-se e, se necessário, a destruir as forças e pessoas que sente como perigosas para si próprio e que parecem invadir indesejadamente as relações íntimas. Assim, a crise evidenciada nesta fase é a que opõe a intimidade ao isolamento.

Esta fase marca a tarefa de estabelecer relacionamentos íntimos, que extravasam o amor da adolescência, incluindo casar e construir seu próprio grupo familiar, ou seja, "no início da idade adulta, o desenvolvimento bem-sucedido requer a capacidade de renunciar suficientemente à identidade independente para comprometer-se em uma relação verdadeiramente íntima" (BEE, 1996, p. 279).

Para Erikson (1998, p. 60), nesse momento, há uma aptidão dos jovens adultos em "se perderem a fim de se encontrarem um ao outro no encontro de corpos e mentes" e este encontro poderá afluir para uma ampliação de interesses mútuos e para o investimento libidinal (de energia psíquica) àquilo que está sendo planejado e construído conjuntamente. Ainda, para ele, na pós-adolescência, os jovens ainda estão muito envolvidos com a construção de sua identidade, podendo, inclusive, disponibilizarem-se ansiosamente a incorporá-la numa relação bilateral de intimidade, compartilhando-a com indivíduos envolvidos em seu ciclo social (trabalho, sexualidade, amizade), que se revelam complementares a este processo de descoberta.

Segundo o autor, outro polo (isolamento) se manifesta no receio que o sujeito tem de não se sentir reconhecido. Se este receio ou isolamento for demasiado, poderá levá-lo a uma regressão psicopatológica relacionada ao conflito de identidade.

A fase seguinte (meia-idade) é marcada pela crise psicossocial **generatividade versus estagnação**. A generatividade representa a relação que o homem mantém com a sociedade e seu zelo com a geração futura (MAGALHÃES; GOMES, 2005). Nessa fase, instala-se a necessidade de desenvolvimento de certa forma de criatividade, basicamente por meio da criação dos filhos e, também, na realização com o trabalho e na relação com a sociedade. Este é um momento em que o indivíduo busca imprimir sua marca no mundo (BEE, 1996).

De acordo com McAdams e de St. Aubin (1998), a generatividade é um processo que vincula o desejo do indivíduo por uma imortalidade simbólica com a demanda cultural de preocupação com as próximas gerações. Esta preocupação, reforçada pela crença na bondade ou validade do empreendimento humano, levará o sujeito a ações

> generativas na busca da construção de um legado para a posteridade. A resolução satisfatória das preocupações generativas advém, em grande parte, da definição de qual legado será oferecido às próximas gerações. A generatividade inclui todos os produtos e realizações que beneficiam o sistema social e promovem sua continuidade e melhoria (MAGALHÃES; GOMES, 2005, p. 80).

Os autores reforçam a ideia da criação dos filhos como uma busca por construção de um legado. Mas e nos tempos atuais que muitas pessoas não desejam ter filhos, será que elas não deixam sua marca no mundo? Será que essa impressão singular e que nos representa perdeu o sentido no século XXI? Há muitos modos de deixar uma herança para a posteridade: pode ser por meio de projetos sociais que auxiliam outras pessoas, ou que ajudam os animais abandonados, publicação de livros, artigos, músicas, ou seja, criações que resultem em um produto; pode ser, inclusive, nas redes sociais ao expressar ideias, conquistas, pensamentos. Conselhos. Muito mais do que uma lista de ações a serem executadas, o mais importante é identificar, a partir de cada história, esse movimento generativo.

Dessa forma, nas palavras de Erikson (1998), esta fase inclui a produtividade e a criatividade, promovendo a geração de novos seres ou ideias ou, ainda, novos produtos. Por sua vez, prossegue o autor, mesmo para pessoas muito proativas, a estagnação pode se fazer presente, sendo necessário resolver o que ficou pendente emocionalmente para avançar no sentido de uma maturidade adulta.

Reflita

Ingressar na vida adulta implica atingir a maturidade emocional?

Sobre esse aspecto, Donald Winnicott (2005) afirma que cada fase de nossas vidas é permeada por determinados graus de maturidade. É importante entender esse ponto, pois, para o autor, a maturidade significa saúde. Afirma ele que "o adulto sadio é maduro enquanto adulto, o que significa que já transpôs todos os estágios de imaturidade,

isto é, todos os estágios maduros anteriores" (WINNICOTT, 2005, p. 129). Essa maturidade, como já vimos, só pode ser proporcionada pela vivência de um ambiente suficientemente bom.

Exemplificando

Para Winnicott, se uma criança tem três anos de idade, sua maturidade deve incluir fazer coisas de crianças nessa faixa etária, e não de seis anos, por exemplo. Assim como um adolescente sadio não é um adulto prematuro. O sujeito é maduro de acordo com a sua idade.

Dias (2012) nos lembra que a abordagem winnicottiana desenvolve uma perspectiva de tarefas a serem atingidas em cada fase do desenvolvimento. Essas tarefas são ações que se esperam que os sujeitos realizem, cada qual em seu tempo. Assim, durante o processo de desenvolvimento, temos uma empreitada a desvelar. No que concerne ao mundo dos adultos, para a autora, "mesmo para quem teve um bom começo, a primeira tarefa é a de continuar amadurecendo e manter-se vivo". A segunda está relacionada ao momento em que o sujeito chega à maturidade pessoal, ou seja, quando ele integra a ideia de valor e preservação em relação às pessoas e às coisas: "a maturidade social e o que desabrocha e floresce, com ela, é a capacidade de valorizar e promover, quando possível, o modo de vida democrático" (DIAS, 2012, p. 283).

O adulto saudável é aquele capaz de sustentar um modelo democrático, quer seja enquanto sociedade, quer seja em suas inter-relações. Prossegue ela: "a democracia é uma das mais importantes conquistas e, simultaneamente, uma contribuição notável do adulto saudável à sociedade" (DIAS, 2012, p. 283).

Outra tarefa da vida adulta é aceitar nossa impotência e imperfeição. Esta aceitação poderá, inclusive, nos levar a estados depressivos. Porém, como explica Dias (2012), não são estados depressivos psicopatológicos, mas, sim, momentos de consciência da realidade e a constatação que a vida não é como idealizamos. E a última tarefa, associada à essa, é a capacidade de envelhecer e morrer (tema que veremos melhor na Unidade de Ensino 4.)

Em suma, a teoria winnicottiana aponta para um caminho de integralidade do *EU* (dentro de seus próprios limites) conectado com os processos culturais e sociais nos quais estamos inseridos.

Assimile

Podemos resumir as quatro tarefas para a vida adulta, segundo a teoria winnicottiana, em: 1) permanecermos na linha do amadurecimento, que começou quando éramos bebês, sem pularmos etapas ou, ao contrário, ficarmos presos em algum ponto do desenvolvimento emocional. 2) Desenvolvermos um modo de vida democrático; 3) aceitarmos nossas impotências e imperfeiçoes; 4) sermos capazes, emocionalmente, de vivenciar o processo de envelhecimento e morte.

Essa busca pela integração também é observada na teoria de Carl Gustav Jung (1895-1961), nomeada por ele como *individuação*. Antes de entrarmos nesse conceito, cabe assinalar que a teoria junguiana não é considerada uma teoria psicanalítica, apesar de ter derivado dela. Jung era um dos discípulos mais amados por Freud, mas essa relação se rompeu quando o jovem psiquiatra resolveu questionar a teoria da sexualidade e enveredar seus estudos para outros campos, como o da religião, por exemplo. Desse modo, afirmamos que a teoria junguiana compõe a Psicologia Analítica.

O processo de individuação se refere à "uma experiência total de integralidade" (STEIN, 2006, p. 153), ou seja, à uma integração entre os aspectos conscientes e inconscientes, ou entre o ego e os conteúdos relativos ao arquétipo *sombra*.

O conceito de arquétipo é bastante delicado, mas, para que você entenda, vamos pensar da seguinte forma: a psicanálise afirma que todos nós temos um inconsciente pessoal, com conteúdos reprimidos na infância, especialmente. Jung vai além, ele diz que, apesar deste inconsciente pessoal, todos nós temos um inconsciente coletivo, ligado à ancestralidade, à história da espécie humana. Neste inconsciente coletivo há "um reservatório de imagens latentes [...]. Quanto maior o número de experiências, mais numerosas as probabilidades de as imagens latentes tornarem-se manifestas" (HALL; NORDBY, 2014, p. 32, 33). E, quando as imagens são manifestas (conscientes), elas favorecem o processo

de individuação, por isso, afirmam os autores, um ambiente que proporcione riqueza vivenciais, com possibilidades de educação e aprendizado são fundamentais neste processo de integração.

O conteúdo existente no inconsciente coletivo são os arquétipos. Esses arquétipos são universais, ou seja, todos nós herdamos porque pertencemos à espécie humana, mas é na experiência da vida, na relação com nossa família, com a sociedade, com o outro, que a manifestação desses conteúdos se diferencia em cada um de nós. São muitos arquétipos, mas vamos nos atentar a um deles citado aqui, e que é muito importante para consolidar nossa integração: *a sombra*.

Para simplificar, imagine que os conteúdos reprimidos são deslocados para o nosso inconsciente pessoal. Lá, esses conteúdos ficam "guardados" enquanto a vida segue, até que, de repente, nos vemos em uma situação de crise, ou numa angústia muito forte, "a sombra aproveitará a oportunidade para exercer o seu poder sobre o ego" e esse conteúdo retorna, de forma violenta e, por vezes, destruidora (HALL; NORDBY, 2014, p. 41). Podemos dizer, em linguagem comum, que o conteúdo "sai" da sombra e "vai" para a superfície, para as nossas relações pessoais.

Poderíamos, metaforicamente, afirmar que a *sombra* é o outro lado da moeda. Então, para ter uma moeda inteira, é preciso os dois lados, suas duas faces. A sombra é fundamental na construção de nossa personalidade, mas, a questão é: como permitir que esses conteúdos reprimidos se manifestem de forma a possibilitar integração, e não a destruição. Um exemplo cotidiano é quando olhamos para alguém e dizemos: "fulano é mentiroso!". Passamos um bom tempo de nossas vidas projetando no "fulano" o sujeito mentiroso, até que um dia nos damos conta de que "também somos mentirosos". Esse é um momento em que integramos o conteúdo de nossa sombra ao nosso ego. Ele se torna consciente e possibilita outra relação com o mundo e conosco.

Dessa forma, na teoria junguiana, o ego se desenvolve nessa relação com os arquétipos (mas, não somente com eles) e encontra seu ápice quando o sujeito chega à meia-idade. Essa fase recebe o nome de *metanoia*. A metanoia se refere ao processo de questionamento, de revisão de valores, de escolhas, de eclosão dos conteúdos reprimidos em nossa sombra, de uma necessidade

de conectar-se ao nosso interior, sem desconsiderar o mundo externo, mas diminuindo nossas expectativas em relação ao que os outros demandam de nós, construindo essa busca por nossa autenticidade, pela liberdade de poder afirmar-se este *sou eu*, trazendo à luz aspectos importantes de nossa personalidade.

Pesquise mais

Nesta pesquisa, as autoras buscaram compreender o sentido da escolha pelo curso de Psicologia em alunos vivendo a segunda metade da vida, a partir da Psicologia Analítica.

AMORIM SILVA, Marcia Aparecida Lopes; NEVES, Simone Rodrigues. Escolha profissional na meia-idade: Psicologia e individuação. **Junguiana**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 23-36, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v35n2/04.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Apesar de tratar de forma diferente os conteúdos da fase adulta, os autores estudados até aqui encontram um ponto de convergência: para eles, este momento da vida constitui-se de particularidades significativas a serem investigadas, entendidas e incorporadas à teoria do desenvolvimento. Porém, até o final desta seção, embarcaremos em teorias cujas explicações não estão claramente sistematizadas, mas igualmente apresentam importância na compreensão dos fenômenos humanos. Portanto, tenha como norte que os conceitos a seguir, apesar de não estarem focados na vida adulta, podem ser transpostos a ela.

Na teoria existencial, por exemplo, é bastante significativo estudarmos a filosofia de Jean-Paul Sartre (1905-1980) porque, apesar de construir uma visão de mundo diferente das abordagens psicodinâmicas, o autor também aborda a questão da autonomia e da construção de uma identidade autêntica em nossa trajetória de vida. Esta autenticidade está igualmente vinculada ao fato de aceitarmos a vida humana como é e conseguirmos lidar com as ansiedades e a angústias que estão implicadas em nossas escolhas, logo, está ligada à uma maturidade pessoal e social (TEIXEIRA, 2006).

Até aqui, o conceito de autenticidade faz afluência com o processo de criação e construção de Erikson (1998), de integralidade do EU de Winnicott (2005) e com o processo de individuação de Jung, apresentado por Stein (2006). Assim sendo, o que muda entre as abordagens? A forma como cada uma compreende o caminho para chegar até este ponto.

Enquanto as teorias psicodinâmicas incluem elementos inconscientes à nossa jornada de vida, as teorias existenciais focam nas nossas escolhas conscientes afirmando sermos fruto de nossas tomadas de decisões. Para esta abordagem, nem Deus, nem a natureza humana (conceito muito utilizado por Winnicott) nos precede, nos determina, ou nos organiza em conjuntos de atribuições comuns relacionados ao comportamento, aos afetos, aos processos cognitivos. O que existe é o homem por si.

Para Sartre (1997, apud PEREIRA; MELO; BERVIQUE, 2012), somos livres para escolher o rumo de nossos caminhos e, ao mesmo tempo, responsáveis por suas consequências. Além disso, o homem busca sentido nas coisas questionando-as e refletindo sobre a realidade externa e sobre sua subjetividade.

> **O ser-Para-si é um ser insatisfeito porque quer ultrapassar suas próprias fronteiras. Ele é algo que constrói a si mesmo. Atividade, indeterminação e incompletude definem a própria liberdade humana. [...] A realidade humana é, antes de tudo, seu próprio nada; é por isso que o homem precisa do outro como o nada que cria condições para tornar-se livre, portanto, é carência, ausência e vazio (SARTRE, 1997 apud PEREIRA; MELO; BERVIQUE, 2012, p. 2-3).**

O homem não é nada, ele é um vir a ser que, na verdade, não se realiza da forma como deseja. Essa experiência de Nada faz com que o sujeito questione a si, vivenciando momentos de crises existenciais significativas. Essas crises são experimentadas quando nos damos conta de nossas limitações, provando um sentimento de angústia, e esse sentimento nos remete à realidade de que somos seres inacabados e, como já descrito

anteriormente, responsáveis pelas escolhas que fazemos, inclusive, pelas escolhas que não fazemos.

Exemplificando

Imagine que um pai escolha corrigir seu filho de oito anos aplicando-lhe castigos físicos severos. A mãe observa e desaprova. A princípio ela tem dois caminhos: tomar uma atitude ou não. Se ela toma uma atitude poderá, ao mesmo tempo em que protege o filho das agressões, criar uma situação a ser resolvida com o esposo. Se ela não interfere neste ato de violência, poderá preservar sua relação matrimonial, mas desproteger o filho. De qualquer forma, agir ou não é escolha.

A sensação de ser inacabado é uma dura realidade ao homem, mas deve ser encarada com determinação e bravura, afinal, "é preferível entender essa frustração, esse desejo, do que iludir-se com crenças e com projetos que você não pode realizar" e, embora esse conteúdo possa dar um tom de pessimismo à teoria existencialista, ela não se configura como uma filosofia "contra o ser humano, ela é uma filosofia que faz com que o ser humano assuma aquilo que ele é" (LEOPOLDO; SILVA, 2015, registro audiovisual).

Pereira, Melo e Bervique (2012) relembram que Sartre utiliza o termo angústia para descrever esses momentos de escolha, no sentido de que há sempre um medo que envolve as consequências nas decisões tomadas.

> **A angústia surge na medida em que o indivíduo não é suficientemente preparado para o futuro que ele tem de ser, restando para ele apenas todos os sentimentos de conflitos em sua existência. Sartre argumenta que ele é um indivíduo desencantado com o mundo e com a humanidade. Segundo ele, ter, fazer e ser são categorias fundamentais da realidade humana, sendo a liberdade, o valor essencial desta condição. O fundamento filosófico de Sartre é, sobretudo a liberdade individual (ALMEIDA, 1998 apud PEREIRA; MELO; BERVIQUE, 2012, p. 6).**

Pesquise mais

Este vídeo introduz de forma didática a filosofia existencialista de Sartre.

EX-ISTO. **A existência precede a essência (Sartre)**. 21 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmjQfurk4UE>. Acesso em: 23 ago. 2018.

Essa liberdade individual também foi abordada por Skinner (1964, p. 3) – teórico do Behaviorismo Radical – da seguinte forma: "Liberdade – ou melhor, comportamento de quem se 'sente livre' ('*feels free*') – é também o produto de uma história de condicionamento."

Em que sentido? Somos livres, na medida em que podemos escolher, mas, também escolhemos na medida em que alguns elementos reforçam, punem ou extinguem nosso comportamento.

No entanto, Skinner (1964), apesar de contribuir com muitos temas relacionados ao comportamento humano, não sistematizou uma compreensão teórica linear sobre as questões voltadas ao desenvolvimento humano.

Batista Bettio e Laurenti (2016) empreenderam uma pesquisa sistemática, a partir das obras de Skinner, buscando identificar conceitos que remetiam a este tema e constataram que mais da metade de suas obras fazem referência aos termos associados ao desenvolvimento humano, tais como idade, crescimento, maturação, estágio e evolução. Por exemplo, na década de 1950, Skinner se ocupou em entender, além da variável idade e do conceito de maturação, a relação entre a filogênese (evolução das espécies) e a ontogênese (processo biológico relacionado ao desenvolvimento) na constituição humana. Neste momento, apontam as autoras, o autor deixa claro que, apesar de compreender a idade como um ponto importante no desenvolvimento humano, essa variável, por si só, não representa a previsão de comportamentos, uma vez que somos seres singulares.

Dessa forma, o simples recorte etário não pressupõe a existência ou ausência de determinado comportamento, apesar de haver elementos similares no desenvolvimento humano, como o tempo de aquisição de linguagem, ou o tempo para entrarmos na puberdade, por exemplo.

Nas palavras de Skinner (1964, p. 5) o homem é "produto de um conjunto de variáveis genéticas e ambientais", sendo assim, ele é único. Segundo ele, "a Ciência nos leva a ver o homem sob uma luz diferente, mas ele é, não obstante, o mesmo homem que vimos outrora sob uma luz diferente" (SKINNER, 1964, p. 6).

Avançando ainda mais em seus estudos, Batista Bettio e Laurenti (2016) acompanham a evolução do pensamento de Skinner na década de 1970, na qual ele inclui a discussão sobre o conceito de estágio e a relação entre a Análise do Comportamento e a Psicologia do Desenvolvimento, incorporando a influência do ambiente (cultura) no comportamento humano. Por fim, na década de 1980, Skinner passa a se interessar pelos estudos sobre o processo de envelhecimento, publicando a obra *Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida* (1983). O autor tinha 79 anos de idade ao publicar o livro.

Este trajeto nos mostra que Skinner se interessava pelos aspectos, ou variáveis, que interferem no comportamento humano. Desta maneira, podemos inferir, à luz da Análise do Comportamento, que a fase adulta é uma etapa da vida humana com particularidades específicas, como qualquer outro momento de nossas vidas, e que o manejo da Psicologia no cuidado a esta população deve seguir os pressupostos teóricos desta abordagem. Nas palavras das autoras:

> **Resumidamente, pode ser considerado que, para Skinner, desenvolvimento é um conceito utilizado para descrever mudanças sistemáticas que ocorrem ao longo da vida dos indivíduos, sendo essas mudanças ocasionadas por variáveis biológicas, ontogenéticas e culturais. Embora exista certa regularidade na ordem em que se dão tais mudanças e essas possam ter correlação com a idade, a passagem do tempo não deve ser considerada uma variável explicativa. Além disso, a ordem e a velocidade das mudanças não são fixas e universais, pois dentro dos limites impostos pelo desenvolvimento biológico, é possível modificar as contingências ontogenéticas e culturais às quais o indivíduo é exposto. Esse processo de mudanças também não é teleológico, ou seja, não se dá em direção a um estágio necessariamente mais complexo, definido a priori (BATISTA BETTIO; LAURENTI, 2016, p. 105).**

Keller (1991, apud DESSEN; GUEDEA, 2005) afirma que existem dois elementos que compõem o processo de desenvolvimento: mudanças e continuidades. A mudanças estão interligadas a um tempo e espaço no qual estamos inseridos. Por sua vez, a continuidade se refere a um vínculo entre os padrões de comportamento anteriores e posteriores, à uma regularidade nesses padrões de comportamento e, também, é entendida enquanto padrões de relacionamento previsíveis.

Dessen e Guedea (2005) defendem que, apesar do desafio em estudar o processo de desenvolvimento humano, é necessário que ele inclua questões que variam desde o aspecto biológico ao social, tendo como campo de interação os padrões comportamentais. Isto inclui que, ao estudarmos a fase adulta, todas essas variáveis, na medida do possível, devem ser contempladas, pois o indivíduo não é um simples reflexo de padrões de comportamento adquiridos ao longo da vida.

Na mesma linha, segue a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC): assim como a Análise do Comportamento, a TCC não discrimina um manejo clínico, ou lança luz de estudos específicos, baseando-se no recorte 'fase adulta', como pode fazer para a terapia infantil e de adolescentes. Nas palavras de Rebelo (2007, p. 549), são utilizados neste momento da vida humana as mesmas orientações de outras fases, como:

> **(a) avaliação multidimensional dos comportamentos, emoções e cognições, (b) estabelecimento de relações funcionais entre meio, comportamento, emoções e cognições – construção hipotética da organização e funcionamento do cliente –, (c) definição das áreas problemáticas a intervir.**

Segundo Rebelo (2007, p. 549), "relativamente às estratégias de intervenção, a maioria dos autores inspira-se no modelo de terapia cognitiva de A. Beck, (...)", autor que você conheceu na Seção 1.3. Apenas para resgatar brevemente, o objetivo central da Teoria Cognitiva desenvolvida por Beck (1976) e por Beck e colaboradores (1979) centra-se, segundo Assumpção et al. (2017), em transformar o pensamento possibilitando que ele seja funcional e duradouro,

pois o processo de adoecimento surge como consequência de recorrentes pensamentos disfuncionais que influenciam o humor e o comportamento da pessoa, distorcendo a maneira como ele percebe a realidade, independentemente da idade do indivíduo.

Contudo, um ponto importante considerado na psicoterapia de adultos é que, à medida em que trabalhamos com o processo de envelhecimento humano, é preciso "como sugere Hyer e colaboradores (2004), suavizar as expectativas relativas à aprendizagem de novos comportamentos" (REBELO, 2007, p. 549), inclusive por conta do próprio declínio biológico.

Assim, chegamos ao final desta seção e você poderá se perguntar: o que fazemos então? Acreditamos que há um desenvolvimento humano baseado em estágios? Acreditamos que a vida não pode ser recortada e estudada a partir de momentos específicos porque somos seres influenciados por inúmeras variáveis ou vivências? Decido conscientemente qual abordagem seguir, ou meus conteúdos inconscientes interferem em minha decisão?

Analogicamente, perceba que os conflitos que envolvem seus estudos podem provocar tanta angústia quanto os retratados nesta seção a respeito da vida adulta. Entre nomear esta ou aquela teoria como verdadeira, possivelmente, o mais importante é vivenciar este momento, guiando seu aprendizado pelo campo científico que mais lhe fizer sentido, pelas teorias que melhor respondam seus questionamentos, ou ainda, por aquelas que ampliam cada vez mais suas inquietudes. Isto nos ensina que a Psicologia é tão complexa e tão rica quanto a vida adulta, deixando para nós a pergunta: o que fazemos com este fenômeno, com estas crises teóricas (e existenciais), com estas dúvidas que emergem? A decisão é sua, e ela pode ser consciente ou não. Siga fazendo um bom trabalho!

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você reencontrou Luciana. Agora, uma adulta jovem de 26 anos, ela vive dilemas relacionados ao futuro profissional – uma vez que está concluindo a Faculdade de Medicina Veterinária – e relacionados a residir com os pais, já que está noiva, mas não tem condições financeiras para se casar.

Portanto, com base nos estudos desta seção, foi proposto que você elaborasse um pequeno texto sobre o que dizer para Luciana neste momento de vida.

O primeiro ponto que podemos destacar, é que Luciana está vivenciando a fase da maioridade jovem, proposta pelo psicanalista Erikson, e que, segundo ele, está relacionada à crise psicossocial intimidade versus isolamento. Apesar de não termos observado, aspectos envolvendo este último polo, a intimidade pressupõe a busca por filiações (como é o caso do noivado e da própria carreira), mesmo que implique sacrifícios, como ter de aguardar a situação econômica tornar-se favorável, ou aguardar por uma oportunidade de trabalho na área que escolheu. Percebemos a renúncia que Luciana faz em detrimento de sua identidade independente ao desejar construir um caminho afetivo mais sólido e ao construir efetivamente sua profissão. A relação de intimidade, portanto, pode ser observada tanto no parceiro amoroso como no anseio para desenvolver sua carreira.

Podemos pensar também que esses elementos que hoje promovem angústia e que mobilizaram Luciana para um novo atendimento, estão relacionados à sua busca por autenticidade e por liberdade, quer seja no entendimento Existencialista ou no entendimento das teorias psicodinâmicas. Há um movimento contínuo e permanente pela integração de seu EU, construindo um caminho para a individuação. Ainda não sabemos o quanto Luciana conseguirá entrar em contato com os conteúdos de sua sombra para seguir rumo à metanoia daqui alguns anos, mas a psicoterapia pode lhe oferecer espaço para trabalhar estes conteúdos inconscientes, se for a sua abordagem teórica.

Também podemos entender, tal qual a Análise do Comportamento, que, apesar de vivenciar a fase adulta agora, o comportamento de Luciana é produto do meio em que está inserida, independentemente da idade que tenha e quais conflitos (ou comportamentos) poderão ser tratados a partir de mudanças de contingências ambientais e culturais aos quais ela está exposta, ou, mais na vertente da TCC, avaliando de forma multidimensional os comportamentos, as emoções e os pensamentos disfuncionais, vocês poderão identificar quais áreas estão demandando mais atenção e que merecem intervenção imediata.

Faça valer a pena

1. A _____ é um termo cunhado por Jung (1895-1961) para descrever a integração entre os aspectos conscientes e inconscientes. O ápice deste processo tende a ocorrer na meia-idade, quando o sujeito questiona e revê seus valores e escolhas.

O termo que preenche corretamente a lacuna é:

a) Maturidade.
b) Individuação.
c) Sombra.
d) Autenticidade.
e) Liberdade.

2. Eliane é uma psicóloga clínica. Um de seus clientes é Maurício, 45 anos, engenheiro, pai de duas filhas. Maurício realiza psicoterapia semanal há mais de dois anos. Inicialmente, buscou pelo tratamento porque encontrava-se em conflito no casamento, culminando em divórcio. As sessões transcorreram com importante progresso. Hoje, porém, Maurício apresentou-se diferente. Estava entristecido, questionando seus valores morais, duvidando da satisfação que a carreira profissional lhe proporcionara ao longo dos anos. Chegou a se perguntar se deveria iniciar novos projetos, especialmente que beneficiassem a sociedade, porque sente não fazer nada significativo para as futuras gerações. Afirma estar assim há alguns dias, contudo, segue com seus afazeres diários e diverte-se com suas filhas.

Baseando-se nas teorias estudadas nesta seção, podemos afirmar que o momento de Maurício pode estar relacionado a:

a) Maioridade jovem descrita por Erikson (1998), que envolve a crise generatividade versus estagnação, no qual o adulto busca ampliar seus interesses de forma criativa a fim de zelar pelas futuras gerações, procurando deixar sua marca no mundo.
b) Metanoia descrita por Jung (1895-1961), que envolve um conjunto de ações a serem desempenhadas na vida adulta para a busca da integralidade do *EU*, tais como o desenvolvimento de uma vida democrática e aceitação de imperfeições.
c) Uma das tarefas propostas por Winnicott (2005) na fase adulta que resulta em estados depressivos não patológicos, configurando uma

tomada de consciência da realidade e a constatação de que a vida não é como idealizamos.
d) Processo em busca de autenticidade proposto por Sartre (1905-1980), que surge quando o indivíduo não está preparado para o futuro, restando a ele sentimentos relacionados a crises existenciais e a constatação do *Nada* diante de si.
e) Liberdade individual proposta por Skinner (1964), que envolve o comportamento de se sentir livre a partir da experiência de três categorias, a saber: ter, fazer e ser, que são fundamentais na construção da realidade humana.

3. Analise as asserções abaixo:

I. O recorte etário é uma variável importante para compreender o desenvolvimento humano na fase adulta, segundo estudos realizados por Skinner na década de 1950.

PORQUE

II. Possibilita prever os comportamentos humanos relacionados a esta fase da vida orientando a intervenção clínica do psicólogo.

A respeito destas asserções, assinale a resposta correta:

a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Seção 3.2

Papéis sociais e representações

Diálogo aberto

Olá! Seja bem-vindo a mais uma seção desta unidade. Depois de aprendermos sobre as características que envolvem a vida adulta, nesta seção, abordaremos o tema do trabalho e das configurações familiares, especialmente no que se refere aos papeis sociais atribuídos à maternidade e paternidade. Quais elementos permeiam essas representações tão fortemente presentes no mundo do adulto? O conteúdo desse estudo contribuirá para resolução da situação-problema: Luciana, que reiniciou o processo psicoterapêutico há um ano na ESF em que você atua como psicólogo, traz um assunto que lhe tem provocado importante angústia: ser mãe. Há seis meses, ela iniciou o mestrado, logo após ter concluído a graduação, e recebe um auxílio financeiro para realizar sua pesquisa. Seu namorado conseguiu um emprego, embora, segundo ela, não se sinta realizado profissionalmente, mas Luciana acredita que é um primeiro passo para começarem a organizar o casamento. Porém, a grande pressão na vida da jovem é a maternidade. Seus familiares e amigos, com frequência, a questionam sobre o tema, afirmando que ela está envelhecendo e que deveria se preocupar menos com os estudos, deixando que o futuro esposo se encarregue de cuidar das obrigações domésticas, especialmente as contas para pagar. Mas Luciana não pensa assim e sofre. Ela acredita que não é necessário ter filho para assumir seu papel na sociedade, mas, ao mesmo tempo, não sabe como lidar com a pressão externa, incluindo a de seu companheiro que, assim como muitos, acredita que ela deva se preparar para a maternidade, visto que logo eles podem se casar. Para ajudar Luciana, a partir dos conteúdos aprendidos nesta seção, elabore um breve texto reflexivo sobre o papel social atribuído aos homens e às mulheres na contemporaneidade. Este tema está profundamente conectado ao fazer da Psicologia, porque uma das funções dessa profissão é questionar e entender os processos históricos e sociais que permeiam as relações humanas. Portanto, dedique-se ao aprendizado do conteúdo do *Não pode faltar* e bons estudos!

Não pode faltar

Na seção anterior, você aprendeu que, assim como o amadurecimento físico, a maturidade psíquica se constrói em processos. Esse movimento é influenciado por inúmeras vertentes: aspectos subjetivos, relações familiares, contexto social, cultura, questões econômicas, experiências e aprendizados. Essa noção desconstrói a ideia de que essa fase, a vida adulta, é um momento de estabilidade no processo humano (estabilidade financeira, familiar, profissional, etc.). Essa noção de estabilidade encontra-se presente tanto nas representações sociais como no campo científico, no entanto, como vimos, há uma escassez de material produzido sobre esse tema. A questão é que, à medida que compreendemos os fenômenos humanos, nos damos conta de que a vida adulta não é tão estável e, tal qual as demais etapas do desenvolvimento humano, apresenta suas particularidades.

Podemos começar esse estudo considerando alguns papéis sociais que são atribuídos ao sujeito adulto, entre eles: **a condição de trabalhador** e a constituição familiar. Neste último estão incluídos papeis como irmão, filho, tio, pai, mãe, entre tantos outros, porém, destacaremos a **maternidade e a paternidade**.

No que se refere ao **mercado de trabalho**, antes de mais nada, é importante esclarecer que, ao falarmos de emprego e de trabalho, não estamos tratando de palavras sinônimas. Esses dois conceitos, apesar de andarem lado a lado, são diferentes. O conceito de emprego, por exemplo, é mais novo do que o de trabalho.

De acordo com Woleck (2002, p. 3), na Antiguidade, o trabalho era uma atividade desempenhada por escravos, ou seja, por pessoas que não eram livres, e "seu significado confundia-se com o de sofrimento ou infortúnio". Essa mesma concepção negativa, prossegue ele, também pode ser encontrada na tradição judaico-cristã que associa o trabalho à noção de punição e maldição. Historicamente, a ampliação dessa noção se deu com os gregos que faziam uso de duas palavras para definir trabalho: "*ponos*, que faz referência a esforço e penalidade, e *ergon*, que designa criação, obra de arte" (WOLECK, 2002, p. 3). Avançando um pouco mais, no século XVIII, com o crescimento da sociedade burguesa, o trabalho ganhou o lugar de sacralidade, logo, abominou-se o ócio

– tão valorizado em outros tempos – segundo o autor. Importante relembrar que é nesse século que decorre a Revolução Industrial, cujo impacto está diretamente associado ao modo de vida atual.

A palavra **emprego** (*job*, em inglês) teve origem em 1.400 d. C. e foi utilizada para se referir a uma tarefa a ser realizada e não a cargo, papel social ou posição de trabalho dentro de uma empresa, sentido atribuído somente no Século XVIII. Assim, "emprego é um fenômeno da modernidade" e está relacionado ao binômio indivíduo-empresa e à ação produtiva e remunerada (SOUZA, 1981, p. 26 apud WOLECK, 2002, p. 8).

Assimile

Trabalho e emprego são dois conceitos diferentes. O primeiro existe desde a Antiguidade, inicialmente com uma conotação negativa que foi modificando-se ao longo da história, especialmente no século XVIII, palco da Revolução Industrial. Este mesmo período inaugura a noção de emprego (originária do ano 1.400 d.C.) como uma atividade produtiva e remunerada. Portanto, podemos entender que é a partir da Revolução Industrial que esses dois conceitos passaram a andar juntos.

A relação trabalho-indivíduo foi amplamente estudada e criticada por um filósofo chamado Karl Marx (1818-1883), em sua clássica obra denominada *O Capital*. Segundo ele, o "trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo esse em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza" (MARX, 2011, p. 326). Por sua vez, prossegue o autor, o meio de trabalho é um conjunto de coisas que está entre o trabalhador e o trabalho e que orienta suas atividades, ou seja, as características mecânicas, físicas e químicas dessas ferramentas. O uso desses meios de trabalho é uma característica humana, "razão pela qual Franklin define o homem como [...] um animal que faz ferramentas" (MARX, 2011, p. 329). Assim, com os meios de trabalho, o homem transforma um objeto levando em conta a finalidade que lhe foi atribuída. O produto que deriva desse processo é considerado como um "valor de uso, um material natural adaptado à necessidade humana por meio da modificação de sua forma" (MARX, 2011, p. 330). Porém, esse valor de uso advém de

um trabalho anterior, dessa forma, mais do que o resultado final, o produto é a condição de um processo de trabalho, segundo ele.

Exemplificando

O pneu é um valor de uso que deriva da condição do processo de trabalho da extração do látex da seringueira. Mas, não somente isso, ele também é condição de trabalho de todos os componentes ou matérias-primas que o compõem, como produtos químicos, derivados de petróleo, material metálico, etc.

O próprio homem está inserido nesta condição de processo de trabalho, logo, consome-se também a força de trabalho que deriva das pessoas.

> **O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho. Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor da força de trabalho por um dia. Portanto, sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, um cavalo – que ele aluga por um dia, pertence-lhe por esse dia. Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso por ele vendido. A partir do momento em que ele entra na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. (MARX, 1867/2011, p. 336-337)**

Seguindo nessa lógica, como o capitalista (ou a "classe dominante"', outro termo marxista), tem estabelecido, de forma geral, sua relação com o trabalhador (ou com a "classe dominada"), nos tempos atuais? Vale ressaltar que faremos um recorte buscando

instigar sua reflexão crítica, ou seja, não estamos generalizando a ideia de que todas as relações de trabalho se dão sob a forma dominante versus dominado, é apenas uma compreensão teórica possível. Essa mesma ressalva vale para a teoria que será apresentada posteriormente, que envolve as relações de poder.

Neste recorte, vamos nos ater a alguns temas, como trabalho decente, trabalho e renda, informalidade, trabalho escravo e desigualdade de gênero.

A Organização Internacional para o Trabalho (OIT) – Agência das Nações Unidas (ONU) – fundada em 1919 instituiu o conceito de **Trabalho Decente**.

> **A noção de Trabalho Decente abrange a promoção de oportunidades para mulheres e homens do mundo para conseguir um trabalho produtivo, adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança e capaz de garantir uma vida digna. (ONUBR, 2018d, [s.p])**

Em 2006, o Brasil lançou oficialmente a Agenda Nacional de Trabalho Decente (ANTD) que institui três caminhos prioritários para o país dentro dessa temática: "gerar mais e melhores empregos, com igualdade de oportunidades e de tratamento; erradicar o trabalho escravo e eliminar o trabalho infantil [...]"; além de fortalecer o diálogo social como instrumento democrático (ONUBR, 2018d, s/p).

Mas, essa ainda não é a realidade de muitos países. Segundo essa Agência, apesar de o aumento do desemprego ter se estabilizado mundialmente, seus índices ainda são muito altos. O mesmo ocorre com a defasagem de Trabalho Decente.

> **O relatório destaca o fato de que o progresso significativo alcançado no passado na redução do emprego vulnerável está paralisado desde 2012. Estima-se que cerca de 1,4 bilhão de trabalhadores estavam em empregos vulneráveis em 2017 e que outros 35 milhões deverão se juntar a eles até 2019. Nos países em desenvolvimento, o emprego vulnerável afeta três em cada quatro trabalhadores. (ONUBR, 2018a, [s.p])**

Frente à citação apresentada, podemos entender que o emprego vulnerável é aquele cujas condições de trabalho são precárias, como a própria questão dos vínculos e a violação dos direitos trabalhistas.

Quando o tema é **trabalho e renda**, o aspecto etário tende a promover forte influência. Assim, os jovens e os adultos mais velhos continuam enfrentando dificuldades de (re)inserção no mercado de trabalho. Os estudos da OIT (2017) também demonstraram uma taxa de desemprego de 30% entre os jovens brasileiros, configurando-se enquanto maior taxa nos últimos 27 anos. Essa taxa representa mais do que o dobro da média mundial, calculada em 13,1%, segundo o jornal Carta Capital (2017).

Além disso, outros são os desafios que envolvem a relação *trabalho e vida adulta*, dentre os quais podemos destacar a informalidade, o trabalho escravo e a desigualdade de gênero.

A questão da **informalidade** pode ser observada em publicação da OIT, datada de maio de 2018, na qual afirma que 61% da população mundial não possui direitos trabalhistas garantidos. No Brasil, o índice é de 46%, sendo maior entre os homens (ONUBR, 2018c).

Outro grave problema enfrentado é o **trabalho escravo**: são mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo vivendo em situação de exploração, conhecida como escravidão moderna. Essa escravidão pode ser definida como "uma situação de exploração da qual não se consegue sair porque está sob ameaça, violência, coerção ou abuso de poder", sendo que, somente no Brasil, são mais de 160 mil pessoas vivendo dessa forma, especialmente, nas regiões de cerrado e da Amazônia (WALK FREE, [s.d], apud BBC NEWS, 2016, [s.p]). Além disso, mais do que uma questão de dominação, a escravidão moderna constitui-se uma questão de gênero: "as novas estimativas mostram que as mulheres e as meninas são as mais afetadas pela escravidão moderna, chegando a quase 29 milhões ou 71% do total" (ONUBR, 2017, [s.p]).

A questão de gênero ganha destaque negativo também, quando abordamos outras desigualdades, tais como a disparidade salarial, a ocupação das mulheres em cargos de liderança e a questão de raça/cor.

> **Em comparação com os homens, as mulheres ainda têm mais que o dobro de chances de serem trabalhadoras familiares não remuneradas [...]. Analisando as mulheres que administram empresas, o estudo observa que, no mundo todo, quatro vezes mais homens estão trabalhando como empregadores do que mulheres em 2018. Essas desigualdades de gênero também se refletem em cargos de gestão, onde as mulheres continuam a enfrentar barreiras do mercado de trabalho para acessar estes postos. (ONUBR, 2018b, [s.p])**

Quando a questão de raça/cor é analisada, observa-se que, em um país no qual mais de 50% das pessoas se autodeclaram negras ou pardas, apenas 5% dos executivos brasileiros são negros e, destes, apenas, 0,4% são mulheres. Além disso, entre 2001 e 2013, subiu em 40% a matrícula de negros nas universidades brasileiras, apontando que estes profissionais estão se especializando cada vez mais, porém, o mercado de trabalho ainda não avançou na mesma proporção, sendo que "a maioria das grandes empresas no Brasil não tem ações afirmativas para incentivar a presença de mulheres e negros em seus quadros" (INSTITUO ETHOS, 2016 apud ONUBR, 2016).

Todas as questões apresentadas até aqui estão envolvidas no conceito de poder descrito por Michel Foucault (1926-1984). Para ele, a "sociedade é um arquipélago de poderes diferentes" (FOUCAULT, 2012, p. 173). Em qual sentido? Aqui não se trata do poder jurídico normativo. O poder, ou melhor, os poderes não derivam de um agente central, como o Governo ou Estado, os quais, na verdade, são secundários ao poder local. Explicando melhor e utilizando referências marxistas, Foucault (2012, p. 173) afirma que é nas "regiões de poder" que se formam os "grandes aparelhos de Estado". Essas regiões de poder (ou poder local) são relações que se estabelecem nas microssociedades (empresa, exército, escola, família, igreja, etc). Esses poderes, de acordo com o autor, não têm a função de proibir ou impedir que algo aconteça, mas de produzir pessoas eficientes que desenvolvam habilidades para possibilitar a produção. São técnicas de aperfeiçoamento.

> Marx [...] ele sabia perfeitamente que o que faz a solidez das relações de poder é que elas não acabam nunca. Não há: de um lado alguns e, do outro, muitos. Elas passam por toda a parte: a classe operária retransmite relações de poder, ela exerce relações de poder [...] o interessante é saber como, em um grupo, em uma classe, em uma sociedade, funcionam as malhas do poder, ou seja, qual é a localização de cada um na rede de poder, como ele o exerce de novo, como ele o conserva, como ele o repercute. (FOUCAULT, 2012, p. 188)

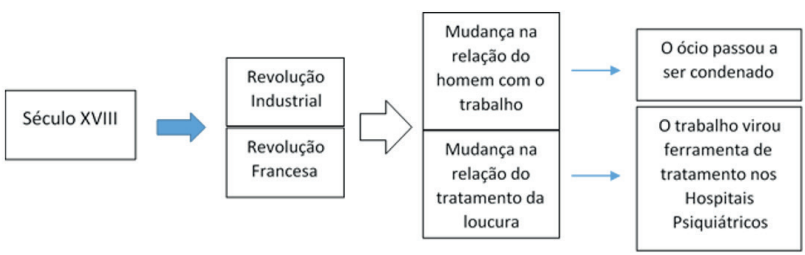
Um exemplo claro são as prisões. Segundo ele, apesar de as prisões terem sido redirecionadas para a reeducação dos presos objetivando transformar um indivíduo transgressor em um indivíduo obediente às leis, a partir do século XVIII, elas não cumprem essa função. Então, por que ela continua existindo? Porque

> a delinquência tem certa utilidade econômico-política [...], quanto mais houver delinquente, mais haverá crimes; quanto mais houver crimes, mais haverá medo na população; e, quanto mais houver medo na população, mais aceitável e mesmo almejável se tornará o sistema de controle policial [...]. A delinquência é útil economicamente. Vejam a quantidade de tráficos, perfeitamente lucrativos e inscritos no lucro capitalista, que passam pela delinquência. [...] a prisão que fabrica um delinquente profissional tem uma utilidade e uma produtividade. (FOUCAULT, 2012, p. 181-183)

Assim, para ele, o poder tem a função de regular a população, de vigiar seus corpos e seu movimento e, na sutileza das micro relações, introduzir o controle do que ele chamou de corpos dóceis. A produção dos corpos docilizados, ou domesticados, também se apresenta na educação segundo a crítica foucaultiana. Esta estrutura atual, na qual todos os alunos permanecem enfileirados e com o professor à frente, modificou-se no século XIX. Nela, o professor consegue observar individualmente cada um dos alunos. Além disso, nos lembra o autor, nasce, nesta

época, outra figura importante: o vigia escolar. Obviamente, havia disciplina e punição muito antes disso, mas, o que o autor quer enfatizar é o quanto a passagem do século XVIII para o século XIX apresentou uma mudança importante na organização dos corpos na sociedade (FOUCAULT, 2012). Lembre-se que, no começo desta seção, apontamos mudanças relacionadas a este século, além delas, o século XVIII também foi palco da Revolução Francesa que impactou diretamente na saúde e na medicina. A sociedade monárquica e o clero foram substituídos pela sociedade disciplinar e jurídica, ou seja, quem passou a deter o poder foram os doutores (juízes e médicos) e não mais os reis. A sociedade burguesa emergia em busca da manutenção de seu *status*, especialmente no que se referia à moral, aos bons costumes e, claro, à propriedade. A medicina, por sua vez, tinha a função de organizar a vida na sociedade e higienizar as cidades, afastando delas todos os males possíveis, incluindo as pessoas que se desviavam das normas vigentes. Surge, assim, a Psiquiatria, e com ela um personagem importante: Philippe Pinel, um alienista (nome dado aos atuais psiquiatras) muito influenciado pela Revolução Francesa e que desacorrentou os sujeitos considerados loucos, criando o mecanismo dos Hospitais Psiquiátricos – afinal, a sociedade alienava os sujeitos, logo, eles deveriam ficar distantes dela, na visão de Pinel. Além disso, a tecnologia de tratamento dos indivíduos, considerados alienados nesta época, era o trabalho, o trabalho como conduta disciplinar, como domesticação dos corpos (AMARANTE, 2007 apud PICIRILLI, 2018). Você consegue perceber como, de alguma forma, todos os elementos tratados até aqui estão conectados? Resumidamente, apresentamos um esquema:

Figura 3.1| Modificação na concepção do trabalho a partir do Século XVIII



Fonte: elaborado pela autora.

Obviamente, à medida em que as sociedades caminham, as tecnologias evoluem. Você já parou para pensar como ferramentas modernas também domesticam os corpos? Como as pessoas se comportam nas redes sociais? Como os padrões são impostos para que sociedade os obedeça?

Vamos transportar isso para o campo do trabalho. Cada vez mais, a vigilância doutrina as ações humanas. Observe as empresas ao seu redor, possuem câmeras, vigilantes, coordenadores de todos os tipos, hierarquia, relógio ponto... são muitos instrumentos para "organizar" a vida do trabalhador, não são?

É neste contexto que jovens e adultos se inserem na atividade laborativa. Assim, não basta falarmos de trabalho e de sua representação da vida adulta se não compreendermos que ele possui inúmeras dimensões. Da mesma forma, não basta falarmos de representações sociais relacionadas à maternidade ou à paternidade se não considerarmos o que esses conceitos significam em nossa sociedade. Adentrando nesta questão, para tratar desses dois temas muito complexos, é preciso retroceder um pouco e entender as representações sobre o masculino e o feminino, ou, sobre a masculinidade e a feminilidade. Faça um pequeno exercício antes de mergulhar nas próximas linhas: como você imagina que um homem deva se comportar? E a mulher, pode ter comportamentos semelhantes ao de um homem?

Segundo Oliveira (2004 apud LIMA, 2014) a masculinidade foi socialmente produzida a partir de símbolos medievais e modernos de representação de potência, virilidade e poder. Essas ideias se introduziram de forma a guiar a sociedade e foram reforçadas, de acordo com Bourdier (2002 apud LIMA, 2014), a partir de instituições como escola, igreja e o próprio Estado. Essa hegemonia masculina reitera a ideia de um feminino frágil, dependente, emotivo e fraco, prossegue ele.

Nesta acepção, podemos perceber a importância dos estudos de Foucault a respeito do poder, controle e vigilância dos corpos, bem como de Marx com a questão dos polos dominante e dominado. Muito resumidamente: o homem (figura suprema) domina a mulher (figura de servidão). Porém, ambos os corpos são controlados socialmente, a partir das relações que sustentam e alimentam esses lugares de poder. Veja um simples exemplo:

imagine uma família que possui dois filhos, um menino e uma menina. Não é nada incomum, infelizmente, sermos testemunhas de que às meninas são ensinadas as tarefas domésticas, já aos meninos são ofertadas as possibilidades de brincar enquanto a irmã e mãe limpam a casa.

Esses modelos e discursos são reproduzidos socialmente e configuram-se no que Foucault (2014) nomeou como "efeitos de verdade", ou seja, a naturalização de um jeito de pensar que é tomado como verdade (e ponto!), sem que as pessoas saibam como esse discurso foi criado.

Exemplificando

Um exemplo atualíssimo dos "efeitos de verdade" são as falsas notícias (*fake news*) que circulam nas redes sociais e que são tomadas do lugar da verdade e, pior, repassadas e retransmitidas como tal.

Assim, esses "efeitos de verdade" também construíram a hegemonia, predominância masculina, além de serem responsáveis pelas desigualdades sociais existentes. Em algum momento histórico, os discursos produzidos (sobre a questão de raça/cor, etnia, idade, classe econômica, etc.) adquiriram força de verdade e foram repassados de geração em geração: "a assimetria entre os sexos são reflexos de desigualdade nas relações sociais como um todo" (LIMA, 2014, p. 48).

Porém, essa hegemonia masculina está sujeita a sofrer mudanças por conta do dinamismo histórico-cultural que formam novas verdades, novos comportamentos, novos pensamentos e ideias, buscando um gesto de resistência a esse modelo. Podemos observar esta resistência em muitos movimentos sociais, inclusive com a presença marcante de homens, mas foi o movimento feminista, sem dúvida, que recolocou a questão e "instalou o debate acerca das relações sociais e de poder existentes entre o homem e a mulher, introduzindo o conceito de gênero como ponto central desse debate" (LIMA, 2014, p. 49).

A questão de gênero extrapola o campo biológico do determinismo sexual entre macho e fêmea e avança no sentido de uma construção social entre os conceitos de homem e mulher, de masculino e feminino.

Assimile

Falar de homem e mulher é muito mais amplo do que falar de macho e fêmea. Quando falamos desses, estamos nos referindo a uma constituição apenas biológica. Ao ponto que, ao falarmos do primeiro termo, estamos considerando questões culturais que nos atravessam, sistemas sociais, identidades individuais e grupais, ampliando o reducionismo pênis e vagina.

Apesar da discussão acerca da questão de gênero originar-se nos movimentos feministas, ela não se limita às mulheres, focando, portanto, na construção social que envolve os gêneros, alertam Lyra e Machado (2000 apud LIMA, 2014).

Em relação à construção social da mulher, é a partir do século XIX que novas ideias sobre o feminino começam a ganhar espaço na sociedade brasileira, "contrárias aos ideais moralizantes da igreja e da escola que difundiam um ideal feminino caracterizado pela submissão" (COUTINHO; MENANDRO, 2015, p. 53).

Na década de 1950, a maternidade e o cuidado do lar eram considerados papeis naturais atribuídos às mulheres mesmo com o aumento de sua participação no mercado de trabalho, visto com muito preconceito por conta do risco de abandono desses lugares sagrados: o matrimônio e a maternidade (BASSANEZI, 2002 apud COUTINHO; MENANDRO, 2015). Segundo as autoras, com a urbanização, a industrialização e o aumento do nível de escolaridade, as mulheres passaram a transitar mais pelos espaços ocupados pelos homens, promovendo abertura neste diálogo (QUINTAS, 2000 apud COUTINHO; MENANDRO, 2015). Sem dúvida, a revolução sexual se deu com a descoberta da pílula anticoncepcional, na mesma época em que eclodiam os movimentos feministas, possibilitando à mulher um passo importante em busca da igualdade de gênero. Porém, apesar de tantos avanços, vimos, especialmente no que se refere ao mercado de trabalho, que há muito a evoluir. Ademais, a obrigatoriedade da maternidade, enquanto identidade social atribuída à mulher, é bastante enraizada em nosso país.

Em relação à paternidade/maternidade, é importante ressaltar que, nas sociedades ancestrais mais primitivas, a família centrava-

se na mãe, pois os povos acreditavam numa fecundidade apenas feminina, sem a participação do homem, ou seja, não havia uma associação entre o ato sexual e a gestação. Assim, os homens tomavam o lugar dos chefes de família, enquanto a mulher o lugar de quem cuida da prole. Dessa forma, nem as mulheres participavam da vida fora do ambiente doméstico, nem os homens participavam da criação das crianças (RAMIRES, 1997 apud LIMA, 2014).

Segundo Lima (2014), soma-se a este processo histórico o mito do amor materno instituído no fim do século XVII, no qual a mulher era compreendida como sendo detentora de um instinto maternal natural, de um amor acima de todos os amores, de uma devoção quase santa no cuidado de seus filhos, como se tudo isso fosse parte de uma natureza feminina.

Reflita

Quando ouvimos a notícia de que uma mulher deixou sua casa, abandonou seu esposo e filhos, qual o juízo moral que a sociedade emite sobre ela? O que você pensa nessa hora?

O mito do amor materno é outro exemplo de um "efeito de verdade". Ele foi construído socialmente e tem sido propagado até os dias de hoje. Portanto, "essa combinação do amor materno versus ausência paterna, sob o pano de fundo da divisão sexual do trabalho, parece perpassar as sociedades até hoje determinando os comportamentos de maternidade e paternidade" (LIMA, 2014, p. 60). Podemos perceber que a representação social da paternidade gira em torno do chefe de família, provedor da sustentação do lar, ao passo que a mãe, em sua representação social, é aquela que oferta amor, cuidado e que se responsabiliza pela educação das crianças.

Pesquise mais

Sugerimos leitura de estudo que aborda a representação social da paternidade:

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev.**

Saúde Pública, São Paulo , v. 43, n. 1, p. 85-90, Fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v43n1/6868.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Exemplos não faltam sobre esse lugar socialmente construído de um amor incondicional da mulher por seu filho. E quando o assunto é a escolha ou não pela maternidade a partir do recorte do aborto? Somente esse tema daria uma seção inteira, quiçá uma unidade de ensino. Neste momento, vamos apenas apresentar algumas questões para reflexão, sem que elas se constituam um "efeito de verdade", ou uma verdade absoluta: quando falaremos do aborto masculino? Do indivíduo que fecundou a mulher e desapareceu? Alguns justificam o discurso contra o aborto a partir da ideia de que a vida de uma pessoa está sendo ceifada. Pois bem, os defensores desta ideia sabem qual é o momento em que o feto começa a sentir dor?

Reflita

Qual é a base do seu discurso quando o tema é aborto?

A questão não se restringe a defender ou não o aborto, o problema é que muitas pessoas contrárias a ele têm sustentado um discurso moralizante e religioso sem ao menos buscar compreendê-lo por outros prismas. A proposta é (auto)analisarmos o que permeia esses discursos, inclusive os dos defensores do aborto: são concepções científicas? São estudos sociais? São valores morais e religiosos? É a reprodução dos "efeitos de verdade" de um senso comum? O que move esses discursos?

Seria utópico acreditar que nossas reflexões, por mais profundas que sejam, darão conta de contemplar todas as facetas dos fenômenos tratados e estudados pela Psicologia, mas a questão central é que, ao escolhermos ser psicólogos, nosso dever moral extrapola o senso comum e imerge nas concepções científicas, filosóficas e sócio históricas que compõem um emaranhado de

descobertas e de outras análises. O fato é: ou ampliamos nosso olhar e abrimos mão de nossos confortáveis lugares, ou estaremos fadados a reproduzir a lógica da segregação e da exclusão, a lógica da dominação e do poder sobre quem nos comprometemos eticamente a acolher e cuidar. Portanto, tão importante quanto entender as representações sociais que envolvem o campo dos adultos é você se perguntar: quais são os elementos que constroem meus pensamentos e fundamentam minhas opiniões a respeito dos fenômenos que atravessam e compõem a vida humana? Ou seja, tão importante quanto conhecer teorias é você estar ciente de suas próprias representações e o impacto delas sobre o exercício de seu trabalho enquanto psicólogo.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, você está diante da angústia de Luciana, especialmente no que se refere à maternidade. Essa jovem médica veterinária recentemente iniciou seu curso de mestrado e não acredita que seja necessário ter filhos para assumir seu papel diante da sociedade. A partir dessa situação, você deverá elaborar um breve texto reflexivo sobre o papel social atribuído aos homens e às mulheres na contemporaneidade. Para isso, seguem algumas perguntas norteadoras: 1) Como a sociedade brasileira compreende o papel do homem no âmbito familiar? 2) O quanto esta representação social implica na fala do noivo de Luciana quando, segundo ela, também faz pressão sobre a questão da maternidade? 3) Como a sociedade brasileira compreende o papel da mulher no âmbito familiar? 3) O quanto essa representação provoca angústia e sofrimento em Luciana? 5) Qual é a compreensão de Luciana sobre seu papel social? Analise o quanto essas respostas estão conectadas à questão do poder problematizada por Foucault.

Para desenvolver essas reflexões, busque também outras referências como matérias jornalísticas e artigos científicos, procure entender que a pressão vivida por Luciana não se refere somente a seu aspecto subjetivo, mas que está relacionado ao modelo de sociedade no qual estamos inseridos.

Faça valer a pena

1. "Com o título 'Promovendo melhorias das condições de trabalho e gestão nas oficinas de costura em São Paulo', o projeto irá atuar em três eixos: promover a conscientização sobre direitos e o empoderamento de populações vulneráveis que trabalham em oficinas de costura; promover a conscientização sobre riscos e treinamento de gestão para donos de oficinas de costura [...]; e reforçar a capacidade de instituições [...] para a articulação e implementação de políticas para a melhoria das condições de trabalho nas oficinas de costura [...]. 'Esta nova parceria da OIT com a indústria e o varejo têxtil no Brasil ajudará o país a promover cadeias produtivas socialmente e economicamente sustentáveis, gerando trabalho decente aos trabalhadores e trabalhadoras do setor', afirmou o Diretor do Escritório da OIT no Brasil, Peter Poschen, durante a cerimônia de formalização da parceria". (Fonte: <https://gife.org.br/oit-lanca-parceria-para-promover-trabalho-decente-no-setor-textil-de-sao-paulo/>. Acesso em: 24 ago. 2018).

A concepção de Trabalho Decente está vinculada à ideia de:

a) Promoção de oportunidades de trabalho produtivo, remunerado adequadamente e exercido em liberdade e segurança, garantindo uma vida digna.
b) Promoção de oportunidade de trabalho produtivo e digno para mulheres por meio de ações afirmativas, que garantam a igualdade de gênero.
c) Enfrentamento a todas as formas de discriminação no campo do trabalho no que se refere às questões de gênero.
d) Eliminação do trabalho escravo nos países em desenvolvimento a partir de ações da OIT em parceria com os estados.
e) Superação dos modelos de dominação entre o capital e o trabalhador que oferece sua força de trabalho na produção de bens e serviços.

2. Relacione os termos da coluna à esquerda com sua correta definição à direita:

1. Emprego	( ) Ocorre quando o homem transforma um material natural conforme a sua necessidade, modificando a sua forma.
2. Trabalho	( ) É um fenômeno da modernidade que, embora descrito desde 1400 d.C., anteriormente não se relacionava a um papel social.
3. Trabalho Escravo	( ) Exploração na qual uma pessoa está submetida e não consegue sair por estar sujeito a abuso de poder, entre outros.
4. Valor de uso	( ) Anteriormente compreendido como punição e sofrimento, ganhou lugar de sacralidade no Século XVIII.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2,1,3,4.
b) 3,1,4,2.
c) 3,2,1,4.
d) 4,1,3,2.
e) 4,3,2,1.

3. Segundo Foucault (2012), o poder atua como técnicas de aperfeiçoamento, como desenvolvimento de habilidades que possibilitem a produção. Esse poder:
I. Se forma a partir dos grandes aparelhos estatais.
PORQUE
II. Estes aparelhos se constituem enquanto regiões de poder por excelência.

A respeitos destas asserções, assinale a resposta correta:
a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Seção 3.3

A vida adulta e seus dilemas

Diálogo aberto

Sejam bem-vindos à última seção desta unidade de ensino.

Depois de ter estudado os pontos de vista das abordagens psicológicas acerca da vida adulta e de ter se aproximado de autores como Foucault e Marx, será que há mais dilemas envolvendo este ciclo? Sim, há muitos desafios envolvendo a vida adulta e alguns deles serão tratados nesta seção, como a questão da depressão vivenciada por homens e mulheres no período do climatério, a questão da exclusão derivada da ausência de escolarização e a inserção de jovens e adultos na educação tardia, entre outros.

Janaína, amiga de Luciana, que você conheceu aos 15 anos, procura por você na ESF em que atua como psicólogo. Ela soube que você estava atendendo neste serviço através da amiga e resolveu procurá-lo, pois, há mais de um ano não tem se sentido bem. Segundo ela, sente-se entristecida, sem vontade de se alimentar e sem projetos para o futuro. Seu filho, hoje com 12 anos, começou a entrar na fase da adolescência e, pela primeira vez, conhecerá o pai, que está para sair do sistema prisional. Apesar de ser um menino tranquilo e estudioso, Janaína tem receio de como será este encontro. Ela se angustia com o fato de saber que ele pode querer seguir pelo mesmo caminho do pai: a criminalidade. Além disso, Janaína abandonou a escola e, por não ter concluído o Ensino Médio, está com dificuldades em se inserir no mercado de trabalho. Sua fonte de renda provém de atividades informais – vende produtos de beleza por catálogo – e do auxílio que recebe do governo, como Bolsa Família. Janaína vive como muitas mulheres em nosso país. Está com quase 30 anos, nunca contribuiu para o INSS, seu futuro profissional é incerto e tem a crença de que sua obrigação é continuar cuidando da casa quando o companheiro retornar, apesar de um dia ter desejado ser independente, como Luciana. Imagine que você apresentará os casos clínicos de Janaína e de Luciana em um evento que abordará o tema "dilemas

enfrentados pelos adultos atualmente". Considerando o resultado de aprendizagem e os conteúdos aprendidos nesta unidade, elabore um texto contemplando a seguinte estrutura: 1) apontar os principais dilemas mapeados a partir das histórias de Janaina e Luciana, 2) correlacionar estes dilemas à teoria aprendida nesta seção e em toda a unidade, 3) elaborar conclusão reflexiva sobre o tema "vida adulta".

Antes de iniciar seus estudos, reflita: quais são os dilemas que você enfrenta em sua fase adulta? Em qual momento deste ciclo você se encontra: você é um adulto jovem, está perto do climatério, ou caminha para outro momento do desenvolvimento humano, a terceira idade? Identificar-se com os conteúdos apresentados é uma forma de promover a assimilação do material, além disso, possibilita que você se aproxime dos fenômenos humanos por outra perspectiva: a da ciência. Então, prepare-se para o conteúdo do item *Não pode faltar* e bons estudos!

Não pode faltar

O que acontece com os adultos após a meia-idade? E de qual idade estamos falando, se vivemos cada vez mais? Não é de hoje que circulam notícias sobre o aumento da expectativa de vida dos brasileiros. Certamente a evolução da Medicina, a melhoria na qualidade de vida, o acesso aos serviços básicos de saúde (saneamento, vacinas, antibióticos, etc.) têm impactado diretamente em nossa longevidade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), em 2016, a projeção da expectativa de vida ao nascer da população brasileira foi de 75,8 anos, sendo que as mulheres vivem quase sete anos mais do que os homens (79,4 e 72,2 anos, respectivamente).

No processo de transição demográfica brasileira destaca-se que, desde o século XIX até meados da década de 1940, o Brasil caracterizou-se pela prevalência de altas taxas de natalidade e de mortalidade, principalmente a mortalidade nos primeiros anos de vida. A partir desse período, com a incorporação às políticas de saúde pública dos avanços da medicina, particularmente os antibióticos recém-descobertos no combate as enfermidades infectocontagiosas e importados

> no pós-guerra, o país experimentou uma primeira fase de sua transição demográfica, caracterizada pelo início da queda das taxas de mortalidade. Primeiramente, os grupos etários mais beneficiados com a diminuição da mortalidade, foram os das crianças menores de 5 anos de idade. Inicia-se assim, o processo de transição epidemiológica. O conjunto de causas de morte formado pelas doenças infecciosas, respiratórias e parasitárias, começa, paulatinamente, a perder importância frente a outro conjunto formado por doenças que se relacionam com a degeneração do organismo através do envelhecimento, como o câncer, problemas cardíacos, entre outros. (IBGE, 2017, p. 4)

Para termos uma ideia de que estamos vivendo mais, ainda segundo esse órgão, em 1940, a expectativa de vida da população era de 45,5 anos, em 1970 era de 57,6 anos e nos anos 2000 a média de nossa longevidade estava em torno de 69,8 anos. Portanto, em menos de cem anos, os brasileiros quase dobraram sua expectativa de vida ao nascer. O que esperar para o próximo século?

Como vimos, doenças que antes aumentavam a incidência de mortalidade infantil, agora, graças aos avanços tecnológicos e científicos, cedem espaço para as doenças relacionadas ao declínio do corpo biológico. Esse declínio é um fenômeno natural de todos os seres vivos, porém, observa-se que cada vez mais as sociedades ocidentais têm buscado atrasar os processos de envelhecimento e morte por meio de pesquisas científicas.

Pesquise mais

Sobre as pesquisas relacionadas à tentativa de desacelerar o processo de envelhecimento, leia a reportagem a seguir:

PINHEIRO, Chloé. O cientista que quer frear o envelhecimento. Medicina. Saúde. **Revista Abril**. 17 jan. 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-cientista-que-quer-frear-o-envelhecimento/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Sem desconsiderar a importância da genética, os hábitos de vida influenciam diretamente em nossa expectativa de vida: ingestão

alimentar rica em gorduras, tabagismo, uso de álcool e outras substâncias psicoativas, ausência de exercícios físicos, estresse, noites de sono mal dormidas, entre outros elementos, podem desencadear processos de adoecimento físico e/ou psíquico.

Entre os agravos provocados por estilos de vida pouco saudáveis, estão os índices elevados de colesterol e glicose, responsáveis por doenças crônicas não transmissíveis como hipertensão e diabetes. Essas doenças, se não tratadas corretamente, podem levar o indivíduo a óbito.

O uso de tabaco também tem grande impacto na saúde da população. Segundo o Ministério da Saúde (2018), 63% dos óbitos relacionados a doenças crônicas não transmissíveis são provocados pelo uso do cigarro. Além disso, ele é a principal causa de câncer de pulmão e representa grande fator de risco para o desenvolvimento de outras neoplasias malignas (INCA, 2017).

O tabaco e os maus hábitos alimentares, associados ao sedentarismo e à obesidade, aumentam de sobremaneira o risco cardíaco. Além disso, soma-se a esses fatores uma fase natural vivenciada por toda mulher na meia-idade: a menopausa. Isso porque tal evento do corpo feminino promove modificações hormonais, circulatórias e sanguíneas, além das mudanças metabólicas que proporcionam alterações nos tecidos gordurosos (MELO et al., 2018).

Porém, apesar de ser um evento que demanda cuidados em relação à saúde, a maneira como cada mulher vivencia essa fase está muito associada à cultura da qual faz parte. Segundo Fagulha e Gonçalves (2005, p, 4), "nas culturas ocidentais, orientadas para o culto da juventude, a menopausa é frequentemente associada ao medo de envelhecimento, perda de estatuto e problemas com a sexualidade", ao passo que, em outras culturas, o período do climatério oferece um novo status para a mulher em sua comunidade, especialmente relacionados à maturidade e à sabedoria (NORTHRUP, 2000 apud FAGULHA; GONÇALVES, 2005).

Essa relação positiva pode ser observada, por exemplo, na cultura chinesa, que valoriza muito os idosos. Nessa sociedade, os sintomas da menopausa praticamente não são relatados entre as mulheres (FELTRIN, 2013 apud GARDENAL, 2013). Isso significa que as mulheres chinesas não vivem a menopausa? Negativo. Significa que o modo como elas encaram as transformações corporais está associado

a fatores positivos, como reconhecimento de sua sabedoria, minimizando, portanto, o impacto dos sintomas provocados por essa transição. E quais são esses sintomas? Segundo a Organização Mundial de Saúde (1996 apud SILVA; ROCHA; CALDEIRA, 2018, p. 1615) "a menopausa, um marco do período climatérico, é definida como a última menstruação, identificada retrospectivamente após 12 meses de amenorreia" (ou seja, de ausência de fluxo menstrual). Soma-se a este fator, ondas de calor, provocados por alterações hormonais, diminuição da lubrificação da mucosa vaginal e distúrbios do sono (SILVA; ROCHA; CALDEIRA, 2018).

Considerando, portanto, esse recorte cultural, "durante a fase da menopausa ocorrem provavelmente mais mudanças – físicas, psicológicas, sociais e espirituais – do que em qualquer outro período da vida adulta da mulher" (FAGULHA; GONÇALVES, 2005, p. 2-3). Esse momento que demanda certa reorganização da imagem corporal e também uma reconsideração de seu lugar no mundo e na família pode promover estados de tristezas significativos. Tal condição pode estar relacionada ao luto pela perda do corpo juvenil, mas não representa, necessariamente, um transtorno depressivo.

Para que não haja confusão entre transtorno depressivo e estados depressivos, vamos esclarecer quais são os critérios para identificarmos o primeiro. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), um quadro depressivo psicopatológico se configura pela presença, por pelo menos duas semanas, de cinco ou mais dos seguintes sintomas:

> **1) humor deprimido na maior parte do dia, quase todos os dias [...]; 2) acentuada diminuição do interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades na maior parte do dia, quase todos os dias [...]; 3) perda ou ganho significativo de peso sem estar fazendo dieta (p. ex., uma alteração de mais de 5% do peso corporal em um mês), ou redução ou aumento do apetite quase todos os dias [...]; 4) insônia ou hipersonia quase todos os dias; 5) agitação ou retardo psicomotor quase todos os dias [...]; 6) fadiga ou perda de energia quase todos os dias; 7) sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva ou inapropriada quase todos os dias [...]; 8) capacidade diminuída para pensar ou se concentrar, ou indecisão, quase todos os dias [...]; 9) pensamentos**

recorrentes de morte, ideação suicida recorrente sem um plano específico, uma tentativa de suicídio ou plano especifico para cometer suicídio. (APA, 2014, p. 161)

É importante destacar que, segundo o DSM-V, o primeiro ou o segundo dos sintomas descritos deve obrigatoriamente estar presente no quadro depressivo psicopatológico.

Assimile

É importante que você não confunda um quadro clínico de depressão com estados depressivos. Os estados depressivos são uma condição de entristecimento, muitas vezes relacionado ao momento de luto. Por sua vez, o transtorno depressivo deve contemplar os critérios diagnósticos dos manuais de classificação, como do DSM-V.

Como vimos na Seção 1.2, Anna Freud (2006) compreendia que o climatério, assim como a puberdade, constitui um dos importantes marcos no processo de desenvolvimento da sexualidade humana. A puberdade, de um lado, faz irromper este processo (iniciado na infância), o climatério, por sua vez, é responsável pelo seu declínio e, consequentemente, na visão psicanalítica clássica, pode desencadear graves sofrimentos neuróticos. Para Freud (1856-1939) as neuroses se formam a partir de conteúdos inconscientes reprimidos na infância que, na tentativa fracassada de emergirem ao consciente, produzem sintomas, como os descritos anteriormente. Dessa forma, poderíamos dizer que os sintomas são uma forma "disfarçada" que parte dos conteúdos inconscientes encontrou para chegar à consciência. Em análise ou psicoterapia, esses sintomas devem ser aprofundados a fim de que "abandonem seus disfarces" e possam se tornar, de fato, conscientes. Mas, como os conteúdos inconscientes podem provocar muita angústia e dor, quando revelados, esse processo é gradual e delicado, demandando muito estudo psicanalítico.

E quanto aos homens? Como eles vivenciam esse momento de climatério?

É interessante notar que a palavra climatério deriva do grego *klimakterikos*, e do latim *climactericus*, que significam "período crítico" (ORIGEM DA PALAVRA, 2018, [s.p]). Sendo um período crítico, ele envolve homens e mulheres, considerando, claro, as subjetividades humanas e os recortes de gênero com base na cultura de cada sociedade. Assim, o declínio biológico masculino, que leva à diminuição da testosterona, promove impacto nesse evento conhecido como andropausa – esse termo, segundo Bulcão et al. (2004) não é mais apropriado, devendo ser substituído por *insuficiência androgênica parcial do homem idoso, ou PADAM* (do inglês *Patrial Androgen Dificiency of the Aging Male*), porém, manteremos o seu uso nesta seção porque ainda é a forma como a mídia e alguns artigos científicos fazem referência a esse período.

A andropausa, ou PADAM, inicia-se entre 40 e 55 anos de idade, no entanto, esta transição é mais gradual e lenta do que a transição observada nas mulheres (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA, 2009).

Por conta da redução da testosterona muitos, homens (e também mulheres) vivenciam mudanças significativas em relação à sua sexualidade. O impacto desta alteração hormonal poderá culminar no aparecimento de transtornos emocionais, especialmente a depressão. Isso porque este hormônio está relacionado à libido sexual. O grande desafio, no caso dos homens, ainda envolve a cultura machista e a baixa procura por tratamento. Muitos nem sabem que esse período natural de declínio existe. Assim, eles sofrem silenciosamente e sem orientação, podendo desenvolver quadros depressivos. Soma-se, a isso, a probabilidade do desenvolvimento de câncer de próstata, muito associado à questão etária. Segundo Gomes et al. (2008), 1 em cada 6 homens na faixa dos 45 anos pode ter a doença sem saber, visto que, inicialmente, ela pode não apresentar sintomas e seguir evoluindo.

Pesquise mais

Sobre o tema da andropausa, leia a reportagem a seguir:

VARELLA, Drauzio. **Andropausa**. Entrevistas. UOL. 16 maio 2018. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/andropausa/>. Acesso em 23 jun. 2018.

Retomando o tema da depressão, podemos perceber que os artigos e estudos publicados sobre o climatério, em sua grande maioria, estão associados às mulheres. Logo, são extremamente escassas as produções relacionadas ao climatério masculino e a suas consequências emocionais e/ou psíquicas.

Exemplificando

Se realizarmos uma busca simples, por palavras-chaves, em uma das mais importantes bibliotecas científicas online (*Scientific Electronic Library Online - Scielo*), perceberemos que de 13 publicações encontradas com os termos *climatério* e *depressão*, 12 fazem o recorte dos estudos a partir do gênero feminino, sendo que 6 deles abordam o tema da depressão e apenas 1 artigo aborda a reposição hormonal e seus efeitos no humor e na cognição de homens e mulheres idosos. Quando as palavras-chaves utilizadas são *climatério masculino* encontramos 7 artigos, sendo que nenhum deles aborda a questão da depressão neste momento de vida. Quando, por fim, a palavra-chave é andropausa, encontramos 13 artigos e novamente, nenhum deles relacionado ao tema da depressão.

Um estudo realizado há dez anos por pesquisadores britânicos e norte-americanos apontou que a probabilidade do desencadeamento de um quadro depressivo, tanto em mulheres como em homens, aumenta na faixa dos 40 anos, sendo que algumas razões para isso pode ser a tomada de consciência de que não alcançaram tudo o que desejavam na vida (KAHN, 2008).

Veja que este estudo se deu há uma década e se realizarmos outra pesquisa simples no Google, perceberemos que não há muito mais notícias além desta (sobre o tema) e, quando há, ainda estão muito centradas no gênero feminino.

Reflita

Qual o impacto da cultura brasileira nas pesquisas relacionadas ao climatério masculino?

Podemos afirmar que quando falamos de climatério, estamos tratando de um dos dilemas da fase adulta. Outro exemplo tão complexo quanto este, refere-se à exclusão derivada da escolaridade, com a diferença de que o climatério atingirá a todos sem distinção de raça/cor ou situação econômica, o que não ocorre com a exclusão proveniente do abandono escolar. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE em 2017, dos analfabetos com 15 anos ou mais, 7,1% eram homens e 6,8% mulheres, dentre eles, 4% se autodeclararam brancos enquanto mais do que o dobro, 9,3%, se autodeclararam pretos ou pardos. Em números gerais, o analfabetismo chegou a 7%, equivalendo a 11,5 milhões de brasileiros (IBGE, 2018). Ainda segundo esta pesquisa, entre aqueles que estão com 60 anos ou mais, essa taxa foi de 19,3%. Além disso, a região Nordeste dispara em comparação com as demais regiões, tanto em relação às pessoas com 15 anos ou mais, cuja taxa está em 14,5%, como em relação às pessoas com 60 anos ou mais, em que a taxa se concentra em 38,6%. A regiões com os menores índices são Sul e Sudoeste, representando 3,5% de jovens com 15 anos ou mais e 10% de idosos não-alfabetizados.

As tabelas a seguir demonstram estes dados:

Tabela 3.1 | Taxa de analfabetismo no Brasil de pessoas com 15 anos ou mais

Faixa Etária					Gênero		Raça/Cor	
15 anos ou mais	18 anos ou mais	25 anos ou mais	40 anos ou mais	60 anos ou mais	Homens	Mulheres	Brancos	Pardos e Pretos
7%	7,4%	8,5%	11,9%	19,3%	7,1%	6,8%	4%	9,3%

Fonte: IBGE (2017).

Tabela 3.2 | Taxa de analfabetismo por região do país e faixa etária

Região	15 anos ou mais	60 anos ou mais
Brasil	7%	19,3%
Norte	8%	27,4%
Nordeste	14,5%	38,6%
Sudeste	3,5%	10,6%

Sul	3,5%	10,9%
Centro-Oeste	5,2%	18,9%

Fonte: IBGE (2017).

Cabe esclarecer que o conceito de alfabetização, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), pode ser definido como "a apropriação do sistema de escrita, que pressupõe a compreensão do princípio alfabético, indispensável ao domínio da leitura e da escrita" (BRASIL, 2015, p. 20).

Os números apresentados colocam o Brasil no oitavo lugar do ranking entre os países com mais adultos não alfabetizados do mundo (FUENTES, 2017). Quando falamos de pessoas alfabetizadas, mas que não concluíram o Ensino Médio e possuem mais de 18 anos, os números chegam a 81 milhões de pessoas. Destes, 58 milhões não terminaram o Ensino Fundamental (PNAD, 2014 apud MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [s.d]).

O acesso à Educação de Jovens e Adultos (EJA) é garantido pela Lei nº 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996, Art. 37). Mas, qual a consequência do analfabetismo na vida dessas pessoas? Essa pergunta parece óbvia, porém, o fato é, não saber ler ou escrever, não conseguir realizar cálculos matemáticos básicos, ou interromper os estudos de forma precoce dificulta não só a inserção das pessoas no mercado de trabalho, mas também as distancia de sua própria cultura, prejudicando o acesso a outros bens imateriais tão importantes quanto a educação, tais como o lazer. É sabido que no sistema econômico em que vivemos, muitas famílias precisam optar por seu sustento, e nessa difícil escolha, a educação torna-se um luxo dispensável. À medida em que o tempo passa, esse retorno fica cada vez mais distante. Assim, mesmo com a EJA, muitas pessoas não conseguem retomar seus estudos por conta do trabalho que exercem e permanecem alimentando este ciclo que não finda e que, em grande parte da população, se reproduz através de gerações.

Pesquise mais

Leia a pesquisa a seguir que foi realizada com adultos alfabetizados e não alfabetizados sobre a representação que possuem da escola.

TFOUNI, Leda Verdiani; et al. Afinal, para que serve a escola? Representação feita por adultos alfabetizados e analfabetos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, 4 fev/jul, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/04.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Geralmente, as pessoas são responsabilizadas ou se responsabilizam pelo abandono escolar, também nomeado socialmente como fracasso escolar. Mas, qual é o pano de fundo dessa evasão? Seria, tão somente, uma questão de má vontade e desistência? Não são poucas as pesquisas que associam o abandono escolar à questão econômica. Muitos adultos precisaram interromper os estudos, ou nem tiveram a oportunidade de acessá-lo, pois, desde muito pequenos, se tornaram parte da força de trabalho de suas famílias. Podemos exemplificar esse ponto com uma fala retirada de pesquisa realizada por Santos (2003, p. 113):

> **No início eu tentei, eu tentei. Foi quando eu fiz a 5ª série, eu fiz a Admissão ao Ginásio, fiz o 1º ano do Ginasial à noite, eu estudava à noite! Então, eu falo a partir da minha própria experiência, porque eu saía do serviço, trabalhava geralmente no serviço pesado, pegava uma jornada violenta no serviço, e o que acontecia: ia para o colégio à noite e aquilo ficava muito difícil, entendeu? Tudo começou sabe como, porque eu não conseguia acompanhar o desenvolvimento do restante da turma, não conseguia. E aí o que acontecia: começava a chegar as notas vermelhas, eu ficava invocado pra caramba... O estudo não estava tendo o retorno. Geralmente o professor chegava, explicava um troço no quadro e aquilo...Sei lá, parece que não entrava, entendeu? E aquilo foi me cansando, cansando... [...] aí fica difícil, fica difícil pelo seguinte, porque eu senti na pele que estava ficando pesado para mim. (José)**

O protagonista dessa fala é um adulto que frequenta a EJA. A autora da pesquisa identifica que a questão não está centrada somente na exclusão da escola, mas, sim, da exclusão na escola, ou seja, o que foi feito pela instituição de ensino diante da dificuldade relatada por essa

pessoa quando ainda era criança? E o que tem sido feito, hoje em dia, diante das dificuldades enfrentadas por outros "Josés"?

Reflita

Estamos tratando apenas de uma questão de mérito e de fracasso individual?

Qual o lugar da Psicologia neste cenário? São vários. Enquanto profissão, por exemplo,

> **Andrada (2005) aborda que o Psicólogo Escolar deve construir um espaço para a escuta das demandas institucionais além de pensar e repensar as diversas intervenções ao lidar com as demandas cotidianas escolares. Ressaltamos, porém, o caráter coletivo desta proposta, descaracterizando a ação clínica e individualizada tão demandada por este espaço, que é o de "culpabilização do aluno" pelo insucesso escolar (MACHADO e PROENÇA, 2010). Fazendo emergir assim, um espaço de reflexão e escuta com todos os sujeitos que compõem este universo (alunos, professores e especialistas) objetivando um trabalho de relações humanas bem como a quebra de paradigmas, um dos fatores de engessamento das práticas pedagógicas. (SANTOS; CAVALCANTI, 2015, p. 219)**

Também, enquanto profissão e enquanto ciência, é papel da Psicologia o enfrentamento a todos os tipos de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão e, além desse enfrentamento, é dever do psicólogo atuar com "responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, Inciso III, Princípios Fundamentais).

Essa análise crítica que temos enfocado ao longo dessa disciplina faz afluência com os ensinamentos de Paulo Freire (1921-1997), quando aponta que a "curiosidade ingênua, que 'desarmada', está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se [...] se torna curiosidade

epistemológica" (FREIRE, 2002, p. 15), ou seja, a análise crítica também parte de uma curiosidade comum, de uma pergunta cotidiana e ingênua, como ele coloca.

> **A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2002, p. 15)**

A questão é que o salto entre o senso comum, que também move a nossa curiosidade, e a análise crítica, que se espera de um psicólogo, é dado a partir de nossa busca pela compreensão dos diversos contextos que envolvem os fenômenos dos quais estamos diante. Estamos citando Paulo Freire pelo fato de ele ser um dos grandes pensadores da educação. Além de filósofo, educador e pedagogo, crítico e estudioso, ele foi Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo e foi o brasileiro que mais recebeu homenagens e títulos de reconhecimento por suas obras em universidades europeias e norte-americanas. Paulo Freire não é importante somente para quem deseja se enveredar pelo campo da educação. Ele é fundamental para desenvolvermos esse olhar crítico sobre a realidade brasileira, para apostarmos na potência dos que estão à margem dessa sociedade, para ofertamos voz e lugar a quem o sistema tende a calar. O autor nos ensina a importância da autonomia àqueles que estão sob nossos cuidados e, também, a imprescindível necessidade de reflexão sobre nosso fazer cotidiano, sobre as reproduções das lógicas de exclusão que estão em cada um de nós e que, se não refletidas e não problematizadas, estarão fadadas a serem reproduzidas.

Portanto, a você que encerra mais uma unidade de ensino, deixamos os dizeres deste mestre:

> Se, na verdade, estou estudando e estou lendo seriamente, não posso ultrapassar uma página se não consegui com relativa clareza, ganhar sua significação. Minha saída não está em memorizar porções de períodos lendo mecanicamente duas, três, quatro vezes pedaços do texto fechando os olhos e tentando repeti-las como se sua fixação puramente maquinal me desse o conhecimento de que preciso. Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer [...]. (FREIRE, 2001, p. 260)

Mais do que ler essas linhas, esperamos que você compreenda a importância do exercício do questionamento, da ampliação crítica, da compreensão de seu lugar de sujeito inquieto e curioso no mundo, que não se cansa de aprender. Que você exerça, na sua profissão de psicólogo, sempre o lugar de estudante das riquezas e das complexidades humanas.

Sem medo de errar

Você retomou o contato com Janaína, agora com 30 anos de idade. Seu filho está entrando na adolescência, o pai da criança está prestes a sair do sistema prisional e ela se encontra sem perspectiva de futuro por conta da baixa escolaridade. Ela acredita que sua obrigação é cuidar da casa para quando o companheiro retornar, mesmo desejando ser independente como a amiga Luciana. A partir desta situação-problema, foi solicitado a você a seguinte atividade: elaborar um texto que aponte os principais dilemas mapeados a partir das histórias de Janaina e Luciana, depois, correlacionar esses dilemas à teoria aprendida em todo o conteúdo até esta seção, e, por fim, realizar uma conclusão reflexiva sobre o tema "vida adulta". Portanto, vamos começar pelos dilemas. De forma bastante sintetizada, vamos elencá-los abaixo:

Janaína – 30 anos	Luciana – 26 anos
1. Entristecida, sem vontade de se alimentar, sem projeto para o futuro. 2. Filho entrando na adolescência. 3. Companheiro sairá do sistema prisional, depois de 12 anos de reclusão. 4. Baixa escolaridade, por conta do abandono escolar na adolescência (quando ficou grávida) e dificuldade de inserção no mercado de trabalho. 5. Trabalhos informais. 6. Crença baseada na cultura machista e patriarcal de que a mulher deve cuidar da casa, apesar do desejo de independência.	7. Pressão externa para assumir o lugar da maternidade, quando concluir os estudos. 8. Família discursa no sentido de que ela deva diminuir os estudos e deixar que o futuro esposo assuma a responsabilidade com as despesas da casa. 9. Sofrimento desencadeado pelo que pensa em relação ao fato de não acreditar que precisa tornar-se mãe para assumir seu papel social e o que sua família e seu futuro esposo pensam.

Considerando cada dilema, podemos considerar:

1. É preciso avaliar melhor esses sintomas e investigar se eles, somados a outros, fecham o diagnóstico para transtorno depressivo, ou se é um entristecimento decorrente de seu momento de vida – que não é menos significativo do que o transtorno, mas que não se configura como uma psicopatologia.
2. Retomando a Seção 1.1, vimos que os pais dos adolescentes também sofrem com a perda do corpo infantil de seus filhos e com a construção da independência que eles começam a desenhar, fazendo com que tal momento seja para os pais, no caso de Janaína, uma reavaliação de si e de sua própria adolescência (que sabemos, foi bastante complexa).
3. Você aprendeu na Seção 3.1 que, segundo a visão de Erik Erikson (1998), Janaína está vivenciando a fase da maioridade jovem (21 a 40 anos) e que essa fase supõe o conflito entre intimidade versus isolamento. Sendo uma fase que movimenta o indivíduo na construção de relações mais íntimas (com o trabalho, com o parceiro amoroso, com os amigos), podemos supor o quanto tem sido desafiador para Janaína construir essas relações em seu cotidiano: quer seja com o companheiro preso, quer seja na instabilidade profissional.
4. Vimos, nesta seção, que a baixa escolaridade provoca dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Um caminho para superar esse desafio pode ser a inserção na EJA. Você viu também, na Seção 2.1, que grande

parte das meninas grávidas, especialmente as que vivem em situação de vulnerabilidade, abandonam os estudos e, posteriormente, tem mais dificuldade para retornar e construir caminhos para sua profissionalização.

5. Como você aprendeu na Seção 3.2, a questão da informalidade atinge 61% da população mundial, sendo que, no Brasil, o índice é de 46%.
6. A questão da cultura machista e patriarcal está muito vinculada às relações de poder, trabalhadas por Foucault (2012), conforme descrito na Seção 3.2.
7. A pressão pelo lugar da maternidade também advém dessa sociedade patriarcal que subjuga as mulheres e incumbe a elas o papel centralizador da maternidade, logo, superar essa lógica ainda é um dos desafios de nossa sociedade. Apesar de cada vez mais a mulher conquistar seu espaço, ainda há muito que avançar, tanto no mercado de trabalho como em relação à sua sexualidade, conforme abordado na Seção 3.2.

Os conflitos enumerados como 8 e 9 também podem ser incluídos nesse último apontamento.

Faça valer a pena

1. "Taxa de mortalidade é um coeficiente utilizado na medição do número de mortes (em geral, ou causadas por um fato específico) em determinada população, adaptada ao tamanho desta mesma população, por unidade de morte. A taxa é expressa comumente em unidades de morte por 1000 pessoas ao ano. Assim, uma taxa de mortalidade de 5,5 numa população de 100.000 pessoas significa 550 mortes por ano em toda aquela área estudada. É distinta, portanto, da taxa de doenças, que relaciona a taxa de pessoas em condições precárias de saúde durante um determinado período (a chamada taxa de prevalência) ou o número de pessoas que têm a doença no momento (a taxa de incidência)".

Fonte: SANTIAGO, Emerson. Taxa de mortalidade. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/demografia/taxa-de-mortalidade/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

A queda das altas taxas de mortalidade brasileira, após meados da década de 1940, está associada:

a) Às pesquisas científicas que buscavam frear o processo de envelhecimento e morte da população.
b) À incorporação de hábitos alimentares saudáveis por parte da população.
c) À redução das mortes provocadas por doenças crônicas não transmissíveis.
d) À redução do tabagismo que representava forte impacto no desenvolvimento de neoplasias.
e) À incorporação dos avanços da medicina nas políticas públicas de saúde.

2. Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmações a seguir:

( ) Em média, as mulheres apresentam maior expectativa de vida ao nascer do que os homens.
( ) Estados depressivos são diagnosticados a partir de critérios delineados pelo DSM-V.
( ) O Brasil tem produzido cada vez mais pesquisas relacionadas ao impacto emocional do período de climatério masculino.
( ) O Psicólogo Escolar deve realizar ações clínicas no atendimento de alunos e funcionários.

Assinale a alternativa que contém a ordem correta.

a) V, V, V, V.
b) V, F, F, F.
c) V, V, F, F.
d) F, F, V, V.
e) F, V, F, V.

3. Leia o relato abaixo:

"Sinto várias coisas que não sentia. Às vezes sinto calor, dor nas pernas, suor demasiado, nervosa, brigo com o marido, não sinto vontade de fazer sexo. Falta de paciência (mulher, 50 anos, casada, universitário incompleto, dois filhos, classe socioeconômica B)". (VALADARES, 2008, p. 301)

A partir do texto-base e do conteúdo aprendido nesta seção, é correto afirmar que:

a) A fala da personagem representa o momento de climatério feminino denominado andropausa.
b) A fala da personagem corresponde ao critério diagnóstico para o transtorno depressivo.

c) A fala da personagem está relacionada à menopausa e à cultura em que está inserida.
d) A fala da personagem representa um modelo de sintomas construídos pelo ocidente.
e) A fala da personagem representa os sintomas patológicos da meia-idade.

Referências

AGUDO, Viviana Raquel Cascalheira. **A transição para a idade adulta e seus marcos**: que efeito na sintomatologia depressiva? 2008. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Lisboa, Portugal, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3086/2/ulfp037654_tm_tese.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Trad. Maria Inês Correa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMORIM SILVA, Marcia Aparecida Lopes; NEVES, Simone Rodrigues. Escolha profissional na meia-idade: Psicologia e individuação. **Junguiana**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 23-36, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v35n2/04.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ASSUMPÇÃO, Alessandra Almeida; et al. A perspectiva do adolescente na Teoria Cognitiva de Beck. In: NEUFELD, Carmem Beatriz (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes**: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2017.

BATISTA BETTIO, Claudia Daiane; LAURENTI, Carolina, Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano. **Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 24, n. 1, p. 95-108, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274544251007>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BEE, Helen. Os estágios psicossociais de Erikson. In: _____. **A criança em desenvolvimento**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BBC NEWS. **5 exemplos da escravidão moderna, que atinge mais de 160 mil brasileiros**. 3 jun. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36429539>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm>. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação Nacional da Alfabetização**: relatório 2013-2014: volume 1: da concepção à realização. Brasil, DF: Inep, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2NrdbaY >. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. Ministério da saúde. **Parar de fumar na velhice melhora a qualidade e expectativa de vida**. 29 abr. 2018. Disponível em <http://saudebrasilportal.com.br/eu-quero-parar-de-fumar/destaques/1318-deixar-de-fumar-na-velhice-melhor-qualidade-e-expectativa-de-vida>. Acesso em 23 jun. 2018.

_____. Ministério da educação. Documento de Trabalho. **Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos**. SECADI/MEC: s.d.

BULCÃO, Carolina Berrêdo; et al. Aspectos fisiológicos, cognitivos e psicossociais da senescência sexual. **Ciência e cognição**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 54-75, mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v1/v1a07.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

CARTA CAPITAL. Economia. Mercado de Trabalho. **OIT**: desemprego entre jovens brasileiros é o dobro da média mundial. 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/OIT-desemprego-entre-jovens-brasileiros-e-o-dobro-da-media-mundial>. Acesso em: 24 ago. 2018.

CASA DO SABER. **Sartre**: um ateu que tem vontade de ser deus. Frankiln Leopoldo e Silva. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dz7HO8Cu3KE>. Acesso em: 23 ago. 2018.

COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. **Psicologia e saber social**, v. 4, n. 1, p. 52-71, jul. 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/13538>. Acesso em: 24 ago. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. CFP, Brasília, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

DESSEN, Maria Auxiliadora; GUEDEA, Miriam Teresa Domingues. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, p. 11-20, abr., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n30/04.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. Os estágios da dependência e da independência relativas. In: _____. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 2. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2012.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo.** Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EX_ISTO. **A existência precede a essência (Sartre)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmjQfurk4UE>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FAGULHA, Teresa; GONÇALVES, Bruno. Menopausa, sintomas de menopausa e depressão: influência do nível educacional e de outras variáveis sociodemográficas. **Psicologia**, Lisboa, v. 19, n. 1-2, p. 19-38, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2Nreerq>. Acesso em: 27 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. As malhas do poder, 1981. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Michel Foucault:** segurança, penalidade e prisão. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Coleção Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; et al. Paternidade: responsabilidade social

do homem no papel de provedor. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 85-90, Fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v43n1/6868.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Trad. Francisco Settíneri. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FUENTES, André. Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos do mundo. 16 fev. 2017. **Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/brasil-e-o-8-pais-com-mais-adultos-analfabetos-do-mundo/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

GARDENAL, Isabel. A menopausa e a construção de um estigma. **Jornal da Unicamp**. Set/Out. 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_577_pagina_09_web.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

GOMES, Romeu et al. As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 6, p. 1975-1984, Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n6/a33v13n6.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

HALL, Calvin S; NORDBY, Vernon J. **Introdução à psicologia junguiana.** Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2014.

IBGE. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2016**: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2s5suzy>. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. PNAD - **Pesquisa nacional por amostra de domicílio contínua**. 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Estimativa 2018**: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2017.

INSTITUTO C&A. **OIT lança parceria para promover trabalho decente no setor têxtil de São Paulo.** 21 maio 2017. GIFE. Disponível em: <https://gife.org.br/oit-lanca-parceria-para-promover-trabalho-decente-no-setor-textil-de-sao-paulo/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

KAHN, Michael. Estudos mostram tendência maior de depressão na meia-idade. **Reuters**. 29 jan. 2008. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRB37559720080129>. Acesso em: 27 ago. 2018.

LIMA, Flávio Lúcio Almeida. **Construção da identidade paterna**: repercussões no pré-natal masculino. 2014. 239 f. Tese (Doutorado em psicologia social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoal, 2014. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7644>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; GOMES, William Barbosa. Personalidades vocacionais, generatividade e carreira na vida adulta. **Revista brasileira de orientação profissional,** São Paulo, v. 6, n. 2, p. 71-79, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n2/v6n2a07.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MARX, Karl. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: _____. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital [edição eletrônica]. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Ed. Boitempo, 2011.

MELHORAMENTOS DICIONÁRIO. Língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

MELO, Jorgileia Braga de; et al. Fatores de risco cardiovasculares em mulheres climatéricas com doença arterial coronariana. **International Journal of Cardiovascular Sciences**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 4-11, Fev. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ijcs/v31n1/pt_2359-4802-ijcs-20170056.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 211-229, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a02.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **OIT**: desemprego e déficits de trabalho decente continuarão altos em 2018. 24 jan. 2018(a). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oit-desemprego-e-deficits-de-trabalho-decente-continuarao-altos-em-2018/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

_____. Nações Unidas no Brasil. **OIT**: participação das mulheres no mercado de trabalho ainda é menor que dos homens. 7 mar. 2018(b). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oit-participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-ainda-e-menor-que-dos-homens/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

_____. Nações Unidas no Brasil. **Quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal, diz estudo da ONU.** 1 maio 2018(c). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/quase-dois-tercos-da-forca-de-trabalho-global-estao-na-economia-informal-estudo-da-onu/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

_____. Nações Unidas no Brasil. OIT: **Organização Internacional do Trabalho.** 7 jun. 2018(d). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/oit/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

_____. **Mundo tem 40 milhões de pessoas na escravidão moderna e 152 milhões de crianças no trabalho infantil**. 18 Set. 2017. Disponível em: <http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_575482/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

_____. **Maior parte das grandes empresas brasileiras não tem ações afirmativas para incentivar presença de mulheres e negros**. 13 maio 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/maior-parte-das-grandes-empresas-brasileiras-nao-tem-acoes-afirmativas-para-incentivar-presenca-de-mulheres-negros/>. Acesso em: 24 ago. 2018.

ORIGEM DA PALAVRA. **Etimologia**. Adulto. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/adulto/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

_____. **Climatério**. 2018. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/?s=climat%C3%A9rio>. Acesso em 23 jun. 2018.

PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela; BERVIQUE, Janete de Aguirre. O homem e a angústia existencial em Jean Paul-Sartre. **Revistas Científicas Eletrônicas.** FAEF. Psicologia. 19. ed. Nov. 2012. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yeLXnSKdgXC1odj_2014-4-16-0-34-5.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PICIRILLI, Cláudia Capelini. **No olho do furacão**: a transição de um Ambulatório de Saúde Mental Infanto-Juvenil para CAPSi, na perspectiva da Socioanálise. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, São Paulo, 2018.

PINHEIRO, Chloé. O cientista que quer frear o envelhecimento. Medicina. Saúde. **Revista Abril**. 17 jan. 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-cientista-que-quer-frear-o-envelhecimento/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

REBELO, Helder. Psicoterapia na idade adulta avançada. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 4, p. 543-557, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v25n4/v25n4a01.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SANTIAGO, Emerson. Taxa de mortalidade. **Infoescola**. Disponível em: https://www.infoescola.com/demografia/taxa-de-mortalidade/. Acesso em: 27 ago. 2018.

SANTOS, Geovânia Lúcia dos. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 107-125, Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a09.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SANTOS, Sharlys Jardim da Silva; CAVALCANTI, Engracia Manhães Gabriel de Brito. O psicólogo escolar e a EJA: contribuições no campo educacional. LSP - **Revista Científica Interdisciplinar**, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/164/103>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SKINNER, Burrhus Frederic. Homem. **Proceedings of the American Philosophical Society**, p. 482-485, 1964. Trad. Noreen C. de Aguirre e Hélio José Guilhardi. Disponível em: <http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/skinner/Homem%20B%20F%20Skinner.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SILVA, Vitor Hipólito; ROCHA, Josiane Santos Brant; CALDEIRA, Antonio Prates. Fatores associados à autopercepção negativa de saúde em mulheres climatéricas. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 23, n. 5, pp. 1611-1620, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n5/1413-8123-csc-23-05-1611.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA. O que é andropausa. SBEM, 2009. Disponível em: <https://www.endocrino.org.br/o-que-e-andropausa/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

STEIN, Murray. O surgimento do si-mesmo (individuação). In: _____. **Jung**: o mapa da alma – uma introdução. Trad. Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani; et al. Afinal, para que serve a escola? Representação feita por adultos alfabetizados e analfabetos. **Paidéia**, FFCLRP – USP, Rib. Preto, 4 fev/jul, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/04.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

VALADARES, Ana Lúcia; et al. Depoimentos de mulheres sobre a menopausa e o tratamento de seus sintomas. **Revista da associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 299-304, Ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v54n4/12.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

VARELLA, Drauzio. Andropausa. Entrevistas. **UOL**. 16 maio 2018. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/andropausa/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

VERISSIMO, Ramiro. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)**. Porto: Faculdade de Medicina de Porto, 2002. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

WINNICOTT, Donald W. Família e maturidade emocional. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. **Revista de Divulgação Técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, v. 1, p. 33-39, Janeiro, 2002.

Envelhecimento

Convite ao estudo

Seja bem-vindo à última unidade de ensino da disciplina Desenvolvimento Humano II. Vamos conhecer os conteúdos contemplados nesta nova fase?

Iniciaremos a Seção 4.1 abordando as características do processo de envelhecer, os aspectos físicos, biológicos e psicológicos que nos fazem questionar: será que todas as pessoas que envelhecem vivenciam esta fase de modo semelhante? Todo processo de envelhecimento representa um declínio do corpo biológico e social? Esta seção dedica-se, portanto, à uma introdução do tema velhice. Já na Seção 4.2, aprofundaremos um pouco mais alguns aspectos, apontando os marcadores psicossociais do envelhecimento e abordando temas muito complexos, como a violência contra a pessoa idosa, as doenças crônicas, a sexualidade e o processo de finitude da vida. Por fim, a Seção 4.3 abarcará temas que contribuirão para o exercício da atividade prática que envolve esta unidade de ensino: relações familiares, legislação, mídia, estética, economia, cultura e a ação preventiva da Psicologia.

Para contribuir ainda mais com seu estudo, serão apresentadas três associadas ao seguinte contexto de aprendizagem: você, como psicólogo que atua na Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Sistema Único de Saúde (SUS), foi convidado a integrar o grupo de promoção à saúde do idoso. Esse grupo existe há mais de um ano e foi criado para acompanhar idosos com doenças crônicas. Porém, as agentes comunitárias de saúde (ACS) e a enfermeira, responsáveis pela mediação do grupo, perceberam que as questões apresentadas pelos participantes vão além das doenças vivenciadas neste ciclo da vida. Elas têm percebido a importância de trabalhar outros temas e convidaram você para participar desses encontros. Sendo assim, após a caminhada realizada pelo grupo às segundas-

feiras pela manhã, o objetivo é promover um pequeno café com uma roda de conversa, na qual outros conteúdos sobre o envelhecer possam ser acolhidos. Os aspectos abordados contribuirão para o resultado de aprendizagem desta unidade, que versa sobre a elaboração de um relatório de pesquisa a respeito da vida adulta e da velhice.

Portanto, mãos à obra e bons estudos!

Seção 4.1

Características do envelhecer

Diálogo aberto

Seja bem-vindo à Seção 4.1. Neste momento, começaremos nossa jornada teórica pelo campo da velhice humana. Como é, para você, envelhecer? Como é observar este processo em si mesmo e no outro? Quais são suas dúvidas e seus medos? Qual a sua imagem construída sobre a velhice? Enquanto futuro psicólogo, quais são os desafios enfrentados no manejo e no atendimento de pessoas que vivenciam essa etapa da vida? Para contribuir com seu aprendizado, apresentamos a seguinte situação-problema: imagine-se como psicólogo que participará do grupo de promoção à saúde do idoso, como apresentado a você no Contexto de Aprendizagem. Pois bem, hoje é o seu primeiro dia nesse grupo. Após a caminhada, todos se reuniram para uma roda de conversa com um singelo café da manhã. Estavam presentes você, duas agentes comunitárias de saúde (ACS), a enfermeira e 15 idosos, entre homens e mulheres. Para esse primeiro encontro, uma idosa toma a palavra e lança para você uma pergunta: "como você explicaria a fase em que estamos vivendo?". Com base nos conteúdos aprendidos nesta seção, elabore um breve texto explicativo, que você poderá utilizar para responder a essa questão.

O tema da velhice é bastante delicado, pois envolve construções sociais significativas e tecidas em uma sociedade que privilegia e enaltece a juventude. Portanto, para desempenhar sua atividade e construir seu aprendizado, esteja atento aos conteúdos que serão trabalhados no item Não Pode Faltar, como:

- O olhar sobre a velhice a partir da análise do comportamento, da Psicanálise, da teoria cognitivo comportamental e da abordagem fenomenológica existencial.
- A representação social do idoso.
- Os aspectos físicos, biológicos e cognitivos que envolvem o envelhecimento humano.

A disciplina está chegando ao fim! Dedique-se com afinco e bons estudos!

Não pode faltar

Seja bem-vindo à Seção 4.1!

Depois de transcorridos os temas da adolescência e da vida adulta, começamos a adentrar em um campo que encerra a jornada de estudos sobre o desenvolvimento humano: a velhice.

De acordo com Skinner e Vaughan (1982, p. 18), "uma boa época para se pensar sobre a velhice é a juventude, porque então é possível melhorar as chances de vir a vivê-la bem quando chegar". Os autores exemplificam didaticamente esta fase da vida como uma mudança permanente para outro país, quando temos de aprender ao máximo a respeito de sua cultura, língua e costumes. Do mesmo modo ocorre com a velhice: devemos entendê-la, mais profundamente possível, para vivê-la bem. Mas, como lembram, esta parte da vida humana não é ilustrada de forma colorida e chamativa (como são os livros de viagens). Muito pelo contrário, este momento:

> **por milhares de anos, tem sido mostrado como um quadro de sofrimento, doença e pobreza. Como já o disseram várias pessoas, todo mundo quer viver muito, mas ninguém deseja ser velho — ou pensar sobre o envelhecimento [...] no entanto, é possível escrever um folheto colorido e atraente sobre a velhice. (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 19)**

Segundo Torres et al. (2015), velhice e envelhecimento são dois conceitos diferentes. Enquanto o primeiro faz referência à etapa da vida, o segundo se relaciona ao processo, o movimento dinâmico que compõe essa etapa. Teoricamente, na velhice, temos o recorte etário aos 60 anos, mas, além disso, estudiosos do envelhecimento criaram três subtipos de pessoas que vivem essa etapa:

> **os *idosos jovens*, os *idosos velhos* e os *idosos mais velhos*. O termo *idosos jovens* geralmente se refere a pessoas de 65 a 74 anos, que costumam estar ativas,**

> cheias de vida e vigorosas. Os *idosos velhos*, de 75 a 84 anos, e os *idosos mais velhos*, de 85 anos ou mais, são aqueles que têm maior tendência para a fraqueza e para a enfermidade, e podem ter dificuldade para desempenhar algumas atividades da vida diária. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006 *apud* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 586)

Segundo os autores, apesar de esta separação ser bastante comum, é importante ressaltar que as experiências contam mais do que as divisões etárias e estão relacionadas à subjetividade e ao contexto sociocultural.

Exemplificando

Um idoso com 85 anos pode ser absolutamente ativo e cheio de vida, ao passo que outro com 75 anos pode estar muito debilitado e com dificuldades no desempenho de suas atividades. Logo, o primeiro pode ser considerado jovem, enquanto o outro pode ser considerado mais velho. Isto porque levamos em conta outros fatores que influenciam na maneira como vivem, como a questão da saúde (física e mental), os aspectos culturais, as relações familiares, sua história anterior (uso de alguma substância, prática de esportes, etc.), além da questão da idade.

Compreender o ser humano para além de um recorte etário também é o mote da análise do comportamento, como vimos na Seção 1.3. Segundo Miguel (2010, p. 3-4) "Skinner e Vaughan (1983/1985) já sinalizavam que o envelhecer deveria ser estudado como qualquer outro tipo de comportamento, ou seja, através do paradigma da seleção por consequências", que significa compreender "como as pessoas são afetadas por seu mundo". Em geral, existem muitas formas de se referir a essa fase do desenvolvimento humano: terceira idade, melhor idade, maturidade, entre outras. Porém, a questão é que, apesar de algumas culturas valorizarem o processo de envelhecimento, como já foi discutido na Seção 3.3, em nossa sociedade o culto à beleza e à juventude reforçam a ideia de que envelhecer é um processo extremamente

desagradável, devendo ser cada vez mais adiado. Para exemplificar essa afirmação, basta observamos o aumento de cirurgias plásticas estéticas ou de procedimentos menos invasivos que encobrem a ação do tempo sobre nossos corpos.

Pesquise mais

Sobre o aumento das cirurgias e procedimentos estéticos em pessoas com mais de 60 anos, leia a reportagem a seguir:

DINO. Autoestima na terceira idade e o aumento da cirurgia plástica após os 60 anos. **Revista Exame.** 22 jan. 2016. Disponível em: <https://abr.ai/2NjoNMW>. Acesso em: 27 ago. 2018.

O próprio dicionário define a palavra **velho** como "idoso, antigo, ancião, gasto pelo uso, antiquado, desusado, homem idoso", e **velhice** como "idade avançada" (MELHORAMENTOS DICIONÁRIO, 2006, p. 535), representando o tom pejorativo e negativo que acompanha estes termos no campo social.

Reflita

Será que a maneira como nossa sociedade nomeia a velhice pode ser considerada um eufemismo, ou seja, uma maneira de amenizar expressões que são difíceis de dizer?

Percebemos que a compreensão deste momento de vida é muito mais complexa do que simplesmente afirmar que, a partir de determinada idade, a pessoa pode ser considerada velha. Como descrito, a velhice não está relacionada somente ao recorte cronológico. Por essa razão, Schneider e Irigaray (2008) dividiram o conceito de idade em 4 tipos:

a. **Idade cronológica:** são os anos vividos de uma pessoa, desde o seu nascimento.
b. **Idade biológica:** definida pelas mudanças corporais e mentais que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano, caracterizando o próprio processo de envelhecimento.

Exemplificando

Exemplos da idade biológica apresentados pelos autores podem envolver a diminuição da estatura (aproximadamente 1 cm por década), após os 40 anos; a mudança na textura da pele; o declínio da visão e da audição; as perdas de neurônios por conta da diminuição do peso e do volume do encéfalo ao longo dos anos.

c. **Idade social:** composta por hábitos e características esperadas para determinada idade, esperando que o sujeito se encaixe em determinados papéis sociais.
d. **Idade psicológica:** pode ser utilizado em dois sentidos, sendo que um deles se refere à capacidade psicológica esperada para determinada idade cronológica (percepção, memória, aprendizagem, etc.), e o outro se refere à noção subjetiva de idade, ou seja, a maneira como cada um se autoavalia em relação às outras pessoas com idades semelhantes às suas. Esse julgamento está associado à idade cronológica e ao meio em que a pessoa vive.

Como afirmam Skinner e Vaughan (1985, p. 29), "ao invés de contar os anos, é mais útil distinguir entre as idades, a partir do que é caracteristicamente realizado em cada uma delas" e prosseguem:

> **esclarecidos psicólogos do desenvolvimento vão além do simples crescimento. Reconhecem que o que se desenvolve é o mundo em que a pessoa vive. As pessoas fazem coisas de diferentes maneiras à medida que vão envelhecendo, porque acontecem coisas diferentes a elas. (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 29)**

O livro publicado em 1985 por Skinner em coautoria da Dra. Margaret E. Vaughan, fundamentado na análise do comportamento (Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida), apresenta um conteúdo interessante sobre o processo de envelhecer. Ele foi publicado quando Skinner contava com 81 anos de idade. Com linguagem acessível, os autores oferecem muitos caminhos para

quem vivencia este momento, sendo uma obra importante a ser lida por psicólogos, independentemente de sua identificação com esta abordagem. Para ilustrar, o capítulo 3 denominado 'O contato com o mundo' aborda o declínio biológico vivenciado pelas pessoas na velhice, como a questão da audição, da visão e da memória. A partir de sua vivência, Skinner (1985) contribuiu, de maneira quase poética, para uma melhor vivência do processo de envelhecimento. Segundo Miguel, os autores

> **falam sobre a distinção feita por filósofos entre o conhecimento por contato e o conhecimento por descrição, assumindo que o livro contém os dois tipos: as descrições pessoais de soluções para o envelhecer (conhecimento por contato) e a revisão da literatura sobre a velhice (conhecimento por descrição). (MIGUEL, 2010, p. 4)**

Sobre a questão do declínio biológico, é importante destacar que a diminuição de algumas capacidades cognitivas (aprendizagem rápida, retenção de conteúdos na memória de curto prazo) durante o envelhecimento é considerado normal, porém, essas perdas podem ser positivamente compensadas a partir da consideração dos ganhos de sabedoria, conhecimento e experiência de vida. Além disso, o declínio do funcionamento cognitivo não está relacionado somente a uma questão etária. Ele envolve inúmeros outros elementos, como falta de uso das capacidades cognitivas, o desenvolvimento de doenças (inclusive psíquicas, como a depressão), questões comportamentais (consumo de álcool, medicamentos e outras drogas), a falta de motivação, baixa autoestima, solidão, isolamento, a dificuldade da pessoa em se adaptar às novas situações (como a aposentadoria, a perda do cônjuge, etc.), privação de nutrientes ou hábitos alimentares não saudáveis, entre outros (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005).

Dentro da abordagem cognitivo-comportamental, estes elementos fazem parte da capacidade funcional de uma pessoa. Esta capacidade no idoso, segundo Fontes (2016, p. 26-27), "é dada pela quantidade de ajuda instrumental de que ele necessita para realizar suas atividades, podendo a incapacidade funcional ser graduada em níveis leve, moderado e grave", ou seja, a capacidade funcional está

relacionada ao "***status*** cognitivo" (FONTES, 2016, p. 26-27). Estas atividades são divididas em três tipos: as atividades básicas da vida diária (ABVD), as atividades instrumentais da vida diária (AIVD) e as atividades avançadas da vida diária (AAVD).

> **As ABVD são aquelas relacionadas ao autocuidado, como alimentar-se, ter continência urinária, locomover- se, tomar banho, vestir-se, utilizar o banheiro. As AIVD relacionam-se com funções mais complexas, como usar o telefone, usar o transporte, tomar remédios, usar o dinheiro e fazer compras, preparar refeições, realizar tarefas domésticas. As AAVD englobam funções físicas e sociais, de caráter voluntário, que ocorrem no ambiente social amplificado. Referem-se a atividades como trabalhar, viajar, participar de grupos sociais, religiosos e políticos, além de atividades manuais, como artesanato, pintura, bordado, jardinagem, entre outras. (RIBEIRO et al., 2013 apud FONTES, 2016, p. 26)**

Compreender esses fatores é essencial para o psicólogo que, cada vez mais, vai se defrontar com pessoas idosas em seu fazer cotidiano, uma vez que, segundo a BBC News (2013), dados do IBGE (2013) apontam que, em 2060, o número de idosos brasileiros quadruplicará. Dessa forma, se em 2013 havia aproximadamente 14,9 milhões de pessoas com mais de 65 anos, representando 7,4% do total, em 2060 serão 58,4 milhões, representando 26,7% do total. Além disso, a expectativa média de vida ao nascer deve aumentar de 75 para 81 anos. Ainda de acordo com a reportagem, as mulheres permanecem vivendo mais, como vimos na Seção 3.3.

O aumento da população idosa também está relacionado ao decréscimo da população juvenil e à redução da natalidade, ou seja, do número de nascimento nas últimas décadas, promovendo grandes transformações sociais, especialmente no que se refere à aposentadoria. Hoje, são aproximadamente 100 trabalhadores ativos para 46 pessoas inativas (aposentados, pensionistas, etc.) e, em 2060, essa proporção será de 100 para 65,9 (IBGE, 2013 apud BBC NEWS, 2013).

Entre os anos de 2004 e 2013, aumentou o número de casais sem filhos (em 33%, no Brasil) e reduziu a proporção de casais com filhos (de 50,9% para 43,9%). Desta forma, um em cada 5 casais, em 2013, não possuíam filhos. Este declínio não é novo: em 1970, a média de filhos por família estava em torno de 5,8 e, hoje, este número não chega a 2 filhos (IBGE, [s.d.] apud MENDONÇA, 2015).

Soma-se a esse fato o aumento no número de mulheres que tiveram o primeiro filho com mais de 30 anos de idade, em geral aquelas que possuem maior escolaridade, conforme apontou estudo realizado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2014).

O crescente número de idosos pode ser observado em escala ainda maior. Segundo a ONUBR (2014), em 2050, serão 2 bilhões pessoas com mais de 60 anos em todo o mundo. Em 2014, a média estava em torno de 841 milhões. Esse aumento aponta para outros desafios, além da questão econômica, como o cuidado em saúde (especialmente com as doenças crônicas) e o bem-estar nessa fase da vida. Não tão distante dos dias atuais, em 2020, "teremos pela primeira vez na história o número de pessoas com mais de 60 anos maior que o de crianças até 5 anos" (OMS, [s.d.] apud ONUBR, 2014, [s.p.]).

Essas transformações provocam ainda outra demanda: a necessidade de superarmos a atual representação social dos idosos em nossa sociedade.

Assimile

Segundo Torres et al. (2015, p. 3622) "as representações sociais (RS) são formas compartilhadas e identitárias de reconhecer o mundo, numa tensão entre os sujeitos e suas subjetividades com as normas coletivas de determinada cultura e sociedade".

Em geral, como vimos, há um declínio biológico nessa fase da vida, mas esses sinais são reforçados negativamente pelos meios de comunicação e pelo senso comum e provocam importantes efeitos, como a dificuldade de familiares em identificar possíveis características relacionadas às doenças (por banalizarem e naturalizarem esses comportamentos) e a baixa de circulação de modelos positivos, reforçando ainda mais os estereótipos e os preconceitos (TORRES et al., 2015).

Em pesquisa realizada por Santos, Tura e Arruda (2011) sobre a representação social da pessoa velha na visão de adolescentes, observa-se que os elementos centrais envolvidos são a representação do avô e do idoso e, além disso, quando essas duas categorias estão vinculadas, surgem representações relacionadas ao declínio corporal que "são elementos frequentemente encontrados em estudos similares" (SANTOS; TURA; ARRUDA, 2011, p. 508).

Em outra pesquisa, buscou-se compreender essas representações sociais produzidas pelos próprios idosos e observou-se que os participantes (14 idosos com idades entre 65 e 86 anos) "representam a velhice como etapa que aponta para a temporalidade e finitude do ser humano, colocando em questão o sentido de suas vidas, bem como a urgência de viver" (FERNANDES; ANDRADE, 2016, p. 55). Esse estudo também identificou a importância da compreensão individual do processo de envelhecimento. Assim, nem todos os idosos se veem com limitações ou acreditam necessitar de proteção legal (como a ofertada pelo Estatuto do Idoso, que você estudará na Seção 4.3).

Portanto, prosseguem Fernandes e Andrade (2016), é necessário mudarmos a maneira como descrevemos e entendemos a velhice, sendo importante provocarmos aprimoramentos relacionados às políticas públicas, à aposentadoria, às veiculações midiáticas, ao trabalho e renda e a tantos outros elementos que compõem nossa sociabilidade.

Pesquise mais

O artigo a seguir apresenta outros dados a respeito da representação social da velhice, a partir de pesquisa realizada com pessoas com idade entre 52 e 92 anos:

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 479-501, 1999. Disponível em: <http://bit.ly/2NomJTT>. Acesso em: 27 ago. 2018.

No contexto psicanalítico, Erikson (1986) denomina a fase da velhice (a partir dos 60 anos) como **maturidade,** apresentando o conflito entre os polos **integridade** e **desespero** (VERISSIMO, 2002).

Como você já estudou, cada estágio da teoria de Erikson auxilia na construção de uma integridade do ego e, portanto, a integridade como polo desta oitava fase do ciclo de vida humana "envolve os esforços em equilibrar o sentido de coerência e plenitude pessoal com o 'desespero' perante a finitude e a proximidade da morte, além da aceitação e adaptação aos triunfos e falhas do passado" (ERIKSON, E; ERISON, J; KIVNICK, 1986 apud LIMA; COELHO; GÜNTHER, 2011, p. 263).

O autor afirma que a integridade só é possível àqueles que cuidaram das pessoas e de seus projetos ao longo da vida, superando e adaptando-se às crises e às vitórias que essas criações abarcavam (ERIKSON, 1968 apud CARPIGIANI, 2010). Mas como o autor descreve o conceito de integridade?

> **[...] É a aceitação de seu ciclo vital único e das pessoas que se tornaram significativas e indispensáveis à sua vida, não permitindo, por isso, substituição. Significa, assim, um novo e diferente amor pelos pais, liberto do desejo de que eles poderiam ter sido diferentes, e uma aceitação do fato de que cada um é responsável pela sua própria vida. É uma sensação de camaradagem para com homens e mulheres de épocas distantes e de diferentes ocupações, que criaram ordens, objetos e idéias transmitindo dignidade e amor humanos. Embora cônscio da relatividade de todos os vários estilos de vida que deram significado ao esforço humano, o indivíduo que atingiu a integridade está pronto a defender a dignidade de seu próprio estilo de vida, contra todas as ameaças físicas e econômicas. Pois ele sabe que uma vida individual é a coincidência acidental de um único ciclo vital com um único segmento da história e que, para ele, toda a integridade humana se mantém e coincide com aquele estilo de integridade que ele compartilha. (ERIKSON,1968, p. 139-140 apud CARPIGIANI, 2010, p. 18)**

Porém, esse ainda não é o último estágio de sua teoria. Em 1998, quatro anos após a morte de seu cônjuge, Joan Erikson

acrescentou alguns pontos na revisão da edição do livro O Ciclo de Vida Completo publicado em 1982. Desta forma, de acordo com Lima, Coelho e Günther (2011, p. 262) "ao dar prosseguimento aos estudos sobre a personalidade na velhice, Joan Erikson descreve a possibilidade de conquista da 'gerotranscendência' como força psicossocial de uma etapa posterior aos 85 anos de idade".

Segundo as autoras, esta gerotranscendência envolve uma nova forma de entendimento a respeito do que é essencial na existência humana que, didaticamente, são separados em três pontos, sendo o primeiro conceituado como "**dimensão cósmica da vida**, em que ocorrem mudanças nas definições de tempo e espaço, aumento na sensação de conexão com as gerações anteriores, nova compreensão sobre a vida e a morte [...]"; o segundo ponto envolve a "**mudança em alguns aspectos do *self*"**, que contempla "a busca pelo autoconhecimento e autenticidade, diminuição do egocentrismo, diminuição da obsessão pelo corpo, aumento do altruísmo, redescoberta da criança interior e 'integridade do ego' com a totalidade da vida"; e, por fim, a última categoria corresponde às "**mudanças nos relacionamentos sociais e individuais do idoso**", momento em que "a pessoa tende a se tornar mais seletiva e menos interessada em relacionamentos superficiais, demonstrando aumento na necessidade de ficar só", sendo possível sintetizar estes ponto afirmando que "a resolução da crise da nona etapa está relacionada à capacidade do idoso em transcender as limitações corporais próprias da velhice" (LIMA; COELHO, GÜNTHER, 2011, p. 264, grifo nosso).

Apesar de algumas teorias, como a de Erikson, organizarem o desenvolvimento em fases, como já vimos nesta disciplina, é fundamental que estejamos atentos aos momentos singulares de cada sujeito. Essa ênfase sobre o sujeito singular e sua relação com o mundo é o ponto central da teoria fenomenológica existencial, que busca atravessar afirmações preconcebidas ou generalizantes sobre o ciclo de vida humano. Exemplos a respeito deste olhar sobre o sujeito e o fenômeno do envelhecimento podem ser retirados de pesquisa realizada por Silva e Boemer (2009, [s.p.]):

> [...] eu acho que eu não sou bem a pessoa indicada, assim, prá dizer como é envelhecer, porquê, na verdade, eu não sinto que eu estou envelhecendo, eu sinto que eu estou vivendo e adquirindo cada vez mais experiência. (Alice 9, 66)

> [...] Tô bem, eu me sinto bem, tô feliz da vida, vivo feliz, tô lá com meu neto, brinco com meu neto, tenho meu dinheiro, sou aposentada pelo INSS, quando eu quero sair, eu saio, quando eu quero viajar, eu viajo, quero comer um "negócio", eu compro e como, e tô vivendo. (Bárbara 8, 73)

> [...] esse negócio de melhor idade... eu acho que é careta, sabe, no meu ponto de vista, porquê não é fácil a gente se olhar no espelho e ver já o peso da idade, de querer fazer, ficar dependendo. Eu ainda não "tô" dependendo, eu sou muito autossuficiente ainda, com 66 anos, mas tem pessoas até com menos idade do que eu que depende totalmente das pessoas. Isso é horrível! (Lúcia 14, 66)

Com essa pesquisa, à luz da teoria do filósofo Heidegger (1889-1976), as autoras buscam compreender que o processo de envelhecimento não é uma fase do desenvolvimento humano, mas sim a própria continuidade da vida e que, apesar de existirem aspectos em comum entre os que envelhecem, cada experiência é única, particular e subjetiva, indicando as inúmeras possibilidades de ser e de existir.

Saiba mais

Martin Heidegger foi um filósofo alemão que também atuou como professor universitário e escritor. Desenvolveu suas obras refletindo

sobre a existência humana. Seu livro *Ser e Tempo*, publicado em 1927, é considerado a maior delas. Para saber mais, acesse o link a seguir:

TUNHAS, Paulo. **Heidegger:** o ser, a destruição e a política. 26 mai. 2016. Observador. Disponível em: <http://bit.ly/2PJ7YwA>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Como vemos, a visão de mundo de cada abordagem psicológica orientará a condução do cuidado ao atendimento da pessoa idosa. Neste caso, por exemplo, para a abordagem cognitivo-comportamental,

> **o trabalho clínico com idosos pode envolver uma complexa interação de fatores abrangendo: o curso de vida; a coorte (grupos de pessoas que nasceram em períodos similares, refletindo experiências compartilhadas) a qual pertence o idoso; as perspectivas; as crenças; o contexto familiar, com suas peculiaridades sobre compromissos e obrigações; as doenças, em especial, as neurodegenerativas; as comorbidades; os déficits cognitivos e sensoriais; sem contar os fatores sociodemográficos, como a idade, gênero, renda e culturais; além daqueles específicos voltados à demanda de cuidado, em função do aumento da expectativa de vida, que vêm caracterizando os tempos modernos. O acompanhamento do desenvolvimento do idoso envolve conhecer aquelas mudanças que são comuns à maioria deles, caracterizando os padrões normativos de envelhecimento, como, também, aqueles não normativos, que os torna heterogêneos e diferenciados. (FONTES, 2016, p. 25)**

A área que estuda os processos de envelhecimento humano é denominada Gerontologia. Na Psicologia, uma autora bastante conceituada em pesquisas desta ordem é Anita Liberalesso Neri, professora do Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

(Unicamp). Neri (2014 apud FONTES, 2016, p. 28) afirma que "o envelhecimento requer para sua compreensão uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo principalmente a Psicologia, a Biologia e as Ciências Sociais [...]".

Pesquise mais

Leia a seguir um dos artigos descritos por Neri e Vieira (2013) que avalia o desempenho das atividades avançadas de vida diária (AAVD) a partir do envolvimento e suporte social do idoso:

NERI, Anita Liberalesso; VIEIRA, Ligiane Antonieta Martins. Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 3, p. 419-432, set. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2wrunFH>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Entender a riqueza que habita cada experimentação humana é o ponto principal da Psicologia e, claramente, deve ser dos psicólogos, por isso, não somente o conhecimento teórico e técnico são importantes, mas também a habilidade de conversação e trabalho com outros saberes científicos, além da característica pessoal do profissional em dispor-se internamente para a superação de modelos e representações sociais que influenciam e enviesam sua compreensão. Neste processo de amadurecimento científico e profissional, qual é a sua disponibilidade interna?

Sem medo de errar

Na SP desta seção, ao participar pela primeira vez de um grupo elaborado para acolher idosos com doenças crônicas, você se deparou com a seguinte pergunta: "como você explicaria a fase em que estamos vivendo?"

Para conseguir responder de forma qualificada à idosa que lhe dirigiu esse questionamento, foi proposto que você elaborasse um breve texto explicativo a partir dos conteúdos aprendidos nesta seção. Esse texto poderá contemplar os seguintes pontos:

- As experiências vividas são mais importantes no processo de envelhecimento do que o simples recorte etário.

- Apesar de haver um inevitável declínio biológico, a velhice também representa maturidade, experiência de vida, sabedoria e que tais aspectos devem ser mais enfatizados em nossa cultura.
- Há diferentes formas de definir idades: a partir do recorte cronológico, social, biológico e psicológico, e esses aspectos influenciam a leitura que fazemos a respeito dessa fase da vida.

Para tornar este diálogo ainda mais profundo e acolhedor, você poderá devolver-lhes a pergunta: "como vocês estão vivenciando esse momento de vida?".

Faça valer a pena

1. Na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik H. Erikson, que abrange todo o curso de vida (desde o nascimento até a velhice), cada estágio da vida apresenta uma tarefa ou um desafio principal relacionado ao "eu" e aos outros, com o qual as pessoas devem lidar de alguma maneira.
Fonte: Concurso para Agente de Defensoria/Psicólogo – 2010 – Fundação Carlos Chagas.

O desafio do oitavo estágio é:
a) diligência × inferioridade.
b) iniciativa × culpa.
c) identidade × confusão de papéis.
d) integridade x desespero.
e) autonomia × vergonha e dúvida.

2. Relacione os termos à esquerda com sua correta definição à direita:

Idade biológica	( ) Aceitação de seu ciclo vital como único.
Idade psicológica	( ) Movimento dinâmico da vida.
Integridade	( ) Representa o processo de envelhecimento.
Envelhecimento	( ) Noção subjetiva da idade cronológica.

A ordem correta, de cima para baixo, é:
a) 2, 4, 1, 3.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 3, 4, 1, 2.
d) 4, 3, 2, 1.
e) 4, 2, 1, 3.

3. Leia o trecho abaixo:

> A memória impecável, a voz firme e o olhar direto, sempre por trás de óculos escuros, não condizem com a imagem de uma senhora de 90 anos. Mas, **Bibi Ferreira** não tem nada de ordinário: grande diva do teatro brasileiro [...] ela se casou cinco vezes, ganhou prêmios como o Molière e o Mambembe e, em abril, faz sua estreia nos Estados Unidos com um espetáculo musical em Nova York, coroando uma carreira de 72 anos.

Fonte: PINHEIRO, Raquel. Bibi Ferreira: "só tenho 25 anos. Ou muito menos". 15 mar. 2013. **Revista Eletrônica Quem Acontece**. Disponível em: <https://glo.bo/2wjVWSm>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Podemos afirmar corretamente que:

a) Apesar de a assertiva trazer elogios à condição atual de Bibi Ferreira, ela demarca a representação social do idoso ao afirmar que o comportamento da atriz não condiz com a imagem de uma senhora de 90 anos.

b) A partir da divisão dos grupos de idosos utilizada pelos estudiosos atualmente, segundo Papalia, Olds e Feldman (2006 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), identificamos que Bibi Ferreira encontra-se na categoria dos idosos velhos.

c) A partir da divisão dos grupos de idosos utilizadas pelos estudiosos atualmente, segundo Papalia, Olds e Feldman (2006 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), identificamos que Bibi Ferreira encontra-se na categoria dos idosos mais velhos.

d) Bibi Ferreira encontra-se na categoria dos idosos velhos, segundo a divisão apontada por Papalia, Olds e Feldman (2006 apud SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), que se incluem entre o percentual de trabalhadores ativos que sustentam os trabalhadores inativos.

e) Bibi Ferreira encontra-se no oitavo estágio do desenvolvimento descrito por Erikson (1968), uma vez que vivencia o trabalho como forma de defesa ao desespero que surge com o findar da vida humana.

Seção 4.2

Marcadores psicossociais do envelhecimento

Diálogo aberto

Seja bem-vindo a mais uma sessão sobre o processo de envelhecimento humano. Caminhamos rumo ao final desta disciplina e, por isso, vamos abordar temas delicados neste material: o impacto da aposentadoria, as doenças crônicas, a terminalidade da vida, a questão da sexualidade e da transmissão do vírus HIV, o suicídio na velhice e a definição de envelhecimento ativo, utilizando, também, alguns conceitos de um autor apresentado a você na Seção 3.2: Foucault. Para contribuir com seu aprendizado, vamos à situação-problema desta seção: imagine-se como psicólogo participante do grupo de promoção à saúde do idoso, como apresentado a você no contexto de aprendizagem. O tempo passou e você está neste grupo há mais de um ano. Muitos temas foram trabalhados e você se vê diante do desafio de reinventar estes encontros, então, passou a buscar novas propostas de atividade e, para isso, decidiu atualizar seus conhecimentos, a partir de pesquisa bibliográfica com o que há de mais atual nesta área, através de sites dos órgãos de garantia de direitos e/ou sites de publicação científica. Portanto, realize a leitura de dois artigos (publicados há menos de 10 anos) e elabore um texto destacando os principais pontos abordados. Não se esqueça de citar as fontes pesquisadas e de utilizar as normas da ABNT.

Além de ampliar seus conhecimentos acerca destes temas, a situação-problema desta seção contribuirá para a atividade prática que você desenvolverá ao final desta disciplina. Portanto, foco na missão e bons estudos!

Não pode faltar

Bem-vindo à Seção 4.2!

Na seção anterior começamos a abordar temas relacionados à fase da velhice. Percebemos que, assim como os outros estágios

do desenvolvimento humano, não há uma abordagem única no cuidado e no manejo de sujeitos idosos, assim como não há um só caminho para a compreensão dos fenômenos relacionados ao envelhecimento. Isto demonstra a importância de analisarmos as possíveis variáveis relacionadas a um mesmo evento.

Um dos pontos abordado brevemente foi o crescimento do número de idosos e o decréscimo no número de nascimentos. Este fato tem provocado grandes reflexões mundiais porque envolve a descoberta de novas formas de cuidado em relação à saúde – uma vez que estamos vivendo mais – e, também, demanda uma resposta para o sistema previdenciário, já que atualmente no Brasil, por exemplo, existem 100 trabalhadores ativos para sustentar 46 pessoas inativas (aposentados, pensionistas, etc.) ao passo que, em 2060, essa proporção será de 100 para 65,9 (IBGE, 2013 apud BBC NEWS, 2013).

Apesar de não termos espaço suficiente para adentrarmos no polêmico tema da reforma da previdência, é fundamental que os psicólogos estejam atentos a estas mudanças político-econômicas, porque impactam diretamente na vida de todos (profissional e sujeitos atendidos). Apenas para esclarecimento, atualmente há duas formas de aposentadoria em nosso país (com exceção das aposentadorias por incapacidade permanente para o trabalho e especial): por tempo de serviço e por idade. Hoje, a aposentadoria por tempo de serviço prevê que as mulheres contribuam para a Previdência Social durante 30 anos, e os homens durante 35 anos. Atingido este teto, não há idade mínima para se aposentar. Por sua vez, na aposentadoria por idade a pessoa tem que comprovar 15 anos de contribuição e contar com 60 anos de idade, no caso das mulheres, e 65 anos no caso dos homens (LEWGOY, 2018).

Ademais, outro ponto de importância para a Psicologia é a implicação na vida psíquica e social das pessoas que estão prestes a encerrar suas carreiras profissionais. Para entender este momento, é preciso compreender inicialmente alguns pontos:

1. Quem é esta pessoa.
2. A qual classe econômica ela pertence.
3. Em qual tipo de sociedade ela está inserida.
4. Qual é o sentido do trabalho para ela.

Para não ampliarmos demais, vamos tomar como ponto de referência o país em que vivemos, cujo modelo econômico (como você estudou na Seção 2.3) é o neoliberalismo.

> **No modo de produção capitalista, que idolatra a produção e aliena o trabalhador do processo de produção, a aposentadoria é frequentemente vivenciada como a perda do próprio sentido da vida, uma espécie de morte social. Ao se valorizar apenas aqueles que produzem, deprecia-se o sujeito aposentado. (SANTOS, 1990 apud RODRIGUES et al., 2005, p. 54)**

Além disso, falar de aposentados com alto poder aquisitivo é diferente de falar de aposentados com baixo poder aquisitivo – estes representam boa parte de nosso país. Assim como falar de um trabalhador que vende sua força de trabalho para sobreviver e de um trabalhador que vende sua força de trabalho para acumular recursos também é bem diferente. Não se trata de fazer uma análise julgadora de quem tem mais ou menos recursos econômicos, mas sim de entender as diferentes significações que o trabalho adquire diante da realidade social e cultural das pessoas. Na aposentadoria se acentuam as desigualdades sociais e, desta forma, ressalta-se também as desigualdades em relação à qualidade de vida e ao bem-estar das pessoas idosas, potencializando esta exclusão social (DELBERT; NERI, 2004 apud RODRIGUES et al., 2005).

Segundo Assis (2018), em pesquisa realizada pela Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (FenaPrevi) juntamente com o Instituto Ipsos, constatou-se que para 76% dos brasileiros em fase de aposentadoria o INSS é a principal fonte de renda, além disso, 43% das pessoas afirmam que desejam continuar trabalhando após a aposentadoria, para garantir seu sustento. Se considerarmos que a cada três aposentados pelo INSS, dois ganham um salário mínimo, então, teremos a comprovação desta exclusão social cotidianamente retratada (MARCHESAN, 2017).

> É fácil verificar o tratamento diferenciado que a sociedade capitalista tem dispensado a segmentos de aposentados de alto ou médio poder aquisitivo, quando comparado com aqueles que recebem salários inexpressivos. Os mais abastados, por representarem um mercado consumidor em potencial, com possibilidades concretas de injetarem na economia importâncias financeiras significativas, são alvo preferencial de todo tipo de propaganda e sedução, tratados como um segmento representativo da "melhor idade". Além de dinheiro, que os qualifica como "consumidores desejados", têm tempo para "aproveitarem" a vida, podendo gastar sem outras preocupações. O mesmo não ocorre, entretanto, com a maioria da população brasileira que, em situação de aposentadoria, fica à mercê de minguada remuneração e/ou de escassos benefícios sociais que beiram a imoralidade. Por não disporem do atributo qualificativo - "poder aquisitivo" -, condição "sine-qua-non" para estarem inseridos na sociedade de consumo, são desconsiderados pela lógica capitalista. (RODRIGUES et al., 2005, p. 55)

Segundo Antunes (2005 apud RODRIGUES et al., 2005) o trabalho é uma importante ferramenta na construção do ser social, pois produz no dia a dia as relações que nos diferenciam de outras espécies. Este ser social também constrói laços de afeto e de pertencimento que, com a aposentadoria, podem ser vividos como perdas significativas. Além disso, por tratar-se de um momento de ruptura, que convoca para uma nova posição social, a aposentadoria (ou a fase que a antecede) pode ser considerada um evento estressor, um ponto desencadeador de ansiedade e sofrimento psíquico. Somados a este ponto, a aposentadoria também está associada ao envelhecer e, como vimos na seção anterior, envelhecer em nossa sociedade está associado a uma imagem pejorativa do sujeito velho, como aquele sem função.

O papel da Psicologia consiste, portanto, em contribuir para que o aposentado reconstrua sua "identidade pessoal, através da interiorização de novos papeis e da busca de novos objetivos de vida,

num processo de redefinição de sua vida, ao mesmo tempo em que deverá assumir essa nova fase, repensando o estigma de ser inativo" (RODRIGUES et al., 2005, p. 55). Dentro das organizações, o papel do psicólogo envolve construir novos conhecimentos e espaços para acolher as pessoas em fase de aposentadoria, investigando o sentido do trabalho, além de "elaborar programas que contemplem variáveis importantes à qualidade de vida no trabalho e, especificamente, as questões relacionadas à subjetividade do trabalhador" (RODRIGUES et al., 2005, p. 60).

Pesquise mais

O artigo a seguir retrata o papel da Psicologia diante do contexto da aposentadoria:

COSTA, Aline Bogoni; SOARES, Dulce Helena Penna. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 97-108, dez. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2woLGbn>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Outro tema tão delicado quanto este é o da sexualidade na velhice. Ainda tomando como base as representações sociais dos idosos, é possível inferir que estamos tratando de um grande tabu. Em pesquisa realizada na Inglaterra observou-se que os profissionais de saúde pouco conversavam sobre o tema da sexualidade com os idosos. Além disso, este estudo

> **apontou também que muitas crenças a respeito de atitudes e comportamento de pessoas mais velhas foram baseadas numa visão estereotipada da velhice e da sexualidade, ao invés de serem baseadas nas experiências pessoais dos pacientes. (GOTT; HINCHLIFF; GALENA, 2004 apud VIANA; MADRUGA, 2010, P. 28)**

Isto porque a representação social que envolve este tema está vinculada ao estereótipo do idoso sem energia, sem vitalidade e, portanto, isento de sexualidade. Esta representação é comprovada

por uma pesquisa realizada por Vieira, Miranda e Coutinho (2012, p. 127) com 30 idosos, que apontou que os idosos percebem a maneira negativa como a sociedade compreende a sexualidade após os 60 anos. Além disso, ressaltou que o preconceito e a discriminação contra estas pessoas provocam graves prejuízos à qualidade de vida. Por sua vez, os autores relatam que a percepção dos próprios idosos sobre si mesmos é outra:

> **Os idosos pesquisados demonstraram ter entendimento acerca da sexualidade e da importância da mesma para a vida do idoso, caracterizando-a como algo complexo que não se resume apenas ao ato sexual. Os participantes demonstraram aceitação das práticas sexuais na velhice, sendo algumas de suas expressões o carinho, o companheirismo e a intimidade. Foram destacados alguns fatores que interferem de forma negativa nas vivências sexuais dos idosos, como a presença de alguma patologia orgânica ou dificuldades financeiras. (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012, p. 127)**

Como apontam Skinner e Vaughan (1985, p. 108), "a atividade sexual, tão explicitamente descrita em romances e retratada em filmes, quase sempre envolve pessoas jovens", sendo assim, prosseguem, "uma cena de amor entre duas pessoas que já passaram da meia-idade, provavelmente será vista como impossível ou ridícula". Desta maneira, concluem, os idosos precisam de ajuda, pois a atividade sexual não deve ser desestimulada com a intenção de se evitar críticas. Esta diferença de olhar demonstra o quanto os idosos não possuem espaço para expor seus sentimentos, dúvidas e vivências acerca de sua sexualidade. Muitos sentem-se envergonhados. A ausência de espaço pode ser um dos motivos pelos quais o número de idosos infectados pelo HIV tem crescido exponencialmente.

Segundo Dino (2017), o número de casos de pessoas com mais de 50 anos que contraíram o vírus HIV dobrou na última década. Prossegue o autor afirmando que, segundo o Ministério da Saúde, houve um aumento de aproximadamente 103% de casos. O Estado do Pará lidera estes números.

São muitos os fatores que influenciam este aumento: a ausência do uso do preservativo, seja pela dificuldade de ereção de alguns, ou pela falta de hábito de outros; a suscetibilidade em relação às doenças, por vivenciarem um declínio progressivo das funções imunológicas de seu corpo; a presença de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, que os tornam ainda mais vulneráveis aos processos infecciosos. Além disto, o diagnóstico tardio, o estado mental e nutricional, a função dos órgãos e da imunidade influenciarão o agravo ou a estabilidade do quadro clínico (SOUZA, 2008 apud INSTITUTO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2016).

Ao negar a sexualidade na velhice, a sociedade perde a possibilidade de problematizar estas questões importantes. Portanto, a criação de conceitos como envelhecimento ativo tem procurado promover mudanças na maneira como a sociedade compreende este processo e esta fase da vida.

O envelhecimento ativo foi adotado pela Organização Mundial de Saúde no final dos anos de 1990. Seu uso objetiva ampliar a mensagem existente em termos como envelhecimento saudável, além de reconhecer outros fatores importantes neste processo de envelhecimento (KALACHE; KICKBUSCH, 1997 apud WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005).

> **Envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas [...] aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 13)**

Podemos entender, portanto, que a qualidade de vida e os direitos humanos também incluem a vivência de atividades de

lazer, quer seja no bairro, nos centros de convivência para idosos, ou aproveitando os benefícios e descontos (como a gratuidade do transporte público ou a meia-entrada em espetáculos, shows e cinemas), a Universidade Aberta para a Terceira Idade ou, ainda, radicalizando e tornando-se mochileiros viajantes pelo mundo.

Estas atividades possibilitam a construção criativa de saídas para momentos de fragilidade e atuam como um sistema de redes de cuidados e de suporte. Skinner e Vaughan (1985, p. 91) sugerem, ainda, outras atividades como: acessar programas de TV que ensinam técnicas de pinturas, bordados e artes em geral, propiciando momentos de aprendizado diante do cenário inevitável de perdas ou, nas palavras dos autores, "na ausência de uma janela ensolarada, pode-se usar um tipo especial de luz artificial", ou seja, há a possibilidade de explorar campos até então desconhecidos. Outras sugestões ofertadas pelos autores são os animais de estimação: "pode ser fascinante dedicar-se a um mundo biológico mais sofisticado — como por exemplo uma colônia de formigas. Um cachorro ou gato dão mais trabalho, mas com certeza são melhores companheiros" e prosseguem falando diretamente com as pessoas idosas:

> **tente viver seu cotidiano de um modo um pouco diferente. Apenas por uma semana ou duas, experimente ler jornais ou revistas ou livros diferentes. Assista diferentes programas de TV e sintonize novas estações de rádio. Veja pessoas diferentes, indo a lugares diferentes. Talvez encontre coisas novas para fazer, e além disso, a novidade em si pode valer a pena. Você pode ainda transformar-se num explorador entusiasmado. (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 92)**

Estas atividades produzem sociabilidade e proporcionam momentos de alegria e descontração, melhorando a qualidade de vida das pessoas idosas. Mas o lazer deve ser um direito e não uma obrigação. Em qual sentido? Na tentativa de negar o processo de envelhecimento, a sociedade pode induzir pessoas idosas a práticas de atividades que não condizem com seu perfil. Todo projeto deve incluir o desejo das pessoas e, claramente, não é diferente

com as pessoas idosas. Respeitar tanto os limites corporais como as características de personalidade é um passo fundamental para inserir idosos em atividades que busquem promover bem-estar e saúde (física e/ou mental).

> **Ao considerarmos o viver bem a velhice, devemos falar também das coisas de que gostamos ou de que não gostamos de fazer. Gostar depende muito do para que fazemos algo, ou do que acontece quando o fazemos. Podemos até gostar de fazer algumas das coisas que temos de fazer, e não gostar de fazer algumas das coisas que queremos fazer. Assim, usualmente temos de preencher a vida, mas se somos felizes, gostamos do que fazemos para preenchê-la. (SKINNER; VAUGHAN, 1985, p. 31)**

Pesquise mais

O artigo a seguir aborda quatro desafios para a fase da velhice.

MOURA, Giselle Alves; SOUZA, Luciana Karine de. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 1, p. 172 - 183, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2BUHkxP>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Outros desafios que envolvem as pessoas com mais de 60 anos são as doenças crônicas que, geralmente, culminam na terminalidade de suas vidas. Dentre as doenças que mais afetam os idosos em todo mundo estão: as cardiovasculares, hipertensão, diabetes, derrame, câncer, doença pulmonar crônica, artrite, osteoporose, depressão, cegueira ou diminuição da visão. Desta forma, na medida em que envelhecem, "as doenças não-transmissíveis (DNTs) transformam-se nas principais causas de morbidade, incapacidade e mortalidade em todas as regiões do mundo, inclusive nos países em desenvolvimento" (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 15).

Além destas, Damasceno (2011 apud FONTES 2016, p. 27) acrescenta que outras doenças, como "as demências degenerativas e vascular têm se transformado em um problema de saúde pública e

sua prevalência aumenta com a idade, sendo de 1 a 5% aos 65 anos, 20% aos 80 e 45% em indivíduos acima de 90 anos". Ademais, os transtornos mentais também devem merecer maior cuidado neste momento da vida. Ainda segundo o autor, em pesquisa realizada no município de Campinas/SP, envolvendo 1520 idosos, "encontrou uma prevalência de 29,7%, significativamente mais elevada no sexo feminino, nos idosos com 80 anos ou mais, menor renda, que não trabalhavam, sedentários, que avaliaram sua saúde como ruim/muito ruim [...]".

Assim, diante do sofrimento causado pelo adoecimento ou pela proximidade do fim da vida, muitos idosos se (re)aproximam de um religião, ou passam a desenvolver sua espiritualidade de forma mais intensa. Porém, espiritualidade e religião são conceitos diferentes.

> A **religião** é um dos elementos mais complexos e irredutíveis da tessitura das culturas. Aborda a relação das pessoas com aspectos transcendentais da existência. Seus fundamentos e práticas orientam de forma significativa as ações humanas. Pessoas e instituições que orientam seu fazer social tendo por referência a religião o fazem, a partir de um pressuposto que reflete suas crenças e, portanto, sua religiosidade. A busca do fundamento sagrado da vida, daquilo que confere sentido à existência é, entretanto, de ordem espiritual. Desta forma, compreende-se que as religiões se encontram na **espiritualidade**. Todavia, a busca do sentido último da existência, não se reduz à religião. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014, p. 2, grifo nosso)

Assimile

A espiritualidade é um fenômeno mais amplo do que a religiosidade. Enquanto a religiosidade está ligada a uma instituição religiosa, às crenças, dogmas e características próprias, a espiritualidade se configura como um fenômeno que não se reduz às instituições. Assim, podemos ter sujeitos que afirmam ter espiritualidade, mas não estão vinculados a nenhuma religião.

Como podemos perceber, a Psicologia não nega nem a espiritualidade nem a religiosidade. A questão ética que envolve este tema está centrada no fato de que o psicólogo **não pode induzir** as pessoas atendidas a qualquer convicção pessoal. Conforme disposto no Código de Ética: "ao psicólogo é vedado [...] induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, Art. 2º).

A Psicologia se configura enquanto ciência laica, mas isto não significa negar ou se afastar dos temas que envolvem a religião, a crença ou a espiritualidade do sujeito atendido: "pautar-se na obrigatória laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a religião, e pela psicologia e a espiritualidade" (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014, p. 2).

Deste modo, é importante reconhecer que a espiritualidade e a religiosidade, na medida em que a vida avança, passam a constituir-se importante instrumento de apoio emocional para muitas pessoas, que pode impactar significativamente na saúde física e mental dos indivíduos, ofertando sentido à vida e à morte. Logo,

> **a relação entre espiritualidade e velhice se dá pela capacidade de suportar limitações, dificuldades e perdas inerentes ao processo, sendo que a vivência da espiritualidade possui importância e relevância para uma a velhice com qualidade[8]. Já a religiosidade é vista como uma forma de ajuda e proteção do estresse frente às perdas e às modificações que ocorrem durante o processo de envelhecimento[9]. A espiritualidade e a religiosidade parecem ser uma mola no que concerne às diversas situações problemáticas e dificuldades encontradas nos últimos anos da vida de um indivíduo. Assim, utilizadas como estratégia de resiliência apesar das suas diferenças conceituais, uma e outra revelam influências bastante surpreendentes na melhor QV (qualidade de vida) da população idosa. (REIS; MENEZES, 2017, p. 795)**

Enquanto para alguns a fé e a espiritualidade atuam como apoio e suporte diante das angústias da vida, para outros, a esperança se esvai e o alívio surge através suicídio. Segundo Minayo e Cavalcante (2010), estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde em 13 países da Europa apontam que, aproximadamente, 29 pessoas em um contexto de 100.000 pessoas, com mais de 65 anos, cometem suicídio e que 61 pessoas (neste mesmo contexto de 100.000) fizeram tentativas de suicídio. Este último dado é extremamente significativo se consideramos, também, que a chance de uma pessoa idosa conseguir cometer suicídio é bastante elevada. O aumento de suicídios no final da vida também foi demonstrado em estudos americanos, como pesquisa desenvolvida por Nock et al. ([s.d.] apud MINAYO; CAVALCANTE, 2010).

O coeficiente de mortalidade (número de mortes dividido por 100.000 habitantes) por conta do suicídio, mundialmente falando, é de aproximadamente 11/100.000, ou seja, muito abaixo do coeficiente apresentado em relação aos idosos estudados na Europa. Obviamente, os índices variam de região para região, inclusive dentro de um mesmo país. Geralmente, o suicídio é mais elevado em países desenvolvidos. No Brasil, o coeficiente deste tipo de mortalidade (incluindo qualquer faixa etária) está em torno de 6/100.000, segundo dados recebidos pela Organização Mundial de Saúde entre os anos de 2000 e 2012 (BOTEGA, 2015).

O Mapa da Violência 2014, organizado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, aponta que, acima dos 60 anos, há oito suicídios por 100 mil habitantes, taxa maior que a registrada entre outros grupos etários. Entre 1980 e 2012 — período avaliado no estudo —, houve crescimento de 215,7% no número de casos entre os idosos. Da mesma forma que ocorre com os mais jovens, os homens são as principais vítimas. Aos 75 anos, de acordo com o Ministério da Saúde, a razão é de oito a 12 suicídios masculinos por um feminino. (OLIVETO, [s.d.], [s.p.])

Segundo Oliveto ([s.d.]), são muitas as razões pelas quais a pessoa idosa pode cometer suicídio, sendo a maior frequência associada ao

isolamento social, às doenças que levam à invalidez, à interrupção do trabalho ou limitação funcional, aos abusos e violências de gênero e às dívidas. Além disso,

> **o velho não só sofre processo de migração, de deslocamento. Mas, também, muitas vezes na própria casa, perde o quarto principal, vai pra um quartinho de fundo. Os filhos, quando o levam ao médico, falam por ele, o tratam como criança, desautorizam no médico. O idoso vai perdendo voz, espaço" (GUTIERREZ apud OLIVETO, [s.d.], [s.p.]).**

Reflita

O que deixamos de ver enquanto sociedade? O que estamos provocando ao alimentarmos estereótipos de beleza e juventude? Quem escuta o sofrimento destas pessoas? Qual o papel do psicólogo diante desta realidade?

O suicídio não se configura enquanto ato de coragem ou covardia, tampouco está relacionado à falta de fé ou fraqueza humana. Sua compreensão não pode ser reduzida a estas concepções de senso comum que, além de nada acrescentarem no olhar e no manejo da pessoa em sofrimento, produzem ainda mais sofrimento, preconceito e ausência de diálogo. O suicídio é um ato voluntário permeado de múltiplos fatores psíquicos, sociais e culturais e, para muitos, ele se configura enquanto última solução encontrada por quem vivenciou o desamparo, inundando e sufocando toda e qualquer possibilidade de existência. Ele também pode ser compreendido a partir da impossibilidade de viver uma vida normatizada e normatizadora, não somente pelos idosos, mas por pessoas de qualquer idade: "velhos e jovens movidos por ideais de vida são responsabilizados e culpabilizados por seus infortúnios (TÓTORA, 2008, p. 24).

Exemplificando

Exemplos de discursos que envolvem a culpabilização podem ser observados com bastante frequência: se o sujeito foi diagnosticado com HIV é porque não se preveniu; se desenvolveu um quadro de diabetes ou hipertensão é porque se alimenta errado; se está obeso é porque não se exercita; se está deprimido é porque suas fraquezas não permitem enfrentar os desafios da vida. Há sempre um discurso pronto para responsabilizar unicamente o sujeito por seu adoecimento.

> **Segundo Foucault, o governo dos corpos individuais e coletivos toma a vida biológica da espécie humana como alvo das relações de poder: as biopolíticas são estratégias de fazer viver e impedir a morte. Nas sociedades de controle, o biopoder tem como estratégia controlar os riscos, isto é, riscos de adoecer, riscos de morrer. A velhice, nesse sentido, torna-se o alvo privilegiado e, em nossa sociedade, é o prenúncio da morte. Em suma, envelhecer é a morte em vida. (TÓTORA, 2008, p. 25)**

Segundo Souza Matos e Fontes Vieira (2014, p. 197), o biopoder é um conceito utilizado "por Foucault (1994) em 1976, em a História da Sexualidade I, a Vontade de Saber, no qual o autor apresenta a ideia de um poder que se situa e se exerce no nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população". Outro conceito deste autor que pode ser aprofundado pelo profissional de Psicologia é o efeito de verdade, já estudado por você na Seção 3.2.

Relembrando, os efeitos de verdade se constituem como a naturalização de uma forma de pensamento que é tomado como verdadeiro, sem que se reflita sobre a maneira como este pensamento foi construído (FOUCAULT, 1970/2014).

Considerando que a sociedade elabora verdades a partir de sua construção histórica, social e cultural, caberia nos perguntar: quais efeitos de verdade são produzidos nos discursos sobre a saúde, sobre o envelhecimento ativo e também sobre a própria compreensão da velhice? Será possível desvelar o que mobilizou a produção de tais

conceitos? Será possível afirmar que o pano de fundo de todas elas tem uma relação direta com o poder (termo também aprofundado pelo autor e apresentado a você na Seção 3.2)?

Difícil responder a estas perguntas, mas refletir sobre elas é importante. Ninguém nega a significância da saúde, da qualidade de vida ou dos mecanismos para alcançá-las, mas a pergunta a ser feita é: para quê? A serviço de quem estes conceitos são praticados de forma naturalizada, ditos e escritos como se fossem a única verdade possível? A prática destes discursos, de fato, só se interessa pelo bem-estar do sujeito ou alimenta o sistema de controle e de produção de corpos dóceis?

Possivelmente, mais do que encontrar as supostas verdades ou a origem da construção destes conceitos, é fundamental escavar, ou seja, revelar as camadas destes discursos, considerando para isto quatro questões essenciais apresentadas pelo autor: quem fala? De onde fala? Por quê fala? Para quem fala? (TEIXEIRA, 2017).

A maneira como lidamos com os discursos poderá desvelar muitas histórias norteadoras de um cuidado mais vinculado às supostas verdades de cada sujeito, e não tanto aos padrões e normas que permeiam a vida social, apesar de estas duas realidades estarem intimamente relacionadas. Cabe ao psicólogo o desembaraçamento destes discursos, o movimento sempre em busca de amplificação da escuta e da compreensão, que extrapolam o campo do que simplesmente está sendo verbalizado.

Pesquise mais

O artigo a seguir aborda o conceito de velhice na perspectiva foucaultiana de biopoder.

MATOS, Robson Kleber de Souza; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. Fazer viver e deixar morrer: a velhice na era do biopoder. **Psicologia Ciência e Profissão, 2014, 34** (1), 196-213. Disponível em: <http://bit.ly/2LyruIN>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção você considerou importante inovar as atividades do grupo de idosos que conduz há mais de um ano. Para isso, foi proposto a você uma pesquisa bibliográfica com o que há de mais atual nesta área, através de sites dos órgãos de garantia de direitos e/ou sites de publicação científica. Desta forma, você deverá realizar a leitura de dois artigos (publicados há menos de 10 anos) e elaborar um texto destacando os principais pontos abordados, utilizando as normas da ABNT. Para facilitar a criação deste texto, você poderá elaborar fichamentos utilizando a estrutura apresentada a seguir. Este material poderá ser incorporado na atividade prática a ser entregue ao final desta unidade de ensino. Sobre as normas da ABNT, não deixe de acessar o site da biblioteca de sua universidade.

Sugestão de estrutura de fichamento:

Fonte pesquisada:

Nome dos autores do trabalho:

Título:

Se for site: endereço eletrônico e a data da sua leitura.

Se for livro: colocar o nome da editora, o número de edições (se houver) e o ano de publicação.

Texto:

Você poderá fazer **citações diretas,** para ajudar na escrita de seu próprio texto e, para isso, não se esqueça de utilizar aspas e de colocar o número da página do trecho copiado.

Ou você pode escrever o que entendeu sobre determinada parte do texto, que são as **citações indiretas**.

Estes recortes facilitarão a construção de seu texto, lembrando sempre que, para não configurar plágio, é preciso citar a fonte utilizada (seja com aspas – quando você copia literalmente o que o autor escreveu – ou com suas próprias palavras).

Você pode acessar modelos de fichamento no endereço abaixo:

TODA MATÉRIA. Língua Portuguesa. Produção de textos. **Fichamento**. Disponível em: <http://bit.ly/2LB2GQn>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Faça valer a pena

1. O processo de envelhecimento deve estar vinculado não somente às possibilidades de promoção e cuidado em saúde, mas deve incluir também o acesso à cultura, às possibilidades de lazer, à proteção em relação às múltiplas formas de violência, aos espaços de diálogo e informações, garantindo que os direitos das pessoas idosas sejam respeitados.

O texto-base está relacionado ao conceito de:
a) Envelhecimento saudável.
b) Envelhecimento necessário.
c) Envelhecimento participativo.
d) Envelhecimento ativo.
e) Envelhecimento progressivo.

2. Assinale verdadeiro (V) ou falso (F) para as afirmativas abaixo:

( ) Em nosso país a aposentadoria é recorrentemente vivida como a morte social do sujeito, ou seja, como perda do sentido de vida neste contexto de relações mercantis.
( ) O tratamento da sociedade, em relação aos idosos, independe de seu poder aquisitivo ou status social ao qual ele pertence.
( ) A sociedade percebe o idoso como um sujeito sem energia, especialmente em relação à sexualidade. Os idosos, por sua vez, reconhecem que a sexualidade não se reduz ao ato sexual.
( ) A espiritualidade se configura enquanto busca pelo fundamento sagrado da vida, constitui-se como ordem espiritual e, portanto, é um tema a ser evitado no campo da Psicologia.

A ordem correta, de cima para baixo, é:
a) V, F, V, F.
b) V, F, V, V.
c) V, V, F, V.
d) F, F, V, V.
e) F, V, F, V.

3. Leia as assertivas abaixo:

O psicólogo não pode induzir as pessoas atendidas a nenhuma convicção religiosa pessoal.

POR ISSO

A Psicologia deve abster-se de discussões que envolvam os temas religião e espiritualidade.

A partir das assertivas acima, é correto afirmar que:
a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Seção 4.3

Atuação com o idoso

Diálogo aberto

Seja bem-vindo à última seção de Desenvolvimento Humano II.

Como você percebeu, os temas que envolvem esta disciplina são extremamente amplos, complexos e permeados por diferentes visões de mundo das inúmeras abordagens psicológicas. Não há, portanto, a melhor ou mais adequada abordagem. Há, sim, aquela que faz mais sentido a você. E, para contribuir ainda mais com este momento de aprendizado, apresentamos a última situação-problema desta unidade de ensino. Após longos anos dedicados ao cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS), eis que chega o momento de sua aposentadoria. Mobilizado por este ciclo que se encerra, você decidiu escrever uma carta reflexiva endereçada às futuras gerações de psicólogas e psicólogos. Nela, você relata experiências e elabora reflexões entrelaçadas à teoria, devido ao seu compromisso ético com a formação de novos profissionais. Portanto, para escrever esta carta de encerramento, retome os principais pontos apresentados nas Unidades de Ensino 2 e 3 (o que mais lhe chamou a atenção? Quais conteúdos você gostaria de destacar?). Você poderá utilizar as situações-problema como relatos de experiências, para exemplificar suas reflexões e construções teóricas, além das vivências práticas.

Para concluir todo o trabalho desenvolvido por você ao longo desta disciplina, leia com atenção e cuidado o conteúdo do item Não pode faltar, que abordará temas como: envelhecimento, mídia e estética; idoso institucionalizado, violência, abuso e negligência; relações familiares e o Estatuto do Idoso; idoso, economia e cultura; e atuação preventiva da Psicologia.

Bons estudos e bons caminhos em sua trajetória profissional!

Não pode faltar

Bem-vindo à Seção 4.3!

Na seção anterior, foram abordados conteúdos que versam sobre alguns direitos que envolvem a pessoa idosa, como o lazer

e o acesso à saúde. Essas garantias, como você aprendeu, fazem parte do conceito de envelhecimento ativo, mas já pensou sobre o quanto estes direitos são violados? Será que há um instrumento legal que proteja a pessoa com mais de 60 anos de idade? Sim, o Estatuto do Idoso.

O Estatuto do Idoso foi aprovado em 2003, através da Lei nº 10.741, e alterado em 2017 pela Lei nº 13.466, assegurando prioridade especial para as pessoas com mais de 80 anos de idade (BRASIL, 2003; BRASIL, 2017). Segundo o texto legal:

> **O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, Art. 2º-3º)**

Entretanto, apesar desse instrumento, sabemos que a realidade brasileira nem sempre é esta. As violências, abusos e negligências contra a pessoa idosa infelizmente são praticadas em diversos contextos, especialmente no âmbito familiar e no âmbito institucional. Segundo a Agência Brasil (2018), grande parte das denúncias estão relacionadas à negligência (76,84%), seguidas pela violência psicológica (56,47%) e abuso financeiro e econômico (42,82%). Destas violências, 76,3% são registradas no âmbito doméstico.

Entender cada tipo de violência é fundamental para identificá-las. Segundo Minayo (2005), maus-tratos contra a pessoa idosa se configuram como ato ou omissão, que pode ocorrer uma única vez ou de forma repetida, e que provoca danos ou sofrimento, sendo perpetrados em qualquer tipo de relação na qual exista uma expectativa de confiança. Ainda segundo a autora, há diversos tipos

de violência: abuso físico (maus tratos ou violência física), abuso psicológico (maus tratos psicológicos ou violência psicológica), abuso sexual (violência sexual), abandono, negligência, abuso financeiro e econômico e autonegligência.

Segundo documento de *Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências* (BRASIL, 2002), a negligência é conceituada como

> **a recusa, omissão ou fracasso por parte do responsável pelo idoso, é uma forma de violência presente tanto em nível doméstico quanto institucional, levando muitas vezes ao comprometimento físico, emocional e social, gerando, em decorrência, aumento dos índices de morbidade e mortalidade. (BRASIL, 2002, p. 22)**

O texto aponta que a negligência pode ocorrer no âmbito doméstico ou institucional, porém todas as violências podem ser presenciadas nesses espaços, não somente a negligência. É importante ressaltar que a ausência de condição financeira para prover os cuidados dos idosos não pode ser considerada negligência familiar. A negligência ocorre quando há a possibilidade de prover os cuidados e, mesmo assim, esses não são ofertados ou são ofertados de forma precária.

Assimile

Outros termos referentes à violência contra idosos também são elucidados pelo documento de *Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências:*

> **Abandono** - ausência ou deserção, por parte do responsável, dos cuidados necessários às vítimas, ao qual caberia prover custódia física ou cuidado
> **Abuso financeiro aos idosos** - exploração imprópria ou ilegal e ou uso não consentido de recursos financeiros de um idoso.
> **Abuso físico ou maus-tratos físicos** - uso de força física que pode produzir uma injúria, ferida, dor ou incapacidade.
> **Abuso psicológico ou maus-tratos psicológicos** -

agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda isolá-la do convívio social.
Abuso sexual - ato ou jogo sexual que ocorre em relação hetero ou homossexual que visa estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.
[...]
Autonegligência: conduta de pessoa idosa que ameaça sua própria saúde ou segurança, com a recusa ou o fracasso de prover a si mesmo um cuidado adequado (BRASIL, 2002, p. 52, grifo nosso)

O âmbito institucional inclui as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), anteriormente denominadas asilos, casas de repouso, abrigos, clínicas geriátricas, etc. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) ([s.d.] apud CAMARANO; KANSO, 2010, p. 234), as ILPIs se constituem enquanto instituições "governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania".

No Brasil, há aproximadamente 120 mil pessoas idosas vivendo nessas instituições sendo, em sua maioria, mulheres (CAMARANO; KANSO, 2010; LOLLI et al., 2013 apud CRUZ et al., 2014).

Porém, obter dados relacionados à violência, seja ela institucional ou familiar, ainda é um desafio. Isto porque essas violências são subnotificadas, ou seja, estão notificadas de forma precária e não representam a realidade vivida. Este fato se dá, na maioria das vezes, porque os idosos constituem uma relação de parentesco com o agressor e também pela ausência de conhecimento a respeito das intervenções legais em caso de maus-tratos (MICHELETTI et al., 2011 apud CRUZ et al., 2014). Por conta desta baixa notificação,

> o INPEA, instituição de reconhecida relevância internacional na defesa dos direitos da pessoa idosa, em parceria com a

> Organização das Nações Unidas declarou o dia 15 de Junho como o Dia Mundial de Conscientização da Violência à Pessoa Idosa com o principal objetivo de sensibilizar a sociedade civil para lutar contra as diversas formas de violência à pessoa idosa. O ano de 2006 foi a primeira vez que esse dia foi celebrado no mundo e o slogan escolhido foi "Violência contra a pessoa idosa: vamos romper o pacto do silêncio". (SÃO PAULO, 2007, p. 24)

Para romper com este silêncio, a sociedade e os profissionais de saúde podem realizar denúncias anônimas através do *Disque 100*. Este número, vinculado à Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, recebe notificações de todos os tipos de violência contra pessoas de todas as idades e as direciona para os órgãos competentes de cada município. Por isso, é fundamental que, além de conhecer este recurso, o profissional de Psicologia participe de sua divulgação – esta é uma ação preventiva e interventiva que pode ser utilizada pelos profissionais (outras serão abordadas adiante).

Assim, vimos que, no que se refere às violências perpetradas conta os idosos, os familiares são, na maioria das vezes, seus autores. Porém, claramente, esta não é a única relação estabelecida em âmbito doméstico. Quando os direitos são respeitados, o convívio familiar é extremamente importante à pessoa idosa. Participar da rotina e do crescimento de seus entes queridos, compartilhar histórias de vida e afetos também são momentos que produzem saúde e bem-estar.

> No contexto familiar, muitos são os sentimentos construídos na convivência entre o idoso e seus familiares. O afeto, a ajuda mútua e a compreensão são aspectos essenciais que devem existir no relacionamento idoso/família. (LEITE et al., 2008, p. 251)

A família também é uma instituição responsável pelo cuidado do idoso fragilizado. Se existe uma convivência saudável entre os membros, o processo de cuidado do idoso adoecido, apesar de ser um desafio aos familiares, especialmente quando os recursos

financeiros são escassos, possibilita que o adoecimento seja vivido de forma mais humanizada e acolhedora. Assim, ao mesmo tempo que as relações familiares de afeto e cuidado promovem saúde e bem-estar no processo de adoecimento e terminalidade, tais relações possibilitam cuidados para além do corpo físico, revivendo histórias, processos e construções vinculares.

Outra forma de promover saúde e bem-estar é possibilitar que a pessoa idosa participe ativamente da economia, seja através do trabalho (se assim o desejar e puder) ou utilizando seu poder de compra. Este último, sabemos, é um pouco mais delicado em um país como o nosso, que produz tantas desigualdades sociais.

Para os que podem injetar dinheiro na economia do país, encontramos diversas possibilidades de aproveitar este momento, entre eles as atividades que promovem lazer, como vimos na Seção 4.1. Mas, a pesquisa realizada pelo serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) "apontou que 34% das pessoas acima de 60 anos afirmaram sentir falta de produtos segmentados as suas necessidades" (ECONOMIA, 2016, [s.p.]).

> **Entre as queixas e pedidos dessa parcela da população o destaque vai para a falta de sinalização com letras maiores em lojas e em rótulos, foi mencionada por 27% e 34% dos respondentes, respectivamente. Aparelhos celulares com teclados legíveis também é uma reinvindicação dessa parcela de consumidores; 13% deles gostariam de encontrar esse artigo com mais facilidade. Mesmo com a intenção de comprar roupas sendo alta, 17% das pessoas acima de 60 anos afirmaram não encontrar lojas com produtos específicos a sua idade, ou são roupas para pessoas muito jovens ou para pessoas de idade bem mais avançada. (ECONOMIA, 2016, [s.p.])**

Outro ponto, quando se trata de consumo, é que os idosos são constantemente vítimas de golpes e propagandas enganosas que os induz ao erro.

> **A todo o momento o idoso, para prover a si mesmo por falta de amparo ou para prover a família que ainda precisa**

> de seu amparo, consome bens e serviços. Em muitos casos, é ainda a pessoa idosa que sustenta a família, ampara os netos e, apesar da aposentadoria, quando a recebe, exerce atividades visando a complementação da renda familiar. Desta forma, a despeito das dificuldades, o idoso é impelido a participar da sociedade, atuando no mercado de consumo e tornando-se alvo dos fornecedores que se prevalecem de sua vulnerabilidade [...] Comumente se vê em peças publicitárias idosos como garotos-propaganda de instituições bancárias e financeiras textos nos quais se indica que a obtenção de crédito é fácil e rápida com desconto na fonte pagadora – no caso daqueles que recebem pensão ou ainda estão empregados. Recebem destaque as expressões "aposentado" e "pensionista" e a não consulta aos órgãos de proteção ao crédito, a fim de demonstrar que o ato da contratação é rápido e desburocratizado. (FONSECA, 2015, p. 8-10)

Com isso, vemos, também, o crescimento de idosos que acabam se endividando, inclusive, em decorrência de violência financeira perpetrada por algum familiar, ou simplesmente para contribuir com filhos e netos na aquisição de algum bem ou serviço. Em levantamento realizado pela Serasa Experian verificou-se que, em 2015, 900 mil idosos não pagaram suas dívidas (JORNAL NACIONAL, 2016). Esta é uma realidade bastante presente em nosso contexto, especialmente em tempos de crise financeira em nível nacional.

Além disso, em 2006, seis em cada 10 idosos da Região Metropolitana de São Paulo eram referências no sustento de suas famílias (NEGRIN, 2006). Em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constatou-se que

> no Brasil, 45% dos idosos viviam com seus filhos na condição de chefe do domicílio, sendo que nas Regiões Norte e Nordeste estes percentuais ficaram em 50%. A contribuição de cada membro da família no orçamento é de suma importância para a sua própria reprodução e nível de bem-estar. A contribuição dos idosos, em 53% dos domicílios, representa mais da metade do total da renda domiciliar, sendo esta situação ainda mais expressiva no Nordeste (63,5% dos domicílios) [...] refletindo a importância

> da contribuição dos idosos no conjunto do orçamento monetário familiar. Na área rural, o nível de contribuição das pessoas de 60 anos ou mais de idade no orçamento familiar é mais importante ainda. Em 67,3% dos domicílios, os idosos tinham uma participação percentual superior a 50% no conjunto do rendimento. Chama-se atenção para o caso do Nordeste rural, que chega a 73% dos domicílios. Tal resultado mostra como esta renda é significativa nas áreas mais carentes. (IBGE, 2008, p. 169)

Esses dados apontam o quão delicado é o contexto sociocultural e econômico dos idosos em nosso país, e esta realidade impacta diretamente na saúde física e mental das pessoas com mais de 60 anos de idade. Sendo assim, como a Psicologia pode atuar neste cuidado?

Mesmo quando uma questão psíquica (um sofrimento ou uma psicopatologia) se desenvolve, as ações de intervenção também se configuram enquanto ações de prevenção, neste caso, prevenção ao agravo. Desta forma, vamos compreender algumas possibilidades de manejo em algumas teorias psicológicas.

Na Análise do Comportamento,

> Marçal e Dutra (2010) apresentaram uma nova prática clínica [...] a Terapia Molar e de Autoconhecimento (TMA). A TMA destaca o autoconhecimento, sendo esse um objetivo e uma ferramenta para o trabalho terapêutico, tornando assim a terapia mais efetiva [...]. No raciocínio clínico da TMA, o terapeuta parte das queixas do cliente para a identificação de contingências atuais e históricas que estão relacionadas às queixas. Assim, são identificados os padrões comportamentais que atuam na história de vida do cliente, de uma análise mais restrita (molecular) para uma análise mais ampla (molar) favorecendo seu autoconhecimento. (DONATI, 2016, p. 12-13)

Para o desenvolvimento deste trabalho, prossegue Donati (2016), o profissional utiliza tabelas para descrever com detalhes as respostas do cliente. Para a análise molar, a tabela é dividida em cinco partes, nas quais constam o padrão comportamental,

as situações em que estas respostas se dão, a história de como estas respostas surgiram, os contextos sociais que mantêm essas respostas e as consequências que acabam por enfraquecer o padrão de comportamento. Para esta análise, é importante conhecer a história de vida do sujeito atendido.

Exemplificando

O exemplo a seguir foi retirado de estudo de caso realizado por Donati (2016, p. 26), sendo sua cliente uma mulher de 62 anos, dentista.

Quadro 4.1 | Exemplo de análise molar de padrão comportamental

Respostas que caracterizam	• [...] Se esforçava para ser a melhor. •Diz que faz o básico no trabalho e está longe de ser a melhor [...].
Situações em que ocorrem	• Na pós-graduação. • No trabalho.
História de aquisição	• [...] ela sempre viu a forma como a mãe se comportava – antes de dormir a casa tinha que ficar totalmente limpa para o outro dia. Muitas vezes ficava até de madrugada arrumando a casa. • Sempre foi criticada pelo pai e nunca acreditou nela. • Irmã mais velha e deveria ser o exemplo para os irmãos [...].
Contextos atuais mantenedores	• Reconhecimento no Contexto Profissional - Quando recebe um paciente que fez um procedimento dental mal feito. • Elogio dos professores na pós-graduação.
Consequências que enfraquecem o padrão	• Paciente sem interesse para escutar suas explicações sobre orçamento. • Paciente não voltar para finalizar o tratamento. • Quando falta dinheiro para pagar as contas.

Fonte: Donati (2016, p. 26).

Para a análise molecular, ou seja, mais restrita, o quadro é dividido em três partes, segundo a autora, e conta com a descrição dos comportamentos emitidos, de seus antecedentes e de suas consequências.

Exemplificando

O exemplo a seguir também foi retirado do mesmo estudo realizado por Donati (2016, p. 28).

Quadro 4.2 | Exemplo de análise molecular de padrão comportamental

Antecedentes	Resposta	Consequências
[...] Realizar tarefas em casa para ajudar a mãe [...].	Questionar a mãe.	Chantagem da mãe "se eu morrer o seu pai vai achar outra mulher e ela vai ser muito pior do que eu".
[...] Retorno do paciente antigo [...].	Iniciar novos procedimentos.	Reconhecimento do paciente pelo trabalho antigo que foi realizado.

Fonte: Donati (2016, p. 28).

São utilizadas diferentes tabelas para diferentes padrões de comportamento que configuram a queixa do sujeito atendido. Com o tempo e com o trabalho psicoterapêutico, objetiva-se que o sujeito possa analisar as circunstâncias que geram seus comportamentos, realizando sua própria análise funcional (DONATI, 2016).

Pesquise mais

O artigo a seguir, de Anita Neri, descreve como a Psicologia pode contribuir tanto no estudo como na intervenção no campo do envelhecimento.

NERI, Anita Liberalesso. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 69-80, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://bit.ly/2C044Nb>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Outra possibilidade de intervenção é a psicoterapia em grupo, a partir da Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC).

> **A TCC em grupo combina as técnicas de TCC individual com as de terapia de grupo, consistindo basicamente em um modelo educativo de terapia, no qual o terapeuta busca ensinar aos pacientes novos comportamentos e crenças adaptativas, para que estas substituam as crenças antigas e disfuncionais. (BIELING; MCCABE; ANTONY, 2008 apud LOBO et al., 2012, p. 117)**

Segundo Tristan e Rangel (2009 apud LOBO et al., 2012), essa modalidade de tratamento promove importante redução de sintomas associados aos quadros de ansiedade e depressão, além de atuar nas crenças disfuncionais descritas anteriormente e no aumento do bem-estar de cada pessoa atendida. Para a sua realização, podem ser utilizados instrumentos auxiliares, como: os inventários de avaliação de depressão e de ansiedade, exame do estado mental (para verificar sinais e sintomas relacionados, ou não, a alguma psicopatologia), escala para avaliar depressão (como a Escala de Depressão Geriátrica) e Questionário de Queixas de Memória (MAC Q), que "consiste em seis perguntas que visam avaliar queixas de memória relacionadas a situações do cotidiano e ao desempenho mnemônico global", sendo solicitado que se compare o atual desempenho com o vivenciado aos 40 anos de idade, segundo Crook, Feher e Larrabee (1992 apud LOBO et al., 2012, p. 119).

> **Assim, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) deve enfatizar a aquisição de habilidades de regulação emocional; a utilização de estratégias adaptativas e de desenvolvimento para lidar com perdas; as revisões de vida, onde são reconhecidos os comportamentos e relações positivas para lidar com adversidades. Deve-se ainda promover o fortalecimento de crenças em autoeficácia no enfrentamento dos estressores, a habilidade de resolver problemas, a capacidade de escolher. Tais habilidades contribuem para aumentar as chances de um enfrentamento adaptativo. Tudo isso necessita ser feito a**

partir de uma atitude empática e de tolerância para com as idiossincrasias do idoso. (FONTES, 2016, p. 47)

Na Psicanálise, a pessoa idosa deve ser considerada não somente a partir de um recorte individual mas, também, a partir das implicações do meio social, dos fatores físicos, da cultura e dos elementos psicológicos que a produz, compreendendo que "o corpo não é apenas um estado de saúde, cuja norma reside no seu bom funcionamento, mas sim, que pensamos com o corpo, que carrega um sentido próprio" e, desta maneira, o profissional deve ampliar sua percepção e buscar, ao lado do sujeito, desconstruir os mitos relacionados ao processo de envelhecimento, além de trabalhar com os significados e sentidos de suas vivências, "ressignificando, na medida do possível, as formas de ser" (DOURADO; LEIBING, 2002, p. 4).

Pesquise mais

O artigo a seguir aborda o processo de envelhecimento à luz da Psicanálise, através da experiência clínica.

ALTMAN, Miriam. O envelhecimento à luz da psicanálise. **J. psicanal.** São Paulo, v. 44, n. 80, p. 193-206, jun. 2011. Disponível em: <http://bit.ly/2BY5rvJ>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Portanto, independentemente da idade do sujeito, o profissional trabalhará com os conteúdos inconscientes e com a maneira como estes conteúdos se manifestam na vida de cada sujeito. O mote do trabalho da Psicanálise tradicional, especialmente autores como Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981), é a interpretação.

A interpretação "traz à luz as modalidades do conflito defensivo", ou seja, procura revelar o conteúdo que está latente através de atos falhos, dos sonhos e dos próprios sintomas, por exemplo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 245).

Assimile

Os atos falhos podem ser caracterizados como aqueles atos que, em geral, o sujeito desempenha bem, mas que, por um deslize ou

desatenção, ele fracassa em um determinado momento. Para a Psicanálise, este deslize ou desatenção está relacionado à manifestação inconsciente, ou seja, à tentativa de trazer à consciência os conteúdos recalcados (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Um exemplo básico é trocarmos os nomes de pessoas que são conhecidas e que fazem parte de nosso cotidiano, ou dizer algo e se dar conta de que, na verdade, gostaria de dizer o contrário.

Por sua vez, na abordagem existencial, especialmente a partir de Heidegger, que você conheceu na Seção 4.1, o processo psicoterapêutico está relacionado ao ser-no-mundo, logo, as questões humanas não são divididas em fases, ciclos ou faixa etária. Para Heidegger (2001, p. 62 apud JOSGRILBERG, 2007, p. 65) o momento atual é constituído de algo que acabou e de algo que começou como uma continuidade, sem rupturas, estabelecendo uma relação intrínseca com o tempo.

Nesta abordagem, não existe uma separação sujeito-mundo, mas uma unificação do sujeito no mundo, ou seja, elementos que estão integrados. Porém, apesar de a expressão apontar para uma unidade, "não se trata de uma fusão indiscriminada", não significa que um está dentro do outro, assim, "ser-no-mundo é uma afirmação de que o *mundo* é o que possibilita *ser* [...] nesse sentido o mundo não se limita a ser um ambiente", além disso, o ser-no-mundo é "sempre ser-com-outros, e portanto o mundo é sempre mundo compartilhado" (DUARTE, 2008, p. 28).

A partir da compreensão dessa relação profunda, entre ser-mundo-outros, podemos entender que a relação que se estabelece nesta integração é o que pode promover tanto um momento de sofrimento, ou uma crise existencial, como momentos de descobertas. Entender, a partir da relação deste ser no mundo que habita (com suas construções sociais, históricas, culturais, com seus familiares, etc.), é o cuidado oferecido à pessoa, independentemente de sua idade, é uma aproximação humana.

A atitude clínica é então compreendida como habitar uma temporalidade e uma espacialidade em si mesmo para disponibilizar-se a ser afetado por aquele que o pro-

> cura no momento de crise: permitir-se ser tocado por suas emoções por meio de uma escuta atenciosa em que a fala do outro percorre suas experiências, conduzindo o psicólogo a inclinar-se ao cuidado. (DUARTE, 2008, p. 33)

Por fim, vamos percebendo quantas possibilidades psicoterapêuticas se abrem para o trabalho com as pessoas idosas. O que não podemos nos esquecer é que os aspectos culturais estão também imbricados no processo de saúde e doença desta população. Não podemos banalizar, como já discutido na Seção 4.1, o quanto o culto à beleza e à juventude influenciam demasiadamente os idosos ocidentais, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, as pessoas tendem a valorizar o conhecimento e as experiências adquiridas com o passar dos anos.

> [...] de Gusmão (2003) propõe um olhar antropológico descrevendo a velhice e o processo de envelhecimento em nossa sociedade como partes integrantes de um processo contraditório, em que o velho oscila entre ser parte integrante das relações sociais, e aí ter um papel definido, e, por outro lado, ocupar uma posição de projeção não definida. O velho é aquilo que não sou, aquilo que não quero ver em mim. Desse modo, a modernidade nega ao velho a condição de sujeito, produto e produtor da cultura. (FONTES, 2016, p. 45)

Como parte de sua pesquisa de mestrado, Renck (2016) realizou uma busca pela internet com as palavras "medicina estética". O resultado foi: de 120 imagens encontradas, aproximadamente, na primeira página somente 3 delas mostravam pessoas mais envelhecidas, mas ainda não velhas. As demais tratavam-se de mulheres jovens, "sem marcas, magras e bonitas" (RENCK, 2016, p. 70).

Especialmente o recorte de gênero é importante quando o assunto é beleza e cultura. Afinal, as mulheres são constantemente convocadas a cuidar da aparência e a manter-se jovens. Como afirma Novaes (2007, p. 127 apud KLOTZ, 2016, p. 61), "a imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita –, do contrário não será totalmente mulher".

A mídia também é uma das grandes responsáveis pela perpetuação desta imagem, inclusive quando divulgam informações científicas a respeito do termo 'rejuvenescimento'. Em pesquisa realizada por Castro et al. (2016, p. 128), observou-se que

> **Os meios de comunicação, ao divulgarem informações científicas sobre o rejuvenescimento, são fundamentais na determinação de suas representações e, como essa forma de conhecimento tem um papel importante na dinâmica das relações e práticas sociais, as RS (representações sociais) vinculadas pela mídia modelam as práticas relativas a este objeto, criando modelos de beleza que são absorvidos pela sociedade, impondo um padrão a ser copiado e desejado. (Castro et al., 2016, p. 128)**

Compreender esta realidade é um ponto importante para o futuro psicólogo. Estar conectado aos valores culturais que conduzem a sociedade em que está inserido é condição *sine qua non* para executar um trabalho qualificado. Apesar de nossa ciência estudar a mente e o comportamento humano, não podemos dissociar nossas construções subjetivas de suas relações mais profundas com o contexto que nos cerca. Assim, acompanhar e vivenciar o processo de envelhecimento é estar inserido neste espaço e tempo histórico que também avançam, mas que, por vezes, mantêm seu discurso ultrapassado e antigo.

Reflita

O que você vivenciou até aqui produziu novos olhares ou reproduziu velhos conceitos?

Sem medo de errar

Na última situação-problema desta disciplina, você, como psicólogo que dedicou uma vida inteira de trabalho ao SUS, está se aposentando. Chegou o seu momento de vivenciar os aspectos relacionados à velhice, tão estudados até aqui. Assim, com todo o seu conhecimento e vivência, você resolveu escrever uma carta

reflexiva para os futuros psicólogos, destacando também alguns pontos teóricos.

Você poderá utilizar, neste texto, citações que envolvam, por exemplo: o aumento do número de pessoas com mais de 60 anos, os desafios relacionados ao declínio biológico, os estereótipos e as representações sociais que envolvem a velhice no mundo ocidental, o enaltecimento do corpo jovem e saudável, os desafios do convívio familiar e comunitário, a legislação que protege os idosos, a importância do lazer, enfim, quaisquer pontos que lhe chamaram mais a atenção e que você tenha interesse em desenvolver uma reflexão.

Além disso, você poderá utilizar este exercício tanto para fazer um resgate das últimas unidades de ensino, como também para completar a atividade prática a ser entregue, incluindo-o à conclusão individual do relatório de pesquisa.

Faça valer a pena

1. Leia o trecho da notícia abaixo:

> **Dona Maria Luzia, de 73 anos, é um triste exemplo de abandono. Acamada, sem comer direito, com frio e sem conseguir levantar de cama, ela mora sozinha em uma casa em Anápolis. A idosa ainda está machucada. A suspeita é de que esteja com uma costela quebrada, ocasionada por uma queda [...]. Dona Maria Luzia foi levada pro hospital, fez exames e passa bem. O filho dela foi identificado pela polícia e autuado por abandono material.**

Fonte: MARÇAL, Priscila. Maus tratos contra idosos no Brasil têm números impressionantes. Hora 1, G1. 15 jun. 2016. Disponível em: <https://glo.bo/2MFKDhm>. Acesso em: 29 ago. 2018.

É considerado maus-tratos à pessoa idosa, segundo Minayo (2005):

a) Todo ato praticado de forma recorrente e que provoca danos e sofrimento.

b) Toda omissão praticada de forma recorrente e que provoca danos e sofrimento.

c) Todo ato praticado com a única intenção de provocar danos físicos.

d) Todo ato ou omissão praticado com a única intenção de provocar negligência.

e) Todo ato ou omissão que provoca danos ou sofrimento, ocorrendo uma vez ou mais.

2. Correlacione os tipos de violência à esquerda com sua correta definição à direita:

1. Negligência	( ) Agressões verbais ou gestuais que intencionam aterrorizar, rejeitar ou humilhar o idoso.
2. Abuso financeiro	( ) Uso da força física para ferir, maltratar ou produzir incapacidade no idoso.
3. Abuso psicológico	( ) Recusa, omissão ou fracasso por parte do responsável pelo idoso que pode comprometer sua integridade física, emocional ou social.
4. Abuso físico	( ) Exploração imprópria ou ilegal de recursos econômicos sem o consentimento do idoso.

A ordem correta, de cima para baixo, é:

a) 1, 4, 3, 2.
b) 3, 4, 1, 2.
c) 3, 2, 1, 4.
d) 4, 2, 1, 3.
e) 4, 3, 1, 2.

3. Leia as assertivas abaixo:
I. Uma das possibilidades de intervenção apresentada pela Psicanálise é a terapia molar e de autoconhecimento (TMA).

Assim,

II. A análise molar foca os aspectos mais amplos relacionados à história de vida e à queixa, e a análise molecular foca os aspectos mais restritos.

A partir destas duas assertivas, é possível afirmar que:

a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Direitos Humanos. Disque 100 registra 142 mil denúncias de violações em 2017.** 28 abr. 2018. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-04/disque-100-registra-142-mil-denuncias-de-violacoes-em-2017>. Acesso em 14 jul. 2018.

ALTMAN, Miriam. O envelhecimento à luz da psicanálise. **J. psicanal.,** São Paulo , v. 44, n. 80, p. 193-206, jun. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n80/v44n80a16.pdf>. Acesso em 21 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em 22 jul. 2018.

_____. **Lei nº 13.466 de 12 de julho de 2017.** Altera os arts. 3o, 15 e 71 da Lei no 10.741, de 1o de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13466.htm>. Acesso em 22 jul. 2018.

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências: Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01**, publicada no DOU nº 96 seção 1e, de 18/5/01. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acidentes.pdf>. Acesso em 09 ago 2018.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Rev. bras. estud. popul.,** São Paulo , v. 27, n. 1, p. 232-235, Jun 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v27n1/14.pdf>. Acesso em 14 jul. 2017.

CASTRO, Amanda et al . Representações sociais do rejuvenescimento na mídia impressa. **Temas psicol.,** Ribeirão Preto , v. 24, n. 1, p. 117-130, mar. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n1/v24n1a05.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

CRUZ, Rafael Vinicius Santos et al. Violência, abandono e suporte social: a percepção de idosos de uma instituição de longa permanência. **Memorialidades**, n. 22, jul./dez. 2014, p. 11-32. Disponível em <http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/681/638>. Acesso em 14 jul. 2018.

DONATI, Flávia Gassenferth Veloso Innecco. **Terapia Molar e de Autoconhecimento de padrões perfeccionistas e metódicos em idoso: um estudo de caso** [trabalho de conclusão de curso para Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica]. Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento. Brasília: IBAC, 2016. Disponível em <http://ibac.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Monografia-Fl%C3%A1via-Innecco-Donati.pdf>. Acesso em 21 jul. 2018.

DOURADO, Márcia; LEIBING, Annette. Velhice e suas representações: implicações para uma clínica psicanalítica. **Estudos e Pesquisa em Psicologia.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. UERJ: Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7759/5607>. Acesso em 21 jul. 2018.

DUARTE, Luciene Freitas. **Um serviço de atenção psicológica à Terceira Idade: à procura da demanda** [dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13072009-144204/pt-br.php>. Acesso em 22 jul. 2018.

ECONOMIA. **Pesquisa traça perfil de consumo dos brasileiros acima de 60 anos.** 01 nov. 2016. IG. Brasil Econômico. Disponível em <http://economia.ig.com.br/2016-11-01/idosos.html>. Acesso em 22 jul. 2018.

FONTES, Arlete Portela. **Desenvolvimento na Velhice: Fundamentos para Psicoterapeutas.** In: FREITAS, Eduarda Rezende; BARBOSA, Altemir José Gonçalves; NEUFELD, Carmem Beatriz. Terapias cognitivo-comportamentais com idosos. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2016.

FONSECA, Robson Corcino. **A Proteção do Idoso no Mercado de Consumo: A Hipervulnerabilidade da Pessoa Idosa face a publicidade enganosa.** Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/rcursodeespecializacao_latosensu/direito_do_consumidor_e_responsabilidade_civil/edicoes/n42015/pdf/RobsonCorsinodaFonseca.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** IBGE: Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40544.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

JORNAL NACIONAL. **Crise econômica faz disparar número de idosos com nome sujo.** 28 jun. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/06/crise-economica-faz-disparar-numero-de-idosos-com-nome-sujo.html>. Acesso em 22 jul. 2018.

JOSGRILBERG, Fabíola Pozuto. A temporalidade a partir da perspectiva existencial. **Rev. abordagem gestalt.,** Goiânia , v. 13, n. 1, p. 63-73, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n1/v13n1a05.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

KLOTZ, Gleicimara Araujo Queiroz. **Percepção estética do envelhecimento feminino.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-08082016-140517/pt-br.php>. Acesso em 22 jul. 2018.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise.** Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Marinês Tambara et al . Idosos residentes no meio urbano e sua rede de suporte familiar e social. **Texto contexto - enferm.,** Florianópolis , v. 17, n. 2, p. 250-257, Jun 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n2/05.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

LOBO, Beatriz de Oliveira Meneguelo et al . Terapia cognitivo comportamental em grupo para idosos com sintomas de ansiedade e depressão: resultados preliminares. **Psicol. teor. prat.,** São Paulo , v. 14, n. 2, p. 116-125, ago. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n2/v14n2a10.pdf>. Acesso em 21 jul. 2018.

MARÇAL, Priscila. Maus tratos contra idosos no Brasil têm números impressionantes. **Hora 1.** 15 jun. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2016/06/maus-tratos-contra-idosos-no-brasil-tem-numeros-impressionantes.html>. Acesso em 26 jul. 2018.

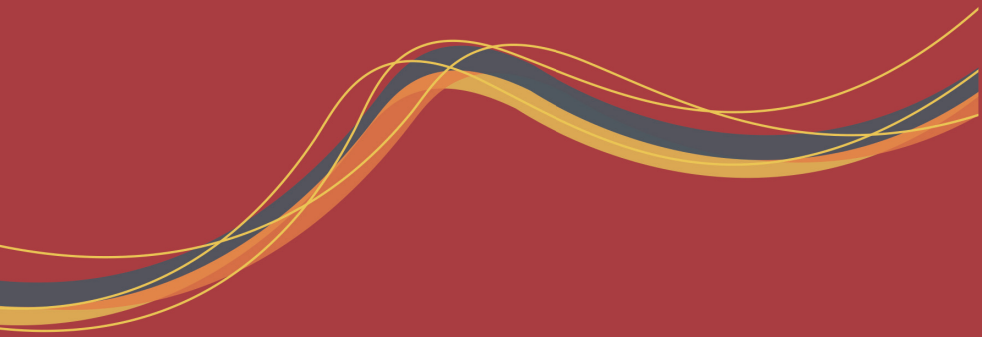
MINAYO, Maria Cecília. **Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria.** 2. ed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005. Disponível em <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_livros/18.pdf>. Acesso em 14 jul. 2018.

NEGRIN, Illenia. Idosos trabalham mais e bancam família, revela pesquisa do IBGE. 16 abr. 2006. **Diário do Grande ABC.** Disponível em <https://www.dgabc.com.br/Noticia/370349/idosos-trabalham-mais-e-bancam-familia-revela-pesquisa-do-ibge>. Acesso em 22 jul. 2018.

NERI, Anita Liberalesso. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. **RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, 69-80 - jan./jun. 2004. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/46/55>. Acesso em 21 jul. 2018.

RENCK, Rachel Alessandra de Oliveira Coutinho. **Mídia e medicina estética: reflexões sobre o corpo que envelhece** [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUCSP, 2016. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19009/2/Rachel%20Alessandra%20de%20Oliveira%20Coutinho%20Renck.pdf>. Acesso em 22 jul. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria da Saúde. **Violência doméstica contra a pessoa idosa: orientações gerais.** Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS, 2007. Disponível em <http://midia.pgr.mpf.gov.br/pfdc/15dejunho/caderno_violencia_idoso_atualizado_19jun.pdf>. Acesso em 14 jul. 2018.



ISBN 978-85-522-1106-8